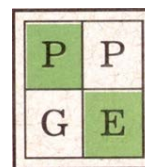




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



Gabriela Dias Sartori

## **Histórias do brincar: um estudo com adultos e suas trajetórias**

São Carlos  
2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Histórias do brincar: um estudo com adultos e suas trajetórias**

Gabriela Dias Sartori

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte do requisito para obtenção do título de Doutora em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Fernando Donizete Alves e supervisão internacional do Prof. Dr. Francesc Josep Sánchez i Peris.

São Carlos  
2021

Sartori, Gabriela Dias

Histórias do brincar: um estudo com adultos e suas trajetórias / Gabriela Dias Sartori -- 2021.  
276f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos,  
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Prof. Dr. Fernando Donizete Alves

Banca Examinadora: Profa. Dra. Luciana Esmeralda

Ostetto, Profa. Dra. Jarina Rodrigues Fernandes, Prof.

Dr. Francesc Josep Sánches i Peris, Prof. Dr. Paolo Di

Rienzo

Bibliografia

1. Brincar. 2. Adulto. 3. Narrativas (auto)biográficas. I.  
Sartori, Gabriela Dias. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Educação

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Gabriela Dias Sartori, realizada em 21/07/2021.

**Comissão Julgadora:**

Prof. Dr. Fernando Donizete Alves (UFSCar)

Profa. Dra. Luciana Esmeralda Ostetto (UFF)

Profa. Dra. Jarina Rodrigues Fernandes (UFSCar)

Prof. Dr. Francesc Josep Sanchez I Peris (UV)

Prof. Dr. Paolo Di Rienzo (Uniroma3)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

## AGRADECIMENTOS

Ao querido Fernando Donizete Alves pela orientação nesses 11 anos de estudos e amizade. O tempo voa quando estamos com quem nos faz bem. Agradeço pelas bonitas experiências compartilhadas, as aprendizagens e a ternura desses anos continuarão em mim.

Al Francesc Josep Sánchez i Peris por acogerme en Valencia y proporcionar tantos encuentros y experiencias. Gracias por las conversaciones sobre la investigación, los vídeo juegos, la ciudad y sobre vivir. Me encanta el vínculo y la afinidad que tuvimos desde el primer hola.

À Luciana, Jarina e Paolo pelas leituras e apontamentos desde a banca de qualificação. Vocês são especiais para esse trabalho e para minha formação.

À todas as pessoas que aceitaram participar dessa pesquisa; vocês são o coração desse estudo e fazem parte do meu. Obrigada pela possibilidade do entrelaçar de nossas trajetórias.

Ao Murilo, meu companheiro de vida, que partilha comigo cada instante com entrega e amor. Agradeço pela força, alegria, apoio, paciência, brincadeiras, viagens, abraços e beijos, durante todos esses anos de estudo. Foi incrível viver esse sonho contigo, no lar que somos (e construímos) em todo e qualquer lugar. Que venham os próximos!

À família que nasci, Arlindo e Clelia (in memoriam), por vocês posso estar aqui. Ambos são exemplos marcantes “nessa longa estrada da vida”. E mãe, sinto que você continua comigo, por toda proteção e amor.

Às minhas tias Mara e Nice, pelo carinho e incentivo nos estudos. À Erika, Rafael, Daniel, Danilo, Regiane, Helena, Julia, Heitor pelas brincadeiras e trocas ao longo dos anos.

À família que sou parte, Eduardo (in memoriam), Marivone, Olga, João, Rodrigo, Mariana e integrantes que não citarei o nome (ficaria muito grande esse texto). Todos(as) são presentes no meu caminho, e ao mesmo tempo, estão nos sonhos que tanto gosto de imaginar que virão. Agradeço pela convivência, pelos cuidados, incentivos e amor de sempre.

Al amigo Joan Ortí Ferreres, por toda ayuda desde el congreso en Castellón, los libros prestados, las charlas y todas las indicaciones en la coleta de dados. Deseo que los caminos del estudio y de la amistad nos sigan uniendo.

Al amigo Víctor Baroja Benlliure, por la energía y disposición compartida desde el primer encuentro. El juego es muy vivo en tu persona. Gracias por poner el festival Dau en mi vida y los amigos de Vic, San Carlos de la Rápita y Barcelona.

Al querido Rafa Balagué, por presentar-me el juego La Morra y junto a eso, tantas personas lindas. Al querido Tomas, mi primer parcerero en La Morra (fuimos los capeones en el 5º festival Dau, en Barcelona), nunca olvidaré.

Aos amigos(as) essenciais de minha trajetória; André (Rabs), Filipe (Bitoka), Bianca, Luís (Figas), Rafaela, Mariana (Uruguacha), Nelson, Ash, Andréia e Maurício (Gorpo).

À amiga Taís Altmann, parceira no sonho de estudar em Valência. Guria, temos um rancho de memórias inesquecíveis. Os anos passarão, mas as lembranças não vão “dar de si”.

À amiga Mariana Galon, parceira nas aulas, aconchego nos momentos difíceis, orientação e risada em todos os anos do doutorado.

Aos colegas de estudo do Cfei (Centro de Pesquisa da criança e de Formação de Educadores da Infância) e do NEFEF (Núcleo de estudos de Fenomenologia em Educação Física).

À Aline Sommerhalder pelas indicações e parcerias nos estudos. Por todas as aprendizagens e motivações ao longo da formação acadêmica.

Ao Luiz Gonçalves Junior, pelos estudos e discussões durante a construção dessa pesquisa. Pela amizade e companhia em viagens, congressos, friacas, trigueiras e brincares.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo apoio e financiamento da pesquisa. Também ao Programa Institucional de Internacionalização (Print), pela possibilidade de viver o doutorado sanduíche na Espanha.

*A vida não é simples. As histórias servem para torna-las mais leve, mais doce, mais fácil. Servem para nos lembrar quem somos, de onde viemos e como deve ser nosso proceder no mundo. Elas dão base para nosso estar no mundo e tirar o máximo proveito da experiência de estar vivos. Sem histórias a vida fica rude, dura, difícil, cruel. Elas trazem à tona o simbólico e humano que há em cada pessoa*

(Daniel Munduruku, 2020, p. 10)

## **Resumo**

Em meio a um cenário meritocrático, capitalista, produtivista, trazemos a discussão e reflexão acerca do brincar enquanto experiência intrínseca do ser humano. O objetivo dessa pesquisa foi de compreender como a experiência brincante é significada por adultos em suas trajetórias de vida. Os participantes foram 24 adultos, sendo 12 do Brasil e 12 da Espanha, ligados a contextos educativos variados (formais, não-formais e informais) seja pelo ensino, pesquisa, projetos, grupos de amigos que se reúnem para alguma atividade comum relacionado ao brincar, em interface com as áreas do lazer, educação escolar e arte. A questão de pesquisa que movimentou esse trabalho foi: *Qual o significado do brincar na vida de adultos e como isso reflete em sua experiência de vida e profissional?* Esse estudo seguiu uma abordagem metodológica qualitativa e a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas. O referencial teórico dialoga com a análise dos dados, abordando a formação da sociedade, do ser humano e das aprendizagens entrelaçadas ao brincar, em meio as suas trajetórias. A análise dos dados ocorreu conforme a análise de conteúdo, respeitando os assuntos que emergiram dos participantes, trançados de maneira dialógica a contribuições de autores dentro de tais temáticas. Nas narrativas transformadas em mônadas encontramos adultos brincantes, que conceituaram o brincar conforme ele existe e se manifesta, de maneira atemporal e enquanto experiência de aprendizagens geradas e re-visitadas ao longo da vida. As mônadas abordaram os temas: tempo, trabalho, elementos lúdicos, família, liberdade, aprendizados permanentes, reflexões sobre diversão, encontros e vínculos, conceituações sobre o brincar, brinquedos, e o registro do que brincam estes adultos. São significativos os apontamentos do brincar enquanto formador de vínculos, relações consigo, com o outro e com o mundo de maneira permanente. Dessa forma, essa pesquisa intencionou contribuir para a área da Educação propondo discussões diante a importância do brincar enquanto atividade perene e formadora na experiência humana.

**Palavras Chave:** Brincar. Adulto. Experiência. Narrativas (auto)biográficas. Mônadas.



## Resumen

En medio de un escenario meritocrático, capitalista, productivista, traemos la discusión y reflexión sobre el juego como una experiencia intrínseca del ser humano. El objetivo de esta investigación fue comprender cómo la experiencia de juego es representada por los adultos en sus trayectorias de vida. Los participantes fueron 24 adultos, 12 de Brasil y 12 de España, vinculados a diferentes contextos educativos (formal, no formal e informal) sea a través de la docencia, la investigación, los proyectos, los grupos de amigos que se juntan para alguna actividad común relacionada con el juego, en una interfaz con las áreas de ocio, educación escolar y arte. La pregunta de investigación que movió este trabajo fue: *¿Cuál es el significado del juego en la vida de los adultos y cómo se refleja esto en su vida y experiencia profesional?* Este estudio siguió un enfoque metodológico cualitativo y la recolección de datos se realizó a través de entrevistas. El marco teórico dialoga con el análisis de datos, abordando la formación de la sociedad, el ser humano y el aprendizaje entrelazados con el juego, en medio de sus trayectorias. El análisis de datos ocurrió de acuerdo al análisis de contenido, respetando los temas que surgieron de los participantes, trenzados dialógicamente con aportes de los autores dentro de dichos temas. En las narrativas transformadas en mónadas, encontramos adultos que juegan, que conceptualizan el juego tal como existe y se manifiesta, de manera atemporal y como una experiencia de aprendizaje generada y revisitada a lo largo de la vida. Las mónadas abordaron los temas: tiempo, trabajo, elementos lúdicos, familia, libertad, aprendizaje permanente, reflexiones sobre la diversión, encuentros y vínculos, conceptos sobre el juego, juguetes y el registro de lo que juegan estos adultos. Son significativas las notas del juego como forma de vínculo, de relación con uno mismo, con el otro y con el mundo de forma permanente. Así, esta investigación pretende contribuir al área de la Educación proponiendo discusiones sobre la importancia del juego como actividad perenne y formativa en la experiencia humana.

**Palabras clave:** Jugar. Adulto. Experiencia. Narrativas (auto)biográficas. Mónadas.

## **Astratto**

Nel bel mezzo di uno scenario meritocratico, capitalista, produttivista, portiamo la discussione e la riflessione sul gioco come esperienza intrinseca dell'essere umano. L'obiettivo di questa ricerca era capire come l'esperienza di gioco è significata dagli adulti nelle loro traiettorie di vita. I partecipanti erano 24 adulti, 12 brasiliani e 12 spagnoli, legati a vari contesti educativi (formali, non formali e informali) sia attraverso l'insegnamento, la ricerca, i progetti, i gruppi di amici che si riuniscono per alcune attività comuni legate al gioco, in interfaccia con i settori del tempo libero, dell'istruzione scolastica e dell'arte. La domanda di ricerca che ha mosso questo lavoro è stata: *qual è il significato del gioco nella vita degli adulti e come si riflette sulla loro vita e sulla loro esperienza professionale?* Questo studio ha seguito un approccio metodologico qualitativo e la raccolta dei dati è stata effettuata attraverso interviste. Il quadro teorico dialoga con l'analisi dei dati, affrontando la formazione della società, gli esseri umani e l'apprendimento intrecciati con il gioco, nel mezzo delle loro traiettorie. L'analisi dei dati è avvenuta secondo l'analisi dei contenuti, nel rispetto delle problematiche emerse dai partecipanti, intrecciate dialogicamente con i contributi degli autori all'interno di tali temi. Nelle narrazioni trasformate in monadi troviamo adulti che giocano, che concettualizzano il gioco come esiste e si manifesta, in maniera atemporale e come esperienza di apprendimento generata e rivisitata nel corso della vita. Le monadi hanno affrontato i temi: tempo, lavoro, elementi ludici, famiglia, libertà, apprendimento permanente, riflessioni sul divertimento, incontri e legami, concetti sul gioco, giocattoli e registrazione di ciò che questi adulti giocano. Significative sono le note del suonare come forma di legame, di relazione con se stessi, con l'altro e con il mondo in modo permanente. Pertanto, questa ricerca intendeva contribuire all'area dell'Educazione proponendo discussioni sull'importanza del gioco come attività perenne e formativa nell'esperienza umana.

**Parole chiave:** Gioco. Adulto. Esperienza. Narrazioni (auto)biografiche. Monadi.

## **Abstract**

In the midst of a meritocratic, capitalist, productivist scenario, we bring the discussion and reflection about playing as an intrinsic experience of the human being. The objective of this research was to understand how a play experience is significant for adults in their life trajectories. The participants were 24 adults, 12 from Brazil and 12 from Spain, linked to different educational contexts (formal, non-formal and informal), whether through teaching, research, projects, groups of friends who get together for some kind of activity related to playing, interface with the areas of leisure, school education and art. The research question that moved this work was: *What is the meaning of playing in adults' lives and how does this reflect on their life and professional experience?* This study has a qualitative methodological approach and data collection was carried out through interviews. The theoretical framework dialogues with data analysis, addressing the formation of society, human beings and learning intertwined with playing, in the midst of their life trajectories. Data analysis occurred according to content analysis, respecting the subjects that emerged from the participants, dialogically approached with contributions from authors within such themes. In the narratives transformed into monads, we find playing adults, who conceptualized playing as it exists and manifests itself, in a timeless manner and as an experience of learning generated and revisited throughout life. The monads addressed the themes: time, work, ludic elements, family, freedom, permanent learning, reflections on fun, encounters and bonds, conceptualizing the play, toys, and the record of what these adults play. The findings of playing as a form of bonds, relationships with oneself, with the other and with the world in a permanent way are significant. Thus, this research intended to contribute to the area of Education by proposing discussions on the importance of playing as a perennial and formative activity in human experience.

**Keywords:** Play. Adult. Experience. (Auto)biographical narratives. Monads.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 “Jogos Infantis”, do artista Pieter Bruegel .....	39
Figura 2 Cena do filme “O menino e o mundo”, direção de Alê Abreu .....	45
Figura 3 “Dónde és mi hogar?”, do artista Aldo Tonelli.....	55

## SUMÁRIO

<b>Apresentação:</b> dos caminhos para chegar a esta tese.....	15
<b>Introdução:</b> das inquietações ao encontro com outras pesquisas.....	21
Questão de pesquisa e objetivos.....	27
Justificativa e apontamentos iniciais.....	28
<b>CAPÍTULO I – Referencial teórico.....</b>	<b>32</b>
1.1 Relações entre capitalismo, sociedade, jogo e o brincar.....	32
1.2 A criança interior do adulto.....	47
1.3 Educação, experiência e memória: formação ao longo da vida.....	57
1.3.1. Educação e experiência.....	58
1.3.2. Memória e formação do adulto.....	63
<b>CAPÍTULO II – Metodologia.....</b>	<b>72</b>
2.1 Procedimentos metodológicos.....	73
2.2 Memória, narrativa, abordagem (auto)biográfica e história de vida.....	77
2.3 Mônadas e análise dos dados.....	82
<b>CAPÍTULO III – Participantes do estudo e suas primeiras recordações.....</b>	<b>86</b>
3.1 Yara - Família brincante.....	86
3.2 Luiz - Registro para depois, lúdico para agora.....	88
3.3 Paulo - Mais graça e menos passaporte.....	89
3.4 Edson - O menino que volta no tempo.....	91
3.5 Fósforo - Ser lugar de brincar.....	93
3.6 Vitor - Pessoas brincam brinquedos.....	97
3.7 Eduardo - Bairro amigo, rua festa, brincar vida.....	98
3.8 Renata - Morada dos saltos desafiadores.....	101
3.9 Leticia - Brincar junto: tesouro em gotinhas.....	103
3.10 Sueli - Gente que cria, pega e brinca.....	105
3.11 Joel - De lembranças e de brinquedos sou.....	107
3.12 Alberto - O que ficou do doce e do jogo.....	109
3.13 Víctor - Las cartas de mi baraja.....	111
3.14 Pere - Presente presentación presento.....	112

3.15 Vicente - Dueño de recuerdos.....	114
3.16 Joan - A lo largo de la vida.....	116
3.17 Vicente S. - Juguetón sin miedo.....	117
3.18 José - Libertad, juego y calle.....	119
3.19 Kiko - Mi época.....	119
3.20 Vitor C. - Ludotecación.....	121
3.21 Elena - Castellars no lloran.....	121
3.22 Laura - A los parques y a las fallas.....	122
3.23 Carles - Más que una oficina.....	123
3.24 Isabel - Gente inventiva juega.....	124
<b>CAPÍTULO IV – Diálogos com as mônadas .....</b>	<b>126</b>
4.1 Relações entre brincar, tempo, trabalho e família.....	127
4.1.1. Tempos.....	127
4.1.2. Trabalhos.....	139
4.1.3 Elementos lúdicos.....	150
4.1.4 Brincar e família.....	158
4.1.5 Liberdade.....	166
4.2 O brincar ao longo da vida: aprendizados que nos constroem.....	174
4.3 Adultos refletindo e conceituando o brincar.....	214
4.3.1 Conceituando o brincar.....	214
4.3.2 Reflexões sobre diversão.....	224
4.3.3 Brincadeiras e brinquedos: o que guardam?.....	232
4.3.4. Encontros e vínculos.....	239
4.4 Do que brincam os adultos desse estudo?.....	244
<b>Contribuições e considerações.....</b>	<b>253</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>263</b>
<b>Referências Audiovisuais.....</b>	<b>271</b>
<b>Apêndice.....</b>	<b>273</b>
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	273
<b>Anexo.....</b>	<b>275</b>
Aprovação do Comitê de Ética.....	275

## **Apresentação: dos caminhos para chegar a esta tese**

*Vou mostrando como sou*  
*E vou sendo como posso,*  
*Jogando meu corpo no mundo,*  
*Andando por todos os cantos*  
*E pela lei natural dos encontros*  
*Eu deixo e recebo um tanto*  
*E passo aos olhos nus*  
*Ou vestidos de lunetas,*  
*Passado, presente,*  
*Participo sendo o mistério do planeta [...]*  
 Mistério do Planeta – Os Novos baianos  
 (Composição: Luiz Galvão e Moraes Moreira)

São diversas as experiências que nos entrelaçam com nossas raízes, com as pessoas e momentos que significaram. Isso pode ocorrer por uma música, um cheiro, um gosto, um gesto, enfim, são muitas as possibilidades, então escolho começar com uma música que me faz lembrar de outras e todas que me vem agora na cabeça se relacionam com meu ser de uma maneira muito especial, são memórias do passado que desembocam no meu presente. Sigo ouvindo músicas de antes, sigo aprendendo com o que vivi e com o que venho sendo, e é nessa trama de lembrar e viver que me construo e me dedico. Sou construção contínua e presente das memórias. Me abraço na saudade e no gosto gostoso que é relacionar no meu viver as coisas que aprendi e ensinei, comigo e com outras pessoas, que vivi, que sonho e de tudo que ainda nem sei.

Apresento alguns caminhos que trilhei e que neles fui me descobrindo e construindo esse trabalho. Compartilho quais foram esses caminhos, de onde acredito ter iniciado o movimento das ideias, desejos, curiosidades e estímulos para construir essa e não outra tese.

Pelos caminhos de quando eu era criança o brincar sempre foi valorizado, me deram tempo e espaço. Cresci em um lar tranquilo, mãe e pai, um cachorro no quintal, uma gata que tinha acesso a casa inteira, e também fazia seus passeios por toda a vizinhança, no fundo de casa alguns pés de fruta, um destaque especial para o pé de amoras que plantei, e que cresceu, era enorme e lindo, tanto a árvore como as amoras.

Brincava muito com meus primos e vizinhos. Todos os dias, na rua de casa, as crianças saíam para brincar depois das 17 horas, as senhoras colocavam suas cadeiras na frente de suas casas e ficavam conversando e olhando as crianças, que brincavam na rua. Essa lembrança é muito gostosa, me vem a sensação fresca da rua, a luz mais baixa e amarelada do poste, as casas abertas, as cortinas no balanço do vento, o som dos chinelos no asfalto, a sede infinita que aparecia no meio das brincadeiras, o cheiro da flor “dama da noite” que vinha da árvore que minha mãe plantou em frente de nossa casa.

Foi um tempo maravilhoso, brincar, ter o carinho dos vizinhos que cuidavam, ter minha mãe... sei que tive tanto amor que nos meus olhos transborda agora o choro de saudade. Algumas coisas ainda consigo rever, em minha memória, de tão vivo que faço questão de manter.

Na rua da minha casa, no mês de junho ou as vezes em julho, as mulheres se organizavam para fazer festa junina. Elas pediam na prefeitura para fechar a rua e durante o dia me lembro de brincar muito e ter a sensação que a rua era nossa, das crianças. Quando começava anoitecer, minha mãe me chamava para tomar banho para depois ir arrumada na festa. A festa era assim, não sei de onde vinha, mas montavam uma mesa comprida no meio da rua, cada morador levava um prato de salgado ou doce e uma bebida, cada um levava a sua cadeira ou mais de uma e nos acomodávamos ao redor dessa grande mesa. Lembro que eu e as crianças comíamos rapidamente e depois íamos brincar, os adultos geralmente ficavam sentados, havia música, conversas, risadas, rojões e estalinhos. Eu lembro que até os adolescentes mais sumidos, brincavam na rua nesse dia de festa.

Minhas avós moravam perto de mim, e ir na casa delas era algo comum, quase todo dia eu encontrava uma delas, pelo menos. Me lembro que as duas sempre tinham lanchinhos gostosos para me dar e faziam questão que eu comesse tudo. A vó Maria era mais de fazer pães e a avó Bela era mais de fazer bolinhos de chuva e macarronada vermelha, para mim essas eram suas especialidades. Quero destacar também que ambas eram muito ativas, cada uma da sua maneira se divertiam, vó Maria tinha prazer em cozinhar, em fazer pães e bolos para filhos e netos, já vó Bela sempre foi de sair para dançar nos bailes e para jogar bingo.

Outro lugar importante foi o sítio dos meus avós, que como um ritual, todo domingo a família se reunia para fazer uma comida juntos e passar o domingo conversando, colocando o papo em dia. Me lembro de ter aprendido com meu pai a andar de cavalo, empinar pipa e pescar, que meu primeiro peixe foi uma tilápia e que devolvemos para a água logo em seguida. Quando junto dos meus primos, criávamos diversas brincadeiras, andávamos por todos os espaços, subíamos nas jabuticabeiras, entrávamos no rio, inventávamos histórias, íamos a um galpão (ao



lado de uma capela) que ficava em frente ao sítio e jogávamos taco ou também conhecido como bets. Eu não era rápida na corrida, mas era habilidosa em mirar a bolinha para derrubar a casinha. E outro destaque e imagem que não sai de minha memória são dos vaga-lumes e do céu estrelado que só havia lá. Assim que, o sítio foi esse lugar marcante na minha história, pelos momentos em família, pela liberdade para brincar, pelas possibilidades de me relacionar com a natureza e com ela fazer tantas descobertas.

Tenho algumas memórias da pré-escola, lembro que tinha piscina, uma grande parte verde, com árvores, do parquinho de areia e da merenda gostosa. Lembro das aulas de Educação Física, que o professor se chamava Rui, e eu gostava muito das aulas, sempre participava, mesmo com dificuldade ou medos. Digo isso porque as aulas eram desafiadoras e ele estimulava a vivência com o ambiente e com o corpo de várias maneiras. Me lembro das aulas de acrobacias e esse foi o dia que fiz minha primeira bananeira, vendo o mundo de ponta cabeça por alguns segundos pois logo em seguida senti uma das pernas voltando lentamente e tocando o chão primeiro, me fazendo voltar. Lembro também de uma aula em que ele fez um circuito com cordas nas árvores e acompanhava cada criança, em subir na corda, sentir o desequilíbrio, e caminhar na corda até a próxima árvore. Eram aulas que me brilhavam os olhos e hoje vejo que minha ligação com a Educação Física escolar começou nesse momento, de encantamento, desafio e prazer.

Eram diferentes as pessoas que brincavam comigo, me lembro de brincar com minha mãe, com meus 3 ou 4 anos de “serra serra serrador, serra o papo do... vovô”, eu bem pequena, sentada em seu colo. Também lembro de brincar na rua, com crianças da minha idade, de brincar com a vizinha de parede de casa, que tinha próximo dos 75 anos, de brincar com amigas da minha prima, que eram 7 anos mais velhas que eu.

Por esses caminhos iniciais o brincar foi se mostrando presente em minha trajetória. Esses momentos fazem parte de mim de uma maneira muito bonita, de relações que consigo perceber que foram sendo criadas, mas que só agora, colocando em narrativa escrita, nesse organizar das ideias e sentimentos que me vem ao lembrar, uma parte do quebra cabeça se desenrola. Desde criança me relacionei com pessoas de idades e contextos de vida diferentes e isso se deu por meio de momentos brincando com essas pessoas. Lembro do dia que levei uma bola para brincar com minha vizinha de parede, casa ao lado da minha (que tinha idade próxima dos 75 anos) e que ela aceitou, ela ficava sentada em um sofá e eu no outro, e eu jogava a bola para ela e ela me devolvia, jogando. Que aprendizado lindo aquele dia, descobri que mesmo na velhice era possível e gostoso, brincar de bola. Que o querer, muitas vezes, é a chave para nossa relação com o mundo e com os outros.

Lembrando de alguns caminhos da adolescência destaco que além das diversas experiências na escola, rua e sítio, a possibilidade de frequentar um clube foi marcante para mim. Dos 14 anos aos 19 anos fui aluna de futsal, de vôlei, participei de campeonatos de vôlei de areia, de aulas na academia, jogos de mesa, aulas de dança de salão, aproveitei muito de tudo que o clube oferecia. Também na parte de ir em shows tenho recordações de muitos, de diferentes ritmos, e não me esqueço que o primeiro show da vida foi o da banda Skank. Penso em tudo que vivi e vejo o quão importante foram essas experiências para essa pessoa que sou hoje, que continua ativa, amando ir em shows, de valorizar meu tempo para exercícios físicos e de reunir amigos para jogar algo, tanto pela questão dos vínculos afetivos como pela diversão.

Sobre diversão lembro também de ir em parques que eram alocados sempre no mesmo espaço verde, próximo da avenida da saudade, em Rio Claro, e de ter sido algo que eu gostava muito de ir. Em específico eu gostava dos brinquedos que geravam mais adrenalina e vertigem, que eram o Chapéu mexicano, Rotor e o meu preferido Kamikaze. Passava horas intercalando entre um brinquedo e outro e não via o tempo passar. Lembro de ter medo, mas que a sensação de adrenalina de cada brinquedo compensava todo o processo.

Nos caminhos que percorri na graduação todos foram de muito querer aprender, de querer descobrir onde eu me encaixava, onde sentia que era o meu lugar de estudos. Digo isso porque muitos amigos e amigas chegavam no curso com uma certeza de onde era o terreno que pisavam com mais gosto, alguns estavam certos nos saberes que queriam para o trabalho na academia, alguns para os saberes da escola, alguns para o treinamento no vôlei, outros para o atletismo, lutas, enfim, eu me sentia ainda como no espaço de experimentar. Queria passar por diferentes experiências, tudo que a universidade, as aulas, os professores tivessem para oferecer, eu queria vivenciar. E conto que foi incrível, me sinto privilegiada por ter conhecido e passado pela experiência de diversos projetos, um diferente do outro, entre eles foram: “Vivências em atividades diversificadas de Lazer (VADL)”, “Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)”, “Iniciação Científica (IC)”, “Estágio no SESC”, “Estágio de colônia de férias no SESI”, “Estágio em Ginástica Laboral, na Electrolux”, “Intercâmbio pela Associação de Universidades do Grupo de Montevideo (AUGM) na Universidade da República (Udelar)” em Montevideo - Uruguai. Conheci muitas pessoas, muitos espaços ligados a contextos e abordagens de trabalhos diferentes, com crianças, jovens e adultos. Foi um tempo de conhecer as diversas possibilidades de trabalho que estão ligadas ao curso de Educação Física por estudos e bases diferentes. Do início da graduação até o final passei por mudanças, me abri para

conhecer tantas possibilidades e hoje ainda, carrego comigo essa abertura para as experiências, para com o que elas proporcionam de descobertas e aprendizados.

Lembro que existia em mim um desejo e carinho especial pelo circo, mas no espaço da UFSCar não encontrei essa vivência. Foram outros espaços, fora da área acadêmica, na cidade de São Carlos e em Campinas, que em encontros com amigos deleitei do gosto de aprender um pouco da arte circense, que sempre me encantou pela graça, beleza, aventura, sensibilidade e poesia. Parece que cada encontro com esses elementos que o circo me traz encontro também uma parte de mim.

Apreendi malabares, alguns movimentos no tecido, mas a atração maior mesmo sempre estive na menor máscara do mundo, o nariz do palhaço. E nessa parte o universo foi generoso, pude conhecer o querido Ézio Magalhães, com seu palhaço Zabobrim. Com ele pude fazer um curso de palhaço. Outra parte que para mim é muito especial está em assistir seus espetáculos, e mesmo quando assisto mais de uma vez, as cenas, a maneira de expressar o problema do contexto, o riso ou o choro que ele coloca, gera em mim sempre um arrepio novo, primeiro o arrepio, o riso, a reflexão e uma emoção que não sei explicar, me parece que aprendo, sinto e reflito. O riso e choro habitam em mim de maneira tão sensível e tão profunda, que não tenho como explicar o que essas experiências com as apresentações do Zabobrim causam em mim, mas é sensível, humano e profundo. Um encontro sincero e acolhedor comigo, com o outro e com os temas, problemas e belezas desses universos que somos, todos.

Retornando sobre a parte acadêmica, o caminho com meu orientador foi sendo construído desde o ano de 2010, em meio a conversas que antecipavam o encontro em sala de aula. À medida que o conhecia fui entendendo seu campo de pesquisa e como era interessante. Para além dos ensinamentos direcionados a escrever trabalhos (que me refiro agora ao primeiro painel com sua orientação), me lembro de ter gostado da calma, da escuta atenta para comigo, tentando entender o que eu gostaria de pesquisar. Assim aconteceu, e eu não imaginava que poderia contar tanto e por tantos anos com o mesmo professor-orientador. Deixo aqui registrado o quanto aprendi e partilhei com meu orientador, foram muitas dúvidas de textos estudados, de questões que vivi em estágios, momentos de alegria e tristeza das surpresas que a vida me colocou, ideias e parceria em trabalhos escritos e os que ainda não foram para o papel e algumas histórias vividas que nos aproximam e unem mesmo tendo sido vividas em épocas diferentes. Meu orientador foi parte fundamental do meu caminho de estudos e escolhas, foi força, ânimo e parceria, foi paciência para explicar, tranquilidade para dialogar, abertura para permitir que

minha caminhada fluísse, estímulo para viagens e projetos, acolhida de brincadeiras e risadas, presença nas idas e vindas de ideias, e sempre; abraço na pessoa que sou e venho sendo. Levarei na memória com carinho as experiências partilhadas, a sensação de encontro e alegria nas conversas e o exemplo de professor-orientador-amigo.

Os caminhos de dúvidas, descobertas, encontro e desencontros estiveram comigo todo o tempo. Foi por meio de todos esses que fui conhecendo autores, livros, vídeos, amigos, outros olhares e entendimentos para o tema do brincar e para os assuntos que foram se mostrando ligados a ele. A dúvida não esteve em nenhum momento na questão de eu querer estudar sobre o brincar, a dúvida estava em; quem estava nesse caminho de estudos que poderia me ajudar? Não queria dizer mais do mesmo, sem grandiosismo, mas procurava descobrir mais autores que pudessem ser meus colegas nas ideias e então busquei, e em leituras, disciplinas cursadas no programa de pós graduação em educação da UFSCar, apareceram bonitos encontros, com autores que já conhecia e com outros que não. Desencontros porque acredito que muito ainda pode dialogar com minhas ideias, mas ainda não encontrei e não me encontrou. O mestrado foi parte desse caminho que se estende e abre a possibilidade para eu chegar no doutorado. No mestrado a pesquisa que realizei foi sobre o que as crianças brincavam em seu tempo livre no programa Curumim do SESC de São Carlos e como elas com os adultos relacionavam seus saberes, durante o brincar. Foi um encontro especial, de muitas trocas entre eu, crianças, educadores do programa, a brincadeira e a tentativa de colocar tudo em palavras, na pesquisa de mestrado. No momento de finalização da pesquisa surgiram encaminhamentos para continuar nos estudos e destaco a importância da professora Dra. Luciana Esmeralda Ostetto nesse caminho, por ter encorajado e enfatizado a figura do adulto e de seu brincar, que aparece na dissertação de forma breve e ainda escassa em termos de produções.

Entreí no doutorado impulsionada por essas interrogações vindas do mestrado. O primeiro e segundo ano como aluna do doutorado, foram anos de fazer amizade, de conhecer pessoas, novos textos e discussões proporcionadas por meio das disciplinas que cursei ainda na linha de “Práticas sociais e processos educativos”. Fiz amizades que levo para sempre comigo que são; Mariana, Ana, Nathália e Daniel. Um dos autores que estudamos e que é central na citada linha de estudos, foi Paulo Freire. Eu já havia lido e estudado alguns textos e livros, mas ao me reencontrar pude re-pensar, olhar novamente para o que tive até ali e o que mudou até aquele momento, em mim, na pesquisa e na reflexão para com as ideias e conceitos. Foi um prazer e uma alegria retomar essas leituras e ver o quanto faz sentido continuar com esse autor

no meu caminho de estudos e de vida. Sigo sendo e ele é, (segue) comigo em minha práxis em diferentes áreas da educação.

Não foi então um caminho que gerou essa tese, foram múltiplos, porque foi com os braços abertos que pude aprender, olhar e sentir com os encontros e desencontros que é estar no e com o mundo. Não por acaso, nessa tese me deparo com outro caminho, o que sou formada e que se revela em mim enquanto caminho. Pela sensação de desconforto, em ver que faltam algumas coisas a serem compreendidas no brincar esse estudo revela seus primeiros sinais, mas além de ser um trabalho acadêmico já adianto que, essa tese tocou em muitos pontos pessoais e que possibilitou transformações em mim, à medida que o estudo foi se desvelando, sendo o processo de construção um grande e valioso processo de minha formação. Espero que esse estudo seja mais um estímulo de ideias frente ao tanto que podemos pensar, construir e somar em coletividade.

E dentre os diversos elementos que eu encontre para justificar e provar o porquê dessa tese, quero destacar que ela me transformou, formou e segue nesse movimento circular sem fim, que foi gerado em mim, nos participantes, nas parcerias ao longo desse caminho e que também pode encontrar muitas outras pessoas leitores e interessados no tema.

### **Introdução: das inquietações ao encontro com outras pesquisas**

Existe ainda uma associação intensa entre a vida adulta e as ocupações, obrigações relacionadas ao estudo e à vida profissional; pouco se discute sobre os tempos, fazeres e prazeres enquanto adultos que nos tornamos. Nessa direção, há poucas reflexões e estudos que evidenciam a importância do brincar na construção pessoal enquanto um processo atemporal. Sendo assim, era nítida a necessidade e o interesse em aprofundar os conhecimentos sobre a temática.

Quando focamos no assunto do brincar logo associamos a figura da criança, como se fosse apenas ela, com determinada idade que pudesse aproveitar desse momento. Mas entendemos que a essência do brincar ainda existe nos adultos, que a vontade e a relação afetiva com o brincar não se limitam na idade, ou somente na ação do jogo propriamente estruturado e que então, de alguma maneira, ele deve continuar a ser parte do leque de experiências humanas que experimentamos ao longo da vida.

No início do livro *Homo Ludens*, Huizinga (2017) descreve o jogo, e da mesma maneira entendemos o brincar, como sendo mais que um fenômeno fisiológico, biológico, e sim, “uma função significativa, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa "em

jogo" que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação” (HUIZINGA, 2017, p.3). Dessa maneira que miramos para o brincar, sendo ele algo que possui um fim em si mesmo, que em sua essência não é material e para cada pessoa terá seu significado. O brincar acontece de maneiras diversas em cada ser.

Brincar é considerado aqui o ponto principal, o lugar em que muitas histórias acontecem, que situações ficam marcadas, onde ensinamentos e aprendizados são compartilhados. Que por onde tenha ele acontecido, no passado ou presente, deixa suas marcas, ressaltando que o brincar não está fincado no chão de terra da infância (sem tirar o valor e as ligações que esse brincar possui), mas por todas as histórias dos seres humanos criativos, dispostos e sensíveis, independentemente da idade. A proposta aqui é olhar para o brincar como encontro e reflexão de histórias, lembranças e emoções vividas, como também apontar para outros elementos ainda submersos e/ou ocultos nas experiências, decisões e personalidades que são assumidas nas trajetórias.

Enquanto seres humanos acreditamos que vivemos um ciclo de ‘aprender a aprender’ e que essa é uma competência básica para a aprendizagem permanente (DI RIENZO, 2015). Nos formamos a cada dia vivido, com situações, reflexões, relações culturais e afetivas com o mundo e com os sujeitos.

Esta interpretación formativa del aprendizaje permanente hace hincapié en el carácter reflexivo de la acción humana, sobre la capacidad de los sujetos de estructurar comportamientos culturales en una dimensión global de la vida, caracterizada por el potencial de aprendizaje a lo largo de toda la vida, y puede ayudar a definir un marco de referencia teórico para las actividades llevadas a cabo en el ámbito universitario, dirigidas a valorizar, reconocer y convalidar los saberes adquiridos en el curso de la vida, ya sea en contextos formales como informales (DI RIENZO, 2015, p.19).

Nesse sentido, um material que dialoga diretamente com esse estudo é o documentário brasileiro “Tarja Branca: a revolução que faltava”, dirigido por Cacau Rhoden (2014). Ele apresenta um cenário onde crianças e adultos estão cada vez mais distantes do lúdico, da cultura popular, do pertencimento à comunidade, e que de maneira geral todos estão perdendo a qualidade de vida e a capacidade de brincar, sendo esse o remédio (referente ao título) que estamos esquecendo de tomar, dentro dessa sociedade que está entupida de tantos outros remédios. Nesse documentário algumas pessoas contam relatos de sua infância, vida adulta e de como ainda é possível se relacionar com a criança que mora dentro de cada um, como esse encontro interior consigo é valioso e ainda possível.

É nesse contexto, partilhando a condição de ser adulta e educadora onde surgiram inquietações sobre a associação equivocada que se constitui no imaginário social entre as obrigações da vida adulta e a impossibilidade de manter viva a experiência brincante iniciada na infância. A falta de estudos e produções sobre a temática envolvendo o adulto e o brincar, considerando os significados que dessa relação podem ter sido construídos, aprendidos e talvez carregados ainda nas escolhas profissionais e pessoais, trouxe mais anseio de realizar e desenvolver a pesquisa, sendo um assunto ainda pouco explorado, mas com muitas possibilidades. Portanto, proponho no encontro com adultos, a escuta de suas histórias relacionadas às suas experiências brincantes.

Destaco que para saber o que estava sendo pensado e pesquisado sobre o assunto, consultei e pesquisei na base de dados nas plataformas BDTD, Scielo e nos Periódicos CAPES, utilizando as seguintes palavras: Brinc\*, Ludic\* e Adult\* no recorte de tempo entre os anos de 2008 a 2018.

Foram encontrados, somando os resultados das plataformas, um total de 135 obras, e selecionamos 9 que mostraram maior proximidade com o assunto dessa pesquisa.

Na BDTD encontrei 60 pesquisas no total, e após olhar os títulos foram selecionados 20 para leitura do resumo. Após essa leitura, foram selecionados seis trabalhos que citam a relação do adulto no brincar, ainda que, geralmente esse enquanto professor que trabalha com as crianças. E por fim, encontramos 4 trabalhos que abordam questões que se aproximam mais com esse estudo. São eles:

- *Brincante é um estado de graça: sentidos do brincar na cultura popular*. Dissertação de Andressa Urtiga Moreira (2015).

- *As dimensões lúdicas da experiência de infância: entre os registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de "Além-Mar"*. Tese de Francisco Emílio de Medeiros (2011).

- *Papagaio de papel: lazer de adultos em Manaus*. Dissertação de Joise Simas de Sousa Maurício (2017).

- *A criança e o arquiteto: quem aprende com quem?* Dissertação de Andréa Zemp Santana do Nascimento (2009).

Na Scielo encontrei 73 no total, e após olhar os títulos, foram selecionados 25 para leitura do resumo. Após ler o resumo, foram selecionados 7 trabalhos que colocam o adulto e o brincar em questão, mas que ainda não abordavam com profundidade sobre. E por fim,

encontramos 4 trabalhos muito interessantes, que tecem apontamentos a colaborar para com a discussão. São eles:

- *Sofrimento mental em vendedores na Grande São Paulo: a destituição do ser pela organização do trabalho*. Artigo de relato de experiência de Eliana A. S. Pintor (2010).

- *O momento de brincar no ato de contar histórias: uma modalidade diagnóstica*. Artigo de Fábio Donini Conti e Audrey Setton Lopes de Souza (2010).

- *O brincar e o espaço potencial no ambiente virtual*. Artigo de Gregório de Sordi Gregório e Deise Matos do Amparo (2018).

- *Algumas notas sobre bonecas para mulheres "negras" em Maputo*. Artigo de Denise Ferreira da Costa Cruz (2016).

No periódico CAPES, encontrei 2 estudos no total, em que 1 deles dialoga com a discussão, é ele:

- *O infantil ou o que não se desenvolve, entretanto cria*. Artigo de Maria Regina Maciel (2011).

A partir dessa revisão, os estudos que encontrei e que coloco a seguir, geraram a reflexão de como os temas foram escritos e desenvolvidos. Percebo que foram poucos trabalhos encontrados com as palavras que foram usadas para a busca e que nenhum deles trata do que esta pesquisa se propõe.

A seguir está um breve comentário de cada um dos trabalhos anteriormente citados, não é um resumo ou algo do tipo, mas tem o objetivo de enfatizar qual o ponto em comum nos estudos. Aponto então o que em cada uma, se aproxima, colabora ou se relaciona com o assunto dessa pesquisa.

No trabalho de Moreira (2015) “Brincante é um estado de graça: sentidos do brincar na cultura popular”, o ponto em comum é sobre a busca por valorizar o brincar enquanto presente na vida dos adultos, que neste estudo destaca que ocorre em meio a práticas, festas, tradições da cultura popular. O documentário “Tarja Branca: a revolução que faltava” (2014) colabora igualmente em nossas pesquisas, ao revelar a lógica do capitalismo que interfere diretamente sobre as escolhas que fazemos conforme crescemos e assumimos trabalhos e afazeres na vida adulta. O caminho que Moreira (2015) segue é do brincante que está imerso em práticas da cultura popular.

Conforme Medeiros (2011) em “As dimensões lúdicas da experiência de infância: entre os registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de "Além-Mar", o encontro e diálogo ocorre com relação ao caminho metodológico escolhido. A pesquisa também



valorizava as memórias das experiências de infância. Na página 46, Medeiros (2011) evidencia a dimensão capitalista da sociedade, colocando em destaque como isso restringe cada vez mais o dia – dia das pessoas.

O estudo de Maurício (2017) “Papagaio de papel: lazer de adultos em Manaus” colabora na discussão sobre o lazer, os tempos da vida e sobre o trabalho. De maneira que algumas das referências citadas podem gerar novos olhares e discussões.

Na dissertação de Nascimento (2009) "A criança e o arquiteto: quem aprende com quem?" é interessante a reflexão sobre a importância do arquiteto que se dispõe a despertar a criança interior e também no encontro com a criança do bairro, comunidade, que irá desenvolver projetos. Essa discussão, mesmo vindo de outro campo de estudos é positiva no aspecto de ver e valorizar essa relação adulto-criança interna-criança.

Conforme Pintor (2010), em “Sofrimento mental em vendedores na Grande São Paulo: a destituição do ser pela organização do trabalho”, podemos ver alguns pontos positivos e outros negativos sobre como pode ser o impacto do trabalho na vida cotidiana. É nesse sentido que também proponho a discussão e partilho a preocupação diante a sociedade que vivemos.

No estudo de Conti e Souza (2010), “O momento de brincar no ato de contar histórias: uma modalidade diagnóstica”, vemos a relação importante por meio de um olhar da psicanálise diante a relação que se constrói entre adulto e criança. Revelando assim, contribuir com as ideias para esta pesquisa, abordando a discussão sobre a valorização do brincar e da fantasia, considerando o adulto e criança.

Gregório e Amparo (2018) no artigo “O brincar e o espaço potencial no ambiente virtual” traz discussões com autores como Winnicott e Freud, sobre o espaço potencial e o jogo virtual. Esses dois assuntos não pretendo adentrar muito, porém, percebo que se relacionam enquanto experiência atemporal, possível e presente tanto em adultos como em crianças.

Cruz (2016) no artigo “Algumas notas sobre bonecas para mulheres "negras" em Maputo” revela o ato de contar as memórias da infância e quais desdobramentos perceberam no assunto das bonecas, trilhando assim um caminho com os sujeitos e suas memórias que se encontra com o que proponho aqui.

Maciel (2011) no artigo “O infantil ou o que não se desenvolve, entretanto cria” segue no diálogo de ideias sobre o entendimento do infantil como presente no ser humano, independentemente de sua idade e colocando ele, como sendo o que acompanha a pessoa ao longo da vida e também ser um dos elementos que estimula a criação.

As pesquisas acima apresentam um panorama que aparecem um ou outro tema em comum que colaboram para essa pesquisa, mas nenhuma delas relaciona-os na mesma

perspectiva que proponho. Para mim, o brincar, a ludicidade e o adulto apontam para uma discussão que ainda precisa ser feita e neste caso, a pesquisa que apresento se situa e propõe avançar no sentido de pensar como e quais são os significados que os adultos atribuem, constroem, diante memórias do brincar, tendo como base o que viveram e como isso se relaciona com os adultos que são no momento presente, em seus afazeres, entendimentos e trabalhos.

É nesse sentido que o estudo está para o diálogo com estes e outros trabalhos. Buscamos avançar na discussão da questão em como esses elementos já citados, fazem parte da trajetória das pessoas e o que podemos compreender disso, de questões da memória e que se conectam com como cada um se coloca nas relações consigo, com o outro, com as escolhas, atuações profissionais e com mundo. Lembrando que o ponto chave está no brincar, nos desdobramentos que ele pode indicar nas memórias, e como no presente acontece, onde ele aparece.

E porque escrever sobre o adulto, brincar e memórias? Acreditamos no potencial que tudo isso carrega separadamente e absurdamente maior se unidos. O material de estudos já produzido é importante pelos apontamentos que possuem, mas acredito que ainda exista espaço para discussões, diálogos, reflexões e novas propostas.

Essa pesquisa está organizada na seguinte ordem: após a introdução, o capítulo 1 é composto por três eixos de temas que formam o referencial teórico. No subcapítulo 1.1 colocamos a discussão sobre o capitalismo, a sociedade e a materialização efetiva do brincar na vida adulta. Iniciamos apresentando como nossa sociedade se organiza, estando fixada em um sistema que valoriza o produzir, o gerar capital, racionalizar ao máximo e sentir de menos (isso quando sobra tempo e disposição). Nesse sentido discutimos sobre o que ocorre, ao sermos transformados em números, força de trabalho, e a aceitação desse fato pela maneira que, na maioria dos casos, fomos e ainda somos educados para competir, olhando para resultados, bens materiais e individuais. Mas porque percorrer essa trilha e não outra? Nesse ponto se faz fundamental refletirmos com o que realmente pagamos quando compramos algo. E por fim, ao pensar na sociedade pensamos em como ela se constituiu; será que ela criou o jogo ou foi criada por ele? É nesse enredo que alguns autores principais do assunto, entram em diálogo.

No subcapítulo 1.2 a discussão ocorre a partir de olhares para o conceito “criança interior”. Nessa parte a proposta é apresentar um pouco sobre como o tema vêm sendo pensado e como todo o caminho da pesquisa entende e reflete sobre. O conceito ‘criança interna’ propõe o olhar atento as manifestações nas buscas que vamos fazendo e nos percursos que as trajetórias de vida vão sendo trilhadas.

No subcapítulo 1.3 está o encontro das ideias sobre experiência, memórias lúdicas e vida adulta. Acreditamos que nossas experiências, sejam na escola, na rua e em família, são processos de aprendizagem que carregamos por toda nossa trajetória. A idade não corresponde ao que vivemos, ao que aprendemos ou o que ainda queremos viver e aprender. Nesse ponto a experiência e as memórias são valorizadas e queridas. Educação, escuta, amor, relação e liberdade estão presentes aqui.

A abordagem metodológica está no capítulo 2, em que apresento como esta pesquisa foi feita, que instrumento de coleta foi utilizado, quem foram os participantes, como os encontros aconteceram e depois, como foi pensada e organizada a análise dos dados.

Em seguida, o capítulo 3 é formado por uma apresentação de todos os sujeitos desse estudo, em que podemos conhecer um pouco de cada um(a) a partir de suas primeiras recordações da infância.

O capítulo 4 corresponde a análise dos dados, em que colocamos como foi feita, quais cuidados com o material e que encaminhamentos os dados revelaram. Abriu-se aqui a possibilidade de agrupamento em temas, considerando os elementos que mais se mostraram e como eles foram de encontro com a questão de estudo e objetivos dessa pesquisa.

E como parte final da escrita, mas não das reflexões que sempre estão por vir e ir, está a parte que partilhamos as considerações e contribuições, alguns apontamentos e percepções que emergiram, que nasceram por meio de tudo e todos que fizeram parte desse estudo.

### **Questão de pesquisa e objetivos**

Diante da sociedade de consumo e dos valores vindos desta que vivemos, o brincar ainda é considerado uma atividade não séria, não produtiva (estereotipado), fragmentada do cotidiano e por vezes utilitária. A partir deste cenário surge a questão de pesquisa, a seguir, que proponho desenvolver nessa tese de doutorado.

Qual o significado do brincar na vida de adultos e como isso reflete em sua experiência de vida e profissional?

Como objetivo geral:

- Buscar compreender como a experiência brincante é significada por adultos em suas trajetórias de vida.

Os objetivos específicos são:

- Registrar e analisar, por meio de memórias lúdicas como o brincar é entendido na vida dos adultos.

- Compreender a relação entre o brincar e aspectos de vida pessoal e/ou profissional do adulto.
- Identificar que processos educativos se desvelam nas diversas experiências brincantes na trajetória de vida.
- Conceituar o brincar na vida adulta.

### **Justificativa e apontamentos iniciais**

Para a elaboração da fundamentação teórica pensamos em autores que contribuirão para o desenvolvimento da pesquisa. Optamos por referências diante a temática do brincar, de práticas sociais e relações humanas partilhadas.

Quando escutamos falar sobre o brincar ou sobre brincadeira logo nos reportamos à infância, como se o único sujeito que estivesse em contato com essa prática fosse exclusivamente a criança. É preciso então superar esse pensamento e dar espaço para que o brincar faça parte do ser humano, seja qual for sua idade, ou seu momento de vida.

É preciso observar que infelizmente, ainda nos dias de hoje relacionamos o brincar como se fosse uma atividade ‘sem seriedade’, como a expressão que aparece nas falas com frequência: ‘mas é só uma brincadeira’, como se em algum momento o brincar fosse despegado do que nos passa, sem sentido, ou ainda, que não fosse carregado de significados e construções.

Brougère (2011) destaca que:

Antes das novas formas de pensar nascidas do romantismo, nossa cultura parece ter designado como "brincar" uma atividade que se opõe a "trabalhar" (ver Aristóteles e Santo Tomás sobre o assunto), caracterizada por sua futilidade e oposição ao que é sério (BROUGÈRE, 2011, p. 21).

O brincar recebe há tempos a colocação de oposição ao que são tarefas sérias, de maneira que foi lhe atribuído aspectos negativos e que só conseguiu uma dimensão positiva quando a revolução romântica inverteu os valores atribuídos aos termos dessa oposição. Mas, não que a problemática em questão tenha sido superada totalmente.

Dessa forma quando focamos esse estudo para o brincar do adulto, é porque consideramos que uma brincadeira não é ‘apenas uma brincadeira’ e que falas assim não condizem com o brincar, que é carregado de mensagens, saberes, relações afetivas, sociais, que são importantes para cada um, consigo, com o outro e com o mundo. Como pontua Pereira (2001), esclarecendo com o olhar da psicanálise; “brincar não se opõe ao sério, mas sim à

realidade” (PEREIRA, 2001, p. 92). De maneira que no brincar há o confronto dos limites, a colocação a prova do que nos instiga, e assim, experimentamos outras possibilidades com o que é real, mas que no brincar se pode arriscar.

O primeiro conceito chave que faz parte desse estudo e que consideramos enquanto uma prática social, é o brincar. Nessa perspectiva, segundo Sartori (2016);

Consideramos o brincar como uma prática social, situado em um dado contexto social, histórico, cultural e político. É necessário ressaltar que as experiências lúdicas promovem, sobretudo, o convívio, as trocas de saberes e conhecimentos sobre si próprios, sobre valores e posturas, sobre a coletividade e sobre a realidade em que os brincantes vivem (SARTORI, 2016, p. 19).

Acreditamos que no brincar estão entrelaçados a ação, o desejo, representações e entendimentos que vão sendo construídos em meio e como parte da condição humana e criadora no cotidiano, que então jogo e brincadeira, estão imbricados na esfera que pertence ao universo lúdico. O termo jogo é visto por Oliveira (1982), como atividade lúdica com predominância de regras e brincadeira seria a atividade lúdica com predominância de imaginação. Queremos aqui aproximá-los e colocar que jogo e brincadeira fazem parte do mesmo universo lúdico, o qual não está restrito a ocorrer somente com um conteúdo específico, uma maneira de ocorrer ou unicamente em determinada fase da vida.

Nesse sentido se torna importante compreender a cultura lúdica como um conjunto vivo de regras e significados próprios do jogo que o jogador adquire e domina no contexto do seu jogo. É necessário ver o jogo como “o lugar de emergência e de enriquecimento dessa cultura lúdica, essa mesma que torna o jogo possível e permite enriquecer progressivamente a atividade lúdica” (BROUGÈRE, 2011, p 23). A cultura lúdica está em movimento, pode se modificar conforme o contexto social, cidade, idade, etc.

A existência do jogo não está ligada a qualquer grau determinado de civilização, ou a qualquer concepção do universo. Todo ser pensante é capaz de entender à primeira vista que o jogo possui uma realidade autônoma, mesmo que sua língua não possua um termo geral capaz de defini-lo. A existência do jogo é inegável. É possível negar, se quiser, quase todas as abstrações: a justiça, a beleza, a verdade, o bem, Deus. É possível negar-se a seriedade, mas não o jogo (HUIZINGA, 2017, p. 6).

Estamos de acordo que a existência do jogo se mostra no viver, em meio as nossas escolhas e atitudes, em tarefas, situações com regras, entendimentos de direitos e deveres. De maneira que o jogo e a brincadeira se mostram estar imersos em diversas experiências do

cotidiano. E conforme Oliveira et al. (2014) acreditamos que em todas as práticas sociais há processos educativos, e então, são educativas.

O que é construído, vivido e sentido entre pessoas diz muito sobre a cultura destas e precisa então ser entendido e considerado como identidade foram formadas por elas. Colocamos assim pois nos questionamos em pensar, como os adultos tem vivido a ludicidade?

Quando miramos para sujeitos adultos, destacamos que é preciso refletir diante o “sistema econômico de colonização da vida” que estamos inseridos, nos relacionamentos e construções com o mundo. O progresso, produção, trabalho e a competição fazem parte da mesma trama, um ambiente esse difícil de se permitir convívios em grupo, em cooperação e que interferem e fazem parte das construções que fazemos com o mundo (BRANDÃO, 2005).

O adulto é um ser humano que possui uma trajetória já vivida, de experiências, mas acreditamos que ele continua a viver o movimento de descobertas, de buscas por realizações, emoções, sensações e momentos. Conforme Freire (2011) a busca por “ser mais” do ser humano é permanente, porque estamos sendo, sendo consigo, com o outro, com o mundo, vivendo um processo de procura, impulsionados pela curiosidade, por constantemente nos percebemos inconclusos e então seguimos a busca. Essa busca nos coloca em movimento, em atividades, em relações e em brincares. Assim consideramos o adulto como um ser potencialmente criativo, que busca ser mais, conhecer e experimentar seu corpo, o convívio com os outros e o mundo.

Ressaltamos que é próprio da nossa humanidade o desejo para o jogo, de modo que se engana aquele que acha que um dia deixamos de brincar como fazíamos na infância (ALVES; SOMMERHALDER; EMERIQUE, 2010). Segundo Freud (1968) há uma proximidade entre as atividades lúdicas infantis, os devaneios da vida adulta e a criação literária. Nesse sentido destacamos que a ação de brincar segue a mesma lógica de quem constrói poesias, ambos fazeres criam um mundo imaginário em que é possível organizar, lidar com situações, de maneira que for mais interessante.

E seguindo no mesmo bojo em que a magia, desejo e mistério habitam, colocamos destaque à fantasia, que conforme Ostetto (2010) “é a atividade específica da psique, uma atividade sobretudo criativa, que conduz o homem a um processo ilimitado de simbolização e, por conseguinte, de expansão da consciência e de novas possibilidades de pensar e fazer o mundo” (OSTETTO, 2010, p. 49). E em diálogo com a autora, concordamos com Klisys (2010) quando coloca que “brincar é isso: gana de viver com ênfase, expandindo-se” (KLISYS, 2010, p. 30).

Com este estudo procuramos contribuir para discussões e pesquisas sobre como o brincar é significado na vida do adulto no momento presente, mas para isso, destacamos a

importância de conhecer as histórias de vida, pois tudo que sentimos, construímos e partilhamos está imerso em tramas internas e externas que fazem parte do universo que é cada ser humano.

A pesquisa se justifica pela relevância da identificação, compreensão e valorização diante a experiência brincante significada por adultos, por esse conter elementos importantes para e da cultura lúdica que fazemos parte e construímos com sociedade e com o mundo. O desafio que nos colocamos é de colaborar com a discussão para a formação do ser humano, de educadores que trabalham com o tema e de maneira geral compreender como este permeia a experiência de vida. Para isso, o referencial teórico é composto por contribuições advindas de autores da sociologia, psicologia e pedagogia.

Importante destacar que o(a) leitor(a) poderá perceber que o texto se apresenta em alguns momentos em forma de diálogo, contando também com a presença de obras de arte forjadas em múltiplas linguagens, como música, cinema e imagens, que como uma bela brincadeira não estão enfeitando ou dando um tom mais leve ao trabalho, elas constituem a trama, articulam histórias, compõem análises e amplificam sentidos.

## CAPÍTULO I – Referencial teórico

### 1.1 Relações entre capitalismo, sociedade, jogo e o brincar

*Olha lá quem vem  
do lado oposto  
e vem sem gosto de viver  
Olha lá que os bravos  
são escravos  
sãos e salvos de sofrer  
Olha lá quem acha  
que perder é ser  
menor na vida  
Olha lá quem sempre  
quer vitória  
e perde a glória de chorar  
Eu que já não quero mais  
ser um vencedor  
levo a vida devagar  
pra não faltar amor  
Olha você e diz que não  
vive a esconder o coração  
Não faz isso, amigo  
já se sabe que você  
só procura abrigo  
mas não deixa ninguém ver  
Por que será?  
Eu que nunca fui assim  
muito de ganhar  
junto as mãos ao meu redor  
faço o melhor que sou capaz  
só pra viver em paz  
O vencedor – Los Hermanos  
(Composição: Marcelo Camelo)*



A sociedade que vivemos atualmente segue os moldes do sistema capitalista, dominante em grande parte do mundo. O capitalismo é o sistema que visa o lucro e a acumulação de riquezas por meio do trabalho realizado por pessoas e também com o uso de máquinas. Segundo Gros (2012) o que nomeamos por capitalismo é “uma determinada escolha de sociedade, a saber, a orientação do conjunto das forças (materiais, espirituais, naturais, sociais) para a produção de riquezas – produção de riquezas maciça, sistemática e racional, baseada na iniciativa privada” e que assim, pode ser entendido e definido como um processo histórico (GROS, 2012, p. 256). Nesse sistema, resumidamente, estão os donos de empresas, chefes e os trabalhadores, que prestam serviços. Chegamos ao mundo e diretamente somos colocados para viver em “um sistema de política e de economia que nos é imposto sem nos consultar e que coloniza todos os recantos da vida” (BRANDÃO, 2005, p 88).

É nesse sistema que crescemos e vamos naturalizando a competição: é preciso ganhar, preciso ser melhor do que o outro, que o fruto do nosso esforço será a recompensa, seja nos estudos, no trabalho, ou na família, mas que o importante será a vitória. Nesse bojo, as leituras de “Jogar para competir e jogar para compartilhar: da competição contra o outro à cooperação com o outro” de Carlos Rodrigues Brandão (2005) e “Introdução à economia solidária” de Paul Singer (2002), ajudam a compreender como nosso estilo de vida, pensamentos e atitudes são diretamente influenciadas pelo sistema econômico que vivemos.

A maneira que a economia de mercado se organiza é extremamente competitiva, no sentido de que “cada produto deve ser vendido em numerosos locais, cada emprego deve ser disputado por numerosos pretendentes, cada vaga na universidade deve ser disputada por numerosos vestibulandos, e assim por diante (SINGER, 2002)”. É nesse contexto de competição que, se não todos, grande parte de nós vamos sendo formados e muitas vezes não nos damos conta, não refletimos diante o caminho que estamos seguindo, apenas seguimos como se só existisse essa forma de viver.

É importante pontuar que aprendemos a ser dessa maneira, em meio ao contexto que vivemos e as relações que estamos imersos.

A competição sadia não existe. A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo do biológico. Como fenômeno humano, a competição se constitui na negação do outro. Observem as emoções envolvidas nas competições esportivas. Nelas não existe a convivência sadia, porque a vitória de um surge da derrota do outro. O mais grave é que, sob o discurso que valoriza a competição como um bem social, não se vê a emoção que constitui a práxis do competir, que é a que constitui as ações que negam o outro (MATURANA, 1998, p.13).

Talvez aceitamos o sistema que vivemos porque não vemos a emoção que está relacionada à competição, e um dos motivos é a racionalização das emoções e do olhar diante as situações. Nossa relação humana parece que endurece para apenas o que os olhos podem ver e a mente calcular, ou organizar de maneira lógica, e assim outros sentidos e sentimentos envolvidos e fundamentais no viver vão sendo deixados de lado.

Conforme Maturana (1998) “todos os conceitos e afirmações sobre os quais não temos refletido, e que aceitamos como se significassem algo simplesmente porque parece que todo o mundo os entende, são antolhos” (MATURANA, 1998, p.15). Ressaltamos que antolhos é o nome de um acessório colocado na cabeça do cavalo, na região dos olhos, que limita sua visão e com esse sentido, o autor coloca que “dizer que a razão caracteriza o humano é um antolho” porque se consideramos apenas a razão limitamos o olhar para outros lados que nos formam, como para a emoção, tratando-a como algo sem valor ou que causa confronto com o racional. Assim, é preciso cautela com afirmações que nos apresentam como seres racionais e que desvalorizam as emoções pois é no “entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção” que se constitui o viver humano, em que “todo sistema racional tem um fundamento emocional” (MATURANA, 1998, p.15)

Ao falar de emoções é preciso compreender que não são o que chamamos de sentimento. A emoção corresponde a diferentes domínios de ação que nos formam e que nos movem, fazem parte do todo que somos com o mundo, com as atitudes e escolhas que fazemos. A emoção nos guia e quando ela muda, também mudamos nossa direção, nossa ação. Por isso que “quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer, e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção” (MATURANA, 1998, p.15).

Cada vez que pensamos em algo ou vivenciamos alguma experiência, ela está relacionada com uma emoção. Nosso aprendizado muitas vezes acontece de maneira marcante e feliz, mas em outras pode ser difícil, supérfluo, chato ou pesado. Ao entrar nessa discussão penso e sinto, lembro ora pela lembrança do gosto, pelo cheiro, pelas escolhas que me emocionam, que me impulsionaram a seguir e por meio delas entendo o que aprendi, por onde aprendi e que diversas memórias das experiências vividas continuam a fazer sentido, sendo aprendizados que se mantem vivos e significativos. Nesse exemplo buscamos ressaltar que é por meio desses dois caminhos (emocional e racional entrelaçados) que nos constituímos como humanos, em acordo com os apontamentos de Maturana (1998).

O humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações. Normalmente vivemos nossos argumentos racionais sem fazer referência às emoções em que se fundam, porque não sabemos que eles e todas as nossas ações tem um fundamento emocional, e acreditamos que tal condição seria uma limitação ao nosso ser racional (MATURANA, 1998, p. 18).

Nesse sentido, entendemos que são as emoções, e não a razão, que nos movimenta a alguma ação. Quando identificamos dificuldades em agir é porque existe imbuído certa dificuldade na emoção que move, e que fica oculta pela argumentação racional para explicar a ação. As atitudes e escolhas feitas por nosso racional estão atreladas ao nosso emocional e é preciso retomar essa reflexão quando certas coisas não acontecem, pois “falamos como se fosse óbvio que certas coisas deversem ocorrer em nossa convivência com os outros, mas não as queremos, por isso não ocorrem” (MATURANA, 1998, p. 23).

Por tratarmos do ser humano que vive e se constrói em meio social e cultural, que vive consigo e com o outro, essa discussão se mostra importante, na medida que os números, tempos de trabalho, competição e desvalorização da parte emocional ocupam um lugar cada vez maior na sociedade. E por mais antigo, gerador de desigualdades, tristezas, desafetos e loucuras que esse sistema seja, nosso ser continua buscando maneiras de compreender-se e compreende-lo (o sistema) em nossa existência.

Nunca nos encontramos tão avaliados, como agora, sejamos pedreiros, professores ou poetas. A todo o momento somos colocados dentro de escalas de classificação, de mulheres e de homens, e desigualmente distribuídos segundo critérios formais e utilitários de competência/competitividade. Pessoas colocadas entre escalas numéricas de comparação apressada que nos dividem entre os poucos da “ponta” e os outros todos do “resto”. Um sutil e quase encantador artifício da mídia nos transforma de pessoas em personagens, e nos hierarquiza, para sermos comparados em quase tudo uns aos outros. E para, dóceis e rotulados, fornecermos ao poder ou a empresa os indicadores quantificáveis da dócil imagem de nossas qualidades (BRANDÃO, 2005, p. 89).

Conforme Brandão (2005), no contexto atual viver está mais ligado a coisas, números e status. Ao trabalhar em uma empresa ou com grandes negócios existe apenas o número de pessoas e a produção em horas que o grupo de pessoas realiza. E tristemente parece que nada mais importa a não ser estar em um trabalho, para ter o dinheiro, para poder gastar com o que a mídia nos serve todos os dias por meio das telas, rádios e jornais. Nos vendem a imagem do futebol no estádio, as comidas industrializadas que geram prazeres momentâneos, bebidas

alcoólicas que nos fazem esquecer que o final de semana está acabando que e a segunda-feira está próxima novamente.

E junto a sensação de segunda-feira trago uma definição de trabalho enquanto “uma atividade imposta, socialmente útil, acompanhada de esforço e de pena” (WOLFF, 2012). Destaco a proximidade com Lafargue (1999), em “O direito a preguiça”, quando se refere aos trabalhadores da classe operária francesa que questionavam o direito ao trabalho, pois se referiam a esse conceito apresentado por Wolff.

Podemos dizer que esse conceito de trabalho abordado é moderno, quando comparado ao que era considerado pelos gregos e filósofos da época que valorizavam o ócio. O entendimento na sociedade moderna do trabalho como algo que dignifica o homem, e que é visto até os dias de hoje, começa no final do século XVIII, atrelado a crença da tradição religiosa com o nascimento do capitalismo (WOLFF, 2012).

Já a ideia do trabalho pleno de sentido, abordada por Antunes (2009) corresponde a uma perspectiva de trabalho diferente da colocada por Paul Lafargue, pois não era possível aos trabalhadores daquela época. Mas hoje, nos perguntamos: é possível pensar em um trabalho que quebre com “barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho, de modo que, a partir de uma atividade vital cheia de sentido, autodeterminada, para além da divisão hierarquizada que subordina o trabalho ao capital”? (ANTUNES, 2009, p. 175).

Acreditamos que a sociedade é formada por diversas pessoas, contextos e desejos em que enfrentamos tensões entre o trabalho enquanto necessidade e fonte renda, outra que enriquece alguém e está a favor desse alguém ou ainda como prática que dignifica a pessoa. Mas ainda é um tema contraditório, pensarmos que o trabalho possa ser prazer e labuta ao mesmo tempo. Assim apontamos para a ambiguidade que está envolvida no próprio ser humano e em suas diversas práticas.

Atrelado ao tema do trabalho está o consumo, que de maneira cada vez mais descarada e ao mesmo tempo disfarçada, o ato de consumir é colocado como parte dos dias. Brandão (2005) nos atenta para a difusão de certos padrões de consumo que com rapidez se infiltram no imaginário coletivo das pessoas, criando desejos. Não consumimos apenas coisas materiais, mas conseguimos injetar o desejo por algo que precisamos fazer, seja ao consumir uma série, uma atividade física relacionada a um produto, incluir na rotina um novo alimento, bebida, enfim, nos invadem de maneiras que muitas vezes nem percebemos o que consumimos.

Mas porque seguimos por caminhos que nos levam a lugar nenhum? Acontece que desde muito cedo somos introduzidos nos contatos com mídias, internet, televisão, jogos eletrônicos, que possuem imagens, mensagens que nos influenciam nas escolhas, nas atitudes que

precisamos fazer para ter coisas, para vencer na vida e assim alcançar o que é vendido como felicidade. A mídia do mercado trabalha de maneira sutil para nos fazer acreditar que é preciso seguir dentro de sua lógica e que “assim deve ser, para que haja ordem, justiça e progresso. Em nome de quem? Para a felicidade de quem?” (BRANDÃO, 2005, p. 89).

Mais complexo do que os olhos podem ver é a tentativa de compreender como a dinâmica social, econômica e dos desejos (conscientes e inconscientes) seguem e então, fazem parte dessa discussão.

Nesse universo de coisas e cenários de finanças pensados como seres vivos – “as bolsas ficaram nervosas” – ao lado de pessoas imaginadas e tratadas como uma mercadoria que se compra e vende, depressa e sem pensar nos acostumamos a acreditar que se assim é, é porque não poderia ser de outra maneira. O preço do progresso é a produção, o preço da produção é o trabalho, o preço do trabalho é a competição e o preço da competição é a perda progressiva do que nos fez seres humanos e é, ainda hoje, o que há de mais humano em nós: a cooperação (BRANDÃO, 2005, p. 90).

Então, se tudo tem um preço é preciso refletir, o que realmente estamos usando para fazer o pagamento? Por eu ter morado um período da graduação em Montevideo, é parte de minha formação e trago com carinho as palavras do José Alberto Mujica Cordano conhecido popularmente como Pepe Mujica. No vídeo “Human – o filme” (2016), nos presenteia e alerta ao dizer: “Cuando compras algo, no lo compras con plata, lo compras con el tiempo de vida que tuviste que gastar para tener esa plata, pero con esta diferencia, la única cosa que no se puede comprar es la vida, esa se gasta”.

É fundamental entender que a lógica capitalista nos cobra um preço mais valioso do que aquele que em números calculamos. Quando compramos algo o preço que pagamos corresponde ao nosso tempo de vida, e esse sim é único, sem troco e sem volta. As necessidades que a mídia, o comércio, o capital criam são supérfluos comparados a grandiosidade que é viver.

No mesmo sentido o filme “O preço do amanhã” (2011), apresenta uma história sobre uma sociedade que não há velhice, mas que, ao chegar aos 25 anos, o tempo de vida passa a ser a moeda de troca para sobreviver, sendo assim os mais ricos vivem mais e os empobrecidos correm contra uma contagem regressiva batalhando por cada minuto a mais de vida. O trabalho é o meio que gera mais horas de vida no relógio de cada pessoa e os gastos em supermercados, ônibus, ou qualquer compra, é retirado/cobrado em horas de vida. Destacamos esse filme porque dialoga muito com a reflexão, ao relacionarmos que o tempo no trabalho e o ganho na moeda de troca, serão investidos em coisas, importantes ou não, para cada pessoa. E essa é a relação direta entre o tempo que o trabalho nos tem e o tempo que nós temos para outros

momentos, pessoas ou coisas. O filme também mostra como a desigualdade influencia em quem vive mais e melhor, sendo os mais ricos quem tem muito tempo de vida e os empobrecidos que vivem contando os minutos, quem vive menos e pior.

Considerando os acontecimentos em sociedade, do capitalismo e do consumo dominante de futilidades que fertilizam apenas prazeres instantâneos trazemos o que Bauman (2011) chama de mundo líquido “porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança” (BAUMAN, 2011, p. 1). Sendo assim, com esperança miramos para outras formas contrárias a tradicional que estamos, seguimos buscando conhecer outras maneiras de viver.

É contra esse fluxo que surge o conceito de Bem Viver, com as pessoas que estiveram e são a origem de nosso viver com a natureza: os indígenas. O conceito Bem Viver é:

“[...] uma filosofia em construção, e universal, que parte da cosmologia e do modo de vida ameríndio, mas que está presente nas mais diversas culturas. Está entre nós, no Brasil, com o *teko porã* dos guaranis. Também está na ética e na filosofia africana do *ubuntu* – “eu sou porque nós somos”. Está no ecossocialismo, em sua busca por ressignificar o socialismo centralista e produtivista do século 20. Está no fazer solidário do povo, nos mutirões em vilas, favelas ou comunidades rurais e na *minga* ou *mika* andina. Está presente na roda de samba, na roda de capoeira, no jongo, nas cirandas e no candomblé (TURINO, 2016, p. 14).

De maneira concisa, o significado do conceito é de “viver em aprendizado e convivência com a natureza, fazendo-nos reconhecer que somos “parte” dela e que não podemos continuar vivendo “à parte” (TURINO, 2016, p. 14). Compreendemos assim que também somos natureza, que não podemos negar nossa participação, pois vivemos em convívio (em menor ou maior grau de proximidade) se pensarmos nas grandes capitais ou cidades do interior. Fazemos parte da natureza, nos cuidados com a água, com o ar, com os animais, com áreas verdes e dela também somos formados.

Também importante é a reflexão diante o conceito do Bem Viver ter nascido com os indígenas, que possuem tradições e maneiras de se relacionar com o mundo de forma mais próxima e harmoniosa. Mesmo sabendo que a cultura indígena continua presente em nossas vidas, como nos hábitos, nos alimentos que compõe as refeições, nos nomes, nas cidades, dentre tantas formas, ela continua a ser valiosa para as relações com a vida, em destaque para um maior cuidado e atenção para com essa casa que nos acolhe a tantos anos (ALMEIDA, 2014).

É na sabedoria ancestral que o Bem Viver tem suas raízes fincadas, que por ser outra maneira de compreender a natureza e a vida com ela, caminha no oposto do que vivemos nos

dias de hoje, com o processo de acumulação capitalista, que acaba interferindo nas escolhas e relações que temos conosco e com o mundo. Munduruku (2019) revela que “o mundo materialista ocidental, o qual confunde ser e ter, possuir e pertencer, cuidar e destruir” e que enquanto as pessoas continuarem pensando e agindo como seres individuais, o mundo estará em perigo (MUNDURUKU, 2019, p. 22).

Nesse sentido é urgente refletirmos e compreendermos que somos todos parte do universo e que juntos, todos os seres vivos, somos importantes nessa formação. Existimos e formamos em união o que é o mundo que vivemos. Quando Munduruku (2019) usa a expressão “a gente somos” é no sentido de que todos os seres viventes são um coletivo fundamental para a vida do e no mundo, e que é importante essa compreensão e percepção de sermos pertencentes desse grande grupo.

E é com o desejo de podermos dizer “a gente somos” conforme nos apresenta Munduruku (2019), que trazemos o conceito do Bem Viver para a discussão, como uma possibilidade de mirarmos por outro olhar, outra filosofia de vida que possa somar diversas histórias, lutas, propostas de mudança, de experiências múltiplas para serem “como ponto de partida para construir democraticamente sociedades democráticas” (ACOSTA, 2016, p. 29).

O conceito Bem Viver colabora na discussão porque faz o movimento de se contrapor “a iniquidade própria do capitalismo, em que poucos vivem bem em detrimento da grande maioria” (TURINO, 2016, p. 16). E por esse sentido partilhamos que algo precisa ser feito para defender o ser humano, o tempo de vida com qualidade e bem vivido. Enaltecendo a possibilidade de escolha, de desfrute do ser humano para momentos outros de prazer e aprendizado, lembrando que a proposta é de conviver bem em comunidade, com a natureza, conscientes que nela estão todas as formas de vida e seus contextos.

Segundo Acosta (2016), “o mundo precisa de mudanças profundas, radicais” e para esse movimento é necessário abandonar modelos que colocaram as questões econômicas no centro da sociedade. É preciso que encontremos outras formas de organizar nossa estrutura social e política, e para isso ocorrer “é imprescindível despertar a criatividade e consolidar o compromisso com a vida, para não nos convertermos em meros aplicadores de procedimentos e receitas caducas” (ACOSTA, 2016, p. 20).

Nesse sentido, a colocação de Brandão (2005) colabora e nos estimula a acreditar que há outras maneiras de viver quando desvela que “somos humanos porque aprendemos uns com os outros em situações em que a cooperação cria a vida, a sociedade e o próprio conhecimento” (BRANDÃO, 2005, p.90). Dessa forma, enquanto sujeitos que participam e constroem os processos que acontecem no mundo, somos parte fundamental para os sonhos e construções de

mudanças no mundo que vivemos. Por Brandão (2005) sabemos e sentimos que somos seres que aprendem, que se tornam interativos, comunicativos, cooperativos na relação com o outro, “seres em que a relação *eu-outro*, criadora de diferentes experiências de sermos um nós, nos faz seres de uma espécie conectiva. Convivemos sem cessar entre nós, e “sabemos que nisto a pessoa de cada um conta e soma” (BRANDÃO, 2005, p. 90).

Importante destacar que a proposta não é a de negar e extinguir toda forma de competição ou consumo existente, mas que no momento atual, podemos aprender e criar juntos entendimentos sobre outras possibilidades de conviver que sejam mais cooperativas, sensíveis e de trocas. Se referindo a essa relação construída entre os seres humanos, Brandão (2005) aponta que “quase tudo o que vivemos ao partilhar com outros em nossas vidas uma variedade muito grande de interações são experiências pessoais e solidárias que nos criam e recriam” (BRANDÃO, 2005, p. 91).

Ainda conforme Brandão (2005) compreendemos que a ênfase está nas relações de reciprocidade entre pessoas em que:

Em praticamente todas as relações intersubjetivas voluntárias e livres, o outro não apenas se comunica comigo, ele funda algo essencial em mim, nele e em nosso mundo a partir de gestos de *inter-cooperação*. E também eu nele, e por meio dele. Não sabemos ser e viver de uma outra maneira. Só conseguimos viver e experimentar a vida como uma coisa boa e valiosa, quando estamos juntos e partilhamos momentos significativos deste “estar juntos” (BRANDÃO, 2005, p. 91).

“Viver e experimentar a vida como uma coisa boa e valiosa” como coloca o autor acima, pode se encaixar a diversos contextos, mas aqui aproximaremos ao jogar e brincar porque nos remete diretamente ao que acreditamos ser a essência do tema (BRANDÃO, 2005, p. 91).

Conforme Gros (2012) “a valorização do instante presente, a disponibilidade às alegrias naturais, a riqueza da simplicidade”, são características que nos colocamos em defesa e em discussão (GROS, 2012, p. 265). Fazemos assim um movimento de afronta ao abordarmos o jogo e o brincar, por estarem alocados em um conjunto de práticas que são rejeitadas e desvalorizadas pelo sistema capitalista, mas que foram e continuam sendo presentes em nossa sociedade.

Para a sociedade chegar até o momento atual ocorreram diversos confrontos, afetos, perdas e ganhos, invenções e descobertas, movimentos variados que são igualmente valiosos e que marcam os caminhos de nossa história. Pela perspectiva de Huizinga (2017) só nos tornamos homo porque primeiro somos ludens, e é a partir do jogo que nos humanizamos, ao



passo que entendemos as regras da sociedade nos colocamos nela e por essa lógica, bem resumidamente, viver é jogar.

Nesse sentido, frente a discussão perguntamos: O jogo e a brincadeira ainda fazem parte do viver em sociedade? Como podemos olhar para esses dois conceitos? E porque essas questões se fazem importantes nessa trama de discussão?

Figura 1 “Jogos Infantis”, do artista Pieter Bruegel.



Fonte: <http://meusbrinquedosantigos.blogspot.com/2012/04/pieterbruegel-jogos-infantis.html>

A imagem acima é de uma pintura feita por Pieter Bruegel, no ano de 1560, chamada “Jogos Infantis”, com 250 pessoas brincando pelas ruas em 84 brincadeiras e jogos. Essa pintura pode ser encontrada em alguns sites, sua descrição é de que são crianças brincando, mas olhando atentamente parece ter crianças e adultos, vivendo e experimentando juntos, jogos e brincadeiras.

Esse quadro chama atenção por diversos pontos, o primeiro, se observarmos o ano que foi feito (1560), podemos encontrar jogos e brincadeiras que existem, praticamente realizadas de maneira igual, ainda nos dias de hoje. Outro ponto é que, considerando a possibilidade de serem adultos e crianças brincando juntos, podemos pensar que os tempos para os afazeres do cotidiano poderiam estar distribuídos de maneira diferente, talvez a maior parte do dia fosse

para o brincar e uma parte pequena para os trabalhos da casa e do campo, ou mais interessante ainda, pensar que as tarefas e trabalhos se davam em meio ao brincar, de maneira que ambos estavam entrelaçados e condensados. Mais um ponto que nos chama a atenção e que gostaríamos de destacar é que o quadro revela os jogos e as brincadeiras como o motivo que unem adultos e crianças, no mesmo tempo e espaço.

Notamos que o jogo e a brincadeira foram e ainda são fundamentais para as relações em sociedade. Observamos como sendo pontes de ligação entre a experiência de vida e a sociedade que é criada e cresce. Com essa discussão aproveitamos para estabelecer um diálogo entre os autores que vem a seguir. Contribuindo com esse estudo estão Huizinga, Caillois e Buytendijk, entre outros, para pensarmos: Seria a sociedade que se fez em jogo e brincadeira ou o contrário? Ou poderíamos compreender como um ciclo contínuo?

O jogo por Huizinga, em seu livro “Homo Ludens” destaca a importância do fator lúdico para a civilização, com o objetivo de integrar o conceito de jogo no de cultura, entendendo que ele é um fenômeno cultural que ultrapassa maneiras de ser exatamente descrito ou definido, não se limitando aos seres humanos.

A existência do jogo não está ligada a qualquer grau determinado de civilização, ou a qualquer concepção do universo. Todo ser pensante é capaz de entender à primeira vista que o jogo possui uma realidade autônoma, mesmo que sua língua não possua um termo geral capaz de defini-lo. A existência do jogo é inegável (HUIZINGA, 2017, p. 6).

Ainda pelo mesmo autor, encontramos ao longo de suas colocações algumas características principais ao explicar que jogo corresponde à: uma atividade voluntária, de ser livre/ser liberdade, de levar a pessoa que joga a uma evasão temporária da vida real e ao mesmo tempo capaz de envolver a pessoa de maneira total à situação do jogo. Pode também proporcionar na pessoa sensações de tensão, alegria e mistério. Huizinga (2017) explica que o jogo não comporta qualquer interesse material, sendo que “não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras” (HUIZINGA, 2017, p. 16).

Conforme Huizinga (2017) o jogo é uma atividade que gera o sentimento de ser um momento diferente dos que estamos acostumados na vida cotidiana, por comportar uma atitude de entrega, em que de maneira livre ou como uma ocupação voluntária ocorre “dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo” (HUIZINGA, 2017, p. 33). Sobre ter um fim em si mesmo, é dizer que o que importa é jogo, nada antes ou depois, mas somente

o que nele acontecer de maneira que sua finalidade corresponde ao que nele, no jogo, for experienciado.

O autor Roger Caillois, em seu livro “Os jogos e os homens” escrito a primeira versão francesa em 1967, define que essencialmente o jogo é: “livre” uma atividade divertida, alegre e atraente, que não pode ser uma obrigação para quem participa; “separada” por conter um tempo e espaço definido pelo participante, “incerta” pois o desenrolar é sempre uma surpresa; “improdutiva” por não criar nem bens, nem riquezas do tipo material; “regrada” com combinados pré-estabelecidos ou já existentes pelos participantes; “fictícia” ao abordar outra realidade em relação a vida cotidiana.

Se considerarmos o jogo de maneira isolada, sozinho, seguindo as linhas que Caillois (2017) aponta, os aspectos descrevem o fenômeno, mas quando analisamos o jogo sendo jogado por pessoas, ele ganha outras dinâmicas, regras, estruturas de ser que são colocadas e organizadas por quem vive o jogo. Dessa maneira, cada jogo compõe mais do que sua classificação, pois cada pessoa, cada grupo em seus países e continentes diferentes, incrementam nele características, ritmos, intencionalidades e significados que condizem a determinado contexto de cada jogador.

Acreditamos que a estrutura dos jogos pode ser modificada por conta da relação que é construída entre as pessoas que jogam. Por exemplo, quando os pais jogam com seus filhos, desenvolvem uma relação entre ambos que pode ser de confiança, de aproximação. Assim, destacamos que são as pessoas, nas relações e com suas demandas, desejos e contextos que organizam a maneira que o jogo será e porquê. Sabemos que nem sempre a relação é algo simples, pois há momentos que o jogo pode carregar relações de dependência, como sendo um vício, que pode ser desafiador e dominador ao mesmo tempo. Nesse caso estão jogos de sorte e azar, em que o jogador se perde na relação, perde o controle das trocas com o contexto e acaba se envolvendo a uma relação com o jogo que aliena.

Caillois (2017), registrou algumas categorias para os jogos, que são: Agôn, Alea, Mimicry e Ilinx. Apresentando brevemente cada uma delas, Agôn corresponde sobretudo aos jogos com regra, de competição, Alea estão os jogos de sorte, azar ou ainda acaso, no Mimicry estão jogos de simulacro, com elementos da mimica, representação e disfarce, e a categoria Ilinx, que estão jogos de vertigem, em que a desestabilidade e a aventura fazem parte. Dessa maneira, o autor revela um caminho que organiza alguns tipos de jogos, com suas características marcantes, em categorias definidas, mesmo que um jogo possa conter elementos de duas ou mais categorias. Olhamos para essa classificação como uma produção importante, que

contribuiu para discussões vindas com o passar dos anos, por outros autores e que foram somando olhares e entendimentos no assunto.

Huizinga (2017) considera que “os animais brincam tal como os homens” (HUIZINGA, 2017, p. 3). Mas partindo de Buytendijk (1977) o jogo é humano, e assim, para a discussão é importante trazer que o sentido e significado que é atribuído ao jogo é feito pelo ser que é humano. Podemos analisar que o animal quando domesticado e por conviver com o humano, pode apresentar comportamentos muito parecidos e que correspondem ao ser que ele está em contato.

Buytendijk (1977) no capítulo chamado “O jogo humano” destaca que o sentido e o significado do jogo nascem a partir da pessoa que o viveu, respeitando nesse processo que o sujeito da experiência é único e por isso cada pessoa apresentará possibilidades diferentes para os jogos e respectivamente, para o que ele significa. O autor coloca ênfase na relação do jogo com a formação humana mais interna ao apontar que “todo jogo humano é de algum modo relacionado com o fundamento irracional e obscuro dos nossos instintos e paixões, capacidades, disposições, condições e estados de ânimo, e com o também inteiramente inexplicável elemento criador em cada atividade” (BUYTENDIJK, 1977, p. 66).

Em concordância Klisys (2010) colabora ao dizer que “brincar é uma atividade carregada de afeto e envolvimento pessoal e, portanto, humana em toda sua complexidade” ao desvelar esse aspecto fala da formação afetiva e relacional que gera nos seres humanos.

Ainda por Buytendijk (1977), em todo jogo está presente um componente que ele chama de “vaivém lúdico”, em que acontece uma oscilação entre fantasia e vida cotidiana, em que ora estamos mais próximos de um lado ora de outro, mas que com facilidade fazemos esse “vaivém”. Dentro do contexto de jogo, esse vaivém é o movimento que transporta/interage jogador para realidade e vice-versa. Por essa compreensão conseguimos olhar para os momentos que ocorrem ao longo do dia, em meio ao trabalho ou ao estudo com um colega, quando por exemplo acontece alguma brincadeira e comentamos algo, imaginamos uma cena, criamos e partilhamos essa viagem, nesses momentos vivemos o que chamado “vaivém lúdico”, em que nos entregamos em ir e voltar entre ludicidade e tarefa, ou situação que se encontra.

Em outras culturas como aponta Miranda (2010), os Kalapalo compreendem o brincar como sendo o “próprio sentido da vida adulta” pois compreendem que em toda atividade que estão a expressão da cosmologia dá sentido e justifica a cultura do povo (MIRANDA, 2010, p. 11). O início da vida e todos os processos que nos envolvemos são de profunda importância, e o brincar é um desses que faz parte das trajetórias.

Ainda sobre os Kalapalo, destacamos que o aspecto lúdico está presente, mas que não se limita a ocorrer apenas no momento da brincadeira ou do jogo “mas em todas as relações da vida cotidiana da aldeia” (MIRANDA, 2010, p. 11). Com essa colocação revelamos que é com essa perspectiva que acreditamos no brincar humano, em sociedade e ao longo da vida.

Ao adentrarmos na questão do brincar na vida de adultos destacamos que também as memórias do brincar, correspondem a um elemento valioso, pois essas continuam presentes no adulto e de maneiras diferentes se manifestam. Estamos falando de um brincar que existiu, foi vivido e que ainda se mantém vivo cada vez que é narrado, participando na formação do ser humano, em suas histórias do brincar. Falamos de um brincar perene no viver e miramos para seu potencial na formação dos seres humanos.

Acreditamos que “o jogo conta a vida de maneira atemporal. Mesmo desenhado por elementos e expressões que o tempo desatualiza, e rearranjando as condições humanas, é um registro cultural vivo, repleto de significados” (MIRANDA, 2010, p. 11). Dessa forma miramos para os jogos e brincadeiras compreendendo que acompanham os caminhos da sociedade, e em específico, está presente na trajetória de vida de cada ser humano ao longo do viver. Carregam elementos do passado, mas são flexíveis, se transformam e se apresentam de outras maneiras. Estão nas memórias e incorporados nas experiências atuais. Revelam características e significados de quem são e onde estão os seres humanos.

Para encerrar esse capítulo indicamos ao leitor o encontro com o filme “O menino e o mundo” (2014), que é construído em uma trama sensível abordando desde a infância de um menino que vive no campo, por meio de suas lembranças de momentos com o pai e a mãe, depois com a ida do pai para a cidade e uma mistura de quando o menino também vai para a cidade, ainda enquanto menino mas também como adulto. Em certo momento o filme coloca menino e adulto juntos, nas descobertas, bonitezas do mundo com a arte, a música, as cores e também com a poluição, trabalho, tristezas, batalhas, injustiças, em que o menino, o adulto e o mundo se entrelaçam.

Um filme encantador e cheio de significados delicados que na ausência de diálogos verbais, nas cores, desenhos e situações, o filme nos coloca a refletir. No mundo estamos nós, as pessoas, as escolhas, o que fazemos, o que vem do mundo (que nos empurra) e as lembranças que aconchegam e que geram outra experiência. Nos mostra que são poucas as vezes que temos o controle do rumo, porque em muitas trajetórias de vida as escolhas e oportunidades já estão dadas e as vezes tão definidas que o exercício é de resistir. Por meio do filme, refletimos que podemos tomar as rédeas do nosso caminho até certo ponto, de outro lado vem (des)encontros, os contextos que nos prendem, preenchem ou nos lançam e a mística das surpresas.

Colocamos em destaque esse filme porque ele dialoga com essa pesquisa e também por ser uma produção brasileira valiosa que traz muitos olhares para caminhos da educação. Um menino conhece o mundo, e simbolicamente, por minha compreensão, ao mesmo tempo que é adulto é menino. Menino que conhece e se assusta com as coisas do mundo e adulto que entra no esquema já imposto e sobrevive a rotina, comida enlatada, trabalho, mas que carrega suas memórias da infância e consegue encontrar espaços e pessoas que partilham da arte, música, que são colocadas como a parte colorida do filme, como o colorido da vida.

Para finalizar, e como encaminhamento para a próxima parte de discussão teórica, contamos que o cantor Emicida fez a canção “Aos olhos de uma criança” (2014) para o filme e brincando com as palavras diz: “menino mundo, mundo menino, menino mundo, mundo menino”, que também nos fez pensar na relação do viver com o mundo, de ora o menino ser mundo e ora o mundo ser menino. Tamanha poesia, sensibilidade e verdade fazem parte do filme e da música, que fica então, como sugestão para o(a) leitor(a).

## 1.2 A criança interior do adulto

Figura 2 Cena do filme “O menino e o mundo”, direção de Alê Abreu.



Fonte: Recorte de imagem feito pela autora (2020)

*Na bicicleta, menino e adulto abrem os braços, sentem o vento no rosto e a liberdade no coração. Ambos de peito aberto para o mundo, entrelaçados pelo que vem de antes e continua em agora (comentário da pesquisadora).*

O encontro com a infância nesse estudo se propõe acontecer a partir da memória, por meio das narrativas de histórias. Acreditamos que muito do que vivemos fica registrado na memória, como o sabor do prato preferido, o cheiro da flor que nasce da árvore em frente de casa, as marcas das quedas nos joelhos ralados, o abraço que socorreu, a sensação de acolhimento, a risada longa que doeu a barriga, a sede depois de brincar na rua. As memórias são histórias vividas que guardam nosso passado e ao mesmo tempo são momentos de reflexão e formação a cada lembrança.

Começamos a discussão revelando que entraremos no tema da infância, da construção interior e exterior dos seres humanos, mas nos debruçaremos com maior ênfase ao conceito da criança interna. Nesse sentido, a imagem da cena do filme com o adulto que leva consigo o menino também apresenta nossa perspectiva, focando na presença-partilha de ambos na entrega que é viver.

Nos referimos a infância como sendo um grande pano de fundo de nossos porquês, medos, referências, onde nosso consciente e inconsciente se perdem e se encontram dentre

tantos caminhos percorridos na formação do nosso ser. Infância como momento da vida que estamos abertos para o mundo. Com o passar dos anos vivemos processos de aprender e ensinar, considerando que cada pessoa terá suas singularidades vindas da infância. Singulares porque mesmo que duas pessoas tenham vivido no mesmo contexto, as experiências vividas terão sido diferentes, porque somos únicos, sentimos, imaginamos, reagimos cada um à sua maneira (LARROSA-BONDÍA, 2002).

Ao tratar de infância, podemos nos reconhecer em situações vividas pelo outro, por exemplo, quando ouvimos o relato sobre quando alguém andava de bicicleta na rua de casa, ou quando se deliciava com seu prato favorito feito pela mãe ou pela avó, ou ainda no subir em árvore para pegar frutas, são atividades que nos vemos, nos aproximamos uns dos outros. A experiência<sup>1</sup> é específica de quem viveu, de maneira que, dentro dela ocorre “o que acontece numa viagem e que tem a suficiente força como para que alguém se volte para si mesmo, para que a viagem seja uma viagem interior” (LARROSA, 2017, p. 67). Uma viagem formativa para si, mas que também há a possibilidade do relacionamento e identificação com à atividade, o conteúdo central, que se revelar comum na história. Nesse sentido, as infâncias podem ser muitas e diversas, mas carregam a possibilidade do encontro, da aproximação pelo repertório vivido.

[...] falar de infância é como tentar pegar a maçã no escuro, ouvir o assovio no vento escuro, sentir a veia no pulso, tentar fotografar o perfume. Como desenhar o menino? Como desenhar a infância? Como falar da infância sem interceptar seu voo de pássaro livre? Como se aproximar de um objeto que vive fugindo? (DINIS, 2006, p. 201).

Partilhamos a dificuldade que envolve escrever sobre o que existe fora da escrita, escrever sobre a infância é um desafio pois queremos tal boniteza livre, nosso desejo não é defini-la em palavras. Queremos a infância presente e viva nesse estudo, sabendo do quanto ela nos escapa pelos dedos quando queremos pegá-la, escapa pelos braços quando queremos abraçá-la, mas a presença existe e valorizamos a grandiosidade que contém em si.

Por mais que muito já tenha sido dito e definido sobre o tema, assumimos aqui, conforme Larrosa (2017) que “a presença enigmática da infância é a presença de algo radical e irreduzivelmente outro” que devemos pensá-la na medida que nos escapa, inquieta e coloca tudo que já sabemos em questão (LARROSA, 2017, p. 232). Pelo mesmo autor, se miramos para

---

<sup>1</sup> O conceito será aprofundado na próxima parte do referencial.



infância enquanto enigma, a criança que nela vive traz a ideia do novo, do que nasce e rompe com estruturas e entendimentos sedimentados.

Infância que é história e não tem data nem divisão determinada, mas que nasce junto com toda criança. Infância que em cada pessoa acontece no seu tempo, momento único e que todos retomamos tendo como referência a que vivemos. São tantas infâncias, tantas experiências vividas, que se torna complexo falar do conceito infância como se alguma afirmação fosse dar conta de contemplar as muitas e diferentes infâncias.

Então sem fechar em uma idade contada, cronológica, dizemos que é na infância que começamos a construir um caminho, ela é a base, e se com o passar do tempo caminhamos e aguentamos os tropeços, surpresas, batalhas e conquistas é porque tivemos onde nos alicerçar. Conforme aponta Ostetto, as infâncias “nos fazem lembrar a renovação da vida e não nos deixam esquecer que viver é aventurar-se” (OSTETTO, 2007, p. 201).

Ao falar dos caminhos diversos de infâncias e da aventura que isso engloba, propomos seguir com a reflexão e aproximação sobre como é formado nosso funcionamento psíquico a partir do que Freud aponta referente ao consciente e inconsciente. Nosso consciente como a parte que está a mostra, que revelamos em meio social, em contato direto com as pessoas ao redor, e a parte que não está tão amostra, como se fosse as raízes de uma árvore, que por vezes é muito maior do que o tamanho da própria árvore. Sendo o inconsciente, assim como a parte das raízes, a que nutre e mais sustenta toda a estrutura.

Conforme Freud (1996), refletindo sobre as estruturas de nossa personalidade, somos formados pelo “id”, “ego” e “super ego”. Em específico, a obra “O ego e o id” nos sustenta para essa entrada que faremos a seguir para apresentar como compreendemos o consciente e inconsciente.

Segundo Freud (2011) o id corresponde à uma parte de nosso inconsciente que contém a base da energia psíquica, e é a parte que não controlamos de maneira racional, nem por ética ou valores. Nessa estrutura está a busca pela realização de criações, desejos e sentimentos. Geralmente nos sonhos acessamos um pouco dessa última estrutura citada.

Em seguida, o ego se desenvolve a partir do id e permeia tanto nosso consciente como inconsciente, por intermediar fantasia e realidade. Refere-se ao processo de conhecer as regras e valores que conforme nosso crescimento são aprendidas e nela, cada pessoa faz suas escolhas obedecendo aos princípios da realidade e suas necessidades. Nessa estrutura buscamos atender e balancear de maneira racional as questões entre nosso mundo interno e externo.

O super ego surge do ego e corresponde a uma estrutura que também está em nosso inconsciente e consciente, relacionado as leis e valores que nos rodeiam, também é o

responsável por sensações de culpa, remorso, orgulho e felicidade. Ele ocorre diretamente no meio que estamos envolvidos, na família que crescemos, com as pessoas que mantemos amizade, na religião que seguimos, na escola que frequentamos, de maneira geral, é sobre a estrutura que nascemos, crescemos e estamos sendo construimos. Essa parte corresponde ao meio sócio cultural.

Todas as estruturas citadas, agem em nosso interior, em intensidades diferentes e estão interligadas. Nossas escolhas são diretamente influenciadas por essas estruturas internas, em que consciente e inconsciente interagem com fantasias, realidade externa e meio social que estamos atualmente.

Contemporâneo a Sigmund Schlomo Freud trazemos Carl Gustav Jung, para complementar e aprofundar a discussão. Partindo do conhecimento apresentado por Freud sobre o inconsciente e consciente continuaremos com alguns conceitos trabalhados por Jung. Abordar essa formação interna humana é importante para compreendermos as relações que vão sendo construídas nas pessoas e com seus contextos, destacando que estamos em trocas constantes e relações em que um interfere e modifica o outro.

Segundo Jung (1986) a consciência pessoal é construída como um edifício que tem como base o inconsciente coletivo, que normalmente não sabemos de sua existência, mas comporta conteúdos que “muitas vezes não apresentam o menor vestígio de uma qualidade pessoal” (JUNG, 1986, p. 110). Ainda conforme Jung (2000) o inconsciente coletivo é compartilhado por toda humanidade, são registros de tudo que já aconteceu e que seguem acontecendo.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade (JUNG, 2000, p. 53).

O conteúdo que existe no inconsciente coletivo é herdado e formado de formas pré-existentes, conhecidas como arquétipo. Conforme Jung “o conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar” (JUNG, 2000, p. 53). Os arquétipos são então, as ideias primordiais, vindas e compartilhadas pelo inconsciente coletivo que influenciam e compõem a construção da psique humana.

Jung (2000) coloca que os arquétipos são os conteúdos e para exemplificar, de maneira breve, colocamos que correspondem a imagens que nos influenciam, que carregam uma perspectiva simbólica, que no imaginário coletivo representam e significam. Nesse sentido Jung apresenta alguns arquétipos como o da criança, do pai, da mãe, do herói, que são figuras que representam um conteúdo, uma imagem para o coletivo.

Ainda sobre os arquétipos, Jung (2000) destaca que aparecem no indivíduo “como manifestações involuntárias de processos inconscientes” vindos de formações de outras épocas, que fazem referência a “um mundo anterior originário, com pressupostos e condições espirituais que ainda podemos observar entre os primitivos atuais” (JUNG, 2000, p. 155).

Apoiados no sentido simbólico, vindo de Jung (2000) ele se refere a criança considerando-a enquanto arquétipo, cuja imagem/conteúdo está presente em várias culturas.

O motivo da criança não representa apenas algo que existiu no passado longínquo, mas também algo presente; não é somente um vestígio, mas um sistema que funciona ainda, destinado a compensar ou corrigir as unilateralidades ou extravagâncias inevitáveis da consciência (JUNG, 2000, p. 163).

Tudo que passamos e sentimos faz parte de quem somos, mesmo que esteja em lembranças de muitos anos atrás, tudo nasce com a criança que fomos e continua preservado e vivo em nós ao longo da vida. De maneira tranquila ou não tanto, podemos acessar esse conteúdo interno conforme nossa necessidade, interesse ou em momentos que a vida nos surpreende, que conforme Jung (2000) pode conter recordações de tradições passadas, “vestígios de fatos reais” ou ainda outras de “natureza puramente mitológica” que conforme o autor, umas terão origem externa e outras interna.

Então, como se tivéssemos/fossemos um grande diário, em que tudo fica registrado, sejam ideias, dores, aprendizados, prazeres, cada detalhe pode ser acessado em qualquer momento da vida, no retomar a algo que nos conecta a vestígios da formação de nossa consciência.

Segundo Jung (2000) tudo está guardado desde a nossa infância, talvez desde a vida uterina ainda, e constitui nossa base, o infantil.

A criança nasce do útero do inconsciente, gerada no fundamento da natureza humana, ou melhor, da própria natureza viva. É uma personificação de forças vitais, que vão além do alcance limitado da nossa consciência, dos nossos caminhos e possibilidades, desconhecidos pela consciência e sua unilateralidade, e uma inteireza que abrange as profundidades da natureza. Ela

representa o mais forte e inelutável impulso do ser, isto é, o impulso de realizar-se a si mesmo (JUNG, 2000, p. 171).

Ostetto (2007) colabora na discussão da concepção de criança interna junguiana no texto “Na jornada de formação: tocar o arquétipo do mestre-aprendiz” ao colocar que a imagem arquetípica da criança comporta a completude pois “traz consigo a possibilidade de irromper como acontecimento inovador e inteiro, porque está próxima da origem” (OSTETTO, 2007, p.199). Retomamos Jung (2000) pois em convergência coloca que um aspecto importante do motivo da criança é com seu “caráter de futuro”, abarcando tanto a volta, a retrospectiva, mas que ela também contempla e faz parte do movimento da vida como fluxo, em “um fluir para o futuro e não um dique que estanca e faz refluir” (JUNG, 2000, p. 165).

Ao nos reportarmos ao termo “criança interna” nos referimos ao que entendemos como a experiência da infância de cada pessoa. Por Jung, de caráter simbólico, a figura da criança interior traz à tona os aprendizados que ficaram da infância, revela segredos e desejos pois são recordações de origem interna “[...] e têm grande importância para a vida psíquica ulterior da pessoa. A maioria das impressões surgidas nos primeiros anos de vida se torna rapidamente inconsciente e forma a camada infantil do *inconsciente pessoal* como o denominamos” (JUNG, 1986, p. 109).

Conforme aponta Abrams (1999), de maneira simbólica e poética a criança interior continua inteira na parte de nós que é capaz de se encantar com o que é simples e com as pequenas coisas. Isso acontece porque “todos nós carregamos aqui dentro uma criança eterna, um jovem ser inocente e maravilhoso. E essa criança simbólica também nos carrega, carrega quem fomos, o registro de nossas experiências de formação, de nossos prazeres e dores” (ABRAMS, 1999, p. 11).

E pode surgir a questão: Porque trazer o entendimento do existir da criança interna? Nesse caminho de discussão que nos propomos é fundamental compreendermos que ela está nas relações que fazemos com as pessoas, com as escolhas feitas nos tempos, trabalhos, restrições ou liberdade, momentos em família e brincadeiras. Está dentro de tudo que somos e fazemos, “a criança interior é um símbolo de união que reúne partes separadas ou dissociadas da personalidade individual” (ABRAMS, 1999, p. 11).

É nesse retorno a criança interior que o adulto, ao narrar suas experiências, suas histórias de vida, tem a possibilidade de encontrar-se, de reconhecer-se. Acreditamos que para o adulto segue sendo importante ser criativo, e isso se manifesta em todas as esferas da vida, seja na

família, estudos, em viagens, no trabalho, na relação com os amigos. É no ato de criar que nos realizamos, que deleitamos nossos desejos, que satisfazemos nossas vontades.

A satisfação de nossos desejos guardados se relaciona com as coisas que já conhecemos, ou as que ainda temos curiosidade. De maneira que ao recordar as primeiras experiências vividas nelas pode “emergir outras recordações, imagens positivas de acontecimentos que deram apoio à exuberância, à curiosidade e à exploração audaciosa do mundo” contribuindo para movimentos de ações e desejos no presente (SULLWOLD, 1999, p. 35).

Assim, ao adentrarmos no território das raízes, origens que comportam os impulsos da criação compreendemos conforme Abrams (1999) que:

A criança interior aparece em nossa imaginação, em nossos sonhos, em nossa arte e nas mitologias do mundo todo, representando a renovação, a divindade, o entusiasmo de viver, uma sensação de deslumbramento, esperança, o futuro, a descoberta, a coragem, a espontaneidade e a imortalidade (ABRAMS, 1999, p. 11).

Colocado por Jung (2000) o motivo da criança também é capaz de várias transformações “pode ser expresso, por exemplo, pelo redondo, pelo círculo ou pela esfera, ou então pela quaternidade como outra forma de inteireza” (JUNG, 2000, p. 165). Nesse sentido, é como se o adulto hoje, ao fazer um movimento circular dentro de suas experiências pudesse nesse círculo sem começo nem fim, mas sim contínuo, estender suas reflexões dentro das relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Então, é preciso que o adulto lembre de suas histórias para que em um sentido mais amplo de si com a criança interior, possa perceber o viver enquanto um caminho, que os passos dados são na verdade marcas contínuas e que, mesmo que passemos por mudanças, carregamos tudo em nosso ser, pois somos morada de nossa experiência e vice-versa.

Larrosa (2017) comenta que o tempo da formação do ser humano foge do tempo cronológico ou linear, explica que esse tempo, assim “como o tempo da novela, é um movimento que conduz à confluência de um ponto mágico (situado, assim, fora do tempo) de uma sucessão de círculos excêntricos” (LARROSA, 2017, p. 100). Uma formação que ocorre entrelaçada a vários momentos e de maneira não determinada, fora de uma tabulação.

Do infantil à vida adulta, temos toda passagem em tempos, situações e entendimentos diversos, mas o que nos é comum é essa parte interna que permanece viva e em formação. Parte que nasceu conosco na infância e nos acompanha ao longo da vida. Mudamos horários, tarefas, ideias e aos poucos encontramos com a vida adulta, e nesse sentido se torna fundamental o apontamento de Ostetto (2006) em que “reconhecer a presença desse outro interno seria um

caminho para o encontro, talvez reencontro, com aquelas dimensões perdidas no adulto” (OSTETTO, 2006, p. 187).

Enquanto adultos, podemos mudar muitos pontos da vida, mas de maneira esperançosa acreditamos que há uma criança interna que cuida e que; “em socorro do adulto que em algum momento balança perdido, desenraizado, amedrontado, desencantado, enredado no império da razão e da rigidez das fórmulas estabelecidas pela consciência, vem a criança” (OSTETTO, 2006, p. 188). Assim, olhamos para a possibilidade de que essa criança simbólica, interna, siga existindo e agindo de maneira singular em cada um, na formação e educação.

Das buscas que fazemos na vida adulta, são diversas as possibilidades, mas a citação a seguir colabora no ponto de que, somos a criança que fomos, ela nunca deixará de existir e de se manifestar, no consciente e inconsciente, independente de idade e/ou vontade. Temos algo grandioso e quiçá pouco percebemos.

A “criança” é portanto também “renatus in novam infantiam”, não sendo portanto apenas um ser do começo mas também um ser do fim. O ser do começo existiu antes do homem, e o ser do fim continua depois dele. Psicologicamente, esta afirmação significa que a “criança” simboliza a essência humana pré-consciente e pós-consciente. O seu ser pré-consciente é o estado inconsciente da primeiríssima infância; o pós-consciente é uma *antecipação per analogiam* da vida além da morte. Nesta idéia se exprime a natureza abrangente da totalidade anímica. Esta nunca está contida no âmbito da consciência, mas inclui a extensão do inconsciente, indefinido e indefinível (JUNG, 2000, p. 178).

Podemos olhar para a trajetória de vida como uma soma de todas as experiências vividas e que esse caminho é construído por meio de nosso contato com o mundo, com o outro e o contato com si mesmo. Assim, as trajetórias compõem tanto os elementos que correspondem a sociedade que vivemos como também as escolhas que cada um faz conforme seus desejos e curiosidades, sendo cada um uma parte e um todo, em um caminho que se constrói ao dar passo por passo. Conforme Marinho (2017) “é necessário considerar que as experiências de vida dos indivíduos são inapreensíveis em sua totalidade, de que são passíveis de serem selecionadas segundo interesses específicos a partir dos quais se busque elaborar uma narrativa” (MARINHO, 2017, p. 37).

O tema do brincar propõe levar os adultos desse estudo aos seus respectivos territórios de infância, um retorno a criança interna de cada um, gerando a possibilidade de um exercício em que é considerar sua parte interior. Perceber e permitir o encontro de si com a criança interior as pessoas vão “como que puxando fios de um labirinto” retomam conteúdos, sentimentos,

entendimentos que tornam a participar e gerar uma outra experiência (OSTETTO, 2007, p. 207).

A criança que habita em cada ser humano carrega consigo o que é familiar, espaços onde cada indivíduo se reconhece, e consegue compreender, ter a sensação de estar em casa, com as memórias das experiências. Um aconchego que vem e está no interior.

A música “Interior” que trazemos um trecho a seguir, fala do interior se referindo a cidades pequenas, local geográfico mais afastado do que são as grandes cidades ou capitais. Com a música queremos dar ênfase à questão do pertencimento, da mesma maneira que ocorre o sentimento de pertencer a determinado contexto, é essa proximidade que acreditamos acontecer nessa discussão sobre a relação com nosso interior.

*Por ser daqui, conheço as ruas e calçadas  
 Conheço o interior das casas  
 E o interior de quem vive dentro das casas  
 E o interior do interior*

*Conheço histórias que há milênios são contadas  
 outras que foram apagadas  
 conheço histórias que ainda estão encasuladas  
 só esperando acontecer*

Interior – 5 a seco

(Composição: Tó Brandileone)

De maneira simbólica dizemos que a criança interior perpassa por nossas ruas e calçadas, conhece o interior de nossa morada. É por essa imagem que organizamos nosso olhar e entendimento para essa pesquisa, em sintonia também com o que Ostetto coloca em evidência; “a criança como símbolo do espírito novidadeiro e, por isso, da renovação” (OSTETTO, 2007, p. 197). A volta a nós, o encontro que essa criança possibilita, carrega em si para além da lembrança, mas a construção de novos olhares, de novas experiências.

Permitir o encontro com nossa criança interior, nos tempos que vivemos é coisa rara, um ato de resistência frente a velocidade das informações, da falta de viver experiências, o excesso de trabalho, as preocupações, metas e pior, se deixamos de lado nossa criança interna. Assim então, nessa discussão abordamos o retorno necessário para partes esquecidas do adulto. Cada vez mais o ser humano é abarrotado de tarefas, é desviado do brincar, da arte, música, dança, da experiência com o que nos transborda em potência colocando no lugar a importância

em competir, ter dinheiro, carro, coisas. Então, por estarmos seguros e atentos acreditamos na missão de discutir e exaltar a criança eterna que vive em nós, adultos.

[...] fala-se da criança, mas dever-se-ia falar da criança que existe no adulto. No adulto está oculta uma criança, *uma criança eterna, algo ainda em formação e que jamais estará terminado, algo que precisará de cuidado permanente, de atenção e de educação*. Esta é a parte da personalidade humana que deveria desenvolver-se até alcançar a totalidade (JUNG, 1986, p. 155).

Sustentamos o encontro com a criança interior e eterna pelo adulto, porque acreditamos no potencial que carrega para com a formação do ser humano. Que esse movimento de reencontro com a criança de cada um possa, conforme coloca Ostetto (2007) transformar “a fragmentação em inteireza do ser” (OSTETTO, 2007, p. 200). E em sintonia com Jung (2000), miramos para esse encontro como sendo “um propiciador de completitude” no adentrar, no mergulho de cada pessoa e seus processos de formação e desfrute enquanto ser humano (JUNG, 2000, p. 165).

Chegamos até aqui propondo discussões de ideias e conceitos que contribuíssem na compreensão do ser humano considerando suas estruturas psíquicas, dando maior ênfase a criança interna, tendo como base principalmente a perspectiva junguiana. Acreditamos na importância desse olhar para podermos seguir para a próxima parte do referencial, no qual buscaremos abordar a experiência e a memória como parte da formação do ser humano e do conceito de educação ao longo da vida.



### 1.3 Educação, experiência e memória: formação ao longo da vida

Figura 3 “Dónde és mi hogar?”, do artista Aldo Tonelli.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/By3qKy0BEir/?epik=dj0yJnU9Y0FodEc0RII4VVVDWHQwQmFmWU9TVUM5ZHdPbC14NXYmcD0wJm49MI95dU4yTzB5Z0tTcXdXbDVYYm1SdyZ0PUFBQUFBR0VUWm5j>

O cão e a árvore também são inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: Quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação (FREIRE, 2011, p. 33).

São as dúvidas e incertezas que nos movimentam, o sentimento de que somos incompletos nos faz continuar em constante busca. Conforme Freire (2011) é na busca de ser mais que nos assumimos como sujeito de nossa própria educação. É partindo desse sentimento que propomos para essa última parte do referencial teórico partilhar nossa compreensão diante o conceito de educação e experiência para em seguida tratarmos da formação e aprendizados dos adultos, junto ao conceito de memória.

### **1.3.1. Educação e experiência**

Conforme Brandão (2007) “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante” (BRANDÃO, 2007, p. 9). Nesse sentido, acreditamos que a educação faz parte da vida, que existe e se mistura de maneira livre em todos os espaços, com e por meio de diferentes pessoas.

Buscando expressar um pouco mais sobre como compreendemos o conceito e colocamos em destaque também que todo o caminho percorrido é valioso, sendo que não se trata apenas de resultados ou de se chegar a algum lugar, mas sim de desfrutar do caminhar, que coloca Freire (2013) ao dizer que “A alegria não chega apenas no encontro do achado mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 2013, p. 139).

E ainda, conforme Brandão (2014) tomamos como base “uma educação vivida e pensada como uma experiência socialmente perene e pessoalmente permanente na vida de casa um de seus sujeitos: pessoas e povos” (BRANDÃO, 2014, p. 14). Assim, afirmamos que partimos de um conceito que é parte do viver do ser humano, presente por toda trajetória vivida.

Consideramos conforme Oliveira et al (2014) que em todas as práticas sociais há processos educativos e por essa perspectiva entramos no conceito de experiência, em diálogo ao conceito de educação, que conforme Dewey (1979) coloca “quanto mais definitiva e sinceramente se sustenta que educação é desenvolvimento dentro, por e para experiência, tanto mais importante se faz a necessidade de clara concepção do que seja experiência” (DEWEY, 1979, p. 17).

Para Larrosa-Bondía (2002) a experiência é algo que “nos passa, que nos acontece, o que nos toca” é preciso entrega, assumir o risco frente ao desconhecido e deixar acontecer. Para viver a experiência a pessoa se coloca inteira no momento vivido, ela experimenta, e para isso é preciso calma com os detalhes, com os sabores, pensamentos e sentimentos.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA-BONDÍA, 2002, p. 24).

Ainda com o mesmo autor é possível compreender mais sobre a palavra que vem do latim “experiri”, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é “periri” que se encontra também em “periculum”, perigo” (LARROSA-BONDÍA, 2002, p. 25). Sendo assim, a experiência acontece quando provamos algo e aceitamos o perigo que aquilo pode conter.

Conforme Csikszentmihalyi (1999), ainda sobre a experiência:

Viver significa experimentar – por meio de atos, sentimentos, pensamentos. A experiência ocorre no tempo, por isso o tempo é o mais escasso recurso que possuímos. Com o passar dos anos, o conteúdo da experiência determinará a qualidade da vida. Portanto, uma das decisões mais essenciais que qualquer um de nós pode fazer é sobre o modo como o nosso tempo é alocado ou investido. Naturalmente, o modo como investimos o tempo não depende apenas de nossa vontade (CSIKSZENTMIHALYI, 1999, p. 17).

Nesse sentido, para Dewey (1979) toda experiência modifica e afeta o sujeito e também interfere diante as novas experiências que estão por vir. O autor colocar que a experiência envolve a formação de atitudes emocionais, intelectuais, a sensibilidade e as situações que enfrentamos ao viver. Também aponta para “o princípio de continuidade de experiência” ao dizer que “toda e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subsequentes” (DEWEY, 1979, p. 26).

Diante o exposto até agora e apoiados em Dewey consideramos que [...] toda experiência humana é, em última análise, social, isto é, envolve contacto e comunicação (DEWEY, 1979, p. 30). Sendo assim, a experiência, mesmo que vivida por uma pessoa, em sua formação de ideias, sentimentos, desejos e ações, contempla e carrega características sociais, tendo assim, “um lado ativo, que muda de algum modo as condições objetivas em que as experiências se passam (DEWEY, 1979, p. 31).

Ainda refletindo sobre a experiência, contextos e pessoas:

Em uma palavra, vivemos do nascimento até a morte em um mundo de pessoas e cousas que, em larga medida, é o que é devido ao que se fez e ao que nos foi transmitido de atividades humanas anteriores. Quando se ignora este fato, trata-se a experiência como algo que ocorre exclusivamente dentro do corpo e da mente das pessoas (DEWEY, 1979, p. 31).

Destacando assim a conexão de educação com experiência, é importante a compreensão de que essa relação vai nos construindo. São as experiências vividas que nos formam e que também são formadas, em sintonia de troca, de que algo se soma ao ser humano e também no que ele fez contato. Assim, destacamos que pensamos a educação “a partir do par experiência/sentido” (LARROSA-BONDÍA, 2002, p. 20).

Mariotti (2001) colabora ao colocar que “construímos o mundo em que vivemos durante nossas vidas. Por sua vez, ele também nos constrói ao longo dessa viagem comum. Assim, se vivemos e nos comportamos de um modo que torna insatisfatória a nossa qualidade de vida, a responsabilidade cabe a nós” (MARIOTTI, 2001, p. 10). Concordamos que somos construídos no viver com o mundo e que também temos responsabilidade pelo o que intencionamos, fazemos ou não nos caminhos do viver.

Conforme Mariotti (2001) é em nossa trajetória de vida que construímos nossos conhecimentos do mundo e que talvez não seja de imediato, mas participamos das modificações como no exemplo que o autor conta sobre um passeio pela praia, que ao final do trajeto “estaremos diferentes do que estávamos antes. Por sua vez, a praia também nos percebe. Estará diferente depois da nossa passagem: terá registrado nossas pegadas na areia – ou terá de lidar também com o lixo com o qual porventura a tenhamos poluído” (MARIOTTI, 2001, p. 10).

Refletimos então, tal como fazemos quando nos deparamos com alguém, com uma paisagem ou uma situação, pois é no ato de refletir que mergulhamos em “um processo de conhecer como conhecemos, um ato de voltar a nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir nossas cegueiras e reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são, respectivamente, tão ativos e tão tênues quanto os nossos (MATURANA; VARELA, 2001, p. 30).

A experiência que temos com tudo que nos cerca e com o que somos, estamos sendo, nos remete a reflexões que como Maturana e Varela (2001) destaca, “todo ato de conhecer faz surgir um mundo” (MATURANA; VARELA, 2001, p. 32).

O mundo que surge no ato de conhecer está diretamente ligado a quem somos, desde o que forma nosso consciente e inconsciente e se estende a outras partes de nós, no que sentimos, que pensamos. Se manifesta também no todo que é o nosso ser, no cotidiano, no convívio social, cultural, político, nos gostos e valores. Conforme Maturana e Varela (2001) “não há

descontinuidade entre o social, o humano e suas raízes biológicas. O fenômeno do conhecer é um todo integrado e está fundamentado da mesma forma em todos os seus âmbitos” (MATURANA; VARELA, 2001, p. 33).

Conforme Mariotti (2001) “a vida é um processo de conhecimento” em que os seres humanos constroem tais conhecimentos por meio de uma postura ativa, na ação, na busca e interação. Nesse sentido o autor coloca que aprendemos vivendo e vivemos aprendendo, destacando a importância da experiência para a formação (MARIOTTI, 2001, p. 12).

Ainda sobre como ocorre o processo de conhecer, em diálogo com a discussão até aqui estruturada, Carro (2015), no prefácio do livro “Dar la palabra a la experiencia: el reconocimiento de las competencias invisibles de los adultos en la formación” inicia apontando que:

“El aprendizaje a lo largo de la vida lo impregna todo. Cada persona acumula con el tiempo un bagaje de experiencias de vida y de conocimientos que van dando sentido a su trayectoria personal y configuran el perfil de quiénes somos. Las inquietudes surgidas en los contextos no formales e informales aportan el aprendizaje que nos ayuda a gestionar la vida adulta. Lo que no se ha aprendido en los contextos formales al inicio de la infancia y juventud se va construyendo con el tiempo a medida que se hace necesario y es, posteriormente, cuando nos damos cuenta de las carencias y de las necesidades para seguir construyendo nuestra vida en la comunidad (CARRO, 2015, p. 9).

Acreditamos que é ao longo da vida que aprendemos e ensinamos, que a educação está imersa nas relações entre o ser humano e o vivido. Assim que nascemos tem início esse aprender e ensinar, defendemos que ocorre tanto em espaços escolares como os não escolares. É experienciando momentos, criando relações humanas e no encontro de si consigo mesmo e no encontro com o outro, que nos educamos. Esse movimento é valioso, como lembra Larrosa-Bondía (2002) ultrapassa qualquer tentativa de quantificar pois “[...] pensar não é somente “raciocinar” ou calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas; e sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (LARROSA-BONDÍA, 2002, p. 21). Perpassando o campo que corresponde ao simbólico, do sentido e significado, se relacionando com o que cada pessoa qualitativamente sente e guarda.

Entendemos a educação ao longo da vida ou ainda, a educação permanente como termos importantes que sustentados por Freire (1997) se revelam como processos de humanização. Nesse sentido, “a educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude” (FREIRE, 1997, p. 20). E ainda, conforme Freire (1997) é considerando a vocação ontológica do ser

humano para ser mais, que fica em destaque os processos de educar e aprender, presentes e permanentes em todo espaço e prática social.

Ao abordarmos o conceito da experiência entramos em todos os campos que ela pode ocorrer, seja na educação formal e informal. Em todos os espaços e tempos ela será valiosa na formação do ser humano. Para o termo de educação formal, compreendemos que estão as escolas e/ou universidades e para a educação não formal, estão clubes, projetos e para a educação informal corresponde à grupos que se encontram para alguma prática específica de interesse comum, seja no café com a família, em um encontro para dançar ou pedalar de bicicleta.

Carré (2012) nos sustenta ao apresentar o conceito de educação informal, como a que acontece fora de estruturas educativas (escolas, universidades, centro cultural, etc) e “seus conteúdos não se estruturam segundo uma lógica de aprendizagem, mas segundo sua própria lógica ligada à ação” (CARRÉ, 2012, p. 195). E que nessa, o indivíduo desenvolve um papel muito decisivo em meio ao, seu próprio e também do coletivo, processos educativos decorrentes.

Compreendemos que toda educação acontece entre pessoas e o mundo, seja de maneira sistematizada ou não, e sua finalidade é “abrir janelas de conhecimento sobre o mundo” e perceber que a partir disso ocorrem as relações e os processos educativos que cada pessoa se apropria (GOHN, 2006, p. 29). Destacamos assim, a importância de todos os diversos espaços em que a educação ocorre, seja como for, cada um à sua maneira.

E ainda, como valioso e fundamental é o ato de reconhecimento das aprendizagens do cotidiano enquanto saberes. Isso fortifica o entendimento de que o saber extrapola sistemas e métodos de ensino, pois “o saber não existe em si pronto para ser transmitido, mas encontra-se inextricavelmente ligado à atividade dos sujeitos em contextos diversos, comuns e incomuns, sempre particulares e situados” (BROUGÈRE; ULMANN, 2012, p. 2)

Junto a experiência está o sujeito da experiência, que o autor descreve como a pessoa que “se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (LARROSA-BONDÍA, 2002, p. 25). Assim, o sujeito precisa estar aberto, disposto ao que pode acontecer, ao imprevisível e incontrolável. Por esse autor, o sujeito precisa ser parceiro da liberdade de movimentos que a vida tem, que seja capaz de formar-se e transformar-se conforme os momentos e as relações vividas.

### 1.3.2. Memória e formação do adulto

Propomos agora que foquemos nosso olhar para a formação do adulto, pensando em o quanto as experiências vividas ensinaram e o quanto ainda seguem ensinando, sendo parte da construção de aprendizagens e saberes na vida adulta.

El cambio paradigmático sobre la formación del adulto como aprendiz, sobre el valor formativo de la experiencia, ha dotado de una importancia sin precedentes, como criterio organizativo de procesos formativo de las dimensiones tácitas del currículo o, para usar una terminología que radique en la investigación cualitativa (por ejemplo las historias de vida sobre el recorrido formativo) [...] (DI RIENZO, 2015, p. 147).

O adulto então segue sendo aprendiz e as experiências revelam um valor formativo qualitativo, em que os sentidos e significados estão vivos em suas histórias. Neste estudo colocamos maior ênfase em um dos elementos importantes na formação do adulto, que são as memórias do brincar. As memórias de experiências brincantes correspondem ao que foi vivido e que ainda podem emergir e ter sentido em situações, escolhas, pensamentos e sensações que o adulto vive em seu cotidiano.

Ao entrarmos no conceito de memória, começaremos observando o momento atual que ainda se revela atrelado as informações e tecnologias conforme aponta Bosi (1994), a seguir.

Hoje não há mais conselhos, nem para nós nem para os outros. Na época da informação, a busca da sabedoria perde as forças, foi substituída pela opinião. Por que desprezar com esforço a verdade das coisas, se tudo é relativo e cada um fica com sua opinião? Isto também deriva das relações de produção que expulsam o conselho ao âmbito do falar ao vivo (BOSI, 1994, p. 85).

Com o passar dos anos, das épocas a autora coloca que a busca dos saberes vai perdendo força e sendo substituído pela opinião e que esse movimento faz parte de como a sociedade e as relações de produção interferem em como nos comunicamos e expressamos ideias. Se pensarmos por exemplo, na época de 1980, quando a sociedade ainda não tinha acesso à tecnologia que existe hoje, os aparelhos para comunicação eram mais simples e a tela que mais prendia a atenção era a da televisão, muitas vezes partilhada para assistir todas as pessoas da família ao mesmo tempo. Hoje em dia a situação é diferente, cada pessoa possui sua própria ‘telinha’, possível de conversar, fazer ligações, ver filmes, ouvir músicas, enfim, cada um com seu tablet, smartphone, laptop ou tv, para se entreter, se informar, se comunicar, etc.

As tecnologias e a internet trouxeram muitas facilidades para a vida, não há como negar sua importância, mas também o lado negativo existe e ele atinge com intensidades diferentes a todos se pensarmos no ato de relacionar-se. Podemos ser adicionados e enviar convites de amizade em um ambiente virtual, mas na vida real, como as amizades fazem para existir? A informação que nos chega é sempre confiável? E o tempo empregado no estar conectado ou envolvidos em algum aplicativo do celular, tem sido maior, menor ou equivalente ao tempo que colocamos em outras ações da rotina?

Nesse ponto, trazemos a música “Xanéu nº 5” que retrata a relação entre sujeito e televisão. A televisão aparece na letra como um ser vivo que dita regras e não obedece ao dono do controle remoto, junto a isso identificamos proximidade com o que Bosi (1994) destaca sobre a brevidade das informações e opiniões, que ganham cada vez mais força em nossa sociedade e afastam o falar ao vivo, uma prática presente e fundamental para muitas gerações passadas para a transmissão de cultura, história, tradições e da formação do ser humano.

*Enquanto pessoas perguntam por que, outras pessoas perguntam por que não?*

*Até porque não acredito no que é dito, no que é visto*

*Acesso é poder e o poder é a informação*

*Qualquer palavra satisfaz*

*A garota, o rapaz e a paz quem traz, tanto faz*

*O valor é temporário, o amor imaginário e a festa é um perjúrio*

*Um minuto de silêncio é um minuto reservado de murmúrio, de anestesia*

*O sistema é nervoso e te acalma com a programação do dia, com a narrativa*

*A vida ingrata de quem acha que é notícia, de quem acha que é momento*

*na tua tela querem ensinar a fazer comida uma nação que não tem ovo na panela que não tem gesto, quem tem medo assimila toda forma de expressão como protesto*

*Xanéu nº 5 – O teatro mágico*

*(Composição: Fernando Anitelli)*

Em meio as telas, onde nos encontramos? Nos conectamos a que nesse meio? Trazemos essas questões frente ao assunto porque todas essas relações com que estamos aprendendo a lidar em nossa sociedade atual interagem com nosso ser e história. Um ponto que dialoga com a questão nos alerta Bosi (1994): “por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta” (BOSI, 1994, p. 84).



Partindo de características da sociedade que vivemos e considerando os desejos e esperanças para a sociedade que estamos e continuamos a construir, que miramos para a memória enquanto necessária e valiosa. Nesse sentido refletimos por meio de Bosi (1994) com o questionamento e colocação; “Qual a função da memória? Não reconstrói o tempo, não o anula tampouco. Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol” (BOSI, 1994, p. 89).

Sabemos que a memória também carrega características como a incerteza e o mistério, que proporciona ao ser humano tal experiência que foge da lógica temporal que tanto somos regidos. Por Maldonato (2012), “nos caminhos do tempo os anos são promessas por vir. Tudo está inervado pelo porvir. O presente é um fio tênue que torna contínuo o que é descontínuo. Esse é o mistério da memória. Migra o tempo, despedindo-se do que é familiar, de tudo” (MALDONATO, 2012, p. 18).

Chauí (2000), contribui na discussão ao apresentar o conceito memória como fundamental a existência do ser humano, como podemos ver a seguir.

A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo) (CHAUÍ, 2000, p. 164).

Em diálogo, Bosi (1994) coloca que pela memória não fazemos apenas o movimento de trazer o passado para o presente e o misturar-se com as percepções imediatas, mas acontece também um mover, um deslocamento “ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 1994, p. 47).

Nesse sentido que focamos nosso olhar para as memórias brincantes, pensando que escolhas, saberes, sentimentos aparecem no presente em alguma ocasião para o adulto, mas a raiz está em algo que já foi vivido. Compreendemos então que a maneira que vivemos ainda se relaciona com momentos de outro período.

Podemos visualizar isso no trecho a seguir, no conto de Benjamin (1995), que um rei buscava um cozinheiro que soubesse fazer um omelete de amoras igual ao que guardava na memória, de sua infância. E ao responder ao rei, o cozinheiro lhe explica porque mesmo sabendo a receita não conseguiria corresponder suas expectativas.

Se cumprires agora este meu último desejo, farei de ti meu genro e herdeiro de meu reino. Mas, se não me contentares, então deverás morrer. – Então o cozinheiro disse: - Majestade, podeis chamar logo o carrasco. Pois, na verdade, conheço o segredo da omelete de amoras e todos os ingredientes, desde o trivial agrião até o nobre tomilho. Sem dúvida, conheço o verso que se deve recitar ao bater dos ovos e sei que o batedor feito de madeira de buxo deve ser sempre girado para a direita de modo que não nos tire, por fim, a recompensa de todo o esforço. Contudo, ó rei, terei de morrer. Pois apesar disso, minha omelete não vos agradará ao paladar. Pois como haveria eu de temperá-la com tudo aquilo que, naquela época, nela desfrutastes: o perigo da batalha e a vigilância do perseguido, o calor do fogo e a doçura do descanso, o presente exótico e o futuro obscuro. - Assim falou o cozinheiro (BENJAMIN, 1995, p. 219).

O significado que atribuímos as experiências é algo profundo, que se relaciona com nossas recordações, que tocam sentimentos, sabores, sensações que só sabemos quando vivemos e atribuímos a aquilo um sentido e significado. O exemplo do omelete de amoras deixa a mensagem de que algumas experiências vividas guardam o gosto não apenas da receita, do prato em si, mas do contexto que está contido no sabor. Maravilhoso e único como tais memórias. O omelete de amoras então, não mais terá aquele mesmo gosto porque ele fazia parte de um contexto que foi vivido, sendo que não eram apenas ingredientes reunidos, era o momento, as pessoas, o sabor que uma experiência vivida deixa para cada um na memória. Assim, mesmo que fosse possível ser feito igual, se outra pessoa o comesse, não seria tão incrível quanto foi para a pessoa que viveu a experiência, pois somente para o sujeito da experiência terá todo o sentimento, significado e sabor especial que guarda.

As experiências e recordações nunca serão transferíveis, cada pessoa passa pela experiência de uma maneira única. Por isso que muitas vezes indicamos passeios, comidas, músicas, e tantas outras coisas para amigos, achando (ou com a intenção de) que eles irão gostar tanto quanto nós e muitas vezes acontece o contrário. Além de cada pessoa ser diferente, a maneira como cada experiência toca, tem sentido e significado, também serão diferentes para cada um. Apoiados em Galeano (2015) trazemos que a palavra recordar vem do latim *re-cordis*, que significa “voltar a passar pelo coração” (GALEANO, 2015, p. 11).

Possível dentre todos os seres humanos está a capacidade de acesso as memórias, de recordar. Destacamos que nesse trabalho a memória está relacionada em específico com a criança interior que todos carregamos, que desejamos que seja eterna, pois nossa história inteira está e será ligada a ela. Como coloca Jung (2000) “a “eterna criança” no homem é uma experiência indescritível, uma incongruência, uma desvantagem e uma prerrogativa divina, um

imponderável que constitui o valor ou desvalor último de uma personalidade” (JUNG, 2000, p. 179).

Para adentrarmos na discussão sobre a formação do adulto, partimos do entendimento que as memórias do brincar são partes importantes nessa construção. Nossas experiências são guardadas na memória e cada momento carrega consigo um aprendizado, uma alegria e/ou dor, um momento sagrado que é presente e contínuo ao longo da vida do ser humano.

Conforme Di Rienzo (2015) com o conceito de educação permanente, nos reportamos a múltiplos aspectos da educação de pessoas e sociedades que pertencem a contextos e épocas históricas diferentes. Acreditamos que todos os indivíduos vivenciam processos de formação e aprendizagem ao longo da vida, e que tanto no meio profissional, particular, familiar e social estão em constantes trocas. De acordo com Di Rienzo (2015) podemos considerar a educação permanente como “un concepto, una práctica, un objetivo, una metodología, una política que se orienta progresivamente a la valorización de la dimensión de crear las condiciones para el desarrollo de las posibilidades reales de aprendizaje permanente” (DI RIENZO, 2015, p. 123).

Nesse sentido, refletimos que a educação permanente corresponde a uma continuidade no processo de desenvolvimento e crescimento das pessoas em suas diversas práticas e experiências. E ainda sobre as aprendizagens ao longo da vida e da educação permanente Di Rienzo (2015) aponta que;

El concepto de aprendizaje a lo largo de la vida sustenta el principio de educación permanente, en una óptica que desplaza la atención de la predominante dimensión institucional escolar al sujeto y a sus necesidades de formación. De este modo, el aprendizaje permanente se convierte en principio inspirador, tanto de la oferta como de la demanda, en cualquier contexto de aprendizaje. La base del cambio se debe a las numerosas transformaciones que está atravesando la sociedad en el proceso de transición hacia la sociedad del conocimiento. Es decir, el factor decisivo que sustenta el aprendizaje permanente reside en la capacidad humana de crear y usar conocimiento de forma eficaz. Por tanto, la creación de condiciones que permita a cada individuo el total desarrollo de su potencial, contribuyendo conscientemente al desarrollo de la sociedad en su complejidad, se convierte en el principal objetivo de las políticas institucionales y de la iniciativa de los sujetos sociales (DI RIENZO, 2015, p. 127)

Sobre a formação do sujeito, em diálogo com o exposto até aqui, Josso (2014) coloca que ao refletir sobre os processos educativos dos adultos fica em destaque o objetivo de “aprender a aprender” e que concede um lugar de destaque à reflexão sobre as experiências formadoras que marcam as histórias de vida (JOSSO, 2014, p. 59). É dizer que as aprendizagens

continuam a ocorrer nas idas e vindas da reflexão, da rememoração, no encontro com as memórias das experiências que compõem as trajetórias de cada pessoa.

Refletindo pela perspectiva freireana, a educação permanente constitui-se no processo de formação do ser humano, que enquanto sujeito histórico, inconcluso e consciente de sua inconclusão, reflete sobre suas práticas e experiências e com elas aprende e ensina, nesse fazer que é pessoal e coletivo acontece o encontro consigo, com o outro e com o mundo em diálogo e nas trocas.

Assim, dentro das diversas possibilidades e práticas formativas que cada ser humano encontra, se envolve, é fundamental a “abertura para um exercício mais consciente da sua liberdade na interdependência comunitária, tornando-os mais conscientes do que os constitui enquanto seres psicossomáticos, sociais, políticos e culturais” (JOSSO, 2014, p. 75). E que, no exercício fundamental de dialogicidade, considerar e valorizar que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2013, p. 25).

Então, compreendemos que para a formação do sujeito é fundamental a “reflexão de cada um sobre os valores e as visões do mundo que estruturam as nossas individualidades” (JOSSO, 2014, p. 69). Pois é nesse movimento de encontro consigo mesmo, sensações e pensamentos que entram os confrontos, acertos e entendimentos que compõem e enriquecem os processos de formação de cada indivíduo.

Ao refletirmos diante a capacidade de criar e usar conhecimentos de forma eficaz nos deparamos com qualidades que se relacionam diretamente com o brincar. Nessa direção colocamos em questão: Será que as experiências lúdicas e as memórias do brincar seriam potências que seguem vivas e participam dessa formação do adulto?

Consideramos que as memórias brincantes são parte do que os autores, que colaboraram até aqui, abordam como “aprendizagem ao longo da vida”, pois compreendermos que no brincar muito foi aprendido e ensinado e que a memória desses momentos podem carregar e revelar importantes ensinamentos, leituras e posturas, entendendo que também é um processo educativo permanente ao longo da vida.

As memórias que fazem parte dessa teia de aprendizados dos adultos abarcam também alguns aspectos vindos da experiência, que são os desejos, sensações e sentimentos. Entraremos nessa parte a seguir, como encaminhamento dessa parte final da discussão do referencial teórico.

Retomamos Csikszentmihalyi (1975), onde por sua perspectiva, a experiência é entendida como “fluxo”, dando ênfase ao envolvimento, a sensação sentida quando estamos dentro da situação. O autor explica:

[...] denota a sensação plena presente quando agimos com total envolvimento. É um tipo de sensação depois da qual alguém nostalgicamente diz: “foi divertido” ou “foi agradável”. É um estado no qual uma ação segue-se a outra de acordo com uma lógica interna, a qual parece não precisar de intervenção consciente de nossa parte. Nós a experimentamos como um fluxo único de um momento para o outro no qual nos sentimos com controle de nossas ações, e no qual existe uma pequena distinção entre o indivíduo e o meio; entre estímulo e resposta; ou entre passado, presente e futuro (CSIKSZENTMIHALYI, 1975, p.43).

Nesse sentido, destacamos por Alves (2015) que “só vai para a memória aquilo que é objeto do desejo” (ALVES, 2015, p. 58). Assim, compreendemos que inicialmente o desejo movimenta, promove buscas, entrelaça momentos, períodos vividos do nosso passado, e também nos cobra, inquieta nosso presente, que a memória por sua vez, possibilita o retomar ao que ficou guardado. Trazemos para a discussão Freud (1996) pois coloca que, uma experiência no presente “desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga” (FREUD, 1996, p. 141).

Acreditamos que o adulto, ao longo da vida e mesmo em contextos de tarefas, compromissos e horários fixos, pode e deve desfrutar da criatividade, que é geradora de prazer e diversão, sendo inclusive, possível descobrir tais desfrutes também imersos no trabalho e outros contextos. Lembramos que Freud (1996) aponta para a relação do escritor criativo e a criança, quando brinca como sinônimos, pois ambos criam um mundo de fantasia que levam muito a sério, é dizer que ambos empregam emoção e ao mesmo tempo compreendem a separação entre tal fazer e realidade. Ainda pelo mesmo autor há o apontamento para a linguagem, enquanto elemento que “preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética” (FREUD, 1996, p. 135).

Conforme Freud (1996) a dinâmica da vida favorece que ao crescer o ser humano se afaste do brincar, mas as relações e entendimentos construídos nele uma vez, seguem vivos na pessoa, de maneira que pelo refletir e voltar as memórias pode lidar com os momentos vividos no presente de outra maneira.

Quando uma criança cresce e para de brincar, após esforçar-se por algumas décadas para encarar as realidades da vida com a devida seriedade, pode colocar-se certo dia numa situação mental em que mais uma vez desaparece essa oposição entre o brincar e a realidade. Como adulto, pode refletir sobre a intensa seriedade com que realizava seus jogos na infância, equiparando suas

ocupações do presente, aparentemente tão sérias, aos seus jogos de criança, pode livrar-se da pesada carga imposta pela vida e conquistar o intenso prazer proporcionado pelo humor (FREUD, 1996, p. 136).

Portanto, a memória do que foi vivido se mantém viva e mesmo com transformações vindas pelo fato de crescer, o adulto possui em sua trajetória a possibilidade de continuar na busca e conquista de prazeres, ao refletir diante suas experiências. Prazeres que não serão os mesmos, mas que de desvelarão de outra maneira, por outras formas de brincar. Percebemos então que não o retiramos do nosso viver, apenas fazemos algumas substituições para com as novas situações, relações e intencionalidades que desenvolvemos. Concordamos que “[...] nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado” (FREUD, 1996, p. 136).

E por considerar as diversas diferenças, singularidade, que existem nos ser humano, há casos que “o adulto, ao contrário, envergonha-se de suas fantasias, escondendo-as das outras pessoas. Acalenta suas fantasias como seu bem mais íntimo, e em geral preferiria confessar suas faltas do que confiar a outro suas fantasias” (FREUD, 1996, p. 137). Isso acontece por conta da sociedade que vivemos, dos ideais que são pregados, de valores sociais e culturais, dos caminhos nos quais muitos fomos educados, por um viés de restrições, chegando ao ponto do “adulto envergonha-se de suas fantasias por serem infantis e proibidas” (FREUD, 1996, p. 137).

Quando nos envergonhamos nos escondemos e junto escondemos muito do que nos torna humanos. Nossas fantasias e desejos, proibidos ou não, são parte importante de nosso ser, do que nos move e do que compõe nossas individualidades. Freud coloca, nesse sentido que “as forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (FREUD, 1996, p. 138). São essas partes fundamentais de nossos processos de formação, das experiências, do que aprendemos e ensinamos.

Miramos para a vergonha como uma construção de ordem psicológica ou ainda social, pois em algum momento do crescimento nos disseram “não fale isso”, “não sente com as pernas abertas”, “não saia sem arrumar o cabelo” e entre tantas podaões que tivemos, construímos como se fosse uma casca que esconde e protege tudo isso. Ogien (2009) nos explica que a vergonha é “uma dessas expressões afetivas, ao lado do desconforto, do constrangimento, dos arrependimentos, dos remorsos, da culpa ou, ainda, do ódio de si” (OGIEN, 2009, p. 285).

Talvez a figura que melhor lide com o ridículo seja o palhaço. O ser humano sem o nariz vermelho tem medo do ridículo, de mostrar o seu ridículo. Expor o nosso ridículo é colocar a

vista o que nos envergonha, mas que ao mesmo tempo nos une e que possibilita nos identificarmos tão sinceramente. Lidar com nosso ridículo é um exemplo dentre tantos elementos que podem aparecer e ficar a mostra no sujeito que brinca.

Trouxemos para a discussão da educação, experiência e memória, alguns temas que estão permeados e interligados quando pensamos sobre a formação do humano ao longo da vida. E ainda, com a proposta de continuarmos a refletir, finalizando essa parte do referencial teórico para dar seguimento ao capítulo da metodologia, partilhamos um trecho de Rilke (2009) no qual apresenta o caminho que defendemos ao longo desse estudo, que é a volta do adulto para dentro de si, para suas memórias de infância e que nesse movimento olhe para seus processos de formação e educação contínuos no viver.

Caso o seu cotidiano lhe pareça pobre, não reclame dele, reclame de si mesmo, diga para si mesmo que não é poeta o bastante para evocar suas riquezas; pois para o criador não há nenhuma pobreza e nenhum ambiente pobre, insignificante. Mesmo que estivesse em uma prisão, cujos muros não permitissem que nenhum dos ruídos do mundo chegasse a seus ouvidos, o senhor não teria sempre a sua infância, essa riqueza preciosa, régia, esse tesouro das recordações? Volte para ela a atenção. Procure trazer à tona as sensações submersas desse passado tão vasto; sua personalidade ganhará firmeza, sua solidão se ampliará e se tornará uma habitação a meia-luz, da qual passa longe o burburinho dos outros. E se, desse ato de se voltar para dentro de si, desse aprofundamento em seu próprio mundo, resultarem versos, o senhor não pensará em perguntar a alguém se são bons versos. Também não tentará despertar o interesse de revistas por tais trabalhos, pois verá neles seu querido patrimônio natural, um pedaço e uma voz de sua vida. Uma obra de arte é boa quando surge de uma necessidade. É no modo como ela se origina que se encontra seu valor, não há nenhum outro critério. Por isso, prezado senhor, eu não saberia dar nenhum conselho senão este: voltar-se para si mesmo e sondar as profundezas de onde vem a sua vida; nessa fonte o senhor encontrará a resposta para a questão de saber se precisa criar. Aceite-a como ela for, sem interpretá-la. Talvez ela revele que o senhor é chamado a ser um artista (RILKE, 2009, p. 26).

E então, deixamos para o leitor algumas questões para refletir: O que encontraremos se voltarmos para nossas profundezas? Que versos resultaram? Que caminhos temos nos revelado?

## **CAPÍTULO II – Metodologia**

Neste capítulo apresentamos a abordagem metodológica adotada e os procedimentos realizados. A escolha dos referenciais que sustentam esta pesquisa foi uma construção cuidadosa, com a intenção de possibilitar diálogo e fruição entre autores, conceitos, instrumentos e procedimentos, desde antes do início da coleta até o fim da análise dos dados, pois o caminho inteiro importa.

No trajeto metodológico, se relacionam conceitos, construções do caminho do pesquisar e a organização de procedimentos, com a intenção de oferecer ao(a) leitor(a) uma maneira de conhecer e acompanhar como essa pesquisa foi construída e ao mesmo tempo, possibilitar uma aproximação com os adultos participantes, que são os principais responsáveis pela existência deste estudo.

Destacamos que essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar – CEP/UFSCar com o número do parecer 2.798.651. Os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que contém informações do estudo, como também, dados da pesquisadora para que, caso necessário, pudessem entrar em contato a qualquer momento. Garantimos a escolha do participante em usar o próprio nome ou um nome fictício e com unanimidade, os(as) participantes, escolheram manter seus nomes reais. De maneira a respeitar a preferência dos participantes, os nomes nesta pesquisa são reais.

Acreditamos que ao deixar os nomes das pessoas em suas mônadas, respeitamos e valorizamos o que cada participante partilhou conosco. Também facilitamos que os participantes possam se encontrar na leitura. Dessa forma, entendemos que, os nomes dos participantes endereçam, carregam as histórias que foram reveladas nas mônadas e são importantes que apareçam, considerando o desejo e permissão dos sujeitos.

Importante salientar que essa pesquisa é mediada por quem somos, assumimos que estamos e fazemos parte desse processo enquanto pesquisadora e orientador, enquanto sujeitos do educar e educar-se com os outros(as). Amparados em Brandão (2003), compreendemos que nenhuma ciência é neutra, porque enquanto sujeitos sociais e culturais, tanto na fala, escrita, relacionamentos e em como fazemos pesquisa, estão expressas as construções que somos, que nos formaram, as escolhas, aprendizados e referências do mundo.

A seguir, detalhamos o caminho percorrido com a pesquisa até chegarmos na análise. Em “Procedimentos metodológicos” apresentamos elementos que situam o(a) leitor(a) diante a pesquisa, apresentando como aconteceram os contatos, o caminho alternativo (por conta da pandemia mundial), os sujeitos participantes e o instrumento utilizado para a coleta.



Como parte da coleta dos dados emerge a importância de tratarmos conceitos que fundamentaram nosso caminho de pesquisa e que estão em “Memória, narrativa, abordagem (auto)biográfica e história de vida”. E finalizamos em “Mônadas e análise dos dados” apresentando o que são e como as mônadas formam a organização e discussão dos dados coletados.

## **2.1 Procedimentos metodológicos**

Este estudo se configura como uma pesquisa de abordagem qualitativa, em que buscamos compreender acontecimentos e experiências a partir do sujeito, com foco na maneira como os significados e interpretações são construídos e expressos.

Conforme Bogdan e Biklen (1994), nesta abordagem tudo que ocorre na experiência da pesquisa ao estar com os sujeitos e o contexto é importante, tanto no que ouve, observa, sente e pensa. Nesse sentido, os dados podem se apresentar por diversas formas no contexto social e cultural que o estudo é realizado, sendo que os detalhes fazem diferença e o(a) pesquisador(a) deve estar atento e entregue. É preciso o mergulho na experiência, no convívio com os sujeitos, o contato direto com o campo da pesquisa, para assim compreender o que existe no mundo que lhe for partilhado.

Segundo Minayo (1994) as pesquisas em ciências sociais são de caráter qualitativo por considerar o universo de significados, que corresponde a “um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p.22), sendo assim, um trabalho focado na interpretação do mundo, dos fenômenos que nele existem, das situações que acontecem, preocupados com a qualidade e não com o quantitativo. Nessa perspectiva, trazemos como exemplo quando Brandão (2003) coloca que a educação não é uma atividade possível de ser calculada, pois é uma experiência socialmente perene, ampla de sentidos e aberta a construções dos sujeitos.

Respeitamos e valorizamos o momento do encontro com o outro na construção da pesquisa. Acreditamos que conforme aponta Bosi (2000) é preciso cuidar e refletir sobre como será construída a relação com as pessoas participantes do estudo. Dessa forma, expomos que todo o movimento de aproximação com os participantes do estudo ocorreu com tranquilidade e compreensão frente aos tempos do cotidiano, dos interesses e disponibilidades de cada pessoa.

Reconhecemos que para construir os vínculos nos colocamos a disposição, estávamos para escutar, esperar, respeitar o silêncio, a alegria das risadas, o tempo do esquecimento, a emoção do choro, dentre outras, o que o sujeito partilhasse na narrativa durante nosso encontro.

Ao fazer os primeiros contatos por e-mail, a pesquisadora se comprometeu em ir ao encontro dos participantes colaboradores, no lugar e horário que fosse melhor para realizar a entrevista. Os lugares escolhidos pelas pessoas participantes da pesquisa variaram entre o ambiente de trabalho, sala de aula, a sala da casa do participante, um banco da praça e o ambiente da sala virtual.

Essa pesquisa foi realizada durante momentos diferentes vividos em sociedade. Um primeiro momento foi do encontro presencial para a entrevista, com o aperto de mãos e abraços e o outro momento corresponde à pandemia de covid-19 em que o mundo inteiro vive, desde o início do ano de 2020. Por conta dessa triste realidade em que muitos contágios e mortes estão acontecendo, os encontros para a realização de algumas entrevistas ocorreram por vídeo chamada, usando o recurso do google meet.

Nos planos iniciais do estudo a coleta de dados seria realizada com adultos do Brasil, Espanha e Itália, por serem os lugares pelos quais a pesquisadora percorreria ao longo do doutorado Sanduíche. Mas após cumprir o período de 6 meses estudando em Valência, por conta da pandemia a ida para Roma ficou comprometida e a pesquisadora precisou retornar ao Brasil.

Os participantes da pesquisa foram 24 pessoas adultas, que trabalham e/ou frequentam os espaços de Educação Superior, Educação Escolar, Educação não formal e a Educação informal. Os participantes possuem formações profissionais desde a área de Educação e/ou da Educação Física, desenvolvem/desenvolveram pesquisas/estudos na área do brincar diretamente ou ainda, na interface com as áreas do lazer, da arte, da educação escolar, não formal e informal. Foram realizadas 12 entrevistas com pessoas do Brasil e 12 entrevistas com pessoas da Espanha, considerando o percurso de estudos da pesquisadora. Para viabilizar as entrevistas no Brasil, optamos pelo recorte de pessoas sediadas no estado de São Paulo. Na Espanha, optamos por pessoas sediadas na/entre a Comunidade Valenciana e Catalunha. E, por fim, respeitamos a disponibilidade e interesse de cada pessoa convidada para participar das entrevistas.

Apontamos que ao longo da pesquisa foi possível vivenciar a experiência do Doutorado Sanduíche em Valência, que, por ser parte desse período de formação, viabilizou a coleta de dados em ambos países. Acreditamos no potencial das narrativas e com a intencionalidade de que pessoas de diferentes contextos pudessem somar a nossa investigação ao partilhar suas histórias, em nenhum momento buscamos comparar os dados. A faixa-etária dos participantes é variada, possuem entre 20 e 80 anos de idade.

Inicialmente organizamos uma divisão em grupos, pelo fato dos participantes serem de práticas e trabalhos diferentes. De maneira geral, todos pertencem a espaços de educação, mas estão dispostos em Educação Superior, Educação Escolar, Educação não formal e a Educação informal. Essa divisão inicial foi colocada porque nossa busca foi para que pessoas com experiências em contextos diferentes pudessem partilhar suas perspectivas conosco.

Ao final das transcrições, percebemos que independente do grupo que os participantes estavam em nossa organização de anotações, suas narrativas se entrelaçavam, apresentaram muitos elementos comuns em conceitos, práticas, reflexões que extrapolaram o grupo inicial, criado por nós. Ademais, a formação e atuação profissional correspondem a uma parte da trajetória de vida de cada um(a) e as narrativas ultrapassam essas dimensões, por comportarem toda subjetividade de cada sujeito em seu percurso de vida.

Entendemos que pela experiência vivida todos os adultos interessados poderiam fazer parte desse estudo, e então, como critério de escolha, pensamos e convidamos pessoas que de alguma maneira estavam próximas do tema. São participantes, pessoas que fazem parte de um grupo informal que se reúnem para praticar dança, algumas para pedalar; outro grupo corresponde a professores de projetos de educação não formal; também há professores que trabalham na escola com crianças e também; professores no ensino superior que trabalham com o assunto do brincar.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista narrativa. A entrevista é uma conversa em que uma das pessoas tem o objetivo de obter informações de quem está sendo entrevistado. Conforme Bogdan e Biklen (1994) “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.134). A entrevista foi semi-estruturada, isso corresponde a uma prévia organização por parte da pesquisadora, de tópicos, perguntas prontas, para serem feitas no dia combinado. Isso não impediu que durante a entrevista algum comentário ou dúvida surgisse, e nesse caso, foi acolhido pois entendemos que os participantes poderiam apresentar dinâmicas diferentes. Destacamos que nas entrevistas houve atenção e cuidado na postura e nos comentários da pesquisadora, para não interferir nesse momento da coleta dados. Logo no início, a pesquisadora explicou para todos(as) participantes que para não influenciar ou atrapalhar o caminho das lembranças, que se manteria em silêncio e em alguns momentos faria algumas perguntas, mas isso seria para ambos aproveitarem ao máximo do que trariam suas narrativas. Os participantes, de maneira geral, contaram suas histórias com detalhes, indo para além de uma resposta breve, partilharam suas memórias de forma generosa e alongada.

Antes de fazer as perguntas a pesquisadora pediu para que o(a) entrevistado(a) se apresentasse, contando um pouco sobre si, para maior aproximação diante quem são as pessoas do estudo. Em seguida as perguntas feitas na entrevista foram:

1. Qual é sua primeira lembrança de experiência brincante? (o que vem primeiro na memória)
2. Conforme seu crescimento, como você percebe as diferentes experiências brincantes?
3. E hoje, enquanto adulta(o), que aproximações e ou distanciamentos você percebe na sua relação com o brincar?
4. A sua relação com o brincar, ela promoveu ou ainda promove algo na sua vida?
5. Como é o brincar agora para você? Do que você brinca?

Após a conversa presencial e/ou virtual, foram utilizados dois gravadores de áudio para aumentar o cuidado em não perder o registro. Em seguida a etapa foi de passar para a escrita, ao fazer a transcrição no computador.

Ao construir essa pesquisa compreendemos, como aponta Bosi (1994), que;

[...] fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças (BOSI, 1994, p. 38).

Nosso posicionamento foi fundamentado na relação dialógica para todo encontro com os participantes desse estudo. Compreendemos que só podemos nos relacionar dessa forma quando estamos juntos de uma pessoa ou mais, dentro do compartilhar de pensamentos, no expressar e se respeitar mutuamente, “como seres do diálogo e da reciprocidade” que somos (BRANDÃO, 2003, p. 13).

Também acreditamos que é o amor um elemento fundante de nossas relações enquanto seres humanos e que é importante esse destaque, pois baseados nessa perspectiva que os encontros aconteceram.

O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência. As interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência (MATURANA, 1998, p. 22).

Todos e todas os(as) participantes desse estudo existiram inicialmente em nosso imaginário, pensamos em cada um(a) e depois dialogamos sobre a intenção de convidá-los(as). Em seguida, com o convite feito, todo contato foi realizado com respeito, cuidado, respeitando os tempos e possibilidades de cada participante e também, deixamos explícito a vontade de que estivessem conosco, nessa pesquisa. Revelamos que nos relacionamos de maneira afetuosa pois entendemos que é esse o caminho para uma pesquisa humana e que trata de assuntos tão genuínos como o brincar e as memórias.

## **2.2 Memória, narrativa, abordagem (auto)biográfica e história de vida**

Propomos a discussão nessa parte, ancorados no campo dos estudos que estão as memórias e as narrativas, fundamentados na abordagem (auto)biográfica das histórias de vida. Para isso, buscamos diversos autores como Ecléa Bosi, Christine Delory-Momberger, Elizeu Clementino de Souza, Antônio Nóvoa, entre outros, para nos orientar e auxiliar frente a argumentação que construímos.

Ao responder as questões da entrevista, os participantes compartilharam suas memórias por meio da fala, com suas pausas, gestos e no expressar das emoções, nos sorrisos, suspiros, lágrimas, olhares que corriam longe enquanto narravam. Conforme Bosi (1994) “uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugida. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição” (BOSI, 1994, p. 81). Logo em seguida, para não dar brechas ao esquecimento, as entrevistas foram transcritas da maneira que estavam na gravação em áudio, retirando apenas alguns vícios de linguagem (né, tipo).

Entendemos a memória como um processo ativo e contínuo no ser humano, que consegue unir passado e presente na ação de refletir, pensar e narrar momentos vividos. Sabemos que a memória retoma lembranças do passado, mas ela ocorre na construção presente. No que somos e não mais no que éramos/fomos. Trazemos essas colocações, pois a memória guarda situações antigas, mas trabalhamos com elas no presente, com as mudanças que permeiam nossa construção pessoal. A citação a seguir aponta o conceito nesse movimento entre o lembrar e reconstruir.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência

do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1994, p. 55).

Nesse sentido, é importante destacar que “pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência” (BOSI, 1994, p. 47). É dizer que, as memórias possuem elementos atuais, de entendimentos e emoções que se entrelaçam com nosso olhar para o passado, para as experiências que nos marcaram. A memória continua guardada, mas não intacta.

Nas entrevistas buscamos saber a partir dos participantes adultos quais foram os sentidos e significados atribuídos em suas experiências brincantes ao longo de sua trajetória de vida. Nesse sentido, nos empenhamos a escutar as histórias do brincar que viriam das pessoas e, ao longo da narração, acolher também as reflexões e análises sobre o tema, valorizando a memória individual de cada participante. Sabemos que as memórias são construções vindas de múltiplas relações com pessoas, crenças, espaços físicos, simbólicos e sentimentos, pois conforme coloca Bosi (1994) “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p. 54).

A memória é como um grande baú, que guarda lembranças de objetos, de emoções, nomes, cheiros, sabores, que correspondem a trajetória de vida do dono do baú, mas que foram formadas nas experiências em grupo, nos contextos históricos e culturais. Esse baú não apenas as carrega, como também, a cada abertura, os elementos que nele existem passam a ser vistos, analisados e compreendidos de outras maneiras pelo ser humano dinâmico, que muda e se reconstrói ao longo da vida. Se as pessoas passam por mudanças, as memórias que são guardadas também.

Segundo Bosi (1994) “o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem”, é por meio dela que nos aproximamos de pessoas, espaços históricos e culturais, aprendizados e sensações. E nesse sentido, conforme a autora citada, todos os dados revelados pelas pessoas, ao contar as lembranças são coletivos, mesmo que venham de um indivíduo, correspondem a uma formação que é plural (BOSI, 1994, p. 56).

Bosi (1994) possibilita que entrelacemos a essa discussão o conceito de memória e narrativa ao dizer que “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória” (BOSI, 1994, p. 68). Neste estudo as narrativas orais foram o meio pelo qual se desenrolou o compartilhar das histórias. Intrínseco ao ato de rememorar está o narrador, que conta e (re)constrói os elementos que serão trabalhados pelo pesquisador na análise, diante o tema do estudo (ABRAHÃO, 2003).

Por Delory-Momberger (2011) compreendemos o que acontece no momento da narração.

O que fazemos quando narramos nossa história? Coletamos, ordenamos, organizamos, vinculamos as situações e os acontecimentos de nossa existência, damos a eles uma forma unificada e associada a uma vivência proteiforme, heterogênea, incerta, inapreensível e, através dessa formatação, interpretamos e outorgamos sentido ao que vivemos (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 341).

No mesmo sentido, Bosi (1994) aponta que “a narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o “em si” do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma” (BOSI, 1994, p. 88). É uma maneira de resgatar o vivido e contar o que ficou da experiência e não apenas uma descrição dos fatos. Sendo assim, “la narrativa es una forma de caracterizar los fenómenos de la experiencia humana” sendo assim, por meio dela as pessoas contam seus momentos vividos (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 12).

A pessoa, ao narrar, compartilha por meio da fala, dos gestos, da emoção, o que ficou guardado na memória, reflexões e aprendizados que ocorrem enquanto verbaliza. Destacamos conforme Bosi (1994) que a “narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral” e, por essa perceptiva os participantes contaram suas histórias (BOSI, 1994, p. 85).

O narrador está ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana (BOSI, 1994, p. 90).

Os participantes desse estudo narraram suas experiências vividas, apresentaram situações marcantes que geraram reflexões, que carregam sentidos e significados que continuam existentes no presente. Assim, a narrativa se mostra espaço de formação do ser

humano, uma “atmosfera sagrada”, que circunda o narrador e as pessoas participantes como ouvintes (BOSI, 1994, p. 91).

Ao narrar suas histórias os participantes colocaram à mostra suas experiências vividas, ao mesmo tempo deixando transparecer características de si próprios. Narrar é revelar mais do que a lembrança, é revelar quem somos. Dessa forma, não se resume a uma maneira de se expressar, mas como um “espaço em que o ser humano se forma, elabora e experimenta sua história de vida” (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 341).

Da mesma maneira, como quando artesanalmente modelamos a argila e imprimimos nosso toque, fica ali registrado detalhes, pistas de nós. Ao narrar uma história o ser humano mostra sobre si e para si, lembranças, criações, emoções, reflexões e (re)construções. Benjamin (1985) fala da relação do narrador com o artesão, ao colocar que o sujeito em sua narrativa lida com compreensões e sentidos dentro de suas histórias, e acontece o mesmo com o artesão ao lidar com respeito a matéria que trabalha, que transforma e imprime sua marca.

Maldonato (2012) contribui à discussão ao colocar que é ao narrar a vida que ela torna a ser vida, que sua história se torna novamente história, marcando assim um ciclo entre linguagem, tempo e tempo da linguagem, gerado ao narrar. É dizer que a narração reúne, como no movimento cíclico de um redemoinho, uma possível volta a “graça, mistério, culpa, violência, poesia; um encontro que dissolve preconceitos e superstições” (MALDONATO, 2012, p. 19).

Conforme Benjamin (1994), o narrador extrai de sua experiência o que diz e, ao contar, o incorpora na/em experiência do ouvinte. Partindo assim do vivido e voltando a ele. Dito isso, o narrador tem como fonte a experiência vivida e a reflexão, constituindo a cada possibilidade de narrar, compreensões, ressignificações do passado no presente. Nesse sentido, Benjamin coloca que “o narrador vai colher aquilo que narra à experiência, seja própria ou relatada. E transforma-a por vezes em experiência daqueles que ouvem a sua história” (BENJAMIN, 1992, p. 32).

Destacamos também a relação com o ouvinte, pois a proximidade entre sujeitos (desconhecidos, colegas, amigos) pode influenciar nas escolhas na narrativa: quais situações falar, como contar, onde colocará o foco, e assim por diante, sendo isso também parte desse processo da narração. Então, é importante cuidado e sensibilidade para a relação pessoal que é construída ao pesquisar, ressaltando que, quem narra se constrói na alteridade e na escuta, no encontro e diálogo. Nos tornamos seres humanos na relação com os outros.

Nesse estudo, os participantes, partindo de suas histórias de vida narraram suas memórias e, ao narrar de maneira oral os acontecimentos, os sujeitos rememoraram,



organizaram e refletiram diante suas experiências, compondo o que compreendemos como abordagem (auto)biográfica.

Assim, por meio da abordagem (auto)biográfica, ao narrar a experiência o sujeito se apropria, é autor/ator dos conhecimentos de si, como coloca Souza (2008) a seguir;

A centralidade do sujeito no processo de pesquisa e formação sublinha a importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vivida, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios, que concede ao sujeito o papel de ator de sua própria história (SOUZA, 2008, p. 445).

Na perspectiva de repensar a formação do ser humano, as histórias de vida e o método (auto)biográfico se integram ao defenderem que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida” (NÓVOA, 2014, p. 153). Compreendermos então a (auto)biografia e as histórias de vida como procedimentos de (auto)formação.

O método (auto)biográfico é, de acordo com Passeggi e Souza (2014) “uma via passível de produzir conhecimentos que favoreçam o aprofundamento teórico sobre a formação do humano e, enquanto prática de formação, conduzir o diálogo de modo mais proveitoso consigo mesmo, com o outro e com a vida” (PASSEGGI; SOUZA, 2014, p. 14).

Nesse sentido, conforme Souza (2006), os estudos com histórias de vida e a pesquisa (auto)biográfica priorizam o humano na perspectiva de compreender o sujeito que se forma, que gera conhecimentos de si ao narrar suas histórias e estabelecer linhas de significação com as experiências vividas. Essa metodologia de pesquisa comporta a possibilidade de conhecer e aprender com os sujeitos, que narram suas experiências, contextos e visões de mundo diversos. Ainda Souza (2006) coloca em ênfase que a (auto)biografia são “experiências formadoras, as quais são perspectivas a partir daquilo que cada um viveu e vive, das simbolizações e subjetividades construídas ao longo da vida” (SOUZA, 2006, p. 95). Narrar as histórias de si para si e para o outro são processos de formação, de aprendizagens e identificações que revelam essa outra experiência.

Delory-Momberger (2016) revela que há uma preocupação e dedicação com a educação de ordem científica, ética e política envolvida, pois:

Se a “fala de si”, sob todos os seus registros e em todas as suas diversidades, constitui o material privilegiado de um saber biográfico, ela é também o vetor pelo qual os seres humanos acessam a um saber e a um poder deles mesmos que lhes dão a capacidade de se desenvolver e de agir enquanto “sujeitos” no meio dos outros e no seio da cidade (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 145).

A pesquisa (auto)biográfica possibilita o encontro com os sujeitos e suas histórias de vida, e nesse processo abre caminhos para que, ao narrar suas experiências, se (re)encontrem com suas memórias, que estruturam e organizam acontecimentos, podendo refletir sobre sentimentos, leitura de mundo, interações com o contexto social e compreensões, construídas por si ao narrar.

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser-sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera *formadoras e muitas vezes fundadoras*, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes (JOSSO, 2007, p. 420).

O conceito de histórias de vida está imerso nas narrativas dos sujeitos. É a partir e por meio delas que as experiências são acessadas, refletidas e partilhadas que segundo Josso (2007) é “uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor”, possibilidade essa de autoconhecimento nas expressões, representações de si e caminhos que orientaram a formação (JOSSO, 2007, p. 419).

### **2.3 Mônadas e análise dos dados**

A parte que mais me encanta nesse estudo é a do encontro com os sujeitos participantes da pesquisa, pois foram eles que geraram os dados desse estudo. O sentimento é de muita alegria ao chegar nessa parte, que me atento ao que os dados foram revelando, e junto a isso guardo as memórias das imagens dos sujeitos, dos encontros, desses momentos tão bonitos que estarão sempre comigo e também nesse estudo.

O caminho foi de abertura, atenção, respeito, cuidado, carinho e compreensão para com as entrevistas. Após a transcrição das entrevistas nos orientamos por Benjamin (1987) para transformar as narrativas em mônadas. Escolhemos apresentar e trabalhar os dados dessa maneira por compreendermos como valiosa a preservação da vivacidade das narrativas dos sujeitos. Transformamos então, grandes trechos das histórias em mônadas, de maneira a dispor os dados respeitando cada história contada, o contexto e desenrolar dos acontecimentos, sutilezas, destaques e pessoas citadas no enredo.

Nos inspiramos na organização textual da obra “Infância em Berlim por volta de 1900”, em que Benjamin (1987) apresenta sua infância ao contar suas histórias de vida. Nesse exemplo,

o autor coloca sua narrativa por meio da estruturação de mônadas, colocando um título e em seguida a história, e, mais que possibilitar narrativas comunicáveis, compartilha narrativas experienciáveis. Conforme Benjamin (1987), as mônadas são histórias que nos levam para o que foi narrado da experiência, de maneira que leitor(a) consegue adentrar em tal situação, chegando próximo do que foi aquele momento. A mônada preserva e reúne sentidos, subjetividades, elementos e características para gerar essa aproximação, conforme França (2015).

As mônadas são conceituadas como os elementos das coisas, indivisíveis e indissolúveis, substâncias simples e sem partes, que conformam o real em sua totalidade. Sendo a realidade múltipla e diferenciada, tais elementos mínimos diferem entre si e estão sujeitos a mudanças naturais (ROSA et al, 2011, p. 204).

As mônadas são as narrativas dos sujeitos, elas possibilitam ao leitor tornar-se viajante nas experiências. Nesse estudo, correspondem a um amplo repertório de experiências de jogos e brincadeiras nos momentos em família, no trabalho, em espaços formais e informais que partilham de práticas como o pedalar, o forró, as Fallas e os Castillos. As mônadas guardam histórias singulares, que também contemplam contextos plurais, pois de maneira articulada e dinâmica as narrativas carregam e possibilitam diversos sentidos. Rosa et al (2011) colocam que “as mônadas podem ser entendidas como pequenos fragmentos de histórias que juntas exibem a capacidade de contar sobre um todo, muito embora esse todo possa também ser contado por um de seus fragmentos” (ROSA et al, 2011, p. 203).

Conforme Benjamin (1984) “a ideia é mônada” e cada uma comporta a imagem do mundo, sendo uma junção de representação, interpretação e descrição abreviada de mundo (BENJAMIN, 1984, p. 69). Assim, as mônadas que apresentaremos são trechos das narrativas que revelaram histórias do brincar ao longo da vida dos adultos, destacando o cuidado que tivemos em não recortar situações, mas trazer a história com seu conjunto de elementos que fosse possível adentrar onde as narrativas dos sujeitos estão e levam.

Para a análise dos dados nos guiamos pela perspectiva de não padronizar ou mesmo fragmentar os testemunhos pois, conforme Abrahão (2003) compreendemos que:

Ao trabalhar com metodologias e fontes dessa natureza o pesquisador consciente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de auto-conhecimento. Por esta razão, sabe-se, desde o início, trabalhando antes com emoções e intuições do que com dados

exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o objetivo. Nesta tradição de pesquisa, o pesquisador não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas sim, compreender o fenômeno em estudo [...] (ABRAHÃO, 2003, p. 80).

Explicando nosso percurso, fizemos as entrevistas e esse foi o primeiro momento com as narrativas e histórias dos sujeitos. Ao realizar a transcrição tivemos o segundo momento de encontro. Para a análise dos dados, com as entrevistas transcritas realizamos novamente o exercício de leitura de todos os dados para destacar no texto quais histórias narradas estavam relacionadas a proposta desse estudo. Depois disso, com as partes selecionadas que estavam organizadas por participantes, fomos transformando as narrativas em mônadas, com uma estrutura de título (escolhido a partir da narração) e em seguida a própria história. Imprimimos os 24 documentos (referentes aos 24 sujeitos) e em nova leitura fomos identificando os temas que emergiram dos dados, em seguida selecionamos as mônadas e reunimos dentro dos conteúdos. Outras leituras foram feitas para confirmar tais grupos. Assim, dentro de cada grupo de conteúdo surgiram as categorias de análise, pelos grupos de mônadas que se aproximaram nos assuntos. A tentativa, em todos os momentos da análise dos dados foi de preservar a vivacidade das narrativas e não fragmentar as histórias.

O primeiro grande conjunto de mônadas é formado por histórias que apresentam quem são os participantes da pesquisa e como parte dessa apresentação de si, algumas recordações da infância, formam o capítulo III. O segundo grande grupo de mônadas corresponde ao capítulo IV, no qual aparecem os temas que surgiram por meio das mônadas.

No parágrafo anterior detalhamos como percorremos o caminho metodológico prático e agora revelamos onde nos baseamos teoricamente para realizá-lo. Para a análise dos dados realizada no capítulo IV, adotamos a análise do conteúdo proposta por Bardin (1977) conforme três passos; pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

A pré-análise corresponde ao momento da organização das ideias, de uma estrutura a ser seguida, mas que é flexível a mudanças. Nessa fase realizamos várias vezes a leitura dos dados coletados para a partir deles formular hipóteses e ter conhecimento das direções e dimensões que os dados revelam, sempre tendo em vista a relação com o tema da pesquisa.

Ao realizar o que Bardin (1977) coloca como exploração do material, identificamos temas que emergem das narrativas com frequência e que são pertinentes em relação com o estudo, assim, se mostrando enquanto possíveis categorias para serem trabalhadas. Os termos que Bardin (1977) emprega e que adotamos foram: “regra de homogeneidade” para dados que

se mostraram semelhantes no tema da pesquisa e “regra de pertinência” para dados que revelaram como importantes fontes de informação para a análise.

A última fase do tratamento dos resultados, consideramos o momento em que, após transformar as narrativas em mônadas, já com seus títulos e com o destaque anotado de qual tema ela se referia, pudemos reunir, discutir e dialogar com o auxílio de autores e referências nos assuntos. Assim, seguimos o que Bardin (1977) propõe referente a codificação, que corresponde a agregar temas comuns em unidades de registro, para abordar e estudar as motivações, atitudes, valores, entre outros, respeitando e preservando o sentido colocado pelo sujeito participante da pesquisa.

Compreendemos que pela análise de conteúdo seria possível preservar a comunicação das narrativas de maneira articulada e ao mesmo tempo viajar, mergulhar nos temas partilhados.

## CAPÍTULO III – Participantes do estudo e suas primeiras recordações

*Pela simples razão de que tudo merece  
consideração*

(Oriente – Gilberto Gil)

Nesse capítulo estão reunidas algumas narrativas transformadas em mônadas<sup>2</sup>. São histórias que contam quem são os sujeitos e também, na partilha das recordações da infância, revelam mais de cada um e cada uma.

Então, a seguir, proponho o encontro com as mônadas que apresentam sobre quem são os participantes desse estudo, a partir deles(as) próprios(as).

Cada grupo de mônada corresponde a um(a) participante.

### 3.1 Yara – Família brincante

#### Yara

Eu sou Yara, nasci em São Paulo, em 1967, nos anos 60, no mês de Setembro, nasci de 8 meses, rapidinho quase no elevador, de uma família de 5 irmãos, eu fui caçula.

#### Tinha muito dessa coisa

Eu lembro que tinha muito dessa coisa, de ficar na casa dos tios, com primos. Meus avós moravam mais afastados, mas eu ficava na casa deles e minha tia morava lá. Eu tinha 9 primos, então brincamos muito e os que eram mais ou menos da minha idade eram os meninos, a gente ganhava bonecas. Mas eu tive uma infância que eu fiquei muito na rua com coisas tipo, não digo jogar futebol, mas, jogos, brincadeiras, carrinho de rolimã, empinar pipa, andar de bicicleta. Eu morei em um bairro residencial na época, nem era asfaltado, então a gente fazia muita coisa na rua, tinha muito vizinho, fazia festa, organizava festa junina, então assim, eu tive uma infância muito diferente dos meus filhos.

---

<sup>2</sup> As mônadas apresentadas no capítulo III não se repetem no capítulo IV.

## **Família no quintal**

Lembro dos meus irmãos, da minha família no quintal, engraçado isso, lembro do meu pai e da minha mãe brincando, eu lembro de algumas passagens da minha mãe brincando, meu pai também, eu jogava bola com meu pai e como eu era menor eu ficava do lado do meu pai, eu e meu pai, eu adorava, e o outro time eram os meus outros irmãos, e eu gostava porquê... a gente tinha um quintal bem grande.

## **Lembranças da casa**

Minhas primeiras lembranças são de casa, com festas de aniversário e tinha um quintal nessa casa. Eu mudei dessa casa com cinco anos, mas eu lembro, tinha um quintal que tinha árvore frutífera e a gente subia na árvore e ficava na árvore... a gente brincava muito na rua, só que assim os vizinhos eu não lembro muito. Quando a gente mudou pra outra casa no mesmo bairro que era residencial, nossa, daí a gente ficou muito amigo dos vizinhos, muito muito muito. Eu comecei a andar de bicicleta porque um amigo do meu irmão vinha brincar de jogos de tabuleiro com meus irmãos e deixava uma bicicleta pequenininha no quintal, e eu pegava a bicicleta, escondida, até meu pai comprar uma bicicleta para cada um. Também tínhamos um cachorro que era o Dick, eu lembro dele, era um pastor alemão, que nessa segunda casa tinha um quintal com canil, porque o antigo dono tinha cachorros, e todas as noites meu pai tinha um cuidado, ele sempre gostou de animais.

## **Doce de leite**

Eu e meus irmãos gostávamos muito de doce de leite, doce de leite de lata, isso eu nunca esqueço e conto para os meus filhos e eles dão risada... Mas imagina, esses bolos que eu falo, eram feitos de doce de leite de latinha, mas os doces eram muito mais gostosos antes, eu não sei se é a minha afetividade da época, mas eu tenho a impressão de que também mudou a qualidade das coisas, ou as duas coisas. Mas no tempo que minha mãe ia no médico, no dentista, em alguma coisa assim, a gente cozinhava a lata de leite condensado na panela de pressão. Teve uma vez que a gente furou aquele negócio voou, porque estava quente, foi uma bagunça... Mas depois de pronto, a gente sentava, e era negociação, cada um com uma colher do mesmo tamanho, a gente pegava o doce de leite, tinha que medir, medir igualzinho se não dava briga, e você acredita que a gente acabava com uma lata, assim, em uma rodada na mesa, era impressionante, a gente tinha umas coisas assim.

### **3.2 Luiz – Registro para depois, lúdico para agora**

#### **Registro**

Nasci em Garça, em 04 de dezembro de 1941, mas fui registrado em 04 de fevereiro de 1942, meus pais moravam no sítio, então para ir para a cidade não era todo dia que eles conseguiam, então demorou dois meses para eu ser registrado...e eu só soube disso quando eu tinha 40 anos de idade, minha mãe me contou, mas eu faço meus aniversários em 4 de fevereiro. Fiz o ginásio científico, cursei Educação Física na Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo, fiz o mestrado na USP em Currículo e o doutorado na Unicamp, o tema era o lúdico no Departamento de filosofia e história da educação.

#### **Quando vinha enxurrada**

Nasci em Garça, em uma rua que não tinha asfalto, era de terra, de chão vermelho, e nós passamos a infância todinha, toda a molecada, descalços. A primeira lembrança que me vem na frente é que nossa rua era inclinada, quando vinha enxurrada, ela percorria durante uns 2 ou 3 quarteirões rua abaixo e nós entrávamos dentro de uns pneus e deixava que a correnteza nos levasse, até lá embaixo e vivíamos todos estropiados, o dedão sem unha, raspados, sujos, a roupa em frangalhos. Brincávamos muito de mãe de rua, de pega pega, de esconde esconde, de subir em árvores, de fazer estilingue, empinar papagaio, jogar bolinha de gude, rodar pião na rua, cada um tinha 3 ou 4 piões, todos arreventados, a gente brincava de dar ducada, jogava o pião para tentar furar o pião do outro, brincava muito de canivete, aquele que joga o canivete no chão para ele fincar. Logo após a chuva, com o chão molhado, a gente fazia uma trilha de canivete, tinha que ir até a casa do adversário, contornar a casa do adversário, sempre não podia o canivete cair no chão, tinha que cair enterrado, brincávamos de escoteiro, de pirata, de subir em árvore, de Tarzan.

#### **Sempre considerei o lúdico**

Eu sempre considerei o lúdico, uma das coisas mais importante da minha vida, as minhas aulas na faculdade sempre tinham um caráter lúdico, eu acredito que o lúdico ajuda a ensinar, ajuda a crescer, ajuda a educar. Brincando se aprende muito e eu consegui encontrar, como adulto, duas coisas muito importantes, que era cuidar do pomar de casa. No quintal eu tenho 7 árvores frutíferas plantadas e a cuidar de orquídeas também, eu gosto muito. Hoje elas estão meio despeladas porque deu uma chuva de granizo muito grande esses dias, que 80 por cento foi estragado com as pedrinhas de gelo. Agora que elas estão crescendo de novo. Então a jardinagem começou a ser um novo ponto de ludicidade na minha vida e como eu trabalhei com



a disciplina “Técnicas básicas de massagem”, na faculdade, como uma disciplina optativa, e também uma outra chamada, “O corpo em busca de si”, eu sempre dei muita importância ao toque e as minhas massagens sempre tiveram um caráter lúdico, para as pessoas perderem o medo da nudez e encarar o seu corpo como um brinquedo também. Então a jardinagem, o pomarismo, a massagem e conhecendo a Nara no ano 2000, comecei a fazer as danças circulares, em São Carlos.

### **3.3 Paulo – Mais graça e menos passaporte**

#### **Paulo**

Me chamo Paulo, nasci em Casa Branca, em 26 de março de 1946, vim para Piracicaba com 9 anos, meu pai e minha mãe eram professores, então, fizeram aquilo que chamava remoção de cadeiras, para cá. Iniciei meu trabalho profissional e meu primeiro emprego foi no SESC, que já tinha um compromisso com a questão da educação e da ludicidade. Fui para São Paulo, fiz a faculdade, casei, fiquei 8 anos em São Paulo e tive a experiência de durante o mestrado, durante o doutorado, recorrer a um centro de desenvolvimento infantil, uma escola em São Paulo, para minha primeira filha, durante 6 meses, e aquilo que eu estava vendo nos livros, nas pesquisas, eu vi na minha frente, um diferencial muito grande no desenvolvimento dela por conta dessa socialização. Nesse momento bateu um encantamento com relação a educação infantil, eu estava trabalhando com recursos humanos em multinacional, treinamento, capacitação e me deu uma vontade muito grande de começar a trabalhar com essa faixa etária, e então retornei para Piracicaba, e fundei a “Bem me quer”, na época que depois alteramos o nome para “Bem te vi”.

#### **Um pouco daquelas coisas de infância**

Tenho uma vaga lembrança, de algo quando eu devia ter uns 2 ou 3 anos de idade, minha família foi ao Rio de Janeiro, eu estava no jardim botânico. Lá tem umas palmeiras imperiais muito bacanas, pelo menos na época, e elas não deveriam ser tão grande quanto eu imaginava, porque eu as via de um lugar muito baixo, digo isso porque quando voltei a Casa Branca, na casa dos meus avós, onde eu brinquei muito, quando eu voltei ao pomar falei “mas como é pequeno esse pomar” porque naquele tempo, para mim era uma fazenda, as árvores eram enormes. Então essas palmeiras deveriam ser, não tão altas como eu imaginava, mas uma primeira noção que eu tenho, é de eu tentando subir nelas, achando que, “puxa, seria legal ver o mundo lá de cima”, e frustrado porque não conseguia abarcar essa façanha. Então acho que era uma coisa assim, de trabalhar um imaginário, que é o que está intimamente ligado ao brincar. De

Mococa, lembrança que eu tenho, é de 4 ou 5 anos de idade, na minha casa, no pomar, haviam 5 ou 6 jabuticabeiras e eu me lembro que no tempo de jabuticaba, eu pegava com os meus irmãos. Eu tenho 2 irmãos, um com 3 e o outro 6 anos mais velho que eu, a gente levava uma tábua, colocava lá, fazia uma casa de Tarzã, e a minha mãe desistia de me chamar para jantar ou para almoçar, porque eu almoçava e jantava jabuticaba e guerra de jabuticaba, e essa coisa toda, então eu acho que Jabuticaba, ficou uma fruta para mim muito ligada a essa infância e a esse sabor doce... e brincadeiras com pomar, com galinhas...tanto que isso eu procuro recuperar nessa pré escola, que eu imagino que tenha que ter um pouco de casa da vovó, ter um pouco daquelas coisas de infância de lembrar, cheiro de terra depois da chuva.

### **A gente resgata**

A gente vivencia e vê na trajetória da gente, um pouco daquilo que a gente viu teoricamente, nesses estágios. Se a gente tinha aquele brincar com esses elementos da natureza, com frutas, barro, com animais, esse prazer de estar na praia fazendo castelos de areia, coisas que por exemplo, meus pais eram professores e eram sócios do CPP (Centro Professorado Paulista) e todas as férias a gente ia para Mongaguá, então coisas que a gente se lembra muito também eram aquelas brincadeiras muito de manipulação na praia, de fazer castelo e depois com prazer redobrado, pisar nesse castelo na hora de ir embora e ainda hoje eu brinco adulto, e digo, como disse Vinicius de Moraes, “Se foi pra desfazer, por que é que fez”, mas o desfazer é tão mais prazeroso do que fazer (risos Paulo). No desfazer sou eu que mando no castelo, e essa questão do domínio, eu me vejo, muito, realmente brincando muito com essas coisas, de que na enxurrada, podia brincar na rua, ela era publica naquele tempo, não tinha problema de segurança, depois a gente entra nessa questão do imaginário, eu brinquei muito no quintal dos meus avós, de pegar o lençol e pendurar nas árvores, e brincar de acampadentro, como aqui na escola, que eles acampam dentro da escola, e assim, coisas que a gente resgata.

### **A graça**

Eu moro em um apartamento no oitavo andar, e no elevador tem espelho, eu acho uma perda de tempo que eu passe oito andares sem falar bom dia para mim, sem fazer uma careta para mim, porque puxa, a gente sai e fala bom dia para todo mundo mas nem se cumprimenta? esquece da gente, então é esse olhar que mantém a graça. Alguém, não sei se foi o Rubens Alves, escreveu alguma coisa do tipo que "enquanto houver graça, vale a pena estar vivo" depois que não tiver graça mais, eu imagino a pessoa, talvez em um estágio terminal

### **Não precisa de passaporte**

Enquanto eu me permitir viajar na imaginação e sempre brincando eu digo, o bom de viajar na imaginação é que você não precisa passaporte, não precisa passar na alfândega, não precisa pegar atrasos de avião, você entra e sai desse avião a hora que você quiser, com uma facilidade muito grande. Acho que fui uma criança que teve muitos prazeres, como toda criança, mas que na opção entre a graça ou a desgraça, você prefere rir ou chorar? A sensibilidade me permite rir ou chorar com coisas que são significantes.

### **A gente conhece e se reconhece**

A questão da criança que está fora e a criança que está dentro, são uma no sentido da identidade, sintonia... e essa sintonia não está agora, está desde sempre. Eu estou conversando com você, a gente está falando sobre isso, parece que eu estou conversando com a Aline ou com o Fernando, porque a gente já está junto nesse jogo a mais tempo. A gente está só se reconhecendo, e acho que é legal isso também, da gente perceber que a gente conhece e a gente se reconhece, e depois do conhecimento só tem esse reconhecimento, de você encontrar e dizer, a gente já estava junto, a gente já estava no campo, talvez a gente não tivesse olhado ainda um para o outro.

## **3.4 Edson – O menino que volta no tempo**

### **Edson**

Meu nome é Edson, dentre outras coisas, eu sou professor, de Educação Física e atuo, na rede pública do estado de São Paulo. Trabalho em duas escolas na cidade de São Carlos, uma escola mais central, uma escola mais na periferia, e todos os meus alunos são da faixa etária de 6 a 11 anos. Então eles estão do 1º ao 5º ano, e aí são aulas de Educação Física, dou muitas aulas, agora trabalhando em casa por conta da pandemia, mas quando eu estou no trabalho presencial são 12 aulas por dia, que eu dou, de Educação Física.

### **A troca**

Eu trabalhei muitos anos no comércio, me formei em 1991 na graduação em Educação Física, aqui em São Carlos, mesmo eu me formando em 91 só em 2003 que eu fui dar a primeira aula de Educação Física. Então, 12 anos depois da faculdade que eu ingressei na Educação, eu tinha uma vida já meio programada no comércio, já tinha plano de carreira, de gerencia, de supervisão, essas coisas todas, já estava me

encaminhando para isso. Apareceu um concurso do Estado em 98 e em 2003 eu fui chamado, e eu fui, para ver como era, então eu pensei “eu vou, deixo as portas abertas lá no comércio”, porque era minha vida até então, desde os 14 anos trabalhando no comércio, mas daí eu falei “eu vou” e então, me identifiquei com a Educação. Estou já há 18 anos, e é engraçado, porque parece que eu não vivi a outra vida, o outro tempo, o do comércio, ele não existiu, parece que meu profissional, ele é a partir da entrada na Educação. É lógico que eu trago tudo isso, essa história de vida vem toda junto, mas hoje eu me sinto realmente professor. No início foi meio complicado, eu tinha a imagem de outros professores que eu tive e eu pensava “ah, mas eu nunca vou ser aquele professor”, eu sempre dou o exemplo de um professor de física, que eu tinha, o Marco Aurélio, que era meu exemplo, sempre foi, e hoje eu já me sinto próximo daquilo, então valeu a pena a troca do comércio pela Educação. Isso é um pouquinho da minha história.

### **Menino da rua**

Fui um menino da rua, não um menino da rua no sentido que não era cuidado pelos pais, ou que era abandonado, nada disso, muito pelo contrário, mas um menino que pôde brincar na rua. Eu morei uma parte do tempo em um lugar, em São Carlos, que é meio afastado da cidade, que chama Sae, que é onde fazem a captação de água da cidade, e lá era uma espécie de chácara, era um espaço muito aberto, então eu brinquei muito de estilingue, matava os passarinhos, porque naquele momento era permitido, era natural fazer isso. Brincava de pescar, de nadar no córrego e, mais para frente, morando em uma parte mais urbana, eu lembro de brincar na rua, são muitas experiências, de bolinha de gude, de esconde esconde. Apanhava da mamãe porque não entrava logo para tomar banho, e essas coisas, então vivi muito da minha infância, na escola, brincando na escola, mas principalmente, brincando na rua. A rua que eu morava era uma rua sem asfalto, então tinha pouco trânsito, a gente sentia uma certa segurança com relação a ser assaltado, ou de sofrer qualquer tipo de agressão física, e não tinha o perigo do veículo.

### **Voltar no tempo**

Me fez voltar no tempo, em um tempo que a gente inclusive, dá uma esquecida de vez em quando, por conta da correria, de muito trabalho, e a gente tem uma flashes de lembrança da infância e essa nossa entrevista, essa nossa conversa, me fez recordar coisas boas da minha infância, também tem coisas tristes da infância, porque todo mundo tem uma historinha triste para contar né?! Mas eu prefiro não contar as historinhas tristes então, quando você foi me perguntando eu fui relembando, eu só consegui lembrar de coisas boas da infância, acho que é isso... esse momento lembrar foi muito legal, eu gostei.

### 3.5 Fósforo – Ser lugar de brincar

#### Fósforo

Meu nome é Fósforo, sou educador. Eu queria ser educador desde que tinha 14 ou 13 anos, quando eu ensinava os meus amigos na escola, mas não sabia muito bem o que eu queria ser de educador, então eu prestei Química, Engenharia Química e Educação Física. Passei nos três e então fui conversar com meu professor favorito e ele disse “Olha, faz o que você sente que você vai fazer melhor, que você vai ser mais feliz fazendo” e eu escolhi Educação Física. Achei muito legal o professor de Química não ter falado “faz química” então, isso para mim foi muito bonito da parte dele. E cara, que pergunta difícil... Eu sou uma pessoa que gosta de brincar desde sempre, que parte da minha formação como ser humano tem a ver com o brincar na rua, com os meus amigos, com os lendários polícia e ladrão com 30 pessoas. Sou uma mistura de pessoa que gosta muito de jogar, de ler e que se apaixonou por dança, uma pessoa que gosta, que acredita que o mundo pode ser diferente e que a educação é um dos jeitos de transformar o mundo, acho que é isso... e que gosta de chocolate.

#### O porquê da escolha

Lembro muito das coisas da minha infância, acho que esse lance do brincar, realmente mudou o meu jeito de lidar com a vida, acho que isso é muito importante, acho que por isso que eu fui, de alguma forma, fazer Educação Física, porque eu pensava que ser professor de algo tinha que tocar as pessoas, e eu achava que tocar as pessoas a partir do corpo era um jeito incrível de fazer com que as pessoas se transformassem, se enxergassem, enfim, para mim era isso o porquê da escolha de Educação Física.

#### A água é a água

A primeira experiência é de estar na rua da minha avó, e eu brincava de um jogo que só eu brincava quando criança, brincava meio que sozinho, que a água, ela escorria, porque era uma rua sem saída e era uma laderona, minha avó morava para baixo da ladeira, e é isso, década de 90 (risada), sempre escorria água por essa ladeira, descia, e a minha brincadeira era fazer uma represa com essa água, uma barragem, eu pegava terra, pedra e um monte de coisa e eu ficava colocando, na vala, é isso o nome? O lugar por onde escorre água do lado da rua. Eu ia juntando um monte de coisas, de pedra e terra e ia fazendo uma super represa com essa água que, sei lá a procedência dessa água (risos)... e ficou pra mim a tentativa de querer parar o máximo de água possível, e era muito alucinante, porque a água é a água, e eu nunca conseguia segurar muita água. Teve um dia que eu consegui prender a água para metade da rua assim,

mas sempre estourava e eu nunca conseguia vencer a água. Mas era isso, a primeira brincadeira que eu lembro. Acho que eu tinha uns 6 anos, 7 anos.

### **Ladeira**

Eu lembro, da casa da minha avó, eu brincava muito disso, da represa, eu brincava muito de carrinho de rolimã, porque era uma laderona, eu tenho até uma lembrança não muito feliz quando eu me esborrachei, com o braço todo ferrado, tem a foto da ladeira no meu TCC. E brincava muito de bolinha de gude, e brincava de escalar e subir nas coisas, então o muro da casa da minha avó era um super lugar para fazer isso, e o telhado da casa da minha avó era super legal, então, apanhei bastante de varinha de marmelo... minha avó era muito querida, mas assim, no telhado não podia (risos)... Mas eu gostava muito, era o lugar que eu conseguia ver as coisas do alto, e era um lugar que as pessoas não iam, então era uma visão privilegiada, gostava bastante disso. E meu vizinho, ele tinha vídeo game, e... eu tenho pensado muito sobre vídeo game. Eu fui introduzido no vídeo game pelo meu vizinho, bem cedo, então isso virou uma coisa, um desejo bem grande ao longo da vida. E tinha os pegas-pegas na rua, não tinha futebol porque era uma ladeira e jogar bola na ladeira é uma merda, inclusive quando a ladeira tem muitos 100 metros, então, mano, se a bola caísse, ela caía e tipo não, não jogava bola, e é engraçado, porque tinha um lugar, que era uma ladeira, e tinha uma outra ladeira, lá em cima, da outra ladeira. Tinha a Sabesp onde as crianças mais velhas brincavam, mas eu nunca ia para lá, eu sempre ficava brincando na rua da casa da minha avó.

### **Aquelas brincadeiras**

Eu brincava com carrinhos, eu ganhei um caminhão, e o caminhão era ótimo porque ele ajudava a carregar terra, pedras e mato para fazer a represa, e acho que nesse período... ah, tinha também aquelas brincadeiras muito odiosas de pegar formigas e fazer experiências com formigas e ver as formigas se matando, que hoje eu não consigo nem matar formiga mas na época eu fazia esses experimentos, enfim, eu acho que isso marca uma etapa, uma etapa de infância, e aí depois eu me mudei para um apartamento com a minha mãe, eu não lembro do que eu brincava, eu lembro de ter Kinder ovo e brincar com brinquedos de Kinder ovo, mas não tenho nenhuma recordação de brincar lá. E eu também brincava... eu estudei em uma escola, no centro de São José dos Campos, e depois trabalhando no Ancora, eu descobri que a minha coordenadora do Ancora era minha professora, nessa escola, muito legal essa descoberta. Mas enfim, na escola eu lembro de brincadeiras como corre cutia, que era minha preferida, e correr atrás de pombo, que eu sempre queria pegar pombo na corrida e eu nunca alcançava. Eu tenho uma memória bem forte na minha cabeça de eu correndo na areia atrás do pombo e eu quase pequei o pombo. E tinha os lances de

trepa trepa e se pendurar, e também continuava com essas brincadeiras de subir nas coisas de diferentes jeitos e de jeitos mais variáveis, pendurar de cabeça para baixo, e ficar em pé, em cima daqueles negócios de ferro que ... (tosse) oh o corona, mentira, nem sai de casa...

### **O condomínio**

Depois eu fui morar em um condomínio, em um outro interior, em São José dos Campos, que é um condomínio muito marcante para mim, porque ele é um condomínio de classe baixa, então ele tem muitos apartamentos, tinha mil e poucos apartamentos, então pensa o tanto de criança que tinha nesse condomínio, tinha muita muita criança, e tinha os blocos que eram divididos de dois em dois, e entre os prédios tinha o parquinho, cada parquinho tinha a sua turma assim, e a gente tinha uma comunicação ótima, para chamar as pessoas para brincar, que as mães odiavam, que a molecada ia no parquinho e gritava “oh fulaaaaaano” isso as 8hrs da manhã, 9horas da manhã, e que se foda quem estava dormindo, década de 90.

### **O parquinho**

O parquinho era dividido em 3 partes, pensando em um campo de futebol, ele era grande, ele tinha no meio era o parquinho com bancos virados para o meio e para fora dos bancos tinham gramados com árvores, então o parquinho ele era dividido assim, o meio era o parquinho, da minha casa para a esquerda o gramado era para jogar bola e do outro banco, do outro lado do parquinho era o campo de bolinha de gude, que a gente tinha feito. As brincadeiras que rolavam era futebol, que eu comecei a jogar, no parquinho, o gira gira, o balanço, escorregador, e a gangorra que eu não gostava de gangorra, nunca gostei até que me ensinaram um jogo novo, depois de adulto, que mudou minha ideia e depois te ensino. Parte das brincadeiras era pega pega... na rua, onde ficava o estacionamento dos carros, de todos os blocos, a gente brincava muito de passa poste e a gente brincava muito de esconde esconde. E para além disso, tinha um matagal em volta do condomínio, então a gente também se aventurava ao redor do matagal e lá longe dava para ver um castelo, tipo um castelo mesmo, de um condomínio rico... e a gente sempre quis chegar no castelo, eu nunca cheguei, e ainda é uma das coisas que eu ainda quero fazer.

### **O time**

A gente começou a brincar de alguns jogos de tabuleiro, e o banco imobiliário é um deles, um jogo chamado Gulliver que era um futebol moderninho, que não era futebol de botão... é engraçado que esse acabou, mas o futebol de botão continua até hoje. Tinha também o jogo da vida, que eu fui jogar com as crianças atualmente e é

algo muito terrível, muito ruim, e tinha o lance de escalar o apartamento, eu tinha ganhado uma fantasia de homem aranha, e eu escalava o apartamento (pausa)... Essa era uma etapa, porque as pessoas se mudavam, e aí a turma do condomínio mudava, e virou essas brincadeiras e eu acho que os ápices, mais indo para a adolescência, foram o vídeo game, o futebol e eu já estava começando a treinar futebol, estava virando atleta, então com 12, 13 anos eu jogava regional, com o time da cidade, que foi muito legal para mim e o futebol no condomínio que era algo muito sério, era engraçado, que no futebol, os grupinhos começaram a criar times, e a gente apostava café da manhã, da tarde, então o time que ganhava pagava pão com mortadela e coca cola para o outro time, e o time começou a fazer uniforme. E tinha o time de futsal, que era muito sério, a gente jogava no final de semana, e um dos meus grandes amigos da vida, ainda é uma dessas pessoas, que na verdade era do time rival, que era o goleiro, porque eu não sabia jogar, eu não sabia mexer os pés, eu só sabia correr alucinadamente, e conseguia me jogar nas bolas, então não me colocava para jogar na linha, e eu e o outro menino, éramos muito bons como goleiros e as pessoas ofereciam chantagem para a gente jogar no time das pessoas, “a gente te dá mais doce, a gente te dá mais mortadela” e a gente aceitava, a gente é amigo até hoje, a gente continua se falando inclusive, nessa quarentena. Tinha isso, e o polícia e ladrão, que eram dois irmãos que tinha no time e é engraçado que eram sempre os dois... eu corria muito mais rápido, mas mesmo assim, eram sempre esses dois irmãos que eram escolhidos para tirar o time do polícia e ladrão. Eu era o primeiro a ser escolhido, sempre, e isso me deixava muito orgulhoso, e era muito insano, porque como era muito grande o condomínio, e você ainda podia entrar no mato, era mais ou menos assim, um dia seu time era a polícia e no outro dia seu time era ladrão, porque era muito. Então em geral a dinâmica era, chegava da escola, jogava a mochila dentro de casa, e aí saía na sua e todos começavam a se gritar, e juntava uma multidão lá no bloco do Maíke, e a gente tirava os times, e começava, daí demorava 3, 4 horas... era meio bastante.

## **Olímpiadas**

Uma coisa era o condomínio, outra coisa era o time de futebol e outra coisa era na escola. E a classe social era muito diferente, então tinham coisas muito diferentes rolando. Na escola o futebol era a mesma coisa, eu era o goleiro e tudo mais, só que na escola tinha uma coisa legal... Na escola a gente tinha as olimpíadas, acontecia para todas as salas e séries, e se disputavam com crianças de todas essas unidades dessa escola, e tinha o campo para fazer a disputa de atletismo, e as pessoas recebiam medalhas pelas coisas, e eu gostava muito porque eu ganhava muitas medalhas e enfim, era divertido, era um dos momentos favoritos para mim da escola. E as brincadeiras lá foram, futebol, queimada, rouba bandeira, foi aprender os esportes, vôlei, basquete, handebol... handebol eu não gosto até hoje, eu tomei duas boladas no saco em uma olimpíada, de propósito, o cara fez de propósito, porque ninguém acerta



duas vezes, uma seguida da outra, o cara jogou para me tirar do jogo, foi isso, eu tenho certeza. Enfim, e aí... entrou coisas de carta, de Magic, de Pokémon também, que foram importantes, mas que foram tomando mais tempo da vida, tipo, agora pensando, eu nunca tinha pensado nisso, mas você deixa de brincar de outras coisas e vai para brincadeiras mais intelectuais, que eram os jogos de carta e o xadrez.

### **3.6 Vitor – Pessoas brincam brinquedos**

#### **Vitor**

Sou Vitor, atualmente sou professor de educação infantil. Já passei por várias redes municipais, fui professor de escola pública e atualmente estou em uma escola particular em São Paulo, de Educação Infantil. Eu me formei em 2007 em Pedagogia, e desde 2008 eu sou professor, atuei um ano no Ensino Fundamental e o resto da carreira sempre na Educação Infantil. Desde 2007 eu fiz especialização em Linguagens das Artes, na USP com a Maria Antônia, depois eu fiz mestrado na UFSCar e agora eu estou no Doutorado na UFSCar, os dois em Educação.

#### **Desafio corporal**

Acho que as lembranças mais fortes para mim têm a ver com o desafio corporal, de se auto superar, se desafiar, se colocar em risco. Eu tenho muitas lembranças de subir em árvore e de subir no telhado, aos 4 anos eu já subia no telhado de casa sozinho, sem nenhuma ajuda. Já antecipava, já via todos os passos, ficava olhando os muros, as paredes, os postes e ficava meio que planejando como que eu poderia fazer um percurso de subir e eu ficava muito tempo, as tardes assim. Eu lembro de passar bastante tempo deitado no telhado, olhando as nuvens e o céu, era algo que eu fazia muito e de subir no batente da porta. Então, sempre que precisava subir em algum lugar, me chamavam, eu gostava disso, era algo que eu curti muito fazer, então sempre tive essa coisa, de subir, pegar amora, tinha um pé de amora em casa e comia muita amora, hoje em dia eu nem gosto de amora, nem ligo, não é o mesmo gosto.

#### **Brincar com irmão**

Eu tenho muitos irmãos também, então tive muito essa coisa de brincar com irmão, eu tenho 3 irmãos e uma irmã, então era sempre tudo junto, brincava junto de escorregar no assoalho, brincar na rede, a gente tinha rede e se balançava na rede, então a gente brincava muito junto, tinha um espaço bom a casa, então a gente fazia tudo junto, era muito brincar com irmão, nessa casa.

### **A gente muda, os brinquedos e brincadeira também**

Em Rio Claro, tudo eu fazia de bicicleta, levava uma, duas pessoas na bicicleta, e a gente brincava com isso, brincava de tirar as mãos... Então mesmo perto dos 18, 19 anos a bicicleta era esse brinquedo, que transporta, que é meio de transporte, mas que também é o brinquedo, que também é uma curtidão, que também é um surf... Eu acho que a gente vai mudando os brinquedos, vai mudando as brincadeiras, mas a gente não deixa de brincar. Depois, a brincadeira era a música, na faculdade era muito isso, aquela coisa de estender uma canga no gramado e tocar um violão... e ver o pôr do sol no campinho da Unesp. Então, eu acho que as brincadeiras vão mudando e a gente vai mudando as pesquisas, eu acho que também, mesmo como pesquisador, em laboratório, aquilo é um brinquedo, a gente vai criando hipóteses, vai brincando, testa dali, experimenta de lá, encaixa, desencaixa, acho que não deixa de ser uma brincadeira, e agora como adulto, as brincadeiras são muitas e eu também não paro, fico inventando uns brinquedos aqui em casa, pra dar oficina, pra inventar com as crianças para fazer na escola... Eu estava pirando uns tempos atrás, com pista de bolinha de gude, rampa, esse tipo de coisa, comecei a pegar resto de marcenaria, então em casa tem uma parafernália de coisas. Tem um monte de instrumento que não serve pra nada, tem coisas que nem são instrumentos, são objetos sonoros que são um flexatone, tem um metalofone, algumas coisas que você não encontra, nenhum músico usa é muito pra efeito, sonoplastia, pra fazer coisa que fecha a porta. Eu tenho duas malas cheias dessas tralhas, eu tenho um monte de canaleta de papelão, enorme, que eu cortei, cerrei, inventei umas rampas de bolinha, então está tudo aqui em casa, mesmo do circo, eu tinha perna de pau em casa, então assim, acho que os brinquedos só vão se acumulando em casa e vão mudando. São fases, tem hora que eu estou na música, com o violão, com tambor, com percussão, tem hora que é circo, tem hora que é essas engenhocas, com bolinha de gude e assim vai, a gente só vai mudando os brinquedos.

### **3.7 Eduardo – Bairro amigo, rua festa, brincar vida**

#### **Sou Eduardo**

Sou Eduardo, tenho 42 anos, pai da Maitê, marido da Regiane, uma pessoa de uma família grande. Contando comigo, somos em 6 irmãos, de uma família de pais separados. Pelo fato de ter 42 anos em uma época que São Paulo... eu sou de São Paulo, capital, nascido em São Paulo capital, em uma época que a gente brincava muito nas ruas. Gosto de brincar, daí minha influência em praticar esporte e me formar em Educação Física. Sou formado em Educação Física e hoje sou funcionário do

SESC, trabalho na área de atividade física, com públicos variados, no sentido de faixas etárias... e é isso.

### **A brincadeira na minha vida**

É... memória não é meu forte, mas eu tenho muitas lembranças de criança, lembranças de brincar, eu só não sei se essas lembranças estão em ordem cronológica, não sei dizer exatamente qual idade eu tinha, eu era bem novo... não sou o irmão mais velho, sou o segundo dos irmãos, então sempre tive meu irmão como referência. Escola também, um espaço que eu brincava bastante, mas a maior parte das lembranças que eu tenho de brincadeira é da rua, dos amigos de bairro, lembro das pessoas, lembro de situações, dessa liberdade que a gente tinha... Há muito tempo atrás a gente não tinha que dar tanta satisfação aos pais, era simplesmente, “vou pra rua” e “ah, volta pra jantar” e ficava brincando na rua, as vezes na casa de um, as vezes na casa do outro, e essas são as lembranças, de... se eu nasci em 78, eu imagino que as lembranças mais fortes são de quando eu tinha uns 10 anos, 9 anos, 6 anos, essas são lembranças marcantes... Brinquei muito de amarelinha, pega pega, esconde esconde, construção de brinquedos, pegar material na rua, depois eu fui passando pra uma fase mais de esportes, de criar campeonatos, fazer campeonatos, jogos contra, carinho de rolimã, brincadeiras que eu não vejo mais, bolinha de gude... Eu tinha coleção de bolinha de gude, depois a gente brincava muito de pipa, fazer pipa, fazer associação de amigos para compartilhar as pipas que pegava, que tinha, eu não sei precisar a data, com qual idade, mas foi muito presente a brincadeira na minha vida.

### **Amigos do bairro**

Eu me lembro muito, desde de brincar com boneca, com as amigas vizinhas, brincar de pipa, brincar de pular cela, brincar de pega pega que a gente criava, tinha uma brincadeira que a gente chamava de pic-latinha, cada macaco no seu galho, todas brincadeiras que eu já brinquei. Essa comunidade do bairro, essa coisa de ter os amigos do bairro, era muito forte, era muito legal, porque as faixas etárias se misturavam, tinha o pessoal mais velho, tinha o pessoal mais novo, e a gente ia brincando. Eu lembro que dessas brincadeiras mais infantis, desde construir pistas de corrida para brincar de carrinho, até brincar de ioiô, eu fui caminhando por um caminho mais do esporte, a gente brincava muito de futebol, de golzinho com os chinelos, paredão... Lá onde eu morava o vizinho tinha uma parede grandona, então a gente brincava de paredão, três dentro, três fora. Com influencia, um pouco, da minha escola, eu parti para o vôlei e passava o final de semana inteiro jogando vôlei, montava a rede de um portão no outro, a noite começava a tocar violão, quando era mais jovem e assim continuava as brincadeiras.

## **Brincar na rua**

Esse grupo, eu acho legal falar... esse momento de brincar na rua, era muito legal, e esse grupo de rua, ele foi se mudando com o tempo, por um período eram os vizinhos mais diretos, eu brincava mais com a minha vizinha de muro e ali você vai conhecendo uma pessoa e outra, vai mudando até a região que você fica, assim “ah, vamos brincar na rua de trás”, e a minha brincadeira era sempre na rua de trás. Aí você vai ficando um pouquinho mais velho e tinha uma mata perto da minha casa, e “ah, vamos fazer uma expedição para a mata” e então a gente fazia uma caminhada lá, pulava o muro e a gente ia para o mato. Quando mais velho, minha mãe e meu pai, sempre gostaram de receber as pessoas em casa, então a minha casa sempre foi uma referência. O portão da minha casa sempre ficava aberto, para as pessoas beberem água, minha mãe as vezes fazia bolo, as pessoas ficavam ali... festa junina, essas coisas, lembro de fazer fogueira, batata doce, até de madrugada... Meus pais não eram muito presentes na rua, mas assim, meu amigo vinha me chamar em casa, quando eu via, meu amigo já estava dentro de casa, na sala, dizendo “oh Eduardo, vamos não sei aonde, não sei o que ...” assim, o acesso em casa sempre foi bem fácil.

## **Festa junina**

A festa junina era na rua, as crianças estavam todas ali e como eu disse, as vezes mudava a faixa etária, o pessoal mais velho pegava madeira e já fazia a base da fogueira, um pai fazia uma coisa ou outra, aí começa as brigas das famílias mas a molecada continuava, as famílias acabavam nem se intrometendo muito na festa, mas as crianças, a molecada sempre estava junto ali... Daí vai passando para a fase de adolescente e vai para as namoradinhas, e aí os grupos vão tomando seus caminhos... Um grupo que achava mais interessante, ia usar as drogas e o grupo que achava mais interessante ficar com as meninas, então eu permeava ali o grupo das meninas, então, sempre tive muitas amigas. Essa parte do esporte também ajudava, então, quando adolescente, eu colocava a rede na rua, mesmo a minha rua ser uma descida, não era uma rua plana, a gente jogava vôlei ali, na frente da minha casa, colocava a rede e ficava até anoitecer, acabava o vôlei e continuava a turma ali, conversando, cantando música, batendo papo, contanto piada. E antes, anterior a isso, eu lembro também do stop, nossa, de brincar de stop e que a gente tirava sarro das cartinhas das meninas, das coleções de cartinhas, das coleções... Ah, tem muita coisa para lembrar. E aí as turmas vão se misturando, eu conto a minha história desse bairro, até eu ter uns 17, 18 anos que foi quando eu vim para São Carlos estudar, então mesmo quando adulto, era muito comum a gente se reunir no bairro, então, de uma forma diferente. A gente se reunia e aquele era um momento mais descontraído, de mais liberdade, a gente podia brincar e tal, e continuava... Ai também começam as rinchas, quando tem as

meninas, então começa a ter os namorinhos, casalzinhos, então o pessoal da rua de trás já não era mais tão amigo, já é mais concorrente, aí vai passando as fases...

### **3.8 Renata – Morada dos saltos desafiadores**

#### **Quem sou eu**

Sempre a pergunta mais difícil é essa né... (risos Renata), quem sou eu, aí meu Deus que pergunta difícil, eu estou brincando, mas a real é que essa é a pergunta que a gente fica fazendo a vida toda...quem somos nós, né?! Mas eu te conto assim, eu vou contar assim, fazendo um breve resumo do que é também dentro de um lugar que tenha ligação com isso que eu faço. Eu nasci em 1971, tenho 47 anos agora, nasci em São Paulo, em uma família bastante, digamos, tradicional nesse sentido de composição familiar, mas sempre tive uma infância muito livre, mesmo aqui em São Paulo, com essa relação de quintal e de vida urbana mas, muito livre principalmente em uma relação corporal, então eu sempre tive esse lugar do corpo ativo, uma criança que sempre está querendo explorar coisas, subir, árvores, e nas férias, durante o ano, nos finais de semana, meus pais sempre moveram muitas viagens, então praias, fazendas, interior, tinha pessoas da família que morava em fazendas, a gente sempre visitava, ou seja, para mim, a minha infância, ela tem muita influência nessa relação toda, que eu construí, de olhar para o brincar, inclusive tem um lugar que é quase de não querer sair dele, dessa relação muito ligada ao lúdico vivido mesmo. Então é uma experiência vivida que ela não se finda ali na infância, mas ela vem esticada, um período longo, mas ela vai se transmutando e de outras formas, que não especificamente sentar e brincar, mas ela vai se transformando ali em outras relações com um outro nível de consciência que é a maturidade vai te dando e tal, mas também muito pela experiência vivida mesmo.

#### **Os saltos**

Eu fui atleta, desde muito cedo, eu fazia saltos ornamentais então por muito tempo, isso era uma coisa também que me dava uma, uma relação muito forte com o corpo, os saltos é esse esporte que te provoca um desafio muito grande, de um precisão corporal e principalmente de coragem, um lugar que te exige diariamente que você se teste nessa coisa de se jogar numa relação, então para mim os saltos tem essa força da coragem que criou assim, de poder acreditar que isso possa ser uma meta assim, de usufruir, de...ah, acho que eu vou lá, me arriscar, me atirar, literalmente e poder assumir...eu acho que foi fundamental para mim o esporte, tanto assim que eu fui fazer Educação Física, então...de formação, de graduação eu fiz Educação Física, com esse

lugar, mas já na graduação pra mim já era muito forte esse lugar da brincadeira, do brincar, da infância principalmente, e não tão essa relação, mesmo que eu era uma atleta de alta performance, eu só fazia isso, aquela coisa toda, eu não via o esporte como uma linhagem do que eu queria, mas a infância sim, e na faculdade eu não tive esse substrato que eu buscava nesse sentido, num lugar assim, de um lúdico talvez, que eu estivesse procurando, algum, um ou outro professor que sim me despertou para coisas bem especiais e bonitas, mas em um geral a USP aquela época ainda tinha uma linhagem muito...uma perspectiva quase não, mas até nessa herança militar, que a Educação Física carrega, mas enfim, então isso foi em 1991 que eu entrei, e então ainda era esse lugar. Mas eu comecei a buscar fora da vida acadêmica, uma formação quase informal mesmo, e que a partir daí me ampliou para um olhar mais profundo assim, sobre o brincar.

### **Casinha**

De brincar mesmo, deixa eu ver o que que é mais antigo, porque vem muitas memórias, muitas coisas muito forte, mas a primeira de brincar....não sei se exatamente é a primeira mas, uma coisa que era já desde muito cedo, desde que....eu já nasci nessa casa, que tinha esse quintal, e que a gente tinha uma casinha de boneca feita pelo meu avô, que era um marceneiro de mão cheia, e ele fez uma casa incrível, então eu tenho uma irmã mais velha, então quando eu já me lembro, não sei se essa casinha já existia antes de eu chegar, mas como eu me lembro essa casinha já existia...fazendo um recorte de memória aí, pra mim são cenas muito fortes dentro dessa casinha...o que eu me lembro dela, coisas...da janela, da porta, do jeito que era ela, tinha uma varandinha inclusive e talvez por isso que não é uma primeira memória, mas eu lembro muito de arrumar a casinha, então eu já devia ter uma idade um pouquinho maior para ter essa relação mais de...então eu adorava arrumar e fazer comidinhas, e eu estou imaginando de 3 para 4 anos, mas é uma memória bem viva para mim... era uma casinha, ficava encostada no muro, do lado esquerdo, de quem saía para o quintal, eu morava aqui no bairro de Alto de Pinheiros, em São Paulo e tinha um quintal, para o nível de quintal paulistano assim, um quintal com espaço bem razoável para brincar, mas de tudo do quintal o que eu mais gostava era essa casinha e meu vô inclusive construiu um tanque de lavar roupas, isso eu acho que eu já era um pouco mais velha... mais nossa, eu passava horas lavando roupa e ele fez ainda que acoplava a torneira do tanque na torneira mesmo, lá de fora, então você ligava e realmente lavava sabe?! E eu tenho até hoje, algumas coisas da casinha eu guardei, um armarinho, umas coisas que vieram de lá...e muito na praia também, eu lembro muito de brincar na praia, desde bem pequena, a gente tinha uma casa em uma praia que chama Itanhaém, aqui no litoral paulistano e também, desde que me conheço por gente a gente ia todo verão, ficava dois meses, todo verão na praia, então era bem forte essa vivência de mar e praia....e lembro de brincar na areia, castelos, mar.

## O desafio corporal

Fui uma criança que tinha desperto em mim o desafio corporal, que aí desemboca nessa coisa de ser atleta e de saltos ornamentais, então, de um modo geral, aquilo que me mobilizava muito era no brincar, eram coisas que me desafiassem corporalmente, claro, pra além de outras coisas, mas acho que nesse desenvolvimento do brincar, eu lembro de aprender a andar de bicicleta antes da minha irmã mais velha, de querer rapidamente saber coisas, então esses desafios “eu quero saber como que isso funciona”, e aí eu tinha uma verdadeira paixão em ficar de ponta cabeças, dar estrelas, parada de mão, me lembro de subir nos batentes da porta, então eu ficava muito tempo nessa agilidade, e muito em subir em árvores, então acho que no desenvolver dessa relação corporal eu fui criando cada vez, cada etapa um desafio maior e quando eu ia muito para fazendas eu tinha muito essa possibilidade de andar a cavalo, então no começo você vai só aprendendo mas quando eu criei uma intimidade com o cavalo, o cavalo para mim ele quase subia na árvore junto comigo, sabe, eu fazia coisas assim que, calma, eu pulava rio, saltava coisas, brincava de esconde-esconde, pega pega, tudo no cavalo, então era quase uma extensão do corpo sabe, e foi me dando a possibilidade no desenvolver, mas se eu consigo pensar em uma relação de desenvolvimento, de etapas, ela sempre vai mais ligada com essa coisa de uma habilidade motora que a cada ano vai te dando mais força e exigindo mais, enfim...

### 3.9 Leticia – Brincar junto: tesouro em gotinhas

#### Leticia

Eu tenho hoje, 43 anos, nasci em 1977, não pinto o cabelo mas por alguma razão eu não tenho cabelo branco, eu falo que a minha herança genética veio em forma de verruga porque eu já tenho umas 4 verrugas no rosto, e aí as pessoas me falam assim, “ah, é só tirar” e aí eu falo “não eu não estou reclamando delas, eu não vou fazer um procedimento cirúrgico para tirar uma verruga da cara, isso inclusive é algo que diz muito de mim. Eu tenho um estilo de vida bem natural, estou caminhando cada vez mais para tentar ter menos interferência de coisas industrializadas e químicas na minha vida, então só uso cosmético natural, não consegui instalar o lar natural ainda, mas eu quero chegar lá de repente ano que vem conseguir usar só produto de limpeza natural então essa conexão com o mundo em volta de mim é algo que me permeia muito, que eu ando pensando muito, e já fui para esse lado a conversa (risos), mas enfim, sou de São Paulo mesmo, nasci e cresci em São Paulo, vivi em São Paulo a vida toda então sou bem paulistana e bem urbana. [...] eu coordeno essa secretaria hoje, mas nem sempre é o que eu fiz, já fui professora de inglês, já fui cozinheira, já fui produtora de

cinema, pulando de galho em galho na vida, que também é uma coisa que sempre foi importante para mim, que eu questiono um pouco hoje... porque hoje a gente tem uma sociedade que valoriza o currículo acadêmico os diplomas e o meu não tem muito disso, então as vezes eu questiono essa adaptação a sociedade padrão. Mas, faço o que eu faço com muita alegria porque acho que... não é sorte a palavra que eu busco aqui, mas acho que é um misto de honra e sorte, ter essa missão e ter esse trabalho hoje.

### **Castelinhos com gotinhas e caça ao tesouro**

De cara assim, eu lembro de duas coisas, eu lembro de fazer castelinho de areia na praia, eu falei que sou muito urbana mas eu tenho dois lugares da minha infância que são muito importantes e que não são nem um pouco urbanos que era a fazenda do meu avô e a casa de Guarujá da minha tia avó, então eu lembro muito de gostar de fazer aqueles castelinhos com gotinhas de areia assim, na praia, e desde criança bem pequena, adorava brincar disso, adorava brincar na praia. Eu lembro muito também de quando criança mais crescida assim, de gostar de brincar de montar caça ao tesouro, então tinha uma amiga de infância da minha mãe com a qual eu convivi muito com as filhas dela enquanto pequena, e eles moravam em uma casa muito grande, então a gente montava caça ao tesouro passando por todos os cômodos da casa e escondendo pistas, e acho que até hoje a minha brincadeira preferida é caça ao tesouro. São memórias bem fortes.

### **Lembranças recortadas**

Eu tenho lembranças bem recortadas, então eu não sei se eu sei te responder no sentido de avaliar como esse brincar evoluiu na minha vida, porque eu tenho memórias muito cortadas, mas eu tenho muitas lembranças de brincadeiras, de certa maneira, mais cerebrais, eu não sei se esse é o termo correto, mas sabe... de brincar de jogo de tabuleiro, de brincar da caça ao tesouro que tem uma coisa física muito forte mas que tem uma coisa de usar a cabeça, muito forte também.

### **Nosso quarto de brincar**

Os jogos de tabuleiro por exemplo é uma coisa que eu gosto de jogar até hoje, mas que eu gostava de pequena também... Então eu lembro de, tem momentos, que a gente ia para a praia e não só aquela praia da infância mas outras praias e a gente sempre levava jogos de tabuleiro, a gente era socio de um clube em São Paulo e eu lembro muito de brincar com as bolas nas quadras, com os pássaros, que tinha muitos, de brincar de correr, dessa coisa mais física... Fico tentando lembrar das casas que eu morei, como eu brincava dentro de casa, talvez porque seja um tema tão forte, no momento atual, mas não consigo muito lembrar, eu lembro que eu tinha um quarto de



brinquedo, e minha irmã foi artista plástica em uma época e o trabalho dela era muito relacionado a momentos da vida e tinha uma pintura que ela fez, que era o nosso quarto de brincar na infância, que a gente dormia em um quarto e o outro era o quarto de brincar, ao invés de cada uma dormir em um quarto, e eu tenho esse quadro em casa, inclusive nesse quarto... então tinha um espaço dedicado ao brincar, que acho uma coisa relevante na minha infância.

### **Brincar junto**

Eu acho que tem um lado que é o brincar como uma criança brincava, só que brincando hoje sendo adulta... que muitas vezes é quando você está com outras crianças. Então quando estou com o filho do meu primo, estou com o filho da minha amiga, porque eu não tenho filho, então você acaba brincando como se fosse criança, junto da outra criança, mas isso normalmente quando você está com outras crianças, então tem muito isso e eu adoro...Esse não ter rédeas para brincar, quando você está efetivamente brincando com outra criança, e eu não tenho, eu me jogo na brincadeira e quero brincar junto mesmo, não quero ser o adulto que media a criança quando eu estou brincando com a criança, eu quero brincar junto.

### **3.10 Sueli – Gente que cria, pega e brinca**

#### **Sueli**

Me chamo Sueli, já tenho 57 anos, mas sou super ativa, não deixo de fazer minhas coisas, não me sinto velha, e sou uma pessoa que eu sempre trabalhei, hoje eu sou aposentada, mas eu pratico as minhas atividades físicas, na verdade, ultimamente eu estou fazendo 5 dias na semana, quando eu não pedalo eu caminho, e assim vai, em alguns dias da semana que faço umas caminhadas longas, de 10 quilômetros, 8 quilômetros. Sou casada, tenho 2 filhos.

#### **As nossas brincadeiras a que gente criava**

Eu nasci em Itapuí, estado de São Paulo, em 05 de março de 1963, eu passei a minha infância toda no sítio, as nossas brincadeiras a que gente criava, não tinha nada eletrônico. Viemos para São Carlos, eu tinha 13 anos, quando meu avô resolveu vender o sítio, e aí cada um dos três filhos, tomou um rumo... Meu pai veio para São Carlos e então, eu nunca mais saí daqui, mais foi bem legal a minha infância. Muita fartura, a gente brincava bastante, porque nós éramos em 15 primos, cada tio tinha 5 filhos, e eram todos, mais ou menos da mesma faixa etária.

### **A nossa comidinha a gente pegava**

Eu lembro de várias brincadeira, uma era boneca, que nós íamos brincar e a gente não tinha boneca, e o que a gente fazia, a gente pegava o milho, milho verde, enquanto ele tinha o cabelinho, que não era seco, e a gente pegava e fazia de boneca, e aí fazia com carvão, o olhinho e a boquinha, na palha do milho, e aí a gente brincava que era nossa filhinha, nossa boneca, e outras... Tinha várias... a gente jogava bola, a gente tinha um campo que era muito grande, era um campo de futebol, então a gente brincava, de jogar bola mesmo, de futebol de campo, e queimada, e tudo que você imagina, era queimada, futebol, e ah... a gente fazia comidinha também, a nossa comidinha a gente pegava, porque tinha um rio, a gente pegava uma peneirinha e a gente ia no rio pegar peixinho, a gente batia a peneira e pegava peixinho, e o que a gente fazia com esses peixinhos? a gente limpava e fazia comidinha com farinha de milho, fazia aquele refogado e a gente comia, então a gente brincava de casinha desse jeito.

### **Vagalume**

A noite, tinha época, que tinha muito vagalume, e a gente saía a noite pra pegar... minha mãe tinha um fogão a lenha, então tinha pau e no pau ficava a brasa na ponta, quando ele fica dentro do fogo. Aí a gente pegava esse pau e saía no meio do quintal, era muito grande lá, e aí os bichinhos vinham, e daí a gente pegava os bichinhos, colocava em uma latinha pra gente ficar com aquilo no quarto, a noite, e aqueles bichinhos ficar acesso. E assim, minha infância foi muito boa... nesse tempo as nossas brincadeiras também eram, “ah, vamos brincar de pega pega” e... pega pega era o que a gente mais brincava, e a gente até subia na árvore para se esconder. Eu subia em pé de jatobá, em pé de manga, em pé de goiaba, a gente subia muito em árvore, até no coqueiro, a gente subia para pegar o coquinho.

### **Boneca de louça**

Aí teve um natal que eu e minhas irmãs ganhamos uma boneca da minha mãe, que antigamente era boneca de louça, a cabeça era de louça, tipo porcelana sabe, a cabeça de louça e aquela boneca muito chique, mas com aquela boneca a gente tinha um xodó, e era de vez em quando que a gente brincava com aquela boneca, dentro de casa para não quebrar, não sujar.

### 3.11 Joel – De lembranças e de brinquedos sou

#### **Eu lembro**

Não sei se eu começo de trás para frente ou de frente pra trás, mas bom, o Joel nasceu em um barraco de tabua, muito improvisado mesmo, em uma cidade chamada Lençóis Paulistas, bem interiorzinho, uma cidade pequenininha e antes de completar um ano de idade, minha família se mudou para Botucatu. Em um outro barraco de Tábua, um cômodo só, não tinha nem banheiro, mais quatro irmãos, pai e mãe... eu lembro de muitas vezes, dormir em cima do cavalo, porque estava chovendo, então o cavalo tinha que ficar para dentro, era na beira de um rio... eu lembro de alguns detalhes e nisso eu devia ter uns 2 ou 3 anos, porque eu imagino que eu ainda não falava, porque as pessoas interagiam comigo, em relação a terceira pessoa.

#### **Um saco de brinquedos**

Na minha primeira casa, meu irmão que é cerca de 12 ou 13 anos mais velho que eu, então eu imagino que na época ele tinha uns 15 ou 16 anos. Ele começou a trabalhar em uma fábrica de brinquedos. Eram brinquedos bem simples, feitos de plástico bolha, e se eu não me engano, ele começou a trabalhar lá... devia ser alguma época, tipo dia das crianças, ou natal, ou ainda pela lógica, ano novo, porque a empresa doou um saco de brinquedos... ele foi meu primeiro papai noel e único assim, na vida... Um saco de brinquedos, eram brinquedos muito leves, eram brinquedos bem porcaria mesmo, e ele juntou todos que ele conseguiu e levou pra mim... As minhas irmãs, eram um pouco mais velhas, mas a nossa vida trabalhando começou muito cedo, então apesar de serem crianças ainda, elas já não brincavam mais. Minha irmã mais nova, depois de mim, ela já ajudava meu pai a matar porco, ela já trabalhava mesmo com ele, isso que ela tem 4 ou 5 anos a mais que eu, então... se eu tinha uns 2 ou 3 ela tinha uns 7 ou 8 anos, e ela já ajudava meu pai a trabalhar, e eu era a única criança, criança mesmo, e ele trouxe esse saco de brinquedos para mim e eu lembro que tinha toda sorte de brinquedos de plástico ali, mas tudo desse plástico bolha, de casquinha fininha assim, uma folha de plástico e eu lembro de ter brincado muito com esses brinquedos nesse quintal, e pra mim, essa foi minha primeira experiência brincante. Eu imagino que eu tinha de 2 a 3 anos, porque era uma época em que as pessoas ainda falavam comigo, me tratando na terceira pessoa, eu não lembro de ninguém conversando comigo. Eu lembro que todas as pessoas me tratavam na terceira pessoa, então eu imagino que é porque eu não falava ainda, não tinha idade para falar.

## **Opala amarelo**

Minha irmã começou a namorar um rapaz, que morava perto, e ele tinha um opala S76, SS amarelo, até então, como a minha família não tinha carro, eu nunca tinha despertado um interesse por carros, mas quando eu vi o carro dele, eu achei assim... uma obra de arte, eu tinha uns 3 anos nessa época, eu achava aquele carro uma obra de arte, lindo, maravilhoso, não existia mais nada pra mim, só aquele carro... e eu estou contando isso, porque essa parte, para um cara que nasceu em condições como a que eu nasci, não teria oportunidade de ter muitos carros como eu sonhava, pra falar a verdade eu conheço muitas pessoas hoje que também não tem essa condição, mas foi daí que nasceu a minha paixão por carro. Como eu não podia estar próximo dos carros, eu fui me apaixonando por carrinhos, então por exemplo, aqui do lado, na minha mesa, eu tenho carrinhos que eu fico desmontando, montando e outras coisas... então, o Joel é esse cara que gosta muito de carros, que gosta muito de miniaturas de carros.

## **A bicicleta e o vídeo game do vizinho**

A bicicleta acho que surgiu por volta dos, arrisco a dizer, 8 e 10 anos, e era um brinquedo que depois se tornou esporte, mas eu vejo o esporte como uma forma de brinquedo do adulto. E aí surgiu a bicicleta, mas eu ainda gostava muito de carrinho e deixa eu ver o que mais tem de relevante... em uma determinada época quando eu mudei para uma vila chamada Bairro Alto, lá em Botucatu, um dos meus vizinhos que inclusive eu tento visitar a mãe dele até hoje, quando eu vou para Botucatu, era de uma família de classe média, e como só tinha nós dois de criança naquele bairro, era um bairro velho, a maioria das pessoas eram velhas e tal, casas muito fechadas, então por muito tempo só havia nós dois de criança ali, e ele era de uma família de classe média, estudava em colégio particular, tinha telefone, que era uma coisa que na época só rico tinha... e ele tinha videogame e alguns brinquedos eletrônicos que eu nunca curti muito, mas que o vídeo game como era uma coisa que ele gostava, eu acabei pegando gosto e a gente passava tardes jogando assim, as vezes a gente só parava para comer quando chamavam. Então o vídeo game fez parte um pouco da minha infância, mas sempre estive com os carrinhos, tanto que, eu tenho carrinho hoje que é de quando eu era criança. A bicicleta depois se tornou esporte e eu cheguei a competir algumas vezes, mas eu não gostei da experiência da competição, eu gostava de andar forte, de andar muito, mas não competindo com ninguém... eu acho que eu posso dizer que a bicicleta foi um brinquedo para mim, durante meus 15 anos em diante, até os 19/ 20 anos.

### **3.12 Alberto – O que ficou do doce e do jogo**

#### **Alberto**

Eu sou Alberto, sou engenheiro, fiz 2 mestrados, argentino, nasci em Buenos Aires e hoje já passei mais da metade da minha vida fora da Argentina, a maior parte do tempo no Brasil, mas ao total, 7 países, e com isso aprendi sua língua e também consegui falar o espanhol com sotaque (risos). Tenho 6 filhos, homens e mulheres, todos formados, cada um fazendo sua vida, tem pedagogas, tem química, relações institucionais, engenharia de alimentos, ambiental, enfim, estão todos nas suas áreas. Bem, eu estou aqui porque Gabe, me convidou, e a gente se conheceu pedalando, anos atrás, ela é mais experiente agora e eu sou mais magro, felizmente (risos) e achei interessante esse encontro, essa possibilidade de colaborar com o trabalho. Nasci em 03 de dezembro de 1941, quatro dias antes de que os japoneses fizessem o famoso bombardeio Pearl Harbor, nas Filipinas e hoje moro em São Carlos, estado de São Paulo, uma cidade do interior, isso já faz muitas décadas, como 30 anos.

#### **Me preocupa o jogo, isso sim...**

Sou um jovem de 79 anos e a essa altura da vida eu posso dizer, como disse aquele escritor “confesso que vivi” mas acho que ainda me falta bastante para viver, então estou tratando de aproveitar esse tempo, eu estou no terceiro ou no quarto tempo do jogo e não me preocupa o final do jogo, me preocupa o jogo, isso sim... Então eu faço para agradecer cada dia, o que posso fazer. Agora no meio de uma pandemia, as coisas mudaram muito... já vivi algo parecido quando criança, Gabe nunca conheceu, talvez ouviu falar, da famosa pandemia de poliomielite. Então primeiro surgiu uma vacina, com grandes pesquisadores, e eles foram uma salvação para a humanidade, porque aquilo aterrorizava todo mundo e eu lembro como eu estava aterrorizado, era criança quando vivi isso, foi meu último ano de ensino primário, durante as férias eu não saí de casa, tinha o meu quartinho, lá eu fazia modelos, essas coisas e vivi trancado aí, aterrorizado, mas então mudaram as coisas, mas o terror também existe e há uma incerteza, porque se vê que os cientistas tem grandes certezas mas também incertezas, então a população não sabe o que esperar... então cada dia é um presente, é isso para mim.

#### **Bandeja com doces folheados**

Tem uma antes disso que foi cometendo um delito, eu era criança, meu pai, oficial do exército, morávamos longe de Buenos Aires e em um período de férias, eu era assim (mostrando a altura com a mão, menor que a altura da mesa), teria 2 anos, 3 anos talvez. Ficava na casa da minha avó materna, e ao lado tinha uma padaria, então

foi a minha primeira experiência a margem da lei, eu lembro que eu fui a padaria, era uma tarde de verão, e havia uma bandeja com doces folheados, ainda me lembro isso, era folheados, com creme de baunilha, ah... mas eu não duvidei, me ergui, joguei a mão, peguei e depois voltei para a casa dos meus avós, já estava comendo quando atravessou o dono da padaria, dizia “esse moleque, pegou o doce e tal tal”... bem, minha avó teve que pagar esse doce, mas vamos lá...

### **Carrinhos e o circuito**

E brincando... olha, acho que foi nos primeiros 5 ou 6 anos, teve uma fase, que era moda, de carrinhos de plástico...os modelos eram muito simples, de plástico não havia grande coisa, naquela época logicamente, então até para produzi-los, era uma produção rustica, mas era um material plástico, que eram réplicas de carro de corrida, e todos os meninos loucos por ter eles, vermelho, azul, alumínio, e depois fazíamos reformas, colocávamos como essas massas de modelar, para que ficassem mais pesados e não tombassem e desenhávamos com giz, em algum pavimento liso, desenhávamos circuitos, eram com curvas, tudo isso... e me marcou muito, teríamos 6, 7 anos, imagina, possivelmente me marcou tanto que não lembro outra brincadeira... E então, fazíamos corridas, revezávamos, quem vai primeiro, segundo, terceiro e tínhamos que impulsionar os carrinhos, mas com cuidado, porque tinha curvas, e havia regras, não podia sair, enfim, tudo isso... E era na casa que nós tínhamos em Buenos Aires, nessa casa, havia uma entrada para carro, a garagem estava mais para o fundo da casa, era uma garagem como se fazia antes, fechada, com portões, telhado, dentro da casa, lá no fundo, e havia um corredor que era todo com ladrilho, e nós fazíamos os circuitos aí. Minha mãe ficava louca, porque falava que era sujeira, neurótica por limpeza, então depois tínhamos que lavar e no dia seguinte íamos fazer outro circuito.

### **Ficou gravado aqui**

O meu nome mesmo, eu me orgulho do meu nome e sobrenome, Alberto [...] tem uma origem espanhola muito distante, pelo lado paterno e também de origem russa... meus avós maternos eram imigrantes russos, sul da Rússia e leste da Ucrânia, me orgulho muito deles, gente de trabalho, judeus e porque saíram da Rússia? Porque... não havia Hitler naquela época, mas já perseguiam os judeus e eles foram expulsos da Rússia, as famílias deles, porque na época as autoridades, o imperador Russo, perseguiam os judeus... e não perguntavam onde queriam ir, colocavam eles com os seus pertences em um navio e os mandavam para algum lugar e Bernarde, que foi marceneiro toda vida e Sofi, foram parar na Argentina, e teve meu pai que já partiu, eram 3 irmãos, e como minha mãe era judia, eu sou judeu, me sinto muito orgulhoso disso, festejo relativamente essas festas judaicas, porque me lembram como eram as

festas judaicas quando eu era criança... as festas judaicas são muito alegres, os casamentos são alegres, então, essas coisas, tantas comidas típicas, e então tudo isso ficou gravado aqui (apontando para o coração) está gravado e eu lembro ainda.

### 3.13 Víctor – Las cartas de mi baraja

#### Me defino como un educador

Si tuviera que me definir de alguna manera yo me defino básicamente como un educador, he ejercido en el ámbito de la educación todos los papeles, desde educador el tiempo libre a profesor de la universidad que es mi dedicación actual, también me movido en el ámbito de la intervención socio educativa, he estado en la cárcel de jóvenes como monitor de deportes, he estado en la gestión de ongs, entidades solidarias, entidades empresariales teniendo siempre como, como hilo conductor esto, la intervención socio educativa, intentando cambiar las cosas o mejorar-las utilizando herramientas que podía ser el juego, el deporte, todo eso... y la otra parte que me gusta definirme es el tema de la cultura popular y cultura tradicional. Actualmente he sido presidente da federación catalán de juegos y deportes tradicionales que la hemos creado hace 3 años y la idea esa de intentar no olvidar las raíces, no olvidar de onde viene las cosas para entender el momento que estamos y para donde vamos, creo que es importante saber de dónde venimos, entonces ese interés por la cultura popular o por la cultura que hace el pueblo además, esa vertiente más social, todo que genera el pueblo me interesa... con estos ejes de cultura popular, intervención social y el mundo educativo son lo que me ha movido, insisto, desde la escuela, universidad, cursos de tiempo libre, pero siempre siendo esos 3 ejes. Nací en 1965 en Barcelona, soy muy barcelonés, aunque cada vez me gusta menos mi ciudad y muy catalán, no se se puede ser mucho o poco, y...ya está.

#### Recuerdo que emociona todavía

Tengo varios recuerdos de juego, uno es en casa con mi hermano, mi padre y mis abuelos, a mi padre no le gustaba jugar a juegos de mesa, pero mi padre con nosotros había jugado mucho, era tapicero, tenía un taller de tapicería, entonces siempre mientras, se estaba tapizando se ponía con las maderas y nos hacía jue... *[aquí, una pausa na fala: Víctor fica com os olhos cheios de lágrimas e com a voz tremula]* es que...me emociono ahora, pero, nos hacía juguetes con madera, me emociono ahora...el murrio hace años, pero es un recuerdo que bueno, me emociona todavía...y jugábamos mucho mucho, hacíamos espadas, construíamos cosas con lo que había en el taller de mi padre, y con el jugábamos mucho. Luego en la calle, yo soy de

Barcelona y viví en una calle muy pequeña, que no estaba asfaltada, que no había coches y que prácticamente era un pueblo, era una calle que había muchos niños, niños barones, entonces bueno, nos criamos en la calle jugando, jugábamos mucho, lo pasábamos muy bien.

### **Una baraja de cartas**

Mira siempre lo digo, “si tuviera que elegir a llevar a una isla deserta un juego, me llevarías una baraja de cartas”...con una baraja de cartas puedo jugar solo, puedo jugar con parejas, puedo jugar con un montón de gente, una baraja de cartas te da infinitas posibilidades de juego, con 48 cartas y dos comodines, con 50 cartas, no hay un juego más completo en el mundo como el juego de cartas...yo puedo jugar solitario, se somos dos en la isla perdida podemos jugar y se somos muchos ya festival con las cartas o sea yo creo que es lo más...el mejor invento de mundo es la baraja de cartas, a parte aquí hay muy buenos juegos de mesa, hay muy buenos juegos motrices, motores, muy bueno, pero ninguno te da tantas posibilidades como una baraja, de hecho siempre llevo una baraja de cartas.

## **3.14 Pere – Presente presentación presente**

### **Una primera presentación**

Después también salió la oportunidad de trabajar aquí en el centro donde actualmente trabajo, en el INEF y estuve trabajando en el ámbito del juego y del fútbol, las dos opciones aunque finalmente me toco decidir una de esas dos áreas, opté por el ámbito del juego, fruto de el a ver me inspirado, a ver encontrado como modelo disciplinar y científico en el ámbito de la ciencia de la acción motriz o praxeología motriz, poco conocida en nuestro país y a partir de ahí me abrió todo el cenario para comprender mi profesión, comprender la contribución de lo que hacemos en general y del juego en particular, del juego motor y sobre todo el juego tradicional a partir de ahí empecé a dar clases y también a compartir la inquietud de la investigación y forme parte de un grupo de investigación primero como miembro que se creó en el año de 1991 y luego como investigador principal cuando el compañero Francisco se jubiló y desde entonces hemo estado en contacto directo, con colegas de otros países, con el autor de referencia que es Pierre Parlebas, y con compañeros del centro que entiende la investigación como un desafío muy bonito para intentar mejorar lo que nos pueda interesar en nuestra profesión, el campo de acción, el ámbito que sea y a partir de ahí podemos ser activos en investigación, tenemos un grupo de investigación reconocido oficialmente como grupo consolidado y eso ha originado que en eso momento



tengamos compañeros, doctores, doctoras, y también compañeros miembros del grupo que están en proceso de su tesi doctoral, sendo de aquí o sendo de otras partes de Espanha o de otros países como puede ser Portugal, o Latino América, o Brasil, Argentina, Colombia, etc. Y fruto de eso, pois bueno, ya lleva unos tantos años desde 1988 trabajando en este centro, actualmente soy también subdirector de investigación de mi centro, en su momento fue jefe de estudios y director, por tanto tengo una visión institucional, pues és fruto de esos años que me permite hacer esa lectura y ver que la investigación és un leque tan importante como la educación, como la formación, entendida como una maneja de generar evidencias científicas que pueden ser tranferibles a la docencia para defender una ideia, un punto de vista importante y es una Educacion Fisica basada en evidencias científicas, donde no ay hierarquia de contenidos si no que podemos hacer uso de recursos que son distintos porque lleva experiencias motrices distintas y hay una serie de expresiones poco conocidas o anónimas y poco consideradas, cuando se compara con el mundo de deporte o con otras áreas, del saber, los juegos tradicionales en general, los juegos cooperativos, los juegos, pues nos muestra la evidencia científica que tiene una contribución magnifica y bueno, más o menos eso sería una primera presentación de lo que ha sido mi trayectoria lúdica y investigadora o profesional.

### **Una manera de presentarme diferente**

Yo nací en el 08/07/65, en 08 de julio de 1965, aquí en Lleida, España y una manera de presentarme diferente, sería que yo nascí en lugar privilegiado desde el punto de vista lúdico. Nascí en un contexto donde tuve la suerte de relacionarme con muchos amigos de la zona, de un pequeño pueblo, era casi como un barrio pequeño, donde hacíamos mucho la vida en la calle, donde jugábamos mucho, donde construíamos desde cabañas para escondernos o participar de unos tipos de historias, donde jugábamos muchos juegos en función de la época del año, donde en definitiva nos relacionábamos de una manera muy, digamos, desenfadadas a través del juego, pero profunda. Y eso hace que, con los amigos, amigos de la infancia, toda vía, quedemos regularmente para tomar algo y eso sería para mí una parte muy muy importante. Lo que significa la experiencia lúdica del juego, entendido como una experiencia vital.

### **Dos momentos, dos contextos**

Mi primera experiencia lúdica aparece en el contexto del juego, y que yo recuerdo, está referida a dos contextos distintos, digamos el ámbito de la educación no formal, informal, es decir, en la calle con mis vecinos, mis amigos de la infancia y en contexto de la escuela, donde curiosamente, la escuela empezaba a las 9hrs, las clases. Había varios momentos estrella, estrellares, como serian y yo intentaba llegar andando a las

8:30 para tener media hora para estar con mis amigos y también como me quedaba comer en la escuela, el momento de la comida, en el medio día. Eran los momentos donde recuerdo haber vivido experiencias lúdicas del jugos muy intensas y muy agradables.

### **3.15 Vicente – Dueño de recuerdos**

#### **Mi nombre es Vicente**

Mi nombre es Vicente, nací en un pueblo de Valencia y me vine a vivir en Castellón cuando inicie los estudios en la Universidad y luego ya me quedado aquí a vivir y actualmente vivo en La Vall d’Uixo, que también es un pueblo de aquí de Castellón, tengo en este momento 45 años voy caminando para los 46 en este 2020 y bueno, trabajo aquí en la universidad de asociado, a tiempo parcial en la área de didáctica de la expresión corporal, del departamento de Educación y a parte trabajo de freelance en la formación no reglada, dando cursos o de tiempo libre, formaciones no CEFIRE para profesorado y de alguna manera mi especialidad es un poco la didáctica y la metodología de la educación física.

#### **Pandía**

Para mí, la verdad es que, cuando he sido pequeñito yo he jugado mucho en la calle. Recuerdo llegar del colegio, desde de bien pequeñito, con 7 o 8 años, dejar la mochila de los libros en casa, de hecho, recuerdo porque la calle la que vivíamos, como todo éramos de la misma clase, teníamos la misma edad... Como íbamos a la misma clase, para hacer el deber rápido cada uno hacíamos un ejercicio antes de subir a casa y luego cada uno copiaba el del otro, entonces rápidamente subíamos a casa con los deberes hechos, corríamos la merienda y íbamos a jugar. Recuerdo jugar mucho en la calle, pero sobre todo en el campo, es decir, antes espacios que era las huertas y los bancales de árboles que terminaba la ciudad y íbamos a jugar ahí, hacíamos cabañas, a contamos historias, íbamos a espiar las parejas de mayores como se daban besos, sabes era un poco como el ambiente de pandía, donde compartíamos la merienda y de alguna maneja, jugábamos mucho...

#### **Los dueños del barrio**

En la calle jugábamos mucho a futbol, pero a un futbol que era con el balón en la portería de la puerta, podíamos ser 10 contra 2 y sobre todo de alguna manera se acabava de jugar cuando el dono del balón decía “me voy a casa”, era un poco eso, era jugar mucho mucho en la calle y jugábamos a cualquier cosa...también recuerdo

jugar al escondite y jugábamos en todo el barrio, lo que sí que teníamos una cosa muy delimitada es que, digamos que cada grupo de niños jugábamos en nuestro barrio y era como que, se ibas a otro barrio tenías que pedir permiso o tenías un enfrentamiento de hasta tirarnos piedras, estamos hablando de los años 80 ahí, a un nivel de este tipo. Recuerdo mucho eso y sí que, es verdad que jugábamos mucho, los chicos con los chicos y las chicas con las chicas, y algunas veces nos juntábamos para jugar a algo, pero las chicas en la aquella época jugaban más a la cuerda a juegos estés de goma elástica y nosotros era más de aventuras. Luego también, llego otro momento interesante, que fue cuando aparecerán los patinetes, que no era como ahora, pues tener un patinete era como “uahh”, y recuerdo que hicimos una especie de club del patinete que llamábamos de “los suicidas a 4 ruedas” (risos) nos hicimos unas camisetas a demás, con tinteras y con una técnica de tinta y tal, nos pusimos ahí, “los suicidas a 4 ruedas” y entonces íbamos ahí como “éramos los donos del barrio” (risos) no quiero imaginar cómo se los veía desde fuera, pero bueno, nosotros éramos tremendos, íbamos ahí con los patinetes y a saltar a los borillos, subíamos por los bancos, y bueno, no había internet y era la imaginación, tampoco sabíamos que existía los skates y nada, era como muy así...recuerdo que el primero patinete que tuvo me hizo mi padre con unos rolamentos de hierro y unas tablas de madera, y hacíamos ese tipo de cosas. Si que es verdad que lo que más hecho, un poco de menos...que no conté, que jugábamos solos, o sea, yo me iba de casa y quería volver a las 21hrs, pues, volvía a las 21hrs, íbamos a jugar, nosotros solos. Recuerdo también los veranos que íbamos a la casita de mis abuelos, pues, con mi abuela juagábamos a juegos de mesa como el bingo, el cinquillo, con pesetas y tal, pero sobre todo nos dedicamos a correr la bicicleta, irnos a la montaña, ver el río.

### **Con la abuela**

Con la abuela, íbamos a merendar a la casa de la tía de no sé quién...también es verdad que mis abuelos por ejemplo vivían en una zona que era casco antiguo de la ciudad, que no había tráfico de coches y yo recuerdo que las vecinas eran mis tías, y si no estaba mi abuela iba a casa de mis tías merendar y con los chavales íbamos a jugar. Recuerdo de jugar mucho, pero si nada, no tenía...no necesitábamos más que un balón y muchas veces ni eso, o un patinete e íbamos, sobre todo, buscar aventuras, y también recuerdo eso de asumir riesgos, de “bueno, vamos a ver se podemos entrar en esta casa que está abandonada, pero se no pillan” sabes, estábamos siempre con estas historias. Si que es verdad que tampoco había muchas más ofertas, es decir, en aquel momento no habían extra escolares, no había repasos, lo máximo que había eran recreativos y los recreativos eran para jugar a fútbolín o a ping pong, o billar, tampoco...empezaba a tener los videos juegos, pero no me acuerdo de tener un ordenador hasta que vine a la Universidad. Yo nunca encendí un ordenador, lo primero

fue aquí en la universidad entonces que...máquina de escribir para hacer los trabajos y todo lo demás era inventiva.

### **Camión**

Yo sí que echo de menos la calle, yo he vivido mucho la calle, como te decía antes y ahora estaba recordando también que jugábamos barbaridad, o sea, íbamos a una calle que era cuesta bajo de un supermercado y venían camiones de carga y descarga, nosotros nos poníamos escondidos en la curva y cuando el camión frenaba para pasar, salíamos por de tras y nos subíamos en el rebarcito de la puerta y entonces bajábamos hasta bajo y jugábamos a ver quién hacía el recorrido más largo, bueno, primero ver quien conseguía subir sin que te pillen y después quien es el último en bajarse, el premio era “tal case me pillan, no se qué” yo no se se eso ahora los niños los viven.

## **3.16 Joan – A lo largo de la vida**

### **Mi nombre es Joan**

Mi nombre es Joan, nascí en 1976, tengo 43 años, soy licenciado en Educación Física y soy Doctor en Didáctica en Educación Física con la tesis doctoral sobre los juegos tradicionales en el mundo. Actualmente trabajo como profesor en la Universidad e también soy profesor de secundaria durante unos 20 años y también he trabajado tanto en el ámbito formal como informal, atreves del juego, he formado monitores del tiempo libre, he impartido muchísimos cursos de formación de monitores de tiempo libre, al mismo tiempo impartido formación para personas...profesores de primaria y secundaria en Educación Física y bueno, también he trabajado con centros penitenciarios, he estado en múltiples asociaciones juveniles, asociaciones de tiempo libre, asociaciones de jóvenes y bueno, fundamentalmente mi ámbito es este.

### **Fotografía**

Mi primera experiencia, o recuerdo de juego que tengo, no sé exactamente, me viene a la cabeza a través de una fotografía. Tengo una fotografía en casa con mi padre en la que yo estoy encima de un caballo, de un caballo de madera, entonces posiblemente que en la fotografía tenía 2 o 3 años, con lo cual pues me viene a la cabeza la situación de que estoy con mis piernas empujando en caballo y supongo que en ese momento estaría simulando que soy un caballero que voy encima de un caballo, ficticio en este caso. A partir de esa primera experiencia o primero recuerdo que me viene atreves de la fotografía...después sé que tengo en la cabeza algunas

imágenes de algunas situaciones de juegos, jugando a las canicas, en nuestro caso llamamos las bolitas, las bolas y en el colegio, en el patio haciendo este juego en el suelo, pues me viene algunas imágenes, algunos flashes de situaciones que jugamos este juego o incluso otro juego “La araña” que se jugaba en un parque de San Mateo que actualmente no existe, y también un juego que teníamos mucho aprecio o incluso con las chapas, en la calle. Todo ese recuerdo tiene fundamentalmente juegos en la calle. Podía pensar también en algún juego de dentro de casa, jugando con los playmobil y también tengo en la cabeza algunas imágenes de cuando yo era pequeñito, pues que los reis magos siempre una cosa que tenía mucho interese, los juguetes y eso, de echo había unas disputas en casa porque mi hermano más pequeño...pero fundamentalmente el primero juego es encima de un caballo.

### **La evolución a lo largo de 43 años de vida**

La pelota, jugando a la calle y después a jugar en un campo de futbol. El hecho que no fuese bueno implicaba pues a estar muchas horas en el banquillo aburriéndome con lo que realmente no se se aquel deporte era demasiado interesante para mí porque fue bastante fracaso, a partir de ahí todo los juegos de calle poco a poco va evolucionando y ya pues desaparecen, a punto de que no hay un juego durante la adultez inicial, pues ya considero que...pues un juego de cartas, jugar a póker, jugar a juegos de tute, guiñote, juegos más de cartas pero así, a nivel motor pues ya no aparecen...el juego motor desaparece fue substituido por el deporte, el futbol o ir a correr, ir a correr por la montaña. Y pues ya lo que es la adultez media, la que estoy ahora, con los 40 años, pues ya aparece un poco la recuperación del juego atreves de la vinculación a asociaciones de juegos tradicionales con lo cual buscamos potenciar diferentes juegos tradicionales como los dos bolos, con el cual si aparece ya el juego como elemento más de coexistencia, de convivencia con personas que tienen los mismos intereses y también en mi vida aparecen dos pequeñitos, dos niños, un niño e una niña, la niña tiene 8 años y el niño tiene 4 años con lo cual ya aparece el juego un poco vinculado a mi forma de ser como padre, el niño te reclama un juego e bueno, ya pasas a jugar con tus niños para hacer la necesidad emocional de los niños, para una forma de entretenimiento y a forma que en casa estés más o menos haciendo cosas interesante y que no hagan trastadas. Mas o menos sería la evolución a lo largo de mis 43 años de vida.

#### **3.17 Vicente S. – Juguetón sin miedo**

**Profesor**

Me llamo Vicente, nascí en Burriana, en la ciudad que esta junto a esta (Vila real), hoy en día trabajo en Burriana, ¿no instituto de secundaria... y que es lo que hago? Pues, hago de profesor, o intento hacer de profesor de educación física, que as veces no se se hago de profesor o de terapeuta emocional y aparte de eso, ejerzo de padre y también estoy con un grupo de colegas que estamos interesados en dar una perspectiva a la educación física, un poquito más con una perspectiva de cariño y de amor para los chavales, dando les aquellas cosas que nosotros pensamos que pueden ser buenas no momento que pasa y modificando se haces necesario, y en eso estamos. Si quieres algo más, una información personal...bueno, si, nascí en 1966, tengo 53 años en este momento, me siento muy feliz de lo que hago, me encanta mi trabajo, estoy verdaderamente muy metido en él, si no, no se se lo aguantaría, y...que me gustaría para el futuro, pues, seguir trabajando en lo mismo, jubilarme en el día que tenga que jubilar, habiendo trabajado toda la vida en esto y se alguna cosa bonita he dejado, algún recuerdo a algún chaval o chavala que sea, que la educación física o la actividad física, o el ocio, no es solamente estar mirando una pantalla de televisión o del móvil y que su cuerpo es mucho más importante y he sacado para ellos, tienen que cuidarlo un poco, a ellos mismos, esa es mi ilusión.

### **Miedo a las batas blancas**

Es de muy pequeño, de tan pequeño que todavía llevaba pañuelos, es un recuerdo muy muy significativo porque corrí miedo a las batas blancas, a los médicos, me hicieran mucho daño y este daño lo recuerdo en una época que normalmente no tienes que recordar el dolor, pero fue tan intenso, tan marcado que marcó. Entonces, un día tenía que venir un practicante, practicante son los enfermeros que vienen a inyectar en los chavales o en las personas enfermas en casa, entonces tenía que venir a inyectar una vacuna o algo en alguien de la familia, y alguien de mi casa se lo ocurrió decir que me pincharía a mí y entonces con esa situación de broma miedo y yo muy pequeño, pues mi juego fue largarme de casa, o sea que yo lo entiendo como un juego infantil, pero me largue de casa y luego me encontraran que estaba en la puerta, ese como digamos, un primero juego relacionado con las emociones del miedo.

### **Jugueteón**

Pues, primero soy una persona muy imaginativa y mis juegos son muy imaginativos en mi cerebro siempre estoy jugando, sigo siendo, pero no tanto, pero sigo siendo y de pequeñito era muy jugueteón. Si yo iba caminando hasta la escuela, todo el camino era un juego, o iba en el juego de adelantar la equipo adelante que iba más despacio a ver se pudiendo adelantarlo indo más rápido, ir caminando por encima de la orilla de entre hacer en la calzada sin caerme por equilibrio, de ir caminando por encima o ir pisando en ciertas zonas y no pisar otras, eso eran formas de juego pero

es que a parte había más naturaleza do que hay ahora en nuestro redor y plantas. Si corría algún camino que me permitía ir por zonas de plantas... hay por aquí una gramita, una planta que es una especie de espigas, muy similares al maíz, pero, ramificado, que se tu pone los dedos en la tija y estiras se quedan todos los pintitos. Estos, llamamos de feragos, en Valenciano, y claro, eso después tenía que, hacer punterías con eso y tenía un objetivo. Íbamos caminando sin parar, tenía un objetivo y tiraba a ver si acertaba, y otra vez y otra plantita, o sea muy imaginativo. Posteriormente, la imaginación me hacía pensar modificaciones de juegos o de situaciones jugadas con mis compañeros y mis amigos, y siempre estaba dando unas ideas, alguna cuajaba otras no. Mi película mental era constante, mi juego mental he sido constante, sigo siendo muy jugador, te lo he dicho, no solo mental.

### **3.18 José – Libertad, juego y calle**

#### **Soy José**

Soy José, profesor de Educación Física, tengo 52 años, de aquí de la comarca de la Plana Baja de Castellón, la Plana Baixa. Nací en un pueblo pequeñito, mis estudios realicé en Valencia, de Educación Física y llevo trabajando 18 años en Educación.

#### **La libertad de jugar en la calle**

Me viene dos o tres recuerdos, recuerdo jugar a la pelota con un hermano en el pasillo de casa, jugar la pelota con la mano en el suelo, recuerdo también los primeros juegos en la calle, de escondite, de este tipo. Y juegos también, pues, a vivir en un pueblo, en mi época, teníamos mucha libertad, y cerca del pueblo teníamos montañas, espacios libres con árboles y también jugábamos ahí, hacíamos juegos de...no sé, de equipo, de encontrar no sé qué, buscar no sé cuánto. Eses son los primeros recuerdos que, quizá el de la pelota en casa, sería más pequeñito, 5 años, yo no sé. Jugaba con una pelota en casa, luego fuera de casa, en la calle, porque teníamos libertad de jugar en la calle, no había casi tráfico, las casas estaban abiertas y cualquier vecino podría hacer funciones de padre y madre.

### **3.19 Kiko – Mi época**

#### **Una cosa que me gustó mucho**

Me llamo Kiko, cuando acabe el colegio empecé estudiando administrativo, no me gustó nada y entonces logo ya me puse a trabajar, y después de estar trabajando, decidí que no, que tenía que estudiar algo pero que me gustase y entonces me puse a estudiar un módulo que se llama Tafat. Es un técnico superior de animación deportiva y vi que era muy fácil, es decir que, cuando estudiaba algo que me gustaba, me resultaba mucho más fácil de todo que había intentado hasta el momento, y entonces decidí estudiar magisterio, entonces hice el magisterio de educación física pero al mismo tiempo yo ya estaba trabajando, no pude parar de trabajar porque ya tenía la vida montada y estudiar era algo que iba sumando, hasta que al final acabe el magisterio de Educación Física y encontré trabajo en campamentos de verano, como monitor de campamentos, una cosa que me gustó mucho y mientras la práctica también estudiaba y al final pues lo hecho mi profesión, es decir, al final no he trabajado de profesor, no hecho oposiciones, pero sí, en mi trabajo tiene que ver algo con la educación, es decir, me puse en un albergue que en verano hacen campamentos de verano pero en el invierno es una escuela de natura, como una granja escuela. La granja escuela, es como un albergue, donde van grupos de gente, sobre todo escolares y las actividades tienen que ver con animales. La nuestra es diferente, no es con animales es con plantas, son actividades de naturaleza...entonces igual, tiene que ver con las plantas, con orientaciones, con las depuradoras de agua, son todas actividades que tienen que ver con el medio ambiente.

### **Cosas que en el colegio no se pueden trabajar**

Aquí, los colegios, la mayoría de los colegios tienen huerto escolar. Entonces como ya los trabajan en el colegio intentamos trabajar con cosas que en el colegio no se pueden trabajar, como, vas a una charca y corre muestras de agua, después vamos al laboratorio, hacemos una analice, cosas que en el colegio normalmente no pueden hacer. Y gincanas, todo enfocado más el juego para trabajar la orientación, primero les damos unas bases de orientación y luego ya jugamos con ellos. Hacemos una gincana de orientación o hacemos algún juego, o alguna cosita y entonces, encontré ay, realmente lo que me gustaba, la educación, la enseñanza, pero desde el punto de vista lúdico, de juego y de contacto con la natura. Llevo pues 15 años trabajando ahí y de momento no me ocurre opositar ni trabajar de maestro porque estoy muy a gusto ahí, y ahí sigo.

### **Por época**

Jugábamos muchísimo a todo y sí que es verdad que hay algunas cosas que van por época, es decir, ahora todavía sucede eso, ahora llega un niño do colegio con la trompa, con la peonza y los 2 o 3 días están todos con la peonza, o llegan unos con los cromos porque empieza la liga de futbol y todos con los cromos de futbol y al



siguiente día todos...eso ya pasaba y ahora sigue pasando, pero la libertad que había antes de correr el balón o la bicicleta y irte, ahora por desgracia, por ter más coches, por pasar más cosas, hay más miedo...entonces sí que recuerdo eso, esa libertad de jugar a todo lo que se ocurría, pero es que era algo que ahora es impensable, antes íbamos a un orto y montabas una cabaña ahí con maderas y eso ahora es impensable, no se hace, no puedes, entonces recuerdo eso, más que un juego concreto, me recuerdo eso.

### **3.20 Vitor C. – Ludotecación**

#### **Yo y la Educación**

Yo me llamo Vitor C., nascí aquí en Granollers, hace 44 años, me dedico a la Educación en el tiempo libre, la educación no formal desde hace 25 años, tengo una empresa que se dedica a la gestión cultural y la educación y eso.

#### **Una ludoteca**

Tengo muchos recuerdos porque mi formación como educador empieza en una ludoteca, un espacio para jugar con niños y empecé ahí con mis prácticas y trabajando durante muchos años en la ludoteca. Soy jugador de roll y de estrategias desde que tengo 13 años, pero, quizás el recuerdo más presente que tengo yo de juegos es con mis hermanos cuando nos regalaban por día de Reyes, que se llama Incognito, que, de hecho, ahora de vuelta de moda, están publicando unos editoriales que es un juego de mesa muy divertido, un juego de preguntas y respuestas y de investigación.

### **3.21 Elena – Castellars no lloran**

#### **Me llamo Elena**

Me llamo Elena, tengo 24 años, nascí en Barcelona, hice toda la escuela en Barcelona y luego, para la Universidad me vine a Vic, hice la carrera de deportes y cuando acabe... bueno me especialice en Salud, entonces empecé fisioterapia y este año acabo.

#### **Castellers de Sants**

Empecé con 8 años en los castellers de Sants, en un barrio de Barcelona y hasta ahora estoy ahí haciendo Castellers y cuando empecé en la universidad, me enteré que también había collas castellers que competían contra otras universidades, entonces pues, como me encantaban los Castells y toda la vida lo había hecho, empecé a hacer castellers aquí en la Universidad de Vic y bueno, en el 2º año estuve liderando la parte de arriba del castellers, que se llama “Canalla” y ahora este último año me animado a acerca de Colla que es como, el que lidera un poco, toda la Colla Castellera.

### **Llorar**

Recuerdo que lo vi por la televisión y luego también en mi barrio, y cuando le vi me quis apuntar y al principio mis padres no dejaban y al final, por ser pesada, me dijeran que sí. También recuerdo mi primer Castell de nueve pisos que era ese, el más alto que he hecho y justo en este me caí y me acuerdo que me puso a llorar y la gente se pensaba que me había hecho daño y yo lloraba de rabia de a ver caído, no de que me había hecho daño, porque no me había hecho daño, es así lo recuerdo que más potente tengo.

## **3.22 Laura – A los parques y a las fallas**

### **Me llamo Laura**

Me llamo Laura, nascí en 14 de maio de 1998, tengo 21 años y nascí en Valencia, actualmente vivo también en Valencia, pero estudio en Castelló, voy y vengo todos los días y veraneo en un pueblo de Valencia que se llama Siete aguas. Tengo un hermano de 26 años.

### **En el parque y en los ordenadores**

La verdad es que puedo recordar mucho los juegos que hacíamos en grupo, donde jugábamos mucha gente en el parque, que ahora se está perdiendo muchísimo con las nuevas tecnologías y además, los niños ya no salen al parque como hacíamos nosotros...toda la mañana, o toda la tarde a jugar todos juntos, porque ahora juegan a la distancia, con los ordenadores, se conectan todos juntos y ellos juegan. Yo recuerdo de estar saltando a la comba, toda la mañana, hasta que aprendíamos, hasta que todos conseguíamos entrar en una misma comba y creo que son experiencias que no se deberían perder, que los niños deberían seguir manteniendo, porque es algo que te acerca mucho más a los demás y las novas tecnologías no han facilitado la vida, pero también nos están alejando socialmente, unos de otros.

## **Soy fallera**

Yo soy fallera desde que tenía 8 años y es porque mis padres cuando eran pequeños era falleros, pero logo se cambiaran a vivir en otra zona y entonces ellos ya, cuando eran mayores pues decidieran ir se a una falla para que estuviéramos todos, entonces me apuntaran en esa falla y pues soy fallera desde ahí. Bueno, las fallas son las que hacen la fiesta de las fallas en Valencia, y cada uno tiene su institución fallera y hacemos diversas actividades y pienso que también es un buen método para que los niños se socialicen, porque ahí ay un montón de niños y comparten algo en común, o que le gusta la fiesta o que sus padres son falleros y ahí se realizan un montón de actividades, hay cabalgatas, hay meriendas que están todos juntos y pienso que también, a veces se los niños no quieren salir a otros sitios, se ahí se socializan es un buen sitio para pártalos un poco y sacar los de casa y poder estar todos juntos, porque es una actividad que pueden realizar toda la familia.

### **3.23 Carles – Más que uma oficina**

#### **Me llamo Carles**

Me llamo Carles, tengo 46 años, nascí en 04 de abril de 1974 y bueno, nascido y crecido en Barcelona, de profesión soy librero, soy propietario de una librería y estoy casado y tengo dos niñas.

#### **Una oficina**

Ostras, hace mucho (risos)... yo recuerdo que a mi me gustaba mucho, de siempre, lo que más disfrute jugando fueran juegos de simulación con muñecos, con los “playmobil”, esto es con que más he disfrutado y con jugando a ser empresario. A tener una oficina...pues, mi padre tenía una oficina, entonces, recuerdo que jugaba mucho a eso, de tener una oficina, me gustaba mucho los papelitos y simular que tomaba pedidos, llamadas, eso es lo que más recuerdo yo, como juego, lo que más me gustaba era eso, de bien pequeño, creo que con 4 o 5 años ya recuerdo a jugar cosas estas.

#### **Eso siempre**

Yo jugué a estos tipos de juego o un poco más...hasta los 14 años, jugué con muñecos, hasta que me obligaran a dejar de jugar con muñecos y después los juegos siempre me ha gustado, he jugado sobre todo a juegos de carta, de hecho a partir de los 14 para adelante se puede decir que lo que jugábamos eran juegos de cartas, sobre

todo en la universidad, no tan bien, pero si, juegos de carta era lo que más jugábamos y juegos do tipo tibia, monopolio. Los clásicos de la época, a estos también jugábamos, pero ya menos, a carta jugábamos muchísimo muchos juegos de cartas, “tute”, “la brisca”, “mus” de todo. Después y sobre todo, por tener las niñas pequeñas, empezamos a jugar...siempre jugamos mucho juegos de roll, como parejas, habíamos jugado de jóvenes y los juegos de mesa también nos gustaba mucho y después con las niñas hemos recuperado todo eso, y ahora buscamos jugar mucho para substituir tablets, móviles y compañía. Entonces intentamos, al menos que en los fines de semana, una tarde del fin de semana, dedicar a estar junto jugando juegos, eso siempre.

### **3.24 Isabel – Gente inventiva juega**

#### **Mi nombre es Isabel**

Mi nombre es Isabel, nascí en Barcelona, me crie en Barcelona pero con un pie en Palencia Castilla y León, que es un pueblo de mi padre y es donde ibas veranos, navidades y semana santa. Nascí en 30 de junio de 1983, así que creo que tengo 36 años, que siempre me olvido, tengo un enano de 5 casi 6 años, que lo hace en marzo. Estudie filosofía en la UAB, me especialice también en mitología y literatura, en bioética y bueno, también luego estudie porque soy escritora y estudie pues en la Ateneu y otras escuelas especializadas sobre el tema y llevo toda mi vida digamos metida en el mundo de los libros.

#### **Mi abuelo**

El tema de los juegos me viene dado desde pequeña, siempre he jugado juegos de mesa y era una niña muy solitaria, entonces siempre estaba jugando sola, es decir que inventaba mis propios juegos, para mí era lo normal, yo me acuerdo que cuando era pequeña que mi abuelo paterno siempre estaba jugando las cartas, entonces yo también estaba siempre jugando las cartas, después en casa jugábamos a “Parchís”, a “La oca”, los típicos juegos, también nos gustaba mucho el “Monopoly” pero yo me ponía muy violenta, porque no soporto que la gente monopolice, entonces aquello me parecía muy injusto y me inervaba (risos).

#### **Me inventaba**

A ver, mi primero recuerdo de jugar es correr, o sea, no es ningún juego con ningún instrumento, ni muy elaborado, es correr, trepar, lo típico que hacen los niños y realmente si me pongo a pensar es lo primero que recuerdo. Después, si que recuerdo

ya las cartas, porque las cartas es una cosa que me vino... las cartas y los dados, jugaba muchísimo con dados cuando era pequeña, y además me gustaba tirar los dados haciendo preguntas para me decir que sí o que no, hacer adivinaciones con las cartas y se sacaba dos Reyes como que no se qué, bueno, me inventaba unas cosas. Después jugaba a hacer mis propias muñecas con papel y entonces hacia mis propios escenarios, mis propias muñecas, mis propias historias y jugaba con todo eso y tal, luego pues, lógicamente cuando llegaba los Reyes (Festa do día de Reis) pues tenías tus muñecos o tus juguetes nuevos y te centraba en ellos, pero no era una niña de tener muchos juguetes y era una niña más de montar mis propios juegos y mis propias cosas, entonces que me los hacía yo y si, realmente mis primeros recuerdos de juego son eso, después sí que ya con la edad se va moviendo más complicado, y más complejo y vas consiguiendo más cositas y ya te dedicas a juegos de mesa, juegos de roll, juegos con figuritas y todas esas cosas, pero cuando eres pequeño, bueno, haces con lo que tienes a mano.

## CAPÍTULO IV – Diálogos com as mônadas

*“Más bonito es cuando se relaciona por el juego”*

(Víctor, participante)

Construir a análise de dados é retomar aos momentos vividos com as pessoas, de tudo aquilo que partilharam comigo por meio de relatos de suas memórias. Aqui está a beleza da entrevista ser um registro do encontro, de eu poder ficar, pensar e repensar, com esses momentos por mais tempo do que eles duraram. Assim valorizo essa parte da pesquisa, ela é o coração da pesquisa, de onde tudo parte e para onde tudo chega e eu só agradeço por poder estar perto.

Apresento abaixo as 4 categorias que se revelaram após muitas leituras e reflexões com os dados. As categorias são: “Relações entre brincar, tempo, trabalho e família”, “O brincar ao longo da vida: aprendizados que nos constroem”, “Adultos refletindo e conceituando o brincar” e “Do que brincam os adultos desse estudo?”.

Fundamental destacar que todos os temas que apresento e trabalho na análise emergiram das narrativas dos sujeitos desse estudo. Para dialogar com as histórias a escolha foi por realizar movimentos diferentes para cada reunião de mônadas, que explico a seguir.

Na primeira categoria “4.1 Relações entre brincar, tempo, trabalho e família” faço o movimento de apresentar um conjunto de mônadas e logo em seguida um texto com apontamentos discussão com alguns autores do tema em questão, isso em cada um dos temas.

Na categoria “4.2 O brincar ao longo da vida: aprendizados que nos constroem” os aprendizados foram se mostrando individuais, vindos da experiência de cada pessoa e por isso, a estrutura do texto se configura de ir comentando trecho a trecho, respeitando cada mônada, por pessoa.

A categoria “4.3 Adultos refletindo e conceituando o brincar” está estruturada por: mônadas, comentários e em seguida uma discussão geral com autores de cada tema, seguindo a maneira que foi organizada a categoria 4.1, em que as narrativas se misturam e se encontram.

E por fim, na categoria “4.4 Do que brincam os adultos desse estudo?” fazemos um fechamento em um grupo de mônadas e em seguida uma breve discussão diante o repertório de jogos e brincadeiras partilhados pelos adultos.

De maneira geral, vejo a estrutura da análise como se fizesse o desenho de uma ampulheta, em que parte de uma grande base, vai se afunilando e depois volta a se expandir.

#### **4.1) Relações entre brincar, tempo, trabalho e família**

Essa categoria é formada por mônadas e temas que delas emergiram. Com a proposta de não classificar ou enquadrar as falas, a tentativa nesse primeiro momento é fazer uma costura que seja possível passar pelas histórias de cada pessoa e depois dialogar com os assuntos que ficaram em evidência, de maneira que o leitor tenha liberdade para conhecê-las e se concentrar em pontos que apontaremos, mas que também se encontre com o que ao seu olhar saltar.

Começaremos explicando que o leitor encontrará, o título-tema que corresponde ao conjunto de mônadas, em seguida as mônadas de diferentes pessoas e depois as colocações que dão forma a discussão e análise dos dados. Por fim, nessa discussão contamos com a colaboração de alguns autores que também se debruçaram a refletir sobre os assuntos trazidos.

Desejamos ao leitor que se permita ir pelos caminhos que encontrar, pois é dentro das mônadas e da relação que estabelecemos com elas, que irão se desvelando os temas, os sentidos e significados, entrelaçados com o brincar.

### **I - Tempos**

#### **Brinquedo e trabalho**

Comecei a trabalhar, com 10 anos... tem uma brincadeira que eu faço, entre amigos, que eu brinco que eu estou na rua desde os 9 anos, mas eu não estou na rua desde os 9 anos brincando, com 10 anos eu já trabalhava, eu vendia verduras, vendia coisas que meu pai plantava nessa chácara. Mais para frente, com 12 anos, 10 anos talvez, eu fui entregar jornal, e a bicicleta entra nessa hora, então, era um lazer, mas em principio eu não tinha bicicleta. Foi a partir do trabalho, do meu trabalho, que eu consegui juntar um dinheirinho e comprei a bicicleta, que depois ela virou parte do trabalho, e eu vendia a verdura e entregava o jornal com a bicicleta. Ao mesmo tempo era um brinquedo, pra mim era, porque eu era criança, mas que também fazia parte do trabalho, e então, aquela brincadeira, de muito brincar na rua, ela já começa a perder espaço por conta do tempo da escola e do tempo dedicado ao trabalho. Naquele momento a gente podia jogar pedras nos passarinhos, mas que também podia, ou tinha que trabalhar, para ajudar em casa, não sei se podia ou se tinha que trabalhar. Um momento é porque eu queria e era legal, e eu tinha o meu dinheiro, mas em outro momento era também porque eu precisava ajudar. E hoje as crianças não podem trabalhar, mesmo que elas queriam, e eu acho que está correto isso, criança não é para trabalhar mesmo (EDSON).

## **Reponsabilidades**

Eu acho que aí entram as reponsabilidades, e não é dizer que criança não tem responsabilidades, elas tem responsabilidades, claro, mas são paralelas ao universo delas de ser criança, mas eu acho que a medida que a gente vai ficando adulto a gente vai adquirindo mais responsabilidades de ordem prática, responsabilidades para que a própria vida se mantenha de alguma maneira e eu acho que é assim que a gente se distancia do brincar... As preocupações de pagar conta, de trabalhar, as preocupações que não são relativas a pagar conta e trabalhar, mas que são do tipo de planejar a logística do dia, como “tenho que ir no médico, eu tenho que marcar aquilo” quando a gente entra nas preocupações de ordem prática da vida eu acho que a gente se distancia do brincar... é difícil as duas coisas junto (LETICIA).

## **La falta de tiempo libre**

Lo que me distancia actualmente de los juegos a parte de la evolución de espacios de juego, fundamentalmente es la falta de tiempo libre. El elemento de tener el horario laboral, el horario familiar, pues evidentemente condiciona para que tu no puedas disponer de este tiempo para aburrirte, no para poder jugar, muchas veces el juego aparece como una herramienta para tu superar el aburrimiento...estas aburrido y los niños empiezan a crear, a pensar, a generar ideas sobre como entretenerse, es decir, posiblemente se dejásemos en una habitación, sin nada, somete con mesas y sillas, dejamos 5 niños, y cuando volvemos a la clase, seguramente los niños estarían jugando, sin aparentemente ter juegos o material del juego, porque ellos transformarían este espacio en elementos para poder jugar. Eso es importante con la adultez pues esta falta va desapareciendo, esta capacidad de creación, de imaginación, de transformación de la realidad. Pues es un elemento que el pensamiento más formal del adulto no reconocí, somos más serios...los niños no son tan serios y entonces son más creativos en sus actividades (JOAN).

## **No hay tiempo para jugar**

Y luego cuando terminaba la carrera, te puedes imaginar, ya son deportes un poquito más reglados, actividades más dirigidas en la escuela, actividades un poquito más libres cuando estas en la calle, pero ya vas haciendo más mayor, no tienes tiempo para hacer juegos en la calle y ya tienes más obligaciones. Luego, en los estudios de secundaria, yo hacía atletismo, hacia karate y cuando podía hacia balón mano, correr, siempre me he gustado correr correr y correr...y en la carrera todo, no tenía más tiempo para hacer todo lo que podía, y termino la carrera y claro, no tienes tiempo



para hacer todo todo, tienes que trabajar, empiezas a formar familia y entonces ya me engancho un poquito a el juego de rol<sup>3</sup> (VICENTE S.).

### **Perdiendo el tiempo?**

Yo odio la persona que dijo que el trabajo dignificaba, por favor, estaba martirizando, ¿pasa que se no estéis trabajando que estas haciendo? Perdiendo el tiempo? Y realmente lo que haces es invertirlo... De hecho, as veces me entra la vista todo el tema este de gamificación que ha aparecido ahora como una panacea que dices “que mal estamos no, para tener que inventarnos la gamificación, no?” y como puede ser que en los años 80 jugaba y todo era juego y como nosotros mismos nos hemos que inventar un, de forma artificial además, un concepto como la gamificación y ahora las empresa, los trabajos el juego porque parece eso... digo, se ya lo teníamos, hemos perdido pero no queremos reconocer y entonces inventamos ahí un vocablo y así lo dices, “hablamos de gamificación en este caso” que es lo mismo error de “vamos volver a institucionalizar”, “La gamificación es esto, son las maneras de gamificar, sabes?” donde queda el juego libre? Yo la culpo el sistema educativo, creo que hemos abusado de...nos hemos apropiado del juego como recurso metodológico y lo hemos jodido, no hemos sabido medirlo. Lo hemos arrebatado a la infancia esa capacidad de juego para decir “no, yo utilizo para educar, para formar” y a lo mejor, no se, no tengo ningún estudio, es una intuición que a lo mejor también somos partes culpables, de que los niños no juegan porque como es parte del proceso educativo dentro de un contexto escolar y esta institucionalizado, parece que fuera de eso ya no entre, y como les decimos como tiene que jugar, porque tienen que jugar y cuando tienen que jugar pues logo cuando están a parte no tienen esa historia. Yo digo eso porque algunas veces, hay comentarios de profesores, sobre todo de educación física “no no yo utilizo juego pero no es jugar por jugar” y ostias, es que expresamente juego es jugar por jugar, que malo estamos haciendo cuando ya dices “no no pero, yo utilizo el juego pero mi clase no es jugar por jugar” pero el niño juega por jugar, es que lo entiendo así, para mi esa es la génesis del juego, es jugar por jugar, no jugar para aprender no se que...aprendes lo que tengas que aprender, no meto la mano ahí para manipular eso y tirar para allá, que en realidad es un buen recurso, pero lo mejor nos teníamos que plantear también como utilizarlo dentro del tema formativo, porque veo que se estamos perdiendo mucho la situación del juego (VICENTE).

---

<sup>3</sup> *Juego de rol* é uma tradução em espanhol do inglês role-playing game, mais conhecido como RPG. É um jogo de interpretação de papéis, em que os jogadores assumem papéis de personagens e criam narrativas colaborativamente. É um jogo que tem como características principais a criação e imaginação, em que as escolhas dos jogadores determinam a direção do jogo.

## **A rotina**

Ah, a gente tem a rotina, então tem algumas obrigações, então no cotidiano, tanto o trabalho... e mesmo meu trabalho sendo algo relacionado ao brincar, é trabalho, então, você tem seus compromissos, suas responsabilidades, e ali talvez ocupe um pouco do tempo, de uma forma que talvez não dê para brincar o tempo todo. A rotina do lar também, não é uma rotina fácil, na pandemia isso está bem claro pra mim, as pessoas que nos ajudavam a gente teve condições de mantê-las afastadas da relação social, então é uma rotina também que, por mais que seja gostoso cozinhar, fazer almoço e janta, todo dia, chega uma hora que não dá mais pra brincar... Ainda mais com criança, você tem os compromissos de horários e tudo mais, então eu acho que essa rotina, se você não cuidar, ela te sufoca, ela te afasta de momentos de brincar no sentido de ter um horário livre, ter um horário para você descansar, somente (EDUARDO).

## **Menos ocasiones, más obligaciones**

Quizás ahora, con la edad adulta es que tenemos menos ocasiones de jugar, menos ocasiones... no que no queremos jugar, es que tenemos menos ocasiones, tenemos más obligaciones, tenemos otras inquietudes quizá, pero como ejemplo, cuando hacemos cursos de formación de profesorado de Educación Física, tenemos ganas de jugar, hombre, es cierto que todos los que hacemos estos cursos somos profesores de Educación Física, pero tenemos ganas de jugar, la inmensa mayoría. Yo personalmente, tengo ganas de jugar, sean juegos conocidos o no, tenemos ganas de jugar porque digamos que, tenemos menos ocasiones como adultos, no es que no queramos, es que no se presenta ocasión y luego, otro ejemplo que cuando haces una actividad, vas al gimnasio o entrena algún deporte, pues, que cuando se plantea situaciones de juego se disfruta también. Nosotros tenemos la suerte de que, de vez en cuando, juego con los alumnos, poquito, porque digamos que doy más importancia al control de la clase y a ver cómo funciona la clase...si creo que el hecho de yo participar en el juego aporta o ayuda que la dinámica mejore, pues yo juego, pero normalmente no juego con ellos, me quedo con las ganas (JOSE).

## **No tenemos nunca tiempo**

Yo creo que...la verdad es que no tengo vergüenza por manifestar que tengo ganas de jugar o de jugar a cualquier cosa incluso con los más pequeños, pero si es verdad que las obligaciones, la vida te lleva a...por lo menos aquí en la Universidad, siempre estas como hay que entregar un papel hay que hacer un documento, es como que, y esta es la sociedad que más tiempo tenemos porque tenemos tecnología para que nos hagan todo. Me acuerdo que iba con mi abuela, es una cosa que otro día también lo

pensaba, digo, ostras mi abuela y yo lavamos en un lavadero, un lavadero del pueblo, o sea yo corría las cestas y iba con mi abuela al lavadero...si lo conoces no? Y ahí se juntaban en aquel momento las mujeres, porque antes era así, y ayudaba mi abuela a limpiar y se pasaban mejor 2 o 3 horas limpiando, es decir, hoy tu pone un botón en la lavadora y tienes una hora y media o 2 horas...y no sé qué, como coño hacemos, que no tenemos nunca tiempo para hacer lo que quieres (VICENTE).

### **Frustrante**

Pra ser sincero... eu até escrevi um texto sobre isso, mas eu gostaria de brincar muito mais, em quantidade assim, de brincar mais e brincar todos os dias. Para mim é muito frustrante e sempre foi frustrante, naquela época já era frustrante, que as pessoas deixam de brincar, elas deixam de brincar... em algum momento você não vai mais para rua, joga sua mochila lá dentro e desce para brincar, não acontece, e em geral é substituído por ir no bar e ir em festas, mas eu não sou esse tipo de pessoa, então eu ficava tipo... “beleza, e aí, como que a gente brinca?” então eu acho que depois, desse processo, de brincadeiras na infância, eu sempre tentei retomar as brincadeiras, em todos os lugares que eu ia, e acho que de alguma forma o fato de ser educador físico só me ajudou a poder continuar brincando de tudo que eu sempre quis brincar, apesar de entender que em muitos momentos, como educador, eu preciso estar fora da brincadeira (risos) ... mas é tão legal estar dentro. Enfim, e eu sinto que a brincadeira, de alguma forma, ela traz uma conexão com o prazer, com a vida, com o motivo de viver, que as pessoas vão esquecendo, e isso é muito triste, ver como as pessoas vão ficando cinza e esquecendo o que elas precisam fazer, o que elas querem fazer (FÓSFORO).

### **As coisas vão mudando**

Até os 13 anos eu... eu tinha 13 anos quando eu vim pra cá, para São Carlos, e a coisa foi mudando quando eu mudei para cá, porque o que eu fazia quando mudei para a cidade, o que tinha para fazer naquela época... eu andava de bicicleta e logo depois eu já fui trabalhar. Mas lá mesmo, a gente andava de charrete, a gente andava de cavalo, assim, eu achei que depois que eu mudei para a cidade, eu não tive mais as brincadeiras, mas eu tinha aulas de Educação Física que eu participava. E eu participava de atletismo, eu participava... a educação física pra mim era... não via o dia que tinha aula porque eu era muito ativa, eu jogava vôlei... Isso tudo na escola, isso já aqui em São Carlos. E, mas assim, logo depois eu comecei a trabalhar... comecei a trabalhar com 14 anos, eu vim pra cá e um ano depois eu comecei a trabalhar, então aí as coisas vão mudando, você já vê o outro lado, você não vê mais o lado de brincar, você vê o lado de comprar uma roupa nova, você não vê mais o lado do brinquedo, você vê que você passou daquela fase de brincar mesmo (SUELI).

Com as mônadas apresentadas, notamos que o momento em que o trabalho aparece na vida das pessoas e o tempo que é dedicado a ele, foram muito marcantes e dão origem aos comentários e reflexões a seguir.

Na mônada **Brinquedo e trabalho**, Edson nos conta que começou a trabalhar na infância, vendendo verduras e entregando jornal. A bicicleta entra nesse momento, para o trabalho, mas que ao mesmo tempo era um brinquedo. Por conta do trabalho e da escola, o tempo para brincar foi diminuindo. Em sua fala, coloca na balança e avalia como era, naquela época, o tema com os passarinhos e do trabalho realizado pelas crianças. Ao final, apoia o fato de que criança não deve trabalhar.

Edson revela como por conta do trabalho o tempo para brincar diminui e como o brinquedo passou a ter outra função.

A presença do trabalho infantil na sociedade e a maneira que a criança é entendida e respeitada passou por mudanças. De maneira breve, por meio do curta-metragem “O menino que não queria nascer”, podemos conhecer um pouco da trajetória dos direitos da infância e adolescência, colocando em destaque as datas, dificuldades e conquistas desse processo. No ano de 1919 um grupo de pessoas criou o comitê de proteção à infância, momento que a luta pelos direitos estava começando e com o passar dos anos ocorreram muitos feitos, como a declaração de Genebra, a criação da Unicef, e no ano de 1988, o artigo 227 da constituição do Brasil foi aprovado e ficou estabelecido desde então, os direitos da criança passariam a ser de prioridade absoluta, resultando assim a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

O menino do curta-metragem que estava no trem, em trânsito, as vezes dentro do trem, em contato com pessoas, outras vezes sozinho na espera do próximo trem, na medida que se sente seguro para nascer, com seus direitos garantidos, sai do metrô, destacando essa metáfora de espera e conquistas para a infância e adolescência.

Mantendo relação a discussão anterior, na mônada **Responsabilidades**, Leticia apresenta outra possível reflexão, quando afirma que as crianças tem responsabilidades que condizem com o universo delas, mas que, ao crescer e se tornar adulto as responsabilidades vão aumentando a ponto que as preocupações ocupam suas rotinas e por isso, acontece o distanciamento do brincar, considerando ser difícil manter as duas coisas juntas, tarefas e brincar.

Em **La falta de tiempo libre**, Joan colocar que existe o tempo de trabalho, o tempo de família, e que falta o tempo livre para se entediar, sendo esse muitas vezes, o momento que nasce o jogo, para superar esse estado. Fala sobre como acontece com as crianças e que na

“adulter” vamos perdendo as capacidades de criar, imaginar, e isso também por conta da seriedade do adulto.

Para refletir nessa mônada de Joan aproximo e retomo o que Leticia aponta na mônada **Responsabilidades**, em que tanto adultos e crianças têm suas responsabilidades, da mesma maneira que a seriedade existe em ambos. Noto que a questão da seriedade no adulto está ligada ao o que é socialmente aceito, valorizado e estimulado em sociedade. Se pensarmos no contexto, por exemplo dos indígenas Kalapalos, encontramos registros, que relatam sobre os adultos brincando juntos, pois entendem e vivem o brincar como parte da formação, da preservação de traços da cultura, sem estigmas como perder e ganhar e enquanto diversão (HERRERO; FERNANDES, 2010). Continuam sendo adultos, sérios e brincantes.

Concordo com o fato de que quanto menos nos colocamos para brincar e jogar, nossa capacidade de criação se esvai. O que compromete essa capacidade do adulto jogar, pode ser a já apontada, falta de tempo livre, para entediar-se e então, buscar o brincar ou algum jogo.

Vicente S. em sua mônada **No hay tiempo para jugar**, assim como Edson, nos conta que conforme cresce tem mais obrigações, e também percebe a perda do tempo de brincar na rua. Depois com as atividades da escola, os esportes, e com a graduação, em seguida trabalhar, a formação de família, já não tinha mais tempo.

Vicente S. dialoga com o que vimos nas mônadas de Edson e Leticia, em que passa a ser difícil manter as obrigações junto do brincar. Ele cita que fazia muitas atividades físicas, mas não havia o tempo para brincar. Então observamos que, pode ser muito diferente a perspectiva de praticar um esporte, por um viés de rendimento, educativo ou de treinamento, e que se torna então, mais uma atividade e não um tempo para jogar. É dizer, que o esporte pode ser um momento de brincar, mas também pode ser mais uma atividade dentro da rotina de tarefas.

Por Vicente, na mônada **Perdiendo el tiempo?** me chama a atenção a expressão “o trabalho dignifica o homem”, que junto questiona sobre, se a pessoa não estiver trabalhando ela estaria fazendo o que? Perdendo o tempo? Isso me fez pensar sobre a valorização exacerbada do trabalho, e da desvalorização que existe diante práticas que não o são, ou que não produzem algo que faça diferença para economia. A sensação de culpa que existe quando paramos para fazer algo que gostamos e que não está relacionado ao trabalho, passa a ser parte do imaginário, da vergonha e das preocupações. Quando na verdade, a origem está na lógica que valoriza o capital, a produção, e propaga como praga que: se não movimentamos a economia, nem deveríamos perder tempo com essas práticas.

Em seguida, vejo que Vicente começa fazendo uma crítica para como o trabalho é visto e a relação que ocorre quando o jogo entra nesse meio, no caso com a gamificação. Em seguida, dentro do tema, mas focando para o lado escolar, como o jogo é utilizado, muitas vezes perdendo a medida, fazendo inclusive um movimento de interferir na relação da criança com o jogo.

As colocações me levam para o dito popular incorporado na música de Fióte (2016) que diz, “A diferença entre o remédio e o veneno, é a dose que se usa”, para refletirmos aqui diante um equilíbrio necessário, sobre como a brincadeira e o jogo tem sido vividos e difundidos, dentro e fora da escola, em empresas e diferentes áreas de trabalho. Não é pela quantidade que o jogo é oferecido ou vivido, mas como isso tem sido realizado, com que intenção. Se for somente pela perspectiva utilitária, de usar o jogo para ensinar algo, ou incluir o jogo no ambiente do trabalho para estimular uma produção maior, é preciso entendimento de que se ainda estamos falando sobre jogo ou sobre uma atividade dirigida, pois a partir do momento que foge da vontade intencional de querer participar ou não, já não se caracteriza como jogo ou brincadeira.

Eduardo em sua mônada chamada **A rotina**, conta sobre como em seu dia, mesmo que seu trabalho tenha relação com o brincar, continua sendo trabalho, e que seja a rotina no trabalho ou do lar, não são fáceis, por todas as tarefas que em ambos lugares comportam. Destaca a importância dos momentos de brincar e dos tempos livres para descansar.

Aqui, Eduardo pontua que independente do lugar, seja no trabalho ou em casa, os compromissos formam as rotinas, então não importa onde estamos, lidaremos com tarefas e fazeres que, em sua maioria, o brincar não entra. Com o momento de pandemia, percebemos como a rotina de tarefas da casa também tem seu peso e que é preciso atenção para o tempo livre, sendo necessário um momento de descanso e desfrute.

José, em sua mônada **Menos ocasiones, más obligaciones** também traz em sua fala que, não é que não exista a vontade de jogar, mas que temos menos ocasiões possíveis e mais obrigações. Conta que a maioria as pessoas que fazem o curso para professor de Educação Física, são pessoas que tem vontade de jogar. Fala que mesmo fazendo esportes, quando surge uma proposta de jogo também se disfruta isso. E pontua sobre sua sorte em ser professor e poder, mesmo que pouco, participar de alguns jogos com os alunos, mas que na maioria das vezes ele fica de fora para cumprir com seu trabalho de professor, e que, de fora, fica com a vontade de jogar.

Nesse sentido vejo o encontro do que coloca José e Eduardo, em que mesmo trabalhando com algo relacionado ao brincar, continua sendo trabalho. Enquanto professores, irão propor e trabalhar jogos e esportes com os alunos, e não estarão brincando ou jogando nesses momentos.

Vicente continua, na mênada **No tenemos nunca tiempo**, dizendo que o assunto passa pelo ponto de não ter vergonha em assumir que sente vontade de jogar e inclusive joga de tudo, mas que as obrigações da vida consomem tempo e como é possível que mesmo vivendo em uma sociedade cheia de recursos e tecnologias, ainda não temos tempo? Ele conta o exemplo de ir com sua avó lavar roupas e que agora com a máquina de lavar, apenas apertamos um botão e mesmo com essas 2 horas extras, em que a máquina lava a roupa sozinha, seguimos não tendo tempo.

Mas então, como nunca temos tempo para fazer o que queremos? Fica a dúvida se toda essa tecnologia facilita ou atrapalha, se nos economiza tempo ou nos rouba mais. É como se estivéssemos cada vez mais perto dos computadores e longe das pessoas, os relacionamentos amarrados em links e no responder um e-mail que sempre gera outro, e outro e sem perceber passamos mais tempo do que gostaríamos, nos computadores, celulares, tablets, etc. A impressão é que está mais fácil a comunicação e a troca de mensagens, mas tudo parece ter um tempo que é urgente, que é pra agora quase ontem e se passa um dia ou dois, as pessoas já se preocupam e se estressam com a falta de resposta, talvez seja assim pois o tempo de escrever e receber cartas não foi por elas vivenciado.

Trago Cicero (2012) quando fala do paradoxo entre a revolução cibernética e a diminuição do tempo livre, apontando que:

Com a internet, os computadores, os celulares, os tablets etc., nossa época dispõe de uma tecnologia que, além de ter o sentido manifesto de acelerar tanto a comunicação entre as pessoas como os processos de aquisição, processamento e produção de informação, permite a automatização de grande parte das tarefas produtivas e administrativas. Seria, portanto, de esperar que, podemos fazer mais rapidamente o que fazíamos outrora, tivéssemos hoje à nossa disposição mais tempo livre. Ora, ocorre exatamente o oposto: quase todo mundo se queixa de não ter mais tempo para nada. Efetivamente, o tempo livre parece ter encolhido muito (CICERO, 2012, p. 320).

Fósforo em **Frustrante** compartilha que gostaria de brincar mais, e que foi e continua sendo frustrante que as pessoas deixam de brincar e que isso é substituído por ir no bar, em festas. Ele conta que tentou retomar as brincadeiras nos espaços por onde passou e que ser professor de Educação Física o permitiu se manter próximo. Destaca também que a brincadeira

traz uma conexão com o prazer, com viver e que as pessoas vão esquecendo, que é triste ver esse esquecimento.

Na mônada **As coisas vão mudando**, Sueli nos fala que quando mudou para a cidade andava de bicicleta mas que logo teve que ir trabalhar, que não tinha mais brincadeiras mas que ainda aproveitava participando das aulas de Educação Física. Com o trabalho novos interesses surgiram, ela coloca “você não vê mais o lado do brincar, você vê o lado de comprar uma roupa nova” ... ela também coloca que “você vê que passou daquela fase de brincar mesmo”.

Destaco a importância que a Educação Física tem, em ser possibilidade de brincar, de potencializar que esse tempo espaço de viver experiências em grupo, conhecendo os limites do corpo, as facilidades e gostos em exercícios, um conhecimento de si e do outro, como um espaço valioso na escola e em nosso repertório de experiências. E sobre a questão dos interesses é relevante notar que a partir do momento que se entra no mercado de trabalho, se entra também no mercado de consumo, eu ganho dinheiro, logo tenho poder de compra.

### **Discussão diante o conjunto de mônadas - Tempos**

*Compositor de destinos  
Tambor de todos os ritmos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Entro em um acordo contigo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
(Oração ao tempo – Caetano Veloso)*

Pensar sobre o tempo é pensar sobre um mistério e mesmo assim continuamos a tentar, pois a ele estamos ligados, seja no movimento dos dias, na duração dos momentos, nas diferentes épocas do ano, no período vivido e como coloca Maldonato, no “limiar que se fecha as nossas costas no fim da viagem (MALDONATO, 2012, p. 16).

Ainda conforme o mesmo autor, reflito diante os questionamentos que nos movimentam, como, será que nunca temos tempo? Porque perdemos tempo? E dentro disso é importante considerar que “Viver é expiar este paradoxo: sobreviver quando o corpo declina, enquanto tudo passa e nossa existência nos parece clara só de quando em quando” (MALDONATO, 2012, p. 16). Realmente, seja de forma mais ou menos poética, nossa preocupação diante o tempo que passa é fundante, geradora, de escolhas ou ainda de situações que não dependem de escolher, mas do que simplesmente se encaminha para acontecer, e escrevo isso pensando no trabalho que chega e se torna parte, toma parte, do nosso tempo.



Tempo que precisamos aqui aprofundar um pouco, porque, de que tempo estamos falando? Me vem a memória o texto chamado “Não somos cronos, somos kairós”, de Joel Martins, em que faz colocações diante o que é o tempo e apresenta duas concepções, que são as que pretendo focar, sobre o tempo kairós e o tempo cronos. O tempo kairós corresponde ao tempo vivido, pelos momentos que desfrutamos, no movimento de continuar, é dizer, do tempo que não vemos passar, mas que a importância está no que se viveu, no que foi sentido em nossas profundezas. Já o tempo cronos é o tempo que podemos contar, que tem hora marcada e que sua duração se expressa por números, segundos, minutos, horas, dias, meses e anos (MARTINS, 1991).

Isso para refletirmos sobre que tempo nos referimos, que tempo sentimos falta ou que parece que nunca temos. Talvez tenhamos o tempo no relógio, algumas horas disponíveis, mas a distância pode estar nos momentos, no que conseguimos realizar, no sentido de momentos vividos. Assim, se antes conseguíamos viver de maneira que as funções e tarefas do dia se completavam na rotina, em que o trabalho, os cuidados e o brincar se mesclavam, hoje parece que cada tarefa tem seu horário marcado, pelo tempo Cronos e sobretudo, pela lógica capitalista que estamos inseridos. A partir do momento que o trabalho se torna parte organizada da sociedade, a fragmentação tanto das atividades como do tempo acontece.

As mônadas de Edson, Eduardo, Renata, Leticia, Vicente, Vicente S., Joan, nos fazem refletir sobre como o trabalho começa sua entrada nas rotinas, conforme o crescimento, necessidades financeiras e logo se apodera de grande parte do dia, das energias física e do ânimo. O que antes era integral e diluído em meio dos fazeres, passa a ser dividido para diferentes tempos, espaços, relações e conseqüentemente pessoas, grupos que vão sendo formados com que convivemos, conforme o compromisso de trabalhar assumido.

Trazemos a colocação de Cicero (2012) que contribui ao apontar:

A verdade é que não temos mais tempo livre porque praticamente todo o nosso tempo está preso. Preso a quê? Ao princípio do trabalho, ou melhor, do desempenho [...]. Não estamos livres nunca porque nos encontramos numa cadeia utilitária em que o sentido de cada coisa e pessoa que se encontra no mundo, o sentido inclusive de cada um de nós mesmos, é ser instrumental para outras coisas ou pessoas (CICERO, 2012, p. 320).

Assim como pensamos no que as mônadas revelaram, um outro exercício seria o de visualizar como estamos na relação de tempo e trabalho. Proponho que você faça um gráfico, ou um desenho, alguma anotação diante o seu tempo, na intenção de visualiza-lo no papel, expressando como tem usado seu tempo e depois responda à questão: Como você vê esse

tempo? Tudo que é vivido, cabe, comporta em um esquema de anotação de horas? Pois novamente, é possível cairmos no tempo que estamos contando e no tempo que não tem como mensurar. Enfim, é preciso que pensemos se existe alguma falta, onde ela está e qual o peso ou a leveza que isso representa no cotidiano. E ainda, diante sensações, fazeres e mesmo os jogos e brincadeiras, colocamos dentro de um bloco de tempo ou desfrutamos em uma relação atemporal dentro do cotidiano? A questão de fazer isso ou aquilo, lembrando o poema de Cecília Meireles, se mostra como uma forma de perceber e refletir sobre o tempo. Talvez a partir disso, podemos reconhecer e adotar outras maneiras de viver os tempos em nosso cotidiano.

Sobre o tema trabalho, que aparece como mais uma atividade que demanda parte da rotina e ao mesmo tempo mostra potencialidade para acolher e desenvolver relações com o brincar, principalmente quando são profissões como professores, educadores em instituições não formais e em tantas outras profissões. Se faz importante observar, nesse momento, que independentemente de quais são os trabalhos, eles continuam sendo trabalhos, atividades regradas e de produção, nas quais o tempo será dedicado a ele. Diante disso destacamos a relação com os tempos, e com as mônadas de José, Vicente, Fosforo e Sueli, que apresentam o desconforto diante as poucas ocasiões, o pouco tempo e os poucos parceiros de jogo.

Segundo Csikszentmihalyi (1999),

Infelizmente, embora o tempo livre possa ser uma condição necessária para a felicidade, por si só não é suficiente para garanti-la. Aprender a usá-lo de maneira benéfica acaba sendo mais difícil do que poderíamos imaginar. Tampouco parece que um excesso de uma coisa boa seja necessariamente melhor; como acontece com outras coisas, o que enriquece a vida em pequenas quantidades pode empobrecê-la em doses maiores (Csikszentmihalyi, 1999, p. 63).

Junto ao estado de trabalhador vem o estado de consumidor-comprador, coloco assim porque consumidores todos somos desde o nascimento, consumimos água, leite materno, dentre outros, mas o poder de compra ocorre a partir do recebimento do salário. Mas que em alguns casos, pode ser que essa relação comece antes, por conta do que conhecemos por mesada, que é uma quantia em dinheiro, dada para os filhos, talvez por bom comportamento ou como tradição, dentro da dinâmica de cada família. E assim, com posse do dinheiro já se pode desenvolver funções dentro da sociedade capitalista, e a problemática é que muitas das mudanças passam a acontecer por conta da entrada do trabalho e do movimento financeiro no tempo de cada um, gerando então, desde a falta de tempo livre até os novos interesses que passam a existir, muitas vezes por comprar coisas no lugar de aproveitar o momento com um

grupo de amigos, dando uma volta de bicicleta ou contemplando um pôr do sol que não tem preço. Nesse sentido o ser humano passa a comprar mais coisas e a vivenciar menos práticas, como a do brincar.

Eu escrevi comprar, mas a verdade é que passamos a vender o tempo de vida. Pois trabalhamos, logo, usamos nosso tempo de vida nesse trabalho, depois pegamos o dinheiro que nos deram pelas horas trabalhadas e compramos algo, e para a coisa comprada vai o tempo que vendemos trabalhando. Em muitos casos nosso tempo de vida retorna em forma de um salário pequeno, muito abaixo do preço real que valem nossas horas de vida, que não sabemos mensurar quanto valem. Como pensar quanto vale, em dinheiro, uma hora de vida no trabalho? Talvez se soubéssemos quanto tempo de vida ainda nos resta viver, pensaríamos mais nessa relação de compra e venda.

## **II – Trabalhos**

### **Aquilo que me trazia mais felicidade**

Mas na escola eu me envolvi bastante com esportes, na escola eu jogava muito vôlei, adorava, tive uma formação boa e isso me convenceu a fazer minha graduação em Educação Física. A princípio eu queria ter uma profissão, que eu achava quando criança, que me daria uma renda financeira melhor que a de um professor, pelo fato dos meus pais serem professores, e eu queria fazer odontologia, só que aí tinham dois porém, a concorrência era enorme para entrar em uma universidade pública e na universidade particular tinha a questão financeira que não era compatível com o que minha família tinha e com o que eu tinha. Aí esse sonho de ter uma profissão que gerasse uma renda melhor, foi ficando por água baixo e eu fui fazer aquilo que me trazia mais felicidade, aquilo que eu gostava mais de fazer, que era brincar, praticar esportes, estar com as pessoas, aí eu fui fazer Educação Física, e lembro da minha mãe falando, “Ah, mas você vai virar professor como eu” e eu falei “Eu estou satisfeito, você me criou, criou minha família e se eu for ser professor e tiver as condições que você tem, já estou muito feliz” e foi o que aconteceu, virei professor e estou hoje aqui brincando e me divertindo, fazendo o que gosto, e a gente se vira para arrumar dinheiro e dá tudo certo (EDUARDO).

### **Encontros de pessoas**

Enquanto adulto, uma forma mais explícita do brincar, mais direta de brincar, depende muito da situação que eu estou. Quando eu me formei, normalmente era o trabalho que me ditava qual o grupo social que eu ia me envolver e muitas vezes, tinha

relação com o trabalho, então eu já morei em Bertiooga, já morei em Bauru, já morei em outras cidades por conta do trabalho. Meus amigos, tendem a ser relacionados ao trabalho, então, sempre fui estimulado desde criança, a esses encontros de pessoas e nesses encontros de pessoas sempre geram brincadeiras, desde formas mais lúdicas até viagens, sei lá se isso pode entrar como brincadeira... viagens, músicas, danças, isso assim, falando de uma forma mais explícita e em grupo. Agora, o Eduardo, eu aqui, pensando em pandemia, pensando nesse momento e quando a gente muda de cidade a gente acaba ficando um pouco mais isolado, um pouco mais sozinho, pelo fato de não conhecer tanta gente, até você fazer o seu círculo de amizades. Eu sou uma pessoa que gosto muito de jogos de tabuleiro então eu sempre tenho aqui em casa alguns jogos, eu gosto, não sou uma pessoa que gosta muito da... não é que não gosto, mas não faço uso da tecnologia para brincar. Não sou do vídeo game, não sou uma pessoa do virtual, eu quando eu brinco eu gosto de estar presente e eu tenho algumas coisas que talvez possa ser chamado de brincadeira, eu tenho os meus aquários, então é um hobby que eu gosto de dar atenção pra ele, de brincar, de limpar, de criar coisas, de fazer coisas... Eu tenho aqui minha composteira que ficou parada quando minha filha nasceu, pela demanda de atividades, reativei ela agora na pandemia, e também é um hobby, é uma atividade que eu diria que é como uma brincadeira, um passatempo, um momento livre que eu posso estar ali me entretendo e a hora passa ali gostoso... fico bastante tempo ali. O trabalho em si, eu trabalho com Educação Física, trabalho com o corpo, eu me vejo como uma pessoa centrada no trabalho, os colegas acham que eu fico até muito sério, mas eu gosto muito de brincar, eu gosto muito de dar espaço, oportunidade, de propor situações onde os alunos consigam sair um pouco da sua realidade, sair um pouco da sua rotina, dar uma quebrada um pouco nisso (EDUARDO).

### **Professor de educação infantil**

Eu acho que a gente não deixa de brincar, pelo menos eu não deixei de brincar, eu acho que eu curto muito estar em relação com as crianças porque eu posso ser eu mesmo, espontâneo, rir alto, cair no chão, se sujar, dar risada de coisas bobas, então eu sigo brincando com as crianças, e eu acho que isso é o mais legal de ser professor de educação infantil, por conta disso. Na escola que eu estou, a gente evita, tem uma orientação de não brincar tanto com as crianças, e mais observar, mais estar junto, porque tem-se a ideia de que o adulto é uma figura muito forte e acaba centralizando a brincadeira da criança, então as crianças colam muito no adulto quando ele está brincando, ele vira uma referência muito forte e eu fico pensando como dosar essas coisas. Às vezes você não consegue falar para, você não consegue falar “agora já deu” e dar um limite, mas as crianças querem sempre mais, e elas não tem fim e a gente tem uma gás que se esgota, um pique que eu não sei de onde elas tiram, e tem também uma coisa de... tinha uma outra coisa, eu esqueci... uma era essa coisa de não ter fim,

não ter limite, de não se esgotar e a outra é que as vezes, a gente machuca sem querer, as crianças, nessas brincadeiras corporais, mesmo em um pega pega, as vezes a gente esbarra, tromba em uma criança, então, é uma orientação na minha escola (VITOR).

### **Nossos lados, nossa humanidade**

O que mais me puxa na relação com as pessoas, seja adulto ou seja criança, é a questão da nossa humanidade...eu brinco que a gente não é bicho, que gente é gente, então na medida em que a gente se vê desse lado humano a gente se acolhe, na medida em que eu acolho a criança dentro de mim. O conceito da ambivalência onde tem isso tem aquilo, então isso permite a gente se assumir mais como um todo, e não estar assim, fragmentado, "sou adulto ou sou criança? sou homem ou sou mulher?" algo que bloqueia muito a questão da ludicidade, é essa cultura dicotômica, que me parece que a gente sempre está metade do tipo "sou adulto ou sou criança? sou homem ou sou mulher? sou professor ou sou aluno?" e a gente perde um pouco desse holístico da gente e o brincar se perde também por conta dessa cultura que diz "larga de ser criança, para de brincadeira, está rindo do que?" então, integrar esses componentes da humanidade é fundamental para estar razoavelmente bem e também para estabelecer uma relação madura e saudável com as pessoas, com os alunos (PAULO).

### **Me alimenta um lugar**

Eu mantenho muito em aberto também esse lugar de brincar com crianças e principalmente na manualidade, eu gosto muito de construir coisas, de tentar fazer coisas com as mãos, então isso é bem presente no meu dia-dia, mas o brincar também... e claro, trabalhando com isso, com esse tema, é poder entender ele, diferente de estar em uma relação da vivência do brincar, mas é da consciência do brincar, então eu trabalho com imagem, com produção da imagem do brincar, mas para mim é um diversão tamanha, que as pessoas falam pra mim "ah seu trabalho uff" mas é, uma relação entre trabalho e lazer que se misturam, eu tenho o maior prazer de fazer isso, eu fazer essa pesquisa de campo, pra mim isso é uma extensão da vida e ela é sobre esse tema, então não é só eu brincar, mas eu beber da fonte do outro brincando, isso me alimenta um lugar que é da mesma raiz do brincar...eu tenho um encantamento, uma entrega, uma devoção a essa relação sabe, nossa...me deixa fazer isso todos os dias da minha vida, paga um pão ali pra eu ter todo dia e eu estou indo sabe...enfim, então eu acho que também é uma forma de viver isso (RENATA).

### **Profissão**

Pelo fato de ser da Educação Física, eu acho que o brincar me formou e me forma, até hoje, é o que me deu o caminho da minha profissão, acredito que a minha profissão

foi escolhida pelo fato de eu ser uma pessoa que está sempre envolvida com brincadeiras, com pessoas, com coisas que dão prazer... Então a Educação Física foi uma escolha que eu tive por buscar fazer o que me dava prazer... “vou fazer aquilo que eu gosto”, e o que eu gosto é brincar, estar com as pessoas. Eu falei um pouco com relação ao esporte, o esporte que eu pratiquei... claro, tinha competições, mas nunca foi um esporte de auto nível, um esporte de competição ao extremo, então pra mim, eu falo do esporte, eu falo como um momento de brincadeira também, o esporte que eu pratiquei. Eu sou o Eduardo porque eu tive essa oportunidade, de brincar. Eu acho que a minha esposa fala muito, “ah, você é muito criativo com a sua filha, você tem muitas ideias, você consegue envolve-la, consegue trazer...” e eu acho que é muito por essa experiência de vida, de dar valor a isso, de achar que isso... e é engraçado, porque pra mim parece uma coisa simples, uma coisa que, eu dou valor, mas que a gente não fica falando disso (EDUARDO).

### **Seriedade e acreditar**

Eu vou falar uma frase que vai parecer estranho “eu brinco de viver, sabia?” porque para mim, tudo isso é uma grande brincadeira, no sentido sério da brincadeira sabe, ao ponto de eu efetivamente acreditar tanto no brincar que eu dou esse peso, acho que vale até um parênteses aqui e voltar um pouco para trás, conta um pouquinho de um momento que a minha família me questionava muito nesse lugar de “mas minha filha o que que você vai ser da vida?” meu pai me trazendo muito esse peso, ele sempre trabalhou no mundo corporativo e via sempre essa palavra carreira, como uma meta, uma missão, “Qual que é a sua carreira? Você vai sempre brincar? Você nunca vai fazer nada sério?” Essa era uma pergunta que eu ouvia muito, e eu não tinha nenhum problema de ouvir isso e de voltar a resposta e dizer para ele, de verdade, nunca foi um drama, e meu pai nem era um cara super rígido, mas era uma preocupação dele, que entendo perfeitamente, mas... “E aí, qual que rola na sua vida?” e eu falava, “olha pai, se para você o brincar não é sério, então a gente vai ter que achar um mecanismo entre nós de entender que é isso, a sua filha vai fazer algo que não é sério para você, agora, você imagina o quão sério é para mim, ao ponto de eu querer dedicar minha vida a essa relação, de querer estar com isso dentro de mim... Você se dedicaria à alguma coisa que você não acredita?” porque seriedade e acreditar, tem aí também um lugar... O que que o mundo diz que é sério? O que é sério para você é aquilo que faz você ter sentido, e faz tanto sentido pra mim isso, que é disso que eu vou buscar o meu dia-dia, eu não tenho a menor dúvida que quando a gente acredita tanto naquilo que a gente faz, e pode ser qualquer coisa, nossa juro, qualquer coisa do mundo, mas que haja esse lugar de que realmente você vê esse sentido que parte de dentro de você, não tem como não ser algo significativo, que aquilo vá ecoando sabe, então essa é a seriedade, é você acreditar naquilo que é mais você mesmo, essa é a grande seriedade da história...E mais, existia sempre essa cobrança sabe, então para mim eu mantenho

esse lugar muito presente em mim, eu... só que ele, com a maturidade, você vai achando novas portas, novos jeitos de fazer, novas compreensões daquilo que você está lidando, e hoje eu acho mais sério ainda.. Eu acho tão sério que a gente não sabe nada, eu não sei nada, basicamente eu não sei nada sobre o brincar e eu acho que é tão profunda a coisa, tão séria, é tão significativa que o ser humano tem até medo de saber...tem um lugar que assim, dá até medo de entender a encrenca que é isso aí...porque se a gente souber mesmo o potencial disso acho que a gente.... melhor a gente não colocar a mão porque a sociedade não está estruturada e preparada para receber, sabe? No sentido de potencializar o humano...então, deixa a gente ser potente no seu máximo...é não funciona, no mundo de hoje, não, estamos ainda em um outro tempo...e então eu acho que é isso que eu continuo fazendo e espero fazer sempre, e aí eu também busco outros territórios (RENATA).

### **Transitando**

No meu caso o afastamento se você for pensar, de uma relação mais pessoal, corporal, tem momentos que você está mais aberta para viver isso e tem momentos que você está menos, nessa vivência então talvez esse afastamento nesse sentido, porém quando você pensa também que...como eu estou te falando, isso para mim, por exemplo, trabalhar com isso e com as imagens, ou pensar nisso, é de um nível de uma mesma significância do que é essa coisa de você estar, para alguns, traduzindo o brincar de uma outra forma, para mim é esse lugar também, que nutre ali isso, tão forte, e aí isso nunca deixou de existir. Essa coisa também ...no lugar do brincar, do lazer, o quanto eles se misturam nessa relação, viajar, vivenciar esse encontro com o outro, essa presença, bastante apurada de se perceber no outro, nesse encontro, nesse contato e aí poder ir registrando isso e poder ir traduzindo isso de diferentes formas, via produção áudio visual, via livro, via exposição, isso é extremamente lúdico para mim, não é assim...Sabe aquele projeto que se faz para ganhar dinheiro, não...isso é aquele lugar que a gente fala “meu, vou pirar aqui” dentro de uma relação inclusive que ela é tênue entre a arte, a ciência, a vivência, ela transita muito, o tempo todo com todas essas relações, então, tem hora que eu sou curadora de uma exposição, e “nossa, vamos inventar uma situação aqui e vamos criar”, tem hora que eu sou fotógrafa, tem horas que eu sou cineasta, tem hora que eu sou escritora, tem horas que eu sou professora, mas o brincar é o eixo, eu me utilizo dessas relações de um universo mais artístico, da ciência, do conhecer científico, mas nem acho que é isso...porque nem é, em um lugar assim, meu trabalho não tem esse...esse peso, esse teor acadêmico, ele tem outros pesos e teores que não é nem melhor, nem pior...mas eu não sou uma acadêmica e quando eu tento ser dá tudo errado (risos)...e enfim, e aí vai assim, ele vai transitando entre tudo isso, então nunca me afastei, se for pensar dessa forma, não houve um afastamento sabe, ele sempre esteve em mim (RENATA).

### **Estar querendo**

Eu acho que gera por um lado, de uma maneira bem direta e óbvia que é de, não tem como eu fazer o que eu faço sem ter uma relação com o brincar, então acho que tem isso, essa relação com o brincar gera eu poder fazer o meu trabalho hoje, de apoiar pessoas que trabalham com infância e com o brincar todos os dias com a Aliança. Eu acho que tem isso, acho que tem outros trabalhos que eu estava fazendo recentemente, que eu trabalhava em ateliê de uma artística plástica e educadora aqui em São Paulo, que era um trabalho que eu fazia junto com o da Aliança, em que a gente recebia grupos de criança constantemente, grupos de educadores então, ter essa relação de poder realizar esse trabalho, gera isso... Então acho que eu estou pensando mais assim, nessa relação com o mundo contemporâneo no sentido das problemáticas, sociopolíticas e não apenas, mas como a gente olha no mundo e eu não estou falando do que está acontecendo agora, estou falando de não estar em um estado de alienação, mas de estar em um estado de engajamento, estar sempre querendo entender o que está acontecendo, estar sempre querendo conhecer novas opiniões, conhecer novas análises, conhecer novas pessoas que produzem conteúdo, esse estar aberto para o mundo. Eu acho que a relação com o brincar tenha relação de eu ter gerado isso, de eu estar querendo pesquisar, estar querendo entender, ler, de estar querendo aprender, eu acho que tem a ver com isso (LETÍCIA).

### **Quien no quieres jugar?**

El juego ha generado todo en mi vida, pero ya te digo, no hecho nunca como una opción profesional del tema, siempre he sido desde el placer de compartir, talvez sea eso lo que más me ha motivado. Cuando creamos la “Cia. de Jocs l’Anònima” teníamos claro que uno de los objetivos, aparte de conservar la memoria lúdica y difundirla, era conocer gente atrás del juego y gracias a esto hemos conocido gente de toda Europa y ahora contigo también y otras partes también... atrás del juego, pues tenemos claro que el juego nos he servido para aproximar nuestras personas, creo yo que de la manera más gratificante posible, vamos a un sitio y vamos a jugar, pues claro, siempre somos bien recibidos, porque, quién no quieres jugar? Pues bueno, te invitan a jugar, te invitan para que compartan sus juegos, tu invita la gente para compartir tus juegos, entonces claro, yo creo que no se, quitando la gastronomía y poca cosa más. Más bonito es cuando se relaciona por el juego, para mí es un placer, me sigo divirtiendo y me sigue divirtiendo (VÍCTOR).

Nas mônadas acima, há predominância do tema trabalho, que em muitos casos comporta uma relação positiva e possível com o brincar. A seguir, aprofundamos a discussão diante o tema que se mostra como potencialmente possível de acolher o brincar.



Eduardo na mônada **Aquilo me trazia mais felicidade**, revela o caminho que percorreu para escolher a profissão de professor, desde sua afinidade com o esporte e questões relacionadas a remuneração. Ao invés de uma profissão que gerasse uma renda maior, escolheu o que lhe traria mais felicidade, seguindo o exemplo dos pais que foram professores.

Ainda com Eduardo em **Encontros de pessoas**, revela que era o trabalho que o guiava para onde morar e qual seria o grupo social que faria parte, sendo que as amizades estavam relacionadas ao trabalho. Com Eduardo noto que, por ele gostar muito de brincar, acaba também sendo um elemento presente no seu trabalho, ao buscar espaços e oportunidades para que esse encontro aconteça com seus alunos.

Na mônada **Professor de educação infantil**, Vitor nos conta que não deixou de brincar, e quando brinca com as crianças, seus alunos, sente que pode ser ele mesmo nesse momento, em sua profissão de ser professor de Educação Infantil. Pontua que as crianças tem um animo que não se esgota, que sempre querem mais e que por vezes é difícil a questão do limite. Também expõe sobre o cuidado de não as machucar quando brinca junto.

Destaco a possibilidade de ser aceito no trabalho, de quando acontece o acolhimento do sujeito em sua inteireza é algo muito positivo. Quando somos respeitados com nossa maneira de ser, com nossa bagagem de experiências, qualidades e defeitos, isso é valioso, pois esse todo é a construção que somos. Fazendo relação a essa colocação, Paulo em sua mônada **Nossos lados, nossa humanidade**, destaca a cultura dicotômica que existe, que nos fragmenta em, sou isso ou sou aquilo? Sou professor ou sou aluno? E aponta para a importância de um olhar que acolha, que entenda que somos um todo. Esses encontros que se desvelam entre as mônadas, comigo e com o leitor, nos mostra como somos parecidos, na partilha de conflitos e ideias em assuntos, experiências vividas de trabalho ou pessoais.

Na confluência das mônadas acima, lembro de Rubem Alves (2011) em seu livro “Variações do prazer”, quando conta que desde jovem sonhou ter em seu trabalho uma condição semelhante ao que ocorre com os artistas em que, o prazer é o motivo do que fazem.

Seguindo com esse tema, Renata em sua mônada **Me alimenta um lugar**, conta sobre sua relação dentro do trabalho que está mais ligada a consciência do que a vivência. Fala que vê que o trabalho e o lazer se misturam pelo tamanho prazer que tem no que faz. Conta que isso “alimenta um lugar que é da mesma raiz do brincar”, assim mostrando o brincar em sua essência como alimento, como energia que mobiliza o humano e também a união das práticas em sua vida, que no trabalho também é uma forma de viver o brincar. Ainda nessa parte, vejo Eduardo,

em diálogo com Renata, quando reflete sobre como sua escolha profissional o formou e segue o formando, na mônada **Profissão**.

Na mônada **Seriedade e acreditar** Renata conta sobre questões como, “Mas minha filha, o que você vai ser da vida? Qual é sua carreira? Você vai sempre brincar? Você nunca vai fazer algo sério? que revelam o imaginário social em torno do brincar como algo improdutivo. Essas e outras colocações foram sendo respondidas por Renata a partir do diálogo e também com questões “Você se dedicaria a alguma coisa que você não acredita? O que o mundo diz que é sério? Então, mesmo com a cobrança e contestações ela conta como foi encontrando seu caminho.

Renata, em **Transitando**, fala como o brincar existe e continua nutrindo suas experiências no trabalho, como também destacam Vitor, Eduardo e Paulo quando falam sobre essa presença. Ela também coloca que a motivação nos projetos que realiza não é pelo dinheiro, mas pela criação, desfrute dentro daquilo. E sobre como o brincar é o eixo que transita quando está escrevendo, ou fotografando, como curadora de exposição, entre outros.

A mônada **Estar querendo** conversa com o que Renata apresenta em suas mônadas, pois Leticia fala que em seus trabalhos, percebe a relação com o brincar no “estar em um estado de engajamento, estar sempre querendo entender o que está acontecendo, estar com novas pessoas que produzem conteúdo”.

Na mônada **Quien no quiere jugar?** Percebo que Víctor coloca em destaque que a questão de manter o jogo em sua vida é para além de uma opção profissional, e que mesmo com seu trabalho, com a criação de uma Companhia de jogos, o que o motiva é o prazer de compartilhar nas relações construídas a partir do jogo, como ele coloca “conhecer gente atrás del juego”.

### **Discussão diante o conjunto de mônadas - Trabalhos**

*A gente não quer só dinheiro*

*A gente quer dinheiro e felicidade*

*A gente não quer só dinheiro*

*A gente quer inteiro e não pela metade*

(Comida – Titãs)

Ao optar por um trabalho em que é considerado ‘o que me faria mais feliz’ ao invés de ‘onde eu ganharia mais dinheiro’ fica em evidencia o sentido diante a maneira que se escolhe

para viver. Podemos colocar que cada pessoa possui desejos que gostaria de realizar ao longo da vida e ao mesmo tempo cada indivíduo passa por situações difíceis e surpresas que surgem fora do que cada um planeja ou gostaria de viver. A vida acontece dentro de dinâmicas incertas que envolve questões familiares, afetivas, culturais, financeira, entre outras, e algumas pessoas passam pela educação escolar, ingressam no ensino superior e se formam dentro da possibilidade privilegiada de poder escolher quais caminhos seguir. Mas, em outra parte da sociedade o trabalho aparece antes, muitas vezes junto com a escola e não necessariamente sendo algo que a pessoa goste, mas algo que irá lhe garantir um salário para as necessidades.

Dito isso podemos perceber, diante as mônadas apresentadas que, o atual trabalho dos participantes desse estudo revela estar em um contexto que contempla o querer, a possibilidade de estarem em caminhos que lhes proporcionam realizações que foram percebidos e relatados sendo presentes em meio ao trabalho. Ter esse olhar para a discussão do tema trabalho aponta de onde partimos, para olhá-lo.

Dentro desses trabalhos as pessoas estão organizadas enquanto “classe trabalhadora, que incorpora a totalidade daqueles(as) que vendem sua força de trabalho em troca de salário” então, nos dirigimos aqui a essa condição de assalariados, com vínculos e direitos trabalhistas, e que, em conjunto a essa condição, pelo que apresentam as mônadas, a relação com o trabalho se revela como possível de acolher e conectar as pessoas dentro do que trabalham (ANTUNES, 2018, p. 91).

Como me debrucei a escrever sobre o conceito de trabalho no referencial desse estudo, a proposta é de, sem perder essa compreensão, poder refletir diante como os participantes expressam e vivem seus trabalhos e as conexões que aparecem nessa relação. É comum nas mônadas reunidas nesse tema, observarmos que o brincar ocorre em alguns momentos de trabalho, revelando que ambos possuem potencial para acontecer de maneira coexistente, inclusive em meio as tarefas. O que aqui destacamos é um movimento de diálogo entre trabalho e brincar, diferente do que vimos na categoria sobre os tempos, em que das mônadas emergiram a separação nos tempos, de maneira muito marcada pelo o início do trabalho e o pouco tempo livre, em divisões no cotidiano.

Aproximo o que Ricardo Antunes propõe no seu texto chamado “Os sentidos do trabalho”, a esse movimento revelado pelas mônadas, em que o brincar se move, encontrando sentido fora do trabalho e dentro, existindo e fazendo sentido. A mônada **Transitando** apresenta de maneira direta esse movimento, de junção/fruição, do trabalho a que se dedica e a vida que se vive. Para tratar dessa integralização, de vida que se contempla ao trabalhar, que

reúne e traz mais sentido ao que se vive, estamos apontando para o trabalho enquanto soma, conforme a ideia do trabalho pleno de sentido (ANTUNES, 2009).

Segundo Csikszentmihalyi (1999), “uma pessoa que cresce experimentando a maior parte do dia como sem importância e sem prazer dificilmente encontrará muito significado no futuro” (CSIKSZENTMIHALYI, 1999, p. 59). Isso para pensarmos como as experiências vividas estão unidas e transparecem no prazer ou não também no momento de trabalho.

Ainda conforme o mesmo autor, ele coloca que:

As atitudes estabelecidas nos primeiros anos continuam a determinar o modo como experimentamos o trabalho durante o resto de nossas vidas. No emprego, as pessoas tendem a usar sua mente e seu corpo ao máximo; conseqüentemente, acreditam que o que fazem é importante e sentem-se bem consigo mesmas enquanto fazem (CSIKSZENTMIHALYI, 1999, p. 59).

E conforme Antunes (2009);

Se o trabalho tornar-se dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do tempo livre, do ócio, que o ser social poderá humanizar-se e mancipar-se em seu sentido mais profundo (ANTUNES, 2009, p. 175).

E nesse sentido retomo a Rubem Alves, pois ele colabora no trançado de reflexões junto as falas de Renata, Paulo e Eduardo ao apresentar o trabalho de maneira que contempla quem são e o que fazem;

O trabalho não apenas como meio de vida, mas o trabalho como brinquedo. As crianças brincam por puro prazer. Imaginava uma situação em que os homens, ao terminar o seu trabalho sorriam de felicidade, e veriam o seu próprio rosto refletido em sua obra, da mesma forma como Narciso via o seu rosto refletido na água da fonte (ALVES, 2011, p. 125).

Acredito que há momentos possíveis que o trabalho traga felicidade, que alimente, contemple nossa humanidade, e se mostre como uma realização. Talvez não seja todos os dias, nem mesmo todas as horas, e que em alguns trabalhos isso seja mais possível do que em outros, mas perceber as brechas que ocorrem e reconhecer que o brincar existe dentro do trabalho, é importante. Ele pode se apresentar no cotidiano do trabalho em forma de conversa, no uso de alguma expressão engraçada, ou em alguma criação inicialmente nas ideias, como fantasia, para depois ser passada para o papel, no desenvolvimento de um projeto em grupo, ao longo de uma aula prática na escola, enfim, de maneiras diferentes pode ocorrer.

E digo mais, acontece ainda, quando tomando como possibilidade valiosa a decisão de incorporar o brincar dentro do trabalho como uma opção, que está relacionada com o que se vive e acredita. Nesse sentido, conforme Csikszentmihalyi (1999), “não são as condições externas que determinam o quanto o trabalho contribuirá para a excelência da vida do indivíduo. É como o indivíduo trabalha, e que experiências ele é capaz de obter do confronto com seus desafios” (CSIKSZENTMIHALYI, 1999, p. 65).

Ao trazer Csikszentmihalyi vejo a importância em abordar, mesmo que brevemente, sobre a questão das experiências de fluxo, que ele explica como momentos que a consciência, os sentimentos, desejos e pensamentos se harmonizam junto com a concentração diante um desafio ou meta. Ele coloca exemplos como esquiar, ou cantar em um coral, dançar, ler um livro, ou ainda o trabalho, a reunião de amigos, uma conversa, sendo que o que existe em comum em todas essas experiências é o conjunto de metas que exigem respostas apropriadas, junto ao conjunto de habilidades da pessoa. É quando uma pessoa está realizando uma tarefa que lhe envolve, que existe uma meta a ser realizada e que não é nem tão simples ou difícil, mas que corresponde a algo que a pessoa consegue fazer (CSIKSZENTMIHALYI, 1999, p. 37).

Podemos compreender diante a experiência de fluxo também, a sua relação com as possibilidades de brincar no trabalho, em que a pessoa está entregue, tendo prazer e desafios que lhe são possíveis de cumprir. Ambas colocações de experiências são possíveis de se entrelaçar e estão colocadas em destaque nos dados.

O mesmo autor ainda coloca que em muitos casos as fontes de fluxo na vida adulta podem ser encontradas com maior frequência no trabalho do que no tempo livre, pois o trabalho é uma situação que a pessoa está imersa a desafios, que lhe exige habilidades e junto a isso sentimentos de concentração, criatividade e satisfação (CSIKSZENTMIHALYI, 1999, p. 62).

Ainda por essa perspectiva ele apresenta que:

O que muitas vezes passa despercebido é que o trabalho é muito mais parecido com um jogo do que a maioria das outras coisas que realizamos durante o dia. Ele geralmente tem metas claras e regras de desempenho; oferece feedback ou na forma de saber que terminamos bem uma tarefa, em termos de vendas mensuráveis, ou pela avaliação de nosso supervisor. Uma tarefa geralmente encoraja a concentração e evita distrações; também permite uma quantidade variável de controle e – pelo menos idealmente – suas dificuldades correspondem as habilidades do trabalhadores. Assim, o trabalho tende a ter a estrutura de outras atividades intrinsecamente recompensadoras que fornecem fluxo, tais como jogos, esporte, música e arte (CSIKSZENTMIHALYI, 1999, p. 62).

Nesse ponto de discussão gostaria de trazer a reflexão diante as profissões apresentadas, em que mesmo sendo profissões que tem uma relação com o brincar, como pedagogia, educação física, e possibilitam essa proximidade, que as vezes é mais do que proximidade sendo um estar dentro, como Vitor coloca, que brinca com as crianças em alguns momentos, ou como Eduardo que propõe aos alunos o encontro com o brincar em suas aulas, ou ainda, como Renata que se percebe brincando nas diferentes tarefas que participa quando produz um documentário. Assim, enquanto humanos que refletem e se percebem incompletos, segundo Freire (2011), nos movemos, acolhemos diversas maneiras de ser, que vão se unindo. Compreendendo e permitindo isso, não fragmentamos quem somos. Nesse sentido se relaciona com o fato dos professores quando brincam com as crianças, ou em meio a um trabalho o jogo poder existir e ser parte. São maneiras de ser e de viver que vão sendo acolhidas dentro do trabalho, e se entrelaçando, nesse caso.

O significado que o trabalho representa na vida das pessoas são diversos, de alegria, de tristeza, de prazer ou desprazer, entre outros. No caso dessas mônadas, elas apontam para uma relação positiva, em que enquanto sujeitos se encontram no que fazem, se realizam e sentem prazer. Das mônadas em destaque, Renata, Eduardo e Letícia são as únicas pessoas que não estão na educação escolar, mas que trabalham com educação em outros espaços informais e preservam o brincar dentro do seu trabalho.

Como fechamento do tema analisado, destaco uma frase de Renata que diz “deixa a gente ser potente no seu máximo... é não funciona, no mundo de hoje, não, estamos ainda em outro tempo” referindo-se a essa potência sendo o brincar. E ao olhar para esse vínculo que se desvelou nessa discussão do brincar que está presente enquanto atemporal, por se revelar de maneira imbuída, entrelaçado nas experiências, consigo compreender essa potência nas mônadas de Renata, Eduardo, Paulo, Letícia, Vitor e Víctor.

### **III - Elementos lúdicos**

#### **Trabalhei brincando seriamente**

Bem, eu te digo, para mim o trabalho é coisa séria, mas sempre e em diferentes situações, em diferentes níveis, com diferentes responsabilidades, eu achei que o trabalho é coisa séria, deve ser levado da maneira mais descontraída possível, difícil no mundo profissional, onde existem tantas invejas, ciúmes, fofocas... eu vi pessoas destruídas por isso, e eu sempre me senti bem, porque também senti que minha equipe se sentia à vontade comigo, não por ser bonzinho, eu não sou bonzinho,

profissionalmente é um desastre ser bonzinho, eu não sou, mas sempre consegui somar esforços, somar competências, fazer sentir as pessoas, que as competências eram necessárias. Para mim era, um grande jogo que se chamava projeto, porque era, uma espécie de brincadeira, com muito prazer e vontade no que fazia, só que uma brincadeira séria, que custava dinheiro, podia gerar emprego, mas também poderia perder emprego, então levar isso da maneira mais descontraída possível, mas a sério, e como te disse, fazer sentido para as pessoas que a competência de cada um era necessária. Eu acho que... confesso que trabalhei brincando seriamente, e curti cada momento (ALBERTO).

### **Trampas dialécticas**

Como estoy toda vida en el mundo de la actividad física y del juego, del juego como experiencia... no solo motriz si no también psicológica y emotiva. Muchas veces mi propio trabajo no deja de ser para mí un juego, ya sea por adulto, el juego de palabras, el juego de intenciones y acciones, ya vas a conociendo los chavales en pocas semanas y vas soltando a uno y a otro, diversos discursos llevando los como un juego, yo para mi es un juego. A ver cómo te explicaría... soy un poquito, no mal intencionado si no, les hago caer en trampas dialécticas, unos se pillan otros no. Los que pillan, nos reímos todos muy bien. No lo reímos del otro, pero el otro aprende que las palabras no solo sirven para determinar cosas, sino, también para recrearnos con las situaciones que estamos y sentirnos a gusto. A mí, me gusta mucho eso, a principio algunos lo corren otros no, el que no lo corre a poquito tiempo ya cuando lo corre, y empieza a conocerte a mí, como Vicente, el profesor que chichalacheu, que te suelta una y no sabes por onde viene y hasta que no lo pillas, dijés “ostras, lo decía por eso” (VICENTE S.).

### **Constantemente**

Básicamente mi relación con el juego promueve prácticamente todo lo que soy como persona, me acerco a los niños pues me gusta mucho educar con niños a través de los juegos. Hice mis primos conocerán a canguro, que jugábamos. Tengo una empresa que se basa en mi experiencia en jugar en una ludoteca y me gusta mucho. Durante un tiempo he tenido un editorial de juegos de mesa que dedicábamos a jugar, a ver que juegos nos gustaba y publicarnos, en mi empresa. Conocemos cosas y muchas veces como hacerlos a través de juegos con la gamificación y siempre que llama alguien, “vamos sacar un día para jugar?” pues vamos y jugamos, o sea, no es ningún problema, hace parte del día e nos mueve. Yo tengo mi grupo de amigos que juega y nos juntamos todos domingos para jugar rol. El juego está presente em mi vida, constantemente y lo pongo en prácticamente todo (VÍCTOR C.).

## **Não pode deixar passar**

Eu estou ampliando esse brincar, esse brincar é muitas coisas para mim, depende muito a forma que você pensa o brincar, a gente tem esses conceitos, de estar separado do trabalho...mas tem alguns momentos no trabalho que não é mesmo, que não dá nem pra pensar, porque burocracia não é brincar de jeito nenhum. Mas tem momentos prazerosos dentro do trabalho, como os congressos que tem o momento de apresentar o trabalho que é uma coisa gostosa... e se você transforma aquilo, a gente consegue fazer coisas prazerosas. Penso que a gente não pode deixar passar as vontades que a gente tem de fazer coisas, a gente tem que viver plenamente sempre, não é sempre que é possível, mas alguns momentos plenos a gente tem que viver, se não a gente não tem saúde pra aguentar tanta informação, tanta coisa... Não sei se as pessoas se sentem tão cobradas, mas é preciso ver o quanto você se sente cobrado, tem gente que não, tem gente que sente mais, cada um tem que perceber qual é a sua nos ambientes que vive e trabalha, porque não é igual para todo mundo, mas vamos ver como a gente segue, como vai ser responder isso mais pra frente...mas eu acho que a gente brinca (YARA).

## **Elementos lúdicos**

Com 14 anos eu já tinha passado por 3 empregos, regulares, que eu tinha que estar tal hora da manhã, e eu te garanto, nenhum desses empregos eram o sonho da minha vida, boa parte deles, eu comecei em uma situação em que eu acordava de manhã para ir trabalhar... e acordar cedo pra mim já era um porre, eu sempre fui um cara muito da noite, então acordar cedo, por mais que eu tivesse ido dormir as 7 horas da noite, acordar cedo, as 6 horas da manhã, as 5 horas da manhã, hoje isso já é até que mais leve, mas antes era muito pesado para mim. Acordar cedo para ir trabalhar em um emprego que não era o meu prazer, que era na verdade o meu sustento, se trabalha você come, se não trabalhar você não come, era muito pesado, então por várias vezes eu tinha essa sensação, de que eu estava perdendo mais um dia da minha vida. Se o dia estava chuvoso e frio, eu pensava, “meu, putz... eu podia estar na minha cama, eu podia estar em um lugar quentinho mas não, eu estou aqui tomando chuva, a caminho do serviço”, porque não tinha carro para levar, e as vezes, por mais que tinha o vale transporte, se eu fosse a pé e economizasse ele, representava eu poder vender esse vale transporte, e representava uma parcela boa no meu rendimento mensal, então as vezes eu ia a pé, trabalhar, acordava bem mais cedo pra economizar o transporte para poder vender, e isso já com 10, 12 anos. Com isso fui enchendo a cabeça com essas coisas, “meu estou perdendo mais um dia da minha vida”, se o dia está feio, eu podia estar em casa e se o dia está bonito, eu falava “putz, podia estar passeando, podia estar na casa de um amigo, podia estar caminhando” o que suavizava esse sentimento de “estou perdendo mais um dia da minha vida” era justamente, transformar os elementos



seja do percurso até o serviço, seja no próprio serviço, em uma forma de brincadeira interna, em uma forma do tipo “ah, vou ver em quanto tempo eu consigo fazer isso daqui”, e então vou me desafiar a isso, e então eu colocava elementos, mesmo que muito introspectivos, muito pessoais, muito meus... elementos lúdicos naquele serviço, e então aquele serviço começava a ser mais leve. Em um determinado momento eu percebi o seguinte, por mais pesado que o serviço fosse, ele se tornava leve se eu pudesse colocar elementos lúdicos, seja de brincar com um amigo... Por exemplo, o amigo está se fodendo tanto quanto você, mas vocês conseguem manter uma relação de bom humor, de brincadeira entre as partes ali, o serviço no final, por mais... olha Gabi, eu já cheguei a trabalhar em uns serviços assim... que quando chegava no final do dia eu tinha vontade de chorar e eu penso como eu consegui ficar nesses serviços, e eu vejo que foram esses elementos lúdicos. Também já trabalhei em serviço que era muito baba, de sentar em uma mesa de escritório, no ar condicionado, em um ambiente muito confortável à primeira vista, e nesses ambientes podia ser o pior inferno, em relação a aqueles que era muito pesados fisicamente, o que diferenciava um do outro, os elementos lúdicos. Sejam os elementos lúdicos no sentido de você conseguir brincar internamente, como sejam os elementos lúdicos no sentido de você ter pessoas ali que a companhia delas era prazerosa a ponto de serem considerados lúdicos, de ser aquele serviço fodido mas de ter aquele momento de descontração com as pessoas, de brincar e tal. Então a minha experiência é, não importa o quanto o serviço é fodido o que importa é quantos elementos lúdicos você vai conseguir encaixar nessa atividade. Se você não conseguir nenhum, por mais confortável que seja a sua cadeira, a sua mesa, por menor que seja o seu esforço laboral, meu... aquele serviço vai se tornar muito pesado pra você, vai se tornar uma coisa que, eu imagino que vai fazer você pensar justamente isso, “eu estou indo trabalhar, eu tenho que perder mais um dia da minha vida” e essa sensação de perder mais um dia da minha vida, é uma sensação terrível, isso quando eu era jovem, imagina hoje que já sou mais velho e tenho uma noção maior do quanto a vida é curta (JOEL).

As mônadas acima apresentam alguns destaques vindos de dentro do trabalho, falas sobre onde e como cada pessoa reflete e se percebe no trabalho, sendo ele, em muitos casos, portador de uma relação positiva com o brincar. Trabalho que se mostra potencialmente possível de acolher o brincar e a ludicidade. Esse brincar que é acolhido corresponde a experiência, desde ações, palavras e ideias. Seja na possibilidade de brincar com o colega de trabalho por meio de palavras, ou ao lidar com situações de maneira criativa, elaborando mais de uma maneira de fazer algo, na programação de um jogo de computador em que é preciso programar e jogar para ver como ficou, enfim, na busca de como cada pessoa, dentro do seu

contexto de trabalho e compromissos, encontra e desenvolve ações lúdicas em meio ao que faz. É nesse sentido que daremos continuidade à discussão que segue.

Alberto na mônada **Trabalhei brincando seriamente**, nos conta de seu entendimento de trabalho enquanto coisa séria, mas que deve ser vivido de maneira confortável. Os projetos que se empenhava eram como brincadeira, feitos com vontade e prazer. Ao ler sua mônada vemos que Alberto considera ambos movimentos juntos, sempre relacionado a seriedade como algo externo ao brincar, não como característica.

Na mônada **Trampas dialécticas**, Vicente S. nos conta sobre como brinca por meio da fala, de frases, com seus alunos, uma maneira que encontrou para brincar por meio das palavras, com situações e sentimentos. É uma maneira de criar vínculos e de os alunos o conhecerem. Coloco em destaque quando diz que não é rir do outro, mas que possam aproveitar juntos do momento, da graça.

Em **Constantemente** Víctor nos fala sobre como o jogo está presente em seu trabalho, em sua relação com as crianças e família. Sua empresa se baseia na experiência que teve em jogar em uma sala de jogos. Também revela que tem seu grupo de amigos para jogar e que se reúnem todos os domingos.

Na mônada de Yara, chamada **Não pode deixar passar** ela fala justamente que há momentos que não vê o brincar dentro do trabalho, mas em alguns momentos sim, que consegue ver o lado prazeroso. Também fala sobre a importância de não ignorar as vontades, valorizando o viver dos momentos e que isso se relaciona as cobranças, ao ambiente que se vive e trabalha.

Na mônada **Elementos lúdicos** Joel nos conta sobre sua experiência no trabalho e seu posicionamento sobre o assunto. É tocante sua reflexão diante sua sensação de estar perdendo um dia de vida e como isso foi sendo suavizado pelos elementos lúdicos que passou a colocar no caminho para chegar ao trabalho, nas relações com os amigos, e assim, conseguia deixar mais leve essa sensação. Ele coloca também que não importa se o trabalho é pesado ou leve, o que fará a diferença na relação com o trabalho são os elementos lúdicos que você conseguir encaixar nele.

### **Discussão diante o conjunto de mônadas – Elementos lúdicos**

*Camarada d'onde vem essa febre  
Nossa alegria breve, por enquanto nos deixou  
Camarada viva a vida mais leve  
Não deixe que ela escorregue*

*Que te cause mais dor*  
(Camarada d'água - O teatro mágico)

Na sociedade que vivemos, o trabalho atrelado ao princípio da disciplina, nos faz conectar cada vez mais com máquinas, coisas, e transformar o corpo-vivo, em corpo-máquina (GROS, 2012, p. 260). A ideia por essa perspectiva é que os momentos devem ser úteis, produtivos, que resultados sejam alcançados e que o sujeito passa a ser um sujeito-máquina, um objeto do processo. Aqui partimos do pensamento por outro sentido, em que realmente é importante que o momento seja útil, mas que seja partindo do sujeito como referência e não do mercado. Que seja útil trabalhar, que exista o produzir algo, a partir de uma perspectiva que útil corresponda a proveitoso, que satisfaça necessidades. Assim mirando para que a pessoa possa transformar o trabalho em algo possível de desfrute, de bem estar, de aprendizado nessa relação que estará presente no dia-dia. O trabalho continua sendo produtivo, por assim dizer, mas o principal é o sujeito ser humano nesse fazer.

Proponho esse inverter a ordem das coisas por acreditar que a lógica é outra mesmo, por me incluir nesse momento, que como pesquisadora encontro maneiras de potencializar o que aparece nas mônadas, que estão no meu trabalho, na sociedade e ao fazer isso, esse trabalho continua sendo sério e delicioso de escrever.

Por meio das falas dos participantes foram revelados elementos lúdicos no trabalho, em possibilidades de transver, maneiras de ressignificar e se encontrar nesse momento. De maneira que em nenhum momento o trabalho deixou de ser sério, menos produtivo, pelo contrário, é dentro desse contexto que o lúdico se destaca, lembrando que “[...] o caráter sagrado e sério de uma ação de maneira alguma impede que nela se encontrem qualidades lúdicas” (HUIZINGA, 2017, p. 87).

A seriedade envolvida no brincar, no jogar é da mesma raiz do trabalho, e percebemos que por mais que o capitalismo se esforce para atrofiar a criação, o desejo e experiências que verdadeiramente nos constituem como seres humanos, existe esse movimento que vive e sobrevive ao sistema. Criado pelas pessoas, desde o mais íntimo simbólico e imaginário, percebo essa capacidade do ser humano superar o que é posto como trabalho, e nas brechas entre um café e outro, em meio uma aula com os alunos, na parte das empresas as pessoas vivem o lúdico nesse contexto. As vezes de maneira individual, outras mais coletivas. Mas encontram momentos, parceiros, linguagens, formas de pensar e agir que transformam o trabalho em algo prazeroso, e assim, mais significativo.

Larrosa colabora na discussão, pois fala sobre o riso em relação com o pensamento sério;

Gostaria de falar do riso como componente do pensamento sério. Não como aquele que se produz quando o pensamento sério descansa; tampouco como o componente que se defende da seriedade do pensamento; nem, sequer, como aquele que luta contra o pensamento sério. O riso que me interessa aqui é aquele que é componente dialógico do pensamento sério. De um pensamento que, simultaneamente, crê e não crê, que ao mesmo tempo, se respeita e zomba de si mesmo (LARROSA, 2017, p. 213).

Compreendendo o riso como componente dialógico do pensamento sério, o ser humano organiza maneiras de se expressar e faz isso no uso da palavra para fazer graça, para se relacionar com o outro com a intenção de que o outro se conecte a isso e assim estabeleçam uma ligação. Piadas, expressões e maneiras de dizer são várias, assim como as possibilidades de manter o lúdico presente nos fazeres do cotidiano.

Lembro do documentário chamado “Riso dos outros”, que nele aparecem diferentes pessoas que trabalham com humor, com o riso por compreensões diferentes. O objetivo de todos é o mesmo, ser engraçado, fazer o outro rir e/ou rir de si mesmo. Mas o caminho de cada humorista é diferente, conforme o tema que escolhe e a questão é essa: qual é o alvo da piada? A discussão do documentário entra nesse ponto, de propor a reflexão sobre até onde o riso reforça ou liberta preconceitos muito estabelecidos e ainda presentes em nossa sociedade (ARANTES, 2012).

Sobre as vontades e desejos, que formam o humano quero destacar a necessidade de uma maior sensibilidade e atenção para o tema. Quando automatizamos a rotina, parece que fazemos muitas tarefas sem pensar, como se um modo automático fosse ligado em nós e apenas operamos, como máquinas, por conta da repetição e hábito estabelecido. Dessa maneira, em muitos momentos para a o indivíduo, ainda falta a escuta de si, em que o desejo seja sentido, manifestado em momentos, e também a realização das vontades. Sabendo que do ponto de vista conceitual, para Kant (1980) o desejo corresponde a busca de satisfazer necessidades vindas dos sentidos e da experiência e se diferencia da vontade, que é formada pela decisão racional, com base no que cada um acredita como melhor, ou correto de ser feito. Por exemplo, ao dizer: “Tenho desejo por dormir até depois das 10 horas, mas minha vontade é acordar as 8 horas para conseguir aproveitar mais o período da manhã”, nessa situação o desejo parte de uma necessidade, de algo que desejamos mas pelo lado racional, por meio da vontade, organizamos o que acreditamos como melhor opção. Compreendemos que ambos estão em nossa formação e nos movem, mas que a vontade acaba sendo marcante no indivíduo por corresponder ao agir de maneira moral e conforme o contexto social que se vive.

A ludicidade, o brincar com o outro surge de desejos e vontades vindas por diferentes motivos e se revelam como meio para o relacionamento com pessoas. É construído na palavra, no gesto, um fazer potencialmente gerador de graça, riso e fruição dentre tantas possibilidades de processos de partilha. Kishimoto (2011) coloca que o riso e o cômico, são parte do momento lúdico e por Huizinga (2017) coloca como sendo parte do jogo, mas não como um julgamento, como um estado de estar. Com esse entendimento miramos para esses momentos de jogo e de lúdico, sabendo que podem estar dentro do trabalho, que a ludicidade então, para além de ser uma resposta a rotina maçante aparece como desfrute dentro e enquanto parte do trabalho, sendo uma manifestação que costura compromisso e obrigação. E nesse sentido, está também a postura de cada pessoa, maneira como vivenciam o trabalho e como criam/encaixam elementos lúdicos neles.

Retomo a Buytendijk (1977), quando aborda a questão do “vaivém lúdico” em que acontece um ir e vir entre fantasia e vida cotidiana, pois esse movimento de mostra presente nessa categoria de discussão. As pessoas relatam momentos que os elementos lúdicos estão presentes em meio as tarefas ou outras situações, que ocorre um movimento de busca à elementos lúdicos e uma volta à tarefa, ou ainda condensada nela.

Seguimos com a definição de Buytendijk para ilustrar tal colocação:

Joga-se não “algo determinado”, mas apenas com algo que somente ganha forma pelo contato, pelo processo dialético circular de estímulo e resposta, de mover e ser movido. Nesse vaivém, são descobertas as “possibilidades” que o caráter imagético esconde preliminarmente, mas mesmo assim deixa suspeitar (BUYTENDIJK, 1977, p. 68).

Partindo para um fechamento deste tema, refletimos sobre o potencial transformador dos elementos lúdicos para serem libertadores e humanizadores dentro do trabalho, da família, dos momentos livres, enfim, dentro da vida cotidiana. As mônadas analisadas até o momento nos revelam como continuamos desejando sentir prazer onde estamos, no que fazemos, com quem nos relacionamos e, pra além disso, buscando dentro das experiências brincantes possibilidades de realização pessoal, profissional, social etc.

À medida que sabemos que acontece dessa maneira e de outras tantas a relação com o brincar, não faz sentido o sentimento de vergonha, de querer esconder ou se arrepender por ter momentos de brincar. Assim, à medida que conseguimos ir para o trabalho e trabalhar (e isso se estende a todas as práticas) sem a sensação de estar perdendo mais um dia de vida, justamente porque de uma forma ou de outra os elementos lúdicos existem e dão outro sentido, estaremos

em um caminho de respeito ao que nos constitui, nos forma e segue transformando, enquanto humanos.

Afirmamos que os elementos lúdicos estão presentes e compõem os processos educativos que vivemos, desvelam sentidos e fazem diferença no viver dos seres humanos.

#### **IV - Brincar e família**

##### **Muy jugadores**

En casa tenía mis dos abuelos, el abuelo Riojano y el abuelo Catalán. Los dos eran muy jugadores de carta, muy jugadores de domino, entonces que en comidas familiares siempre acabábamos al redor de la mesa jugando, primero jugaban los adultos y los pequeños a mirar, a veces jugaban dinero. Entonces, a mirar los pequeños y cuando los adultos se acababan, pues los abuelos eran los que jugaban con nosotros, estos son recuerdos muy muy marcados que tengo y de hecho me marcaran tanto que cuando decidí ser maestro y ponerme hacer de maestro, empecé con juegos tradicionales porque lo iba pasado tan bien jugando en la calle y jugando con mis abuelos, que pensé, estos juegos que son milenarios, estos se me lo pasaran tan bien, tienen que ser igual de validos ahora, y empecé a enseñar juegos que había jugado yo de pequeño. Evidentemente funciona, un juego que he pasado de generación en generación, de la noche para la mañana no puede ser un mal juego, no? O sea, ese punto me marco a mi, estos recuerdos de infancia...son varios, pero talvez, el más profundo, es lo de mi padre (VÍCTOR).

##### **Adulto brincando, a gente tinha isso...**

Minha mãe tinha vários irmãos homens que eram mais novos, que visitavam a gente para ver as crianças, eles não tinham filhos ainda, então a gente brincava muito com tio. Eu sempre tive tios brincando com a gente, adulto brincando, a gente tinha isso... e também tinha essa coisa, como meus irmãos foram pra escola e eu não minha mãe não me aguentava dentro de casa e como tinham muitos parentes que chamavam, eu passava muitos períodos na casa da minha outra vó, com meu avô, pra brincar com meus primos. Minha mãe tinha uma prima que tinha dois filhos que trabalhavam e eu ficava também na casa dela, e ela chama porque isso ajudava minha mãe, que tinha muito filho, então tinha essa colaboração (YARA).

##### **Quando a gente viaja**

Eu posso dizer que seria o meu brincar hoje...eu acho que é a família, de novo essa relação familiar, e quando a gente viaja, mesmo quando a gente viaja para um lugar

que a gente nunca foi, que a gente tem isso...o que talvez manteve a nossa relação familiar foram as viagens, porque por mais que a gente vai até Santa Catarina ficar na casa da avó, a gente tem a passagem até chegar lá e tem que ser interessante até chegar lá, não é só chegar lá. Até chegar lá muitas coisas acontecem, fazemos caminhos diferentes, passamos por parque, paramos, e não tem dúvida, se estiver muito calor a gente passa por uma cachoeira, já entra na cachoeira, volta para a viagem, porque as viagens são longas. Eu acho que o distanciamento seria assim, nos momentos mais sérios, os momentos que você tem trabalho, deveres que tem datas previstas, que eu tenho que me distanciar deles, eu quero estar com eles mas eu não posso... Já aconteceu então de eles viajarem e eu não viajar, eu fico em casa, ou então quando eu estou indo para um congresso, ou um lugar, mas assim, mesmo no congresso a gente acha um jeito de brincar. De qualquer modo, acredito que a gente transforma esses fazeres em brincadeira. Eu acho que a gente sempre vai conciliando (YARA).

### **Com as crianças na escola e com os filhos**

Quando eu começo a trabalhar mais formalmente, no comércio, o tempo acaba de vez e eu era adolescente, tinha 14, 15 anos e nesse tempo a brincadeira acabou de vez, porque eu estudava a noite e trabalhava durante o dia. As brincadeiras que continuavam eram aquelas de conversar com os amigos, as piadas, jogar bola na escola, jogar vôlei, essas brincadeiras, então a brincadeira sempre esteve presente, mas diminuiu por conta desse tempo. Depois que eu entrei na Educação, a brincadeira volta, e ela volta avassaladora, porque no meu caso a brincadeira começa a fazer parte do trabalho, porque eu trabalho com a brincadeira na Educação Física, e isso também me fez voltar a brincar fora do trabalho. Quando eu entrei na Educação, eu me aproximei mais dos meus filhos, porque eu via a importância, realmente, da brincadeira. Então como assim, eu brinco com as crianças na escola e não brinco com os meus filhos em casa? Então isso me fez voltar a brincar de coisas, da infância, que então eu brincava com as crianças na escola e com os filhos, e me fez brincar novamente como adulto, com adultos (EDSON).

### **Con los hijos**

El juego crea relaciones porque mira, por ejemplo la etapa que estoy ahora de ver a mis amigos con hijos y que claro, te relaciona tanto con tus amigos y con sus hijos, pienso que se yo tuviera hijos sería igual pero te hablo de los hijos de mis amigos porque es el caso, pero sí que la relación que crea es la reacción de que los hijos de mis amigos conmigo, crían un vínculo... para ser sincero no me ven a mí igual que a otro amigo, es decir, nosotros somos un grupito de amigos y casi todos tienen niños, algunos no, pero nosotros que no tenemos niños, cuando llego yo, los niños en seguida vienen a buscarme, porque saben que les hago caso, que les vamos a jugar, que se lo

van a pasar bien, mientras llega alguien que no juega con ellos y es solo “hola”, es decir, que he criado el juego en esta parte de mi vida y junto crea la socialización con los hijos de mis amigos, que son las generaciones nuevas y respetan a mí. Es decir, yo llego ahí y me hacen más caso los hijos de mis amigos do que mis amigos, pues el juego me ha creado eso que, esa relación con los hijos de mis amigos. Si no fuera por el juego, no la tendría porque ellos no vendrían a buscarme (KIKO).

### **Tiempo para recuperar**

En la semana, el mayor parte de tiempo libre que puedo tener para jugar acaba siendo juego pues con los niños, juego familiar. Realmente no ay un juego que dijo “voy a jugar lo que me da ganas” no...el juego está un poco condicionado pelas necesidades y motivaciones de interese de los niños, supongo que cuando los niños forem mayores que ya pues abandonan el familiar pues supongo que entonces tienes tiempo para recuperar sus aficiones, tus hobbies y bueno no sé a qué juegos jugaremos, supongo que las cartas, porque tiene mucho costumne la gente mayor de jugar las cartas o por ejemplo, yo con mis hiros jugamos mucho “Domino” porque mi hiro de cuatro anos he aprendido a jugar el domino y es un elemento pues de integración con mi padre que es mayor, tiene 75 años, se va a jugar a domino, mi hiro pequeñito aprendió a jugar a domino y yo también se jugar a “Domino” entonces es una forma de juntarnos 3 y jugar y pasar el tiempo libre conjuntamente o seas que es un factor social, este caso de ámbito familiar, más que de ámbito personal (JOAN).

### **Avô**

Dentro de nós não está aquela criança angelical, sempre boazinha, basta a gente olhar para a nossa infância e verificar que a gente brigou com os irmãos, tinha momentos que gostaria de ter outra mãe que não a que tínhamos, enfim, tudo isso também está compondo essa relação de neste momento, brincando, a criança possa como um neto, dar um tapa no avô, eles falam com o corpo, nós temos um corpo, uma imagem corporal, eles são um corpo. Então se ele disser que não, ele vai dizer assim e isso, não me leva a ficar bravo com eles, “ah, desse jeito o vô não quer brincar não, vamos brincar de outro jeito?” e se insistir eu me afasto um pouquinho no sentido de “poxa, eu dou um tapa eu perco meu avô, preciso pensar se é legal” mas não que o meu avô reagisse como uma criança nesse momento “ah, você não gosta mais de mim” então eu acho que esse percurso foi algo no qual eu me senti bem e não digo me aperfeiçoei, mas desenvolvi estratégias de lidar com essas questões humanas (PAULO).

### **Faz parte de nós**



Eu acho que eu nunca tive muito pudor, no sentido de achar que porque eu sou adulto eu não posso mais brincar, então por exemplo, se eu te levar aqui na minha sala, você vai ver que boa parte da minha decoração, da minha sala, é de carinhos, e cada vez chega mais, isso é semanal, e até a Diana já absorveu isso, Diana é minha esposa. Ela já absorveu isso, que isso é uma faceta de mim, faz parte de mim, então... dificilmente eu me distancio por conta de ser adulto, ou tem aquele negócio de tipo, entrar em uma loja e falar que o carrinho é para o meu sobrinho, e não, é para mim. Eu gosto e pronto. Eu participo de grupos no Facebook, nas redes sociais, com esses interesses, a gente faz negócios. Nesse sentido de a Diana ter absorvido isso por parte de mim, é legal porque ela também se permite explorar essa parte criança nossa, essa parte que demanda mais uma coisa lúdica no dia-dia, tanto que ela adora cores e tal, então volta e meia ela traz alguma coisa pra casa, e acaba sendo muito companheira. Mesmo que diferente de mim, porque ela não tem essa fixação por carrinhos, mas ela tem uma coisa de brincar dela... aqui atrás de mim é a mesa dela, a gente fez de um closet, nosso ateliê, não sei se dá para ver com detalhes, mas ali tem várias coisas de pintura, pontilhismo, lá fora eu estou tentando reformar um tripé de desenho pra que ela possa fazer os desenhos dela, as mandalas e tal, então assim, eu acho que eu não me distancio muito dessa questão do brincar, tanto que eu escolhi uma pessoa para viver comigo que não só aceita isso, mas que também tem a forma de brincar dela (JOEL).

### **Mi pareja**

Es que yo realmente nunca me ha alejado del juego...haber, yo por ejemplo, a mi pareja, le conocí cuando yo tenía 14 o 15 años, íbamos juntos toda la vida, íbamos juntos jugando toda la vida. A mí, me gusta mucho las figuritas y a él también, pues el me contagio y yo contagie a él, entonces siempre hemos estado jugando, lo que pasa es que íbamos cambiando de grupo de juego, eso sí que es verdad, cuando estábamos en el instituto jugábamos con unas personas, cuando yo estaba en la Universidad y el empezó a trabajar estábamos con otras personas, después con el niño fuimos conociendo distintos grupos. Con nuestro niño jugamos desde que tenía 6 meses, y ya estaba con un juego, o sea, él va jugando desde que estaba en el pecho y claro, nos dos por ejemplo ahora tenemos un grupo de juego que son padres del colegio, y yo nunca me he distanciado del juego, quizás que me he distanciado de algunos tipos de juegos en algún momento de mi vida, como el rol no lo juego tanto, tuve una temporada que lo jugaba muchísimo y luego pues, supongo que me apetecía otro tipo de juegos, los juegos tipo “Parchís”, “La oca”, cosas así, yo si he jugado con mi hijo, pero no es un juego que yo recurra si no estoy con el niño, son juegos que ya lo tengo, no superado pues son juegos divertidos y que te hacen pasar un buen rato. Soy una grande fã de dominó, pero es un juego que bueno, quizás tenga jugado mucho, pero bueno, en cambio hay otros juegos que sí que te apetece más jugarlos, juegos

quizá más complejos que te retén y bueno, mi casa es un poco como esta librería, la mitad son libros, otra mitad son juegos entonces yo nunca he tenido un distanciamiento con el juego. Quizá con algunas clases específicas de juego, eh ido recuperando con mi hijo y lentamente también van desapareciendo y también va reclamando por otro tipo de juego, porque el también busca el reto, el avanzar, evolucionar y también creo que esto está muy bien, que vayas cambiando, pero mis patines y los pitufos, nadie me lo quitan (ISABEL).

### **Necesidades**

Cuando tengo tiempo libre en casa y mis hijos no tienen deberes, pues que el juego acá condicionado a necesidades de mis hijos en este caso, se mis hijos tienen interés de jugar este juego, vamos a este juego, se tienen interés de jugar “Parchís” vamos a “Parchís”, se tienen interés a jugar los bolos, vamos a los bolos, portanto, dentro de mi vida el juego es un elemento importante pero no tanto para mí, si no para poder hacer contacto con mis hijos, hacemos actividades conjuntamente y como un tema social fundamentalmente con ellos (JOAN).

### **Nos has revitalizado**

Yo creo que en casa hemos aprovechado precisamente por tener hijos, para recuperar lo que hacíamos antes que era jugar a juegos de mesa y de hecho, incluso con los amigos que hacía tiempo que bueno, que antes se dedicaba a salir y pasarlo bien, ahora como todos tenemos hijos pues que volvemos a aprovechar para quedar juntos y con los hijos para jugar juegos de mesa, o sea, la verdad es que ahora jugamos bastante, más que hace 10, 15, 20 años, lo hemos recuperado, nos has revitalizado eso (CARLES).

As mônadas acima apontam com frequência o assunto da família, dentro de diferentes memórias, contextos e situações de brincadeiras. A seguir, estão alguns destaques e diálogos com o tema.

Com a mônada **Muy jugadores**, Víctor nos conta sobre os momentos em família, em que as crianças se reuniam para ver os adultos jogando e quando eles acabavam era a vez das crianças. Víctor nos conta que são lembranças muito marcantes e que quando começou a trabalhar, começou com os jogos tradicionais. Pontua que um jogo que passou por gerações não tem como ser um jogo ruim.

Em **Adultos brincando, a gente tinha isso**, Yara fala sobre a presença de tios, primos, pais, que brincavam junto. Nesse contexto familiar também conta sobre a ajuda dentro da família, entre sua mãe, prima e avó no cuidado com as crianças.

Yara também conta em, **Quando a gente viaja**, que vê o brincar na relação familiar e nos dá o exemplo de como ocorre com quando viaja com o marido e filhos. Não é só chegar no lugar final, mas o caminho precisa ser interessante.

Edson na mônada **Com as crianças na escola e com os filhos**, fala sobre quando o trabalho na educação o aproximou de seus filhos e do brincar.

Nesse sentido de relações, Kiko nos conta na mônada **Con los hijos**, de sua relação com os filhos de seus amigos. Revela que o jogo permite criar relações entre gerações diferentes.

Em **Tempo para recuperar**, Joan também conta sobre a relação entre gerações, quando seu pai ensinou seu filho a jogar Dominó e que se juntam os 3 para jogar. Também comenta que atualmente o jogo acontece mais condicionado aos que os filhos tem interesse, e não ao que ele tem vontade. Destaca que talvez depois, quando forem maiores, ele terá tempo para recuperar seus hobbies.

Paulo na mônada **Avô** conta sobre seu entendimento da criança, como ela reage ao que sente pelo corpo e a partir disso, como lidar com determinada situação.

Na mônada **Faz parte de nós**, Joel nos fala sobre sua relação com os carrinhos e que sua esposa compreende seu gosto, seu brincar. Conta que ela também permite o lúdico no seu dia-dia, em seu espaço da casa reservado para a pintura e desenho. Sua parceira não apenas aceita como também tem sua forma de brincar.

No mesmo sentido, em **Mi pareja**, Isabel nos conta que sempre esteve com seu parceiro, toda a vida jogando. Que conforme foram mudando os contextos, de escola, trabalhos, foram participando de grupos diferentes, que se encontram para jogar e que agora participam de um grupo de pais, do colégio de seu filho. Fala também sobre seu distanciamento de alguns jogos, por ter jogado muito, mas que outros jogos foram recuperados por conta do filho. Revela esse movimento de troca, de deixar alguns e depois retoma-los.

Na mônada **Necessidades** de Joan, revela que os jogos são momentos importantes de estar com os filhos, de fazer contato com eles, de se relacionar.

E também na mônada **Nos has revitalizado**, Carles também aponta para o momento com os filhos, que por conta deles o jogo que existia voltou a fazer parte e que isso os revitalizou.

### **Discussão diante o conjunto de mônadas – Brincar e família**

*Ainda somos os mesmos e vivemos*

*Ainda somos os mesmos e vivemos*

*Como os nossos pais*

(Como nossos pais – Belchior)

Considerando que discutimos um pouco sobre tempos, trabalhos e possibilidades lúdicas dentro dele, a vida cotidiana não é definida apenas pelo que fazemos, mas também com as pessoas com quem estamos, de maneira que nossas escolhas, sentimentos e maneiras de ser são influenciados pelas companhias que temos. Não sem motivo que ainda associamos e percebemos características que são do pai, da mãe, dos irmãos, dos avós, quando nos relacionamos com alguém, porque é por meio do convívio que adquirimos traços de comportamentos em nossas personalidades (CSIKSZENTMIHALYI, 1999).

Parece que somos de outra geração, que a sociedade vive outras questões e que já modernizamos tantos recursos que auxiliam no cotidiano, que nossas ações são mil anos frente ao que nossos pais ou avós fizeram. Mas isso só parece, porque o que nos une é tão marcante e silencioso, que continua a existir e a compor quem somos, o que vivemos e como vivemos. Nesse sentido falamos de identidade, que não é algo inato, mas corresponde a uma construção na relação entre seres humanos e contextos. Conforme Brandão (1990) o conceito carrega uma singularidade na formação de cada pessoa e é criado dentro das experiências, de trocas entre pessoas.

Os acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem de si mesma, uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com outros: a mãe, os pais, a família, a parentela, os amigos de infância e as sucessivas ampliações de outros círculos de outros: outros sujeitos investidos de seus sentimentos, outras pessoas investidas de seus nomes, posições e regras sociais de atuação (BRANDÃO, 1990, p. 37).

Nos identificamos no/com o outro, na partilha de histórias, nas experiências vividas pois o brincar é uma prática composta por essa construção de identidade. As mônadas revelam contextos, pessoas, experiências imersas no brincar que falam de características da família que nascemos, crescemos e também as que escolhemos para ter relações tão próximas quanto, considerando amigos como família também. Reúnem lembranças do brincar que ocorreu e/ou ainda ocorre no espaço familiar.

A família se mostra como um importante espaço de convívio e trocas em que os pais, avós, pessoas com mais idade são os guardiões de memórias que contém diversas histórias da

formação de tal família. Conforme Dominicé (2014) esse repertório de memórias muito vivas nos sujeitos que convivem junto acaba estabelecendo relações particulares com cada pessoa e que “por vezes, mostrar-se determinante na orientação escolar ou profissional” (DOMINICÉ, 2014, p. 81).

Ainda sobre a maneira de conviver dos seres humanos, Maturana e Verden-Zoller (2004) aponta que é conservada pelas gerações por meio do emocionar, que é aprendido ainda quando somos crianças.

[...] cada vez que começa a se conservar – geração após geração – uma nova configuração do emocionar de uma família, o qual é espontaneamente aprendido pelas crianças pelo simples fato de viver nela, surge uma nova cultura. No entanto, a nova configuração do emocionar que fundamenta a nova cultura não se mantém por ser vantajosa ou boa; ela apenas se conserva, e ao conservar-se faz com que a cultura persista e tenha uma história (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 14).

Assim, as relações criadas e aprendidas em família continuam, e são muito presente em nossa cultura. Os adultos de hoje tiveram exemplos e vivências dos adultos que antes brincavam juntos, brincavam com as crianças, valorizavam esse momento de encontro de se relacionar. Afirmamos com isso o valor do processo mais que o produto, ou seja, a experiência de brincar muito mais do que o resultado que se possa alcançar em um jogo ou brincadeira. A importante e a conservação dessa compreensão aparece nas falas de Víctor, Yara, Isabel.

Também aparece uma continuidade vinda da família, na formação familiar. Na fala de Joel, Isabel, Carles e Joan, fica em destaque a importância da tradição, que manter práticas é conservado. Essa relação que é construída durante o conviver, entre os símbolos e os gestos, aponta Brandão (2005) que é pelo gesto, pelo que o momento nos causa, que apreendemos e nos preenche de entendimentos. Para além do pensamento racional, somos mais que uma imagem, que gestos ou palavras, somos os momentos sentidos, “uma terna ou atenta maneira de olhar, que antecipa o que, de novo, depois as palavras querem e nem sempre conseguem dizer. Tudo isso que é tão nosso, tão a matéria mais primordial e mais íntima de nossas vidas [...]” (BRANDÃO, 2005, p. 125).

Assim, próximo que quando Joel e sua parceira, Isabel e seu parceiro decidem manter esse espaço e tempo lúdico, com brincadeira e jogos em suas vidas, se revelam buscas compartilhadas, em que compreende e acreditam no viver com o jogo, com a brincadeira, porque isso tem história, tem exemplos, emoções e aprendizados. Não é à toa, é pelo vivido com o brincar e o jogo que ainda faz sentido serem mantidos.

Na relação pais e filhos, avô e neto, o brincar une, permite aprendizados, manifestações de afeto, estabelecimento de confiança, de aproximação, de diversão, de prazer partilhado. É dizer que o brincar, jogar estão nas tramas dentro da família e desenvolve diferentes possibilidades com relação aos vínculos, para abordar valores, para ensinar e aprender. Brincar e jogar são fundamentais para as crianças e para os adultos e fazem parte do convívio nos espaços de relações humanas, está permeado e entrelaça relacionamentos que ocorrem no cotidiano. E ainda, não se manifestam da mesma maneira, mas continuam sendo e se mostrando enquanto experiências de diversão, evasão, aprendizado e reflexão.

## **V - Liberdade**

### **Mãe não via**

Eu lembro de uma brincadeira, que era guerra de terrão e a outra era guerra de mamona, aquela frutinha, e era com estilingue... enchia o borná de mamona e ficava jogando mamona um no outro. Guerra de mamona, imagina se pega no olho? ... uma vez o meu irmão jogou uma flecha no olho do meu outro irmão, a gente fez a flechinha com o bambo, aí ficou parada do olho do meu irmão, meu irmão veio correndo, e meu pai ficou desesperado, entrou só um pedacinho, mas ficou parado, mas imagina o desespero. Então, porque que eu estou te contando isso, porque é diferente do brincar de agora, que o brincar é supervisionado, você vai ver... tomara que não, me surpreenda, por favor, mas se você tiver um filho, você não vai deixar ele brincar lá no play, ou na chácara sozinho, “ah, vai lá filho, vai lá brincar e qualquer coisa você chama a mãe... se quebrar o braço você me chama” (risos), não é? Antes a gente descia umas ladeiras gigantes de carrinho de rolimã e eu imagino que em alguns lugares as crianças ainda devam brincar assim, em lugares mais remotos. Porque hoje a criança é tida como abandonada, ela é tida como mal cuidada se ela estiver sozinha, se ela quebrar o braço brincando na rua e chegar no médico e disser “olha eu estava brincando na rua com o carrinho de rolimã, em uma ladeira gigante, cai e quebrei o braço” mas “Ué, cadê sua mãe que não viu?” e antes a mãe não via mesmo, porque não era de praxe e hoje a mãe tem que ver... então mudou essa coisa da liberdade na brincadeira das crianças (EDSON).

### **La hora de la telenovela, a mí no me molestéis, vale?**

También es verdad, que nosotros éramos tres hermanos y nosotros, los niños, eran como que pequeños demonios, que había que tirar para arriba y para bajo, ya ahora son angelitos, que hay que cuidar como que no se rompan, antes no tira para allá, déjame en paz no me molestes o sea, con mi abuela era “la hora de la telenovela, a mí

no me molestéis, vale?!” o sea, “no quiero ni saber dónde estéis, pero aquí no quiero ver a nadie” entonces tú te ibas, o sea, yo no veía mi abuela preocupada, luego, as ocho de la noche, ella daba un grito “a cenar” y aparecíamos todos por ahí, no se era como que ahora, en que todo tiene que estar controlado. Yo creo que hemos idealizado un poco la infancia y hemos hecho como...claro, yo también lo entiendo, antes se tenía un niño cuando venía, venía lo niño y ya está, ahora no, hace un programa, bueno, cuando acabar de pagar la hipoteca, cuando tengamos un trabajo seguro, tú puedes te quedar embarazada en febrero así que en mayo, sabes? Entonces, claro, eso es como una guinda...yo me sentiría realizado cuando tenga un niño y diga, bueno, ya está, aquí esta, esto es como, “no me lo toquéis”, es oro en paño (risos) y esa mentalidad, esa idea de la infancia idealizarla, de volver toda esa proyección sobre los niños, claro, haces que los niños dejen de ser niños (VICENTE).

### **Calle y sociedad**

Mis hermanos tienen niños y tal, en esos casos concretos veo que con mi hermano es “que no le pase nada” vamos al parque y se queda con mil ojos, es como que no se, y digo “madre mía, pufff” y si es verdad que hay una autora que se llama Marta Roman, que habla un poco de recuperar la calle, como espacio socializador, que la sociedad se encuentre en la calle y un poco como que la sociedad que antes todo mundo era lo convivir... se necesita toda una tribo para educar a un niño, y es como se eso se ha perdido (VICENTE).

### **¿Cómo puedes eso?**

Porque sí que es verdad, que ahora parece que da más miedo jugar en la calle, parece que está todo muy institucionalizado, se juega aquí eso, allí se juega pelota, allí se juega a esto y allá aquel otro, para ca está prohibido jugar, aquí no se qué...si hay niños solos en la calle es como que: “que haces este niño? ¿Dónde están sus padres? ¿Que pasa con ellos?”. Cuando antes era lo ideal, nadie preguntaba lo donde estaban sus padres y lo más bien, te conocían. Se ha cerrado un poco la sociedad a eso, se ha institucionalizado y a mí también pasa un poco de eso, se queremos jugar tenemos que ir a un scape rom, o tenemos que ir a una sala de juegos de esa de las colchonetas para saltar en las colchonetas, no se se lo conoces, ahora es así, o como fuera parkour pero dentro, o sea, no hay espacio para... antes cualquier espacio era para jugar. Yo me acuerdo jugar en la escalera de casa, ahora no, ahora es como que todo está muy reglado y los juegos antes los inventaba o negociaba las normas con la gente y jugábamos, ahora parece que tiene que ser todo homologado, el material no se que...no se, yo recuerdo jugar con tubos de plásticos y globos, tirando nos piedras, o sea, jugar a batallitas donde uno con la cicatriz aquí y otro (risos)...pero sí, que es verdad que, yo no tengo la sensación de haber dejado de jugar nunca, siempre estas

vinculado al juego, pero, lo que veo es que cuando antes jugaba a cualquier lado ahora no, necesitas como que ir a un sitio, con una serie de gente, con tal, se aprende un poco la frescura, la frescura de jugar, de inventarse juegos, cambiar las normas. Ahora lo mejor, nos juntamos a jugar a cartas y pufff, no puedes, sabes... Si quieres cambiar una norma para que sea más divertido como que “no, no porque eso no se juega así, bah tío” increíble, ¿no? Discusiones con el parchís, que madre mía, ¿cómo puedes eso? (VICENTE).

### **Un montón de actividades**

No sé, puedo añadir que, los padres a veces, como muchos trabajan, incluso más que antes, porque la mujer se ha ido introduciendo más a la vida laboral, entonces las madres tal vez ya no tienen tanto tiempo de estar con sus hijos, pero, creo que un rato para hacer cualquier cosa se debía sacar pues también es importante sentarte con ellos y hacer deberes y porque es también un momento que compartes con ellos y sientes que este ay. Pero, jugar es algo muy importante, porque los reis magos y no sé qué, en realmente todos son juguetes que luego ni utilizan, porque los niños están en un montón de actividades para tener-los ocupados, porque no los pueden atender o están en casa de los abuelos y al final no dan provecho a todo eso que tenemos al alcance hoy en día (LAURA).

### **La libertad que teníamos**

Me viene muchos recuerdos no de un juego concreto, pero sí, de la libertad que teníamos de jugar, es decir, cuando salíamos del colegio, ir a casa, correr la merienda y nos íbamos corriendo a un parque que teníamos ahí, pero cuando en el parque tenía mucha gente íbamos a un descampado, a un campo o un huerto o a cualquier sitio y podíamos jugar a todo, desde el escondite a pelota, a canicas, a la trompa, a cualquier cosa. Yo recuerdo mucho eso, la libertad que teníamos de ir, correr la merienda y te íbas y hasta la hora de cenar no volvías a casa y tu madre, tu padre no se preocupaban, no te llamaban al móvil, no existía, era tu tiempo, era tu momento de estar tu solo con los amigos y la verdad es que había mucha relación con la gente porque claro, cuando ibas al parque estaba con tus amigos, con gente mayor, con gente más pequeña y jugabas y incluso ahí no tenía adultos, es decir, el parque tenía para ti solo. Entonces lo recuerdo mucho porque, mis amigos ahora están teniendo niños y yo veo que cuando “vamos al parque” y todos los padres sentados ahí, mirando los niños, sí que los niños están jugando libres pero realmente no son libres, es que “bajas te de ahí”, “no subas haya”, “suelta eso”...yo recuerdo esa libertad de juego, que se apetecía jugar a eso o a lo otro y nadie te marcaba ningunos límites, jugabas lo que querías y eso es que recuerdo yo, más que juegos concretos (KIKO).



### Não era proibido

Eu vou percebendo assim, sempre a necessidade de sair de casa, a gente sempre foi para fora de casa, a gente ficava muito tempo na casa de amigos, não que a gente não ficava na nossa também, mas era mais nas férias, tanto que minha mãe tinha essa frase “leva a cama”... Porque eu tinha amigas no bairro que eu ficava o dia inteiro na casa delas, passava o final de semana e eu até dormia na casa, e a gente não era proibido de fazer isso, não tinha isso de ser proibido... eu não lembro de ser reprimida porque brincava, não tinha isso. E eu nunca fui proibida de ficar na rua, eu sempre pude ir para a rua. No meu tempo esse bairro que chama Palmas do Tremembé, hoje é um bairro nobre, e era só de terra, a gente viu eles cobrindo, e depois ficou muito bom para andar de bicicleta. A gente não tinha patins, mas a gente tinha skate, ou então rolimã, pipa, meus irmãos brincavam bastante junto também (YARA).

### Es la libertad, no?

La sociedad ahora, sabes...tienes unos niños en la calle jugando y llaman la policía, como “que haces esos niños ahí?” sabe, molestan, molestan les, es como, no queremos, necesitamos cambiar ese chip, si no al final ya te digo, creo que el valor real del juego se está perdiendo, se está convirtiendo en artificial, por eso creo que los niños se evaden mucho a las video consolas, porque es la libertad, no?! Estoy jugando un juego y es como, nadie me puede decir nada, estoy aquí jugando y...creo que está encontrando ahí la esencia del juego de la calle de antes, en que nadie te controlas, sabes...cuando un niño está ahí, jugando con la play, y el padre “bueno está ahí jugando un juego y ya está” no se mete, no le dice “haber porque pantalla vas, haber yo te paso” sabes, no te metes ahí y el niño está encontrando la libertad en esa tecnología porque lo otro no la tiene. Entonces dejamos la culpa al móvil, a las video consolas, pero en realidad que habría que replantearse de alguna manera, se queremos recuperar la esencia del juego (VICENTE S.).

Por meio das mônadas apresentadas, focaremos nessa última parte da análise referente ao ponto “4.1 Relações entre brincar, tempo, trabalho e família”, discutindo a seguir, como o tema da liberdade é revelado pelos participantes, junto da discussão tecida com alguns autores.

Na mônada **Mãe não via**, Edson conta algumas de suas brincadeiras da infância, e aborda como a questão da liberdade no brincar era diferente. Pelos exemplos dados, as brincadeiras tinham mais riscos que hoje, nota que a visão da sociedade para os cuidados dos pais para com as crianças mudou. Se as crianças se machucam e os pais não estão por perto, entra na questão dos cuidados dos pais e também no quanto a liberdade é sufocada.

Vicente, na mônada **La hora de la telenovela, a mí no me molestéis, vale?** nos conta sobre como era quando estava na casa de sua avó, no sentido de que, não se sentia controlado e estende essa visão para como as pessoas agora, se organizam para o momento de ter filhos, parece que trabalho, moradia, idade, entre outros fatores, precisam estar em determinado lugar para tal acontecimento. Comenta que toda essa projeção e idealização faz com que as crianças deixem de ser crianças.

Em **Calle e sociedade**, ainda Vicente, comenta como nota a preocupação dos pais de que não aconteça nada com a criança, no sentido de cuidar, mas que isso acaba interferindo e atrapalhando nos processos de curiosidade e descoberta, da criança. Também fala sobre o papel da sociedade em educar a criança, lembrando que antes existia esse cuidado e era coletivo, mas que isso tem se perdido na sociedade.

Kiko em sua mônada **La libertad que teníamos**, conta sobre a liberdade que tinha de jogar em qualquer lugar, a qualquer jogo, sem preocupação pela parte dos pais. Destaca que era um tempo de estar com os amigos e que por isso se construía muitas relações com pessoas de diferentes idades. Comenta sobre como seus amigos que tem filhos, supervisionam e interferem no momento do parque, destacando que isso antes era diferente, que não haviam esses limites dentro do brincar.

Yara na mônada **Não era proibido** fala sobre sua experiência de liberdade, brincando na rua, na casa de amigos, de familiares e que ela lembra de não se proibida, que não havia isso.

Na mônada **Es la libertad, no?** Vicente S. fala sobre como o brincar na rua incomoda pessoas e por isso as crianças estão cada vez mais dentro de casa, em seus computadores. Destaca que dentro do jogo virtual as crianças tem liberdade, diferente do que acontece no real com as interferências dos pais, nas brincadeiras. Na tecnologia encontram a liberdade que em outros espaços não possuem. A culpa é transferida para os celulares, computadores, enfim, tecnologias.

Vicente, em **Como puedes eso?**, fala de como vê o espaço da rua para os jogos e brincadeiras, coloca questões como a segurança, a institucionalização da rua, o incomodo dos vizinhos e a dificuldade de encontrar espaços para jogar, dessa forma apontando que a sociedade se fechou um pouco nesse sentido. Também conta que nunca deixou de jogar e como isso gerou aprendizados e uma maneira mais flexível de ser, inclusive dentro do jogo.

Laura em sua mônada **Um montón de actividades** nos conta sobre sua percepção diante a falta dos pais passarem um tempo com os filhos, sobre a questão do ter muitos brinquedos que não usam e sobre o colocar as crianças em muitas atividades, para deixá-los ocupados.

### **Discussão diante o conjunto de mônadas – Liberdade**

A liberdade ou a falta dela acompanha o movimento de ideias e ações da sociedade. Com o passar do tempo percebemos que os trabalhos, os planejamentos para a formação da família e mesmo a questão da violência passaram por transformações. Hoje em dia em muitas famílias, parte dos integrantes que a compõem trabalham fora de casa, muitas vezes, distantes de suas famílias de origem (onde nasceram). Outro fato é que o planejamento para o momento de ter um filho se tornou algo calculado para que aconteça em específico, no melhor momento, como se fosse um cálculo certo saber quando esse ocorrerá, tendo em vista o alinhamento de fatores como idade, renda e moradia.

Dentre tantas mudanças sociais e culturais, a crítica e preocupação diante o assunto da liberdade para brincar é no sentido de que cada vez mais colocamos o perigo à frente da experiência, e ele está em tudo, na árvore, na rua, nos insetos, na queda, na relação com crianças, com adultos, em todo contexto que o brincar possivelmente pode acontecer. Esquecendo que o perigo faz parte da experiência é um componente de sua existência. A citação a seguir nos lembra da importância de imaginar, observar, investigar, vivenciar e criar que são desenvolvidas na liberdade de brincar.

Gerações passadas deixavam os filhos no mato, sem supervisão. Subíamos nas árvores mais altas, comíamos frutas no pé, pescávamos, víamos bichos e plantas nascer, viver e morrer. Entendíamos de vento olhando as folhas de árvores frondosas criando caminhos pelo ar, descobríamos nascentes, lugares secretos de milhares de insetos embaixo de folhar secas, olhávamos as estrelas, e nelas imaginávamos um universo sem fim (VILLELA, 2016, p. 16).

Como não pensar na alegria de sair correndo, na adrenalina quando subimos uma grande árvore, o sabor da fruta quando colhida do pé, o encantamento que olhar o pôr do sol nos traz, enfim, como viver esses momentos sem liberdade? Consideramos que as famílias, as pessoas que trabalham com crianças, os vizinhos do bairro, enfim, a sociedade como um todo, são partes fundamentais nesse processo, quando permite ou dificulta a relação com o brincar enquanto experiência de liberdade. Saliento que ao falar de crianças e liberdade me refiro a “deixá-las serem crianças na essência do que a criança é” (VILLELA, 2016, p. 16).

O brincar na rua e em praças, em muitos países é proibido, inclusive escrito em placas. O brincar na natureza, quando pensamos nas cidades, também fica cada vez mais distante dado tantas construções e edifícios. O brincar na rua passou a compor uma perspectiva de medo, diante o tráfego de veículos, a violência, a falta de cuidado com a vida do outro, enfim, a falta

de respeito e compreensão. O brincar livre passa assim, dado o contexto, a ser cada vez mais organizado em tarefas, aulas de esporte e projetos com atividades dirigidas.

É preciso atenção diante o que estamos vivendo no presente, frente a condições e organizações do viver em sociedade com poucas opções de tempo e espaços para brincar. Gerações anteriores viviam e desfrutavam o brincar de maneira diferente porque muitos aspectos eram outros, como sempre serão, por conta das mudanças decorrentes mesmas do viver. Sem comparar épocas, mas tendo referência do que já foi vivido, tratamos do que vivemos no agora e tem se mostrado cada vez mais urgente outra maneira de viver e de se relacionar, em que o brincar esteja integrado e como elemento central, como nos alerta Maturana e Verden-Zoller (2004).

Nossa cultura ocidental moderna desdenhou o brincar como uma característica fundamental generativa na vida humana integral. Talvez ela faça ainda mais: talvez negue o brincar como aspecto central da vida humana, mediante sua ênfase na competição, no sucesso e na instrumentalização de todos os atos e relações. Acreditamos que para recuperar um mundo de bem-estar social e individual – no qual o crime, o abuso, o fanatismo e a opressão mútua não sejam modos institucionalizados de viver, e sim erros ocasionais de coexistência – devemos devolver ao brincar o seu papel central na vida humana. Também cremos que para que isso aconteça devemos de novo aprender a viver nessa atmosfera (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 245).

Aprender a viver na atmosfera atual corresponde a aprender a lidar com aparatos que antes não havia, com a tecnologia que antes não existia. Se não pararmos para pensar nisso, corremos o risco da liberdade ser descoberta e vivida apenas no espaço dos jogos virtuais, e isso inicialmente não é um problema, mas pode se tornar, se estiver em falta a experiência no mundo real, o brincar que proporciona joelhos ralados, experiências onde nos relacionamos, sentimos e vivemos concretamente. Como viver em um mundo real tendo como referência a experiência de liberdade no mundo virtual? Será que é possível colocar na mesma balança realidades que parecem próximas, mas que em essência, a virtual é subordinada a real?

Importante essa discussão no sentido que, a liberdade para correr, cair, se machucar, para aprender qual distancia necessária para pular, são experiências que acabam sendo comprometidas e as vezes anuladas pela falta de liberdade no mundo real, o que não acontece no mundo virtual. A liberdade no jogo virtual é limitada por quem criou o jogo, dentro de seus padrões e possibilidade de ação, mas quando as crianças estão jogando os adultos não ficam ao seu lado dizendo “cuidado, não pule desse lugar, não suba aí”, como quando estão em um parque ou quintal, e dessa maneira, as crianças experimentam a liberdade pelo meio virtual.

Lembrando que, por mais interessante que possa parecer, “até o momento a Microsoft não vende nada igual ao código da natureza” (LOUV, 2016, p. 117).

O tema esbarra em diversos pontos de discussão, mas podemos começar procurando como fazer com que a rua seja, novamente, espaço de liberdade, que as famílias e sociedades participem do cuidado com a criança, que os adultos se sintam libertos para brincar junto sem qualquer julgamento, sentimento de culpa ou vergonha e que as atividades e tarefas dirigidas aconteçam tanto quanto o brincar livre. De maneira que, questionar e rememorar como era a liberdade em outras gerações é necessário para refletir sobre como estamos participando e vivendo em comunidade, em nossa cultura, em nossa geração.

## **4.2) O brincar ao longo da vida: aprendizados que nos constroem**

Nessa categoria estão mônadas em que os participantes revelam aprendizados que estão e perpassam o brincar. Continuamos mantendo o cuidado e respeito com as mônadas, no sentido de preservar as histórias e suas aberturas.

O leitor encontrará, o título que corresponde a mônada e em seguida algumas colocações e destaques que iniciam uma discussão, conforme cada grupo de histórias de cada participante. Nesse momento o foco é no conjunto de mônadas da mesma pessoa, valorizando os aprendizados que são pessoais. Ao final apresento uma discussão diante os temas que emergiram, junto a colaboração de alguns autores.

### **Mesmos rituais, outra geração**

Acho que a gente vai mantendo os mesmos rituais, é o sentido que a gente vai dando pra vida, que acho que de algum modo, a gente não está fazendo igual, a gente sabe que está fazendo bem diferente, porque não seguimos o mesmo padrão, mas temos nossas referências... é dizer, a gente não cria do nada, a gente cria a partir das referências que a gente teve e tem. Então talvez, alguns valores mudaram, são outros, mas a gente mantém alguns mecanismos que a gente se reconhece nesse processo, de continuidade familiar, e o brincar permite isso, ele faz que esse elo permaneça, mesmo com outra geração (YARA).

### **Continuidade**

Acho que a gente tem essa continuidade do brincar, do sentido do brincar, no momento das festas, nos ritos de passagens, nas férias, hoje eu tenho uma vida muito diferente da que eu tive na minha infância, porque primeiro, eu moro em uma cidade diferente da minha família, eu não tenho família na minha cidade, então isso é diferente. Não que eu não possa brincar entre amigos, mas eu não tenho avô, avó, meu pai, minha mãe, meus irmãos e os pais do meu marido são de longe... Então tiveram e tem momentos de reunir pessoas, reuniões familiares quando são ritos de passagem, aniversários... a gente teve muito e os meninos eram crianças. E é engraçado, porque as casas eram menores e havia mais gente, hoje a minha casa é maior e nem vem tanta gente (YARA).

Yara em suas mônadas aponta para o aprendizado por meio das tradições familiares, dos rituais vividos na infância e percebe que continuam presentes. Coloca que o brincar permite o

reconhecimento de si e de onde vem as tradições, como ela diz: “faz com que esse elo permaneça” e que por ele, gerações se unam e se mantenham.

Conforme Brougère (2012), é pelo aprender a fazer com os outros que construímos nossas rotinas e repertórios, que então, acabam gerando uma produção original. Assim, as aprendizagens que tivemos em família estão presentes no que fazemos, tanto que, existe esse reconhecimento de si, nessa construção de vida que é contínua.

Compreendemos que as gerações são construções sociais e culturais, formadas por pessoas com seus valores morais e experiências vividas, que vão sendo estabelecidas em diferentes etapas e contextos da história. As pessoas estão em constante movimento por meio das relações que estão envolvidas, juntas são parte e formam uma geração, nos costumes, rotinas e comportamentos. É então, por meio da construção e reconstrução social dos indivíduos, que as gerações também são formadas, nesses movimentos dos seres humanos (FERRIGNO, 2003).

### **O rosto e o nome**

Minha casa tinha 50 metros de fundo e tinha 17 pés de árvores, todos eles despelados, porque a gente vivia trepado neles, minha infância foi uma das mais agradáveis que eu possa imaginar ter na vida. Minha mãe não gostava muito que eu fosse na casa dos outros, então minha casa sempre tinha gente, moleque brincando o dia inteirinho, e minha mãe tomando conta. Ela era professora, mas lecionava um período só, então a parte da tarde ela fica em casa, e cuidava daquele bando com um carinho enorme, e nós tínhamos muita liberdade para nos expandir e a alegria era imensa, até hoje eu guardo o rosto e o nome dos meus amigos de infância porque a minha infância foi muito marcante (LUIZ).

### **O lúdico para resolver problemas**

O brincar é sempre uma constante na minha vida, nos meus tempos mais parados, nas folgas. Eu ainda utilizo o brincar na pintura, gosto de fazer desenhos, de fazer poesia também, de vez em quando eu escrevo algumas coisas. Eu acho que no caso, da atualidade, o espírito do lúdico é muito importante para a gente, principalmente quando se envelhece, é preciso manter essa alegria interna, para que a gente não tenha... Tendo os filhos longe, os netos longe, quando a saudade bate, é preciso ter um pouco dessa alegria interna de reserva para suportar as dificuldades, os espinhos e a realidade dessa vida moderna. Então eu mantenho sim o lúdico, e a nossa casa é sempre muito frequentada, o pessoal está sempre aqui. Já quando eu era professor da faculdade, como eu fui o primeiro a vir de São Paulo para cá, tudo que era problema

que os alunos tinham, eles vinham na minha casa para resolver, ficavam gravadas e queriam saber como que iam falar com os pais, brigavam com os pais queriam saber como que iam conseguir voltar as boas com os pais, então, sempre, depois de adulto, a minha vida sempre buscou no lúdico alguma coisa para resolver problemas (LUIZ).

Luiz aponta o fato de guardar os nomes dos amigos que brincou na infância. Parece que o brincar nos envolve de maneira que, os laços ali criados perpassam os anos e daqueles que estiveram juntos nesse momento, a memória não se esquece. A lembrança do nome carrega também parte da identidade de sua infância, construída no coletivo, com os amigos nas brincadeiras, e relatada, tomando como guia, seu olhar. É como coloca Chauí (1994) que:

[...] o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalha-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique (CHAUÍ, 1994, p. 31).

Dentro de seu apontamento, além de não esquecer das pessoas, não esquece do brincar, visto como Luiz o coloca em destaque na velhice, como algo que preserva a alegria interna, que lhe sustenta quando aparecem mudanças na vida. Nos mostra assim, o significado do brincar continuar em sua vida.

Também é apresentado o lúdico como importante para resolver problemas. É dizer que, ao longo dos anos percebe que buscou no lúdico, maneiras de lidar com os problemas de sua vida e com as pessoas que estavam próximas. As experiências vividas nas brincadeiras e jogos possibilitam essa relação, de compreensão, de maleabilidade com o ganho ou a perda, com sentimentos de alegria e tristeza, que estão presentes no jogar, brincar e viver.

### **O lúdico que transita**

Eu digo para você que as fases pelas quais o lúdico transita na vida da gente, eu acho que para mim, o mais cativante é o imaginário. Para mim, a criança é aqui e agora e a gente costumeiramente está no ontem ou no amanhã, pois "ah se eu não tivesse mudado para Piracicaba, ah se eu não tivesse casado com tal pessoa" tá, e acho que sem falsa humildade, não é nada disso, eu sinto que aprendo muito mais com eles do que estamos ensinando a eles. Então esse vivenciar o hoje, para mim... eu não me vejo aposentando deste lugar do tio Paulo, se aposentar tem o lugar de avô Paulo, mas isso é uma coisa que é muito sensível para mim, que me faz muito bem e que me permite ver a graça que a vida tem (PAULO).



## **Dono do castelo**

Um componente do brincar é a questão do permitir e permitir-se, tem o cuidar, o cuidar-de e o cuidar-se nessa situação. Eu posso dizer, “olha hoje eu não vou ou eu estou lendo um livro legal, ou eu estou tirando uma música nova na viola, ou vou ficar com os meus netos, vou brincar com eles, ou vou viajar, vou tirar uma semana para recarregar a bateria”, então esse brincar meu é muito relacionado ao tempo e ao espaço livre que eu tenho hoje, quer dizer, assim como a criança, diante do castelo de areia, é dono dele para poder desmontar. Esses dias em um dos treinamentos da equipe eu falei "o brincar da criança começa quando diante de um tanque elétrico que tem o Ferrorama, que tem a sua regra, vai para frente e vai para trás, apita, quando tira do trilho, pega uma caixa de sapato e faz lá a garagem, quando o som agora é o da criança e não mais o do piuí. Então essa liberdade e essa permissividade para mim, hoje são muito mais amplos do que quando trabalhava três períodos, correndo atrás de educar os filhos. Os filhos estão todos com o pé na estrada, os netos estão querendo atenção e brincadeira comigo, então hoje, o meu brincar está muito nesse lugar de tio Paulo aqui, de avô Paulo em casa e de trabalhar muito nessa questão do imaginário, eu fico realmente brincando com outras alternativas, brincando com possibilidades (PAULO).

## **A graça e a desgraça**

Um menino do pré-dois, estava tendo alguns comportamentos antissociais, desagradáveis para com os amigos, e quando eu perguntei para ele, "mas porque que você está fazendo isso?", ele disse, "eu quero que eles achem graça de mim", bom uma coisa é achar graça, você fazer cócegas em uma pessoa e outra é você cuspir em uma pessoa, enfim, usei desse seguinte exemplo para ele: "quando você já estiver velhinho como o tio Paulo, e pedirem para você tirar o seu boné e derem risada da sua careca, você vai ficar bravo ou você vai dar risada?", ele disse, "eu vou dar risada igual você", eu disse, "puxa que legal, porque eu acho legal dar risada, agora imagina um rindo e o outro bravo"...então o meu brincar é provocar esse imaginário na criança. Uma das coisas também que a psicanálise me ajudou, a diferenciar o prazer do gozo, porque o gozo muitas vezes não é compartilhado, tem o gozar junto e assim ok, tudo bem, mas o meu prazer está vinculado com alguma coisa que não constrange o outro, um exemplo, "porque que as pegadinhas do Faustão tem tanta audiência?" porque no fundo o perverso que está dentro de mim está pagando para ver você pisar na casca de banana, escorregar e cair de bunda no chão, e eu "hahaha," não estou falando do prazer, eu estou falando do gozo disso, de tirar saro, essa coisa toda. E as crianças, por influência dessas coisas, da televisão também, já estão se colocando nesse lugar de desenvolver um pouco esse lado perverso, de rir da desgraça do outro, o que eu estava falando, a graça aqui e a desgraça do lado de lá. Então, acho importante que a

gente possa associar esse brincar, esse imaginário, com o prazer e não com o lugar do gozo, do tirar saro (PAULO).

Conforme Delalande (2012) o conceito de aprendizagem ainda é pouco utilizado quando uma criança ensina outra, e mais distante está para a aceitação de que a criança pode ensinar algo para o adulto. Paulo nos revela o oposto, conta que aprende com as crianças, em como elas vivem o agora, o momento presente, enquanto que os adultos estão em coisas do passado ou preocupados com o futuro.

Paulo reflete diante os tempos vividos e como agora se permite, é dono de seu tempo e pode escolher as atividades e lugares que quer estar. Relaciona assim o componente do permitir-se, que é parte do brincar, com sua vida pessoal e profissional. Aprendemos, quando éramos criança sobre entrar na brincadeira e esse aprendizado levamos e continuamos significando em mais contextos que entramos e saímos, ao longo da vida.

Sobre a graça e a desgraça, revela como aprendeu a provocar esse tema no imaginário dele e das crianças com que trabalhou. Enquanto professor, no convívio com os alunos Paulo teve experiências de dialogar com as crianças sobre o que é engraçado, do que é prazer quando o riso acontece em partilha ou quando por meio do gozo, em que apenas uma pessoa acha engraçado o tirar saro do outro. Ao falar com seus alunos sobre isso, fica em evidencia que o brincar é um momento de prazer pra ser compartilhado.

### **Eu me permito**

Eu não sei se por conta do trabalho anterior, que era muito formal, eu era vendedor, então eu usava um linguajar formal, usava roupas formais, usava o tratamento com as pessoas, muito formal, por ser um linguajar de empresa, então eu tinha essa coisa da empresa. O fato de eu ser muito formal no trabalho, também me tornava formal no dia-dia. Então, inclusive nas roupas que eu usava... e quando você é muito formal parece que não cabe a brincadeira, imagina o meu gerente me ver brincando com a bola no meio da rua, dava aquela impressão de que não ia ficar bem, e imagino que isso deva acontecer com outras pessoas, dependendo do trabalho, da função que ela exerce, parece que tem coisas que não ficam bem se você fazer, de alguém tirar uma foto, algo assim. Mas hoje eu vejo que não, e talvez seja assim, por causa de ter entrado na Educação. Brincar, me tornou uma pessoa... voltar a brincar, me trouxe uma leveza, uma alegria, e não que isso me fez ser menos profissional, eu continuo com a seriedade no trabalho que eu exerço hoje, mas eu me permito a brincadeira, e quando a gente fala do brincar de adulto é brincar de fazer um churrasco, é brincar de se reunir para jogar baralho, talvez sejam brincadeiras diferentes das brincadeiras da infância. Mas,

esse lado de brincar, me tornou mais leve, eu me permito brincar hoje sem temer que alguém possa achar que isso não é adequado, para um senhor ou para um menino de 54 anos (EDSON).

Edson fala que aprendeu a se permitir e entende que o brincar o tornou mais leve. Ele percebe isso olhando para suas roupas, em sua maneira de falar, no trabalho que realiza e em diferentes contextos. Esse aprender a se permitir é algo que foi construído dentro de suas experiências desde muito pequeno em sua relação com o trabalho. Este que ele revela ter sido, inicialmente um trabalho, mais fechado, no sentido de aceitar apenas o lado rígido por trabalhar no comércio e depois, com a mudança para trabalhar na educação, uma outra perspectiva, mais aberta, em que é permitido a fala, a dinâmica das aulas e mesmo as roupas, de maneira mais flexível, como ele caracteriza.

Ao pensar sobre o quanto aprendemos dentro das experiências profissionais, retomo a discussão do riso e do sério, pois lembro de Larrosa ao falar “de um pensamento móvel, leve, que sabe também que não deve se tomar, a si mesmo, demasiadamente a sério, sob a pena de se solidificar e se deter, por coincidir excessivamente consigo mesmo” (LARROSA, 2017, p. 213). Assim, coloco como uma conquista o ‘permitir-se’, pois é no processo de vivências do cotidiano, ao analisar e refletir, que determinadas percepções e mudanças se concretizam e se torna possível ver a importância de ambos.

### **Um fio**

Eu acho que a gente nunca perde, sempre fica um fio que continua ligando a gente de alguma forma a infância, a criança, a gente cresce mas eu acho que a gente não deixa de ser criança, tem alguma coisa que... não que tem uma essência, eu não fico romantizando nesse sentido, mas eu acho que a gente tem um fio que a gente não perde, a gente não deixa de... só porque cresceu, a gente perde um pouco, mas eu acho que a gente, pelo menos os poetas, artistas... o ofício de ser professor me força também a ter essa relação brincante por conta de estar em relação com as crianças, então eu me forço e elas também me forçam a ver o mundo de um jeito infantil mas não um infantil pejorativo, um jeito criancero de olhar, vamos dizer assim, o que você pode chamar de brincante. Mas é brincar com as palavras, brincar com som, brincar com a música, brincar com o corpo (VITOR).

### **Seriedade**

É engraçado, eu sempre me achei e as pessoas sempre me falaram que eu sou muito sério, e eu fico pensando nisso, que a criança também, quando ela está brincando ela

leva as coisas muito a sério, então quando ela está brincando ela está muito concentrada, ela está muito séria naquilo que ela está fazendo, ela leva a sério o que ela está fazendo, então eu acho que é um jeito também de levar a vida. Tem uma seriedade no brincar que eu acho que eu acabei carregando isso pra mim, pra vida adulta, mas que precisa as vezes recuperar essa leveza da criança, as vezes a gente fica em uma seriedade e fica muito pesado. As crianças me convocam pra isso o tempo todo como professor, mesmo que você tenha que ser professor, um papel institucional e tem uma seriedade, uma gravidade nisso, tem algo de pesado as vezes, mas as crianças te mostram coisas e vem te chamar para mostrar coisas no quintal, ou um bicho, uma folha, uma lesma, um caramujo, uma larva, enfim, qualquer coisa desse tipo, que você sai desse adulto, dessa figura mais sisuda, mais quadrada, pra ver o mundo com outros olhos. Talvez a gente tenha se distanciado tanto do chão, ganhado altura, e a gente volta pro chão, agacha e volta a olhar para as coisas pequeninas e poéticas do mundo, é essa beleza que são esses pequenos instantes que as crianças vão recolhendo o tempo todo. Então é um exercício diário de tentar olhar para essas coisas de um jeito criancioso, e acho que atualmente a minha piração tem sido mais com a fotografia. É engraçado, não sei se é uma coisa de estar envelhecendo, ou disso mesmo, dessa criança que olha as plantas, os animais, de “ah, que bom que tem um jardim em casa”, “que bom ter um vaso de planta e ver a planta crescer em casa”, são coisas que a gente não dá tanto valor, e eu falo, “nossa, minha avó, nossas avós davam tanto valor para aquele vaso de samambaia” e eu começo a pensar em ter uma samambaia em casa. Então um pouco isso, mas eu acho que tem muito da criança, de poder olhar para a vida, de olhar para a vida em transformação, pra vida em processo, de olhar para as coisas pequenininhas, então a fotografia me ajuda muito a captar essas miudezas, então eu tenho investido muito na fotografia para poder me ajudar a sair desse adulto um pouco (VITOR).

Vitor conta sobre uma relação brincante com a vida, desde momentos pessoais e profissionais, fala sobre como o brincar vai sendo ressignificado, como um fio capaz de unir a pessoa, de maneira que infância e vida adulta fazem parte desse contínuo e uno fio.

Vitor expõe que sua maneira de levar a vida, tem sua raiz na seriedade do estar brincando, dessa maneira revelando esse processo que percorre sua vida. A seriedade de Vitor está no fio simbólico colocado em destaque como o elemento que revela sua percepção do presente, que foi vivido no brincar quando criança e segue o formando. Lembro assim de um trecho do documentário chamado “Tarja Branca: a revolução que faltava” (2014), quando a pedagoga Maria Amélia Pereira fala que “brincar é o usar o fio inteiro de cada ser”.

Ele também destaca o aprendizado que a criança promove ao propor que o adulto olhe para as pequenas coisas, que estão no chão, no céu, na natureza, no simples e poético que faz

parte do dia. Nesse sentido penso em Louv (2016) ao dizer que a imersão no mundo natural apresenta algo muito maior do que somos, nos proporciona contemplar o infinito e a eternidade ao olhar para o céu, nuvens e estrelas.

### **Migrando**

Depois dessa etapa do condomínio, o meu brincar, de alguma forma, foi o circo. Eu não sei como isso surgiu, eu não faço a mínima ideia como aconteceu, e agora eu fiquei com vontade de mandar uma pergunta para as pessoas, para eu lembrar... Mas então, em algum momento eu passei a me encontrar com pessoas que se interessavam por circo e que não sabiam nada, como eu. Comecei a fazer malabarismo, no colegial e eu não sabia nada, encontrei pessoas que não sabiam nada e a gente, todo domingo, se encontrava no parque e ficava das 14hrs até o final da noite juntos, fazendo malabares. Eu achei um vídeo meu, cuspidor de fogo, com essa idade, maior legal... e é isso, e o brincar estava lá, a gente fazia coisas de malabares, de acrobacia, e a gente as vezes brincava de outras coisas, ou brincava de coisas relacionadas ao malabares mas junto com brincadeiras, então tem a brincadeira chamada gladiador, que você faz malabares e derruba a bola dos outros, tem pega pega fazendo malabares, enfim, então foi para esse lugar que migrou. Na faculdade eu me ausentei muito do lance do futebol, acho que o primeiro ano da Educação Física, me fez não querer mais ir para uma área que poderia ser de esporte, de treino, não fez sentido mais aquele moleque, que jogava o tapete nos outros quando perdia... lá eu acho que ele meio que faleceu, ou ele mudou bastante. Eu comecei a ver outros sentidos no brincar, de brincar não só pelo ganhar, porque ainda meu brincar estava muito relacionado com ganhar, pela relação com o esporte, os treinos e as viagens, tanto quanto as olimpíadas na escola. Então eu fui largando de jogar futebol, mesmo assim, mesmo gostando e mesmo sendo apaixonado por futebol, por jogar futebol, rolou também um agravante, que as pessoas, em geral são muito escrotas, em vários sentidos, são bizarras, e porque a minha consciência vai mudando ao longo das reflexões da faculdade, e eu vou entendendo que as pessoas são desonestas, são violentas, tem uma ânsia de impor a masculinidade que não faz sentido. Eu ainda jogava, na faculdade eu jogava na moradia da Unicamp, que era um ambiente legal e jogava em um ambiente não tão legal, aos domingos, mas então eu comecei a conhecer outras práticas... o forró, a capoeira, então eu fui largando o futebol e fui entrando em outros lugares. Mas eu sempre fiz alguns movimentos, na faculdade, de tentar “vamos jogar rouba bandeira”, “vamos jogar esconde esconde”, pra mim a grande disciplina foi a disciplina de Jogos, apesar da faculdade inteira ser maravilhosa no sentido que tinha as partes práticas, e de então, brincar com adultos e refletir sobre a brincadeira...e é um dos maiores tesões da vida, da vontade de fazer de novo as disciplinas só para ter com quem brincar (FÓSFORO).

## **Esconde esconde**

No esconde esconde, acho que é um primeiro momento... me escondia no final do bloco e eu era muito covarde, nesse sentido, porque eu sempre, basicamente, me escondia no mesmo lugar, porque eu era o mais rápido do grupo, e para a pessoa me ver ela tinha que chegar lá perto, e pra ela chegar no fundo e bater, a gente... sempre tinha uns que apostavam corrida e eu ganhava, então era muito injusto, mas as pessoas nunca falaram sobre isso e eu gostava de me esconder debaixo dos carros também. No Ancora, brincando com as crianças, eu fui tentar me esconder debaixo dos carros e vi que eu já não era tão pequeno, apesar de ter conseguido entrar de baixo do carro, mas não foi a mesma experiência, não deu tão certo. Então, e no esconde esconde a gente gostava muito de trocar as roupas, e furar panela, não... queimar panela, nossa não sei mais a expressão, droga! Mas quando a pessoa bate errado, ela tem que contar de novo, que ela errou, então a gente deixava uma parte do corpo para o outro ver o shorts que a gente estava e aí a pessoa batia errado, e enfim, tem várias estratégias. E tinha uma outra brincadeira que era só minha...era meio tosca, mas é que eu não gostava muito de empinar pipa, mas as pessoas gostavam e lá era um lugar legal de empinar pipa, e eu gostava muito de correr atrás das pipas, de ser a pessoa que pegava as pipas, e eu era muito bom nisso (FÓSFORO).

## **Primeira derrota**

Eu tenho uma experiência de derrota, muito forte dessa época, que eu era muito bom em bolinha de gude, e aí eu jogava com meu amigo, com os meus vizinhos e brincava com os meus tios, e teve uma vez que jogou eu, o meu tio, contra um amigo e o outro tio, e a gente perdeu, e eu fiquei muito bravo, possesso, de pegar e jogar as bolinhas de gude para o alto, com raiva do meu tio, e assim, eu lembro disso, que foi bem marcante, para mim foi a primeira derrota na vida e foi muito marcante... eu não sabia perder (FÓSFORO).

## **Meu brincar pessoal**

Em todos os lugares eu brinquei muito, por outro lado, o meu brincar pessoal...como chamo os meus amigos e eles não vão brincar, não é cogitado, a galera mia sempre, eu acho que de alguma forma, parei de tentar fazer movimentos desse e transformei esses momentos no forró, que é o meu lugar de brincadeira, de invenção, de criação, de diversão, sem regra... e nos jogos de tabuleiro, que é um movimento completamente inverso, que é cabeçudo, com regra, estratégia, pelo menos para os jogos que eu mais gosto, mas tem outros jogos que não são assim também, e o jogo de tabuleiro que eu tinha falado, ele era o meu jeito de conseguir fugir do vídeo game, porque eu notei por um tempo que o vídeo game era uma coisa deliciosa, maravilhosa,

mas que ele pode ser um vício também, então não adianta a pessoa não usar álcool mas jogar insanas vezes vídeo game, tanto que eu não tive vídeo game por todos esses anos, para não ter esse problema. Na quarentena eu tive a brilhante ideia de falar com amigos de infância para a gente jogar jogos de infância online, e tipo, obvio que ia dar errado... minha última semana passei com o Muralha, meu companheiro lá do condomínio, jogando um jogo bizarro que a gente fala inclusive que a gente está preso para o resto da vida, porque só ele joga esse jogo e só eu jogo esse jogo, e para ser legal tem que jogar de 2, e tipo, não tem outras pessoas que jogam essa desgraça e é isso. E inclusive, a gente teve uma conversa muito legal sobre quando é a última vez que a gente faz as coisas, porque a gente nunca sabe quando é a última vez, a gente nunca sabe quando vai ser a última vez que a gente foi jogar bola. A gente não sabe, a gente não tem na memória qual foi nossa última partida juntos, a gente não tem a memória de quando foi nossa última conversa, a gente não sabe quando vai ser a última dança com uma pessoa (FÓSFORO).

### **Vergonha de dançar**

Eu me recordo, na época do ‘É o tchan’ e da ‘Ivete Sangalo’, eu dançava essas coisas, e mostrava para minha mãe, super orgulhoso. Em algum momento meu corpo travou para isso, e eu não sei dizer por onde, ou o que foi... Eu tenho uma memória, de um amigo meu de escola que sapateava, e ele dançava muito bem, e ele era chamado de gay, e eu acho que ele era mesmo, mas tinham vários preconceitos em volta disso e ele era um cara muito incrível, e enfim, hoje ele está em Nova York sapateando, ele é um cara realmente maravilhoso e é isso assim... Minha mãe me zuava que eu não sabia dançar, inclusive escrevi um texto sobre isso, zuando minha mãe e ela leu (risos)...“você dança igual o seu pai, com o dedinho para cima” Então, acho que algumas coisas, algumas falas, vão fechando você para isso e eu percebo no meu irmão, porque eu mandei um vídeo para ele, que eu estava dançando, e falo para ele que dançar é muito incrível, que é muito legal, e ele fala que tem vergonha de dançar, ele tem 7 anos, e eu pergunto, porque? E ele diz “ah não, eu tenho vergonha, não posso”... então eu comecei a mandar vídeos para ele, de caras dançando, para ver se ele perde a vergonha, e minha mãe inclusive falou, sobre o texto que eu escrevi assim “não vou cometer o mesmo erro com o seu irmão, vou colocar ele em uma escola de dança” e eu já fiquei feliz, já valeu eu ter escrito o texto (FÓSFORO).

Fósforo coloca sua percepção diante os caminhos que o brincar foi migrando. Nos mostra que o brincar foi passando por contextos, amizades, idades diferentes. E em meio a isso reflete sobre como se sentiu em cada situação, seus entendimentos e aprendizados pessoais.

Na brincadeira de esconde esconde conta que percebia seu posicionamento sendo injusto, mas que não era um tema discutido entre seus amigos naquela época. Também fala

sobre o aprendizado com seu corpo que cresceu, e que a experiência de se esconder em baixo do carro não é igual, que não cabe com a mesma tranquilidade de antes. Ele conta que durante a brincadeira se escondeu embaixo do carro como fazia quando era criança, mas que a experiência foi diferente.

É como se pela vontade de viver novamente algo, tentamos repetir o que já deu certo. Mas as experiências são únicas, não se vive duas vezes de maneira igual. Se duas pessoas vivem o mesmo acontecimento não significa que passaram pela mesma experiência, pois é algo singular e também impossível de ser repetida, seja a pessoa ou o acontecimento o mesmo (LARROSA, 2002). E vemos, mesmo que o corpo mude, os carros, os sentimentos e reflexões mudem, o querer passar pela mesma experiência que nos fez tão feliz parece não racionalizar essas mudanças.

Ao contar sobre as brincadeiras, lembra que quando criança não sabia perder. A memória que isso fica evidente se revela marcante para Fósforo. Por meio dessa experiência o aprendizado do tema fica destacado. Abordamos então os saberes vindos da experiência, que aparecem em ações, em reflexões, sentimentos que a experiência gerou e a memória guardou. Acreditamos conforme coloca Larrosa-Bondía (2002) que “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (LARROSA-BONDÍA, 2002, p. 27).

Ao falar de sua identificação com o forró como seu lugar de criação, diversão, também fala de seu gosto pelos jogos de tabuleiros e pelo vídeo game, mas destaca esse último como algo que pode se tornar um vício. Todavia percebemos que, foi dentro do encontro virtual em um jogo, que Fósforo e seu amigo compartilharam reflexões para além do que propõe o jogo, revelando assim, trocas de ideias que ultrapassam a proposta ou tema do jogo, mas que é por meio do encontro que ele causa, que esses pensamentos e ideias aconteceram.

Fósforo pontua sobre comentários que são fortes o bastante para atrapalhar e as vezes impedir, que o ser humano tenha novas experiências. Desapercebidamente ou propositalmente, valores sociais são ensinados e aprendidos ao dizer o que é certo, o que é feio, apropriado ou vergonhoso. Muitas pessoas podem se fechar para experiências como a dança, a poesia, para diferentes práticas, por conta do que pensam, dizem e julgam outras pessoas. Novamente percebemos como as gerações, o meio social e cultural estão imersos na formação do ser humano.



## **Através da experiência com o jogo, com a brincadeira**

Outra coisa que eu acho legal falar, é que eu sempre me considerei uma pessoa tímida, uma pessoa mais introvertida, eu nunca me considerei uma pessoa extrovertida, uma pessoa que seria o líder do grupo... mas quando começa um jogo, ou uma brincadeira, eu me transformo, eu percebo que eu consigo chamar... não é que eu consigo chamar a atenção, mas é que eu acabo tendo mais espaço, sabe?! Eu acabo buscando essa extroversão, essa sei lá, não diria liderança, mas eu consigo me manifestar mais, sou mais solto, e isso também fez com que minha vida, que minha personalidade, fosse mudando através dessa experiência com o jogo, com a brincadeira (EDUARDO).

## **Intimamente**

Já teve momentos em família.... minha família é assim, por mais que ela seja grande, cada um está em um lugar, são alguns núcleos. Então, a gente tem um núcleo mais próximo ao meu pai e tem minhas irmãs que eu acho que eu sempre tentei trazer momentos de descontração, juntos, e muito com a minha mãe... Minha mãe tem uma casa de praia, e essa casa de praia acabou virando a residência dela com o passar do tempo, mas a casa de praia sempre vira um espaço de “ah, o que a gente vai fazer a noite?” porque as pessoas não estão no seu lugar, na sua residência mesmo, então a noite é sempre um espaço de entretenimento, e ali as pessoas acabavam me conhecendo um pouco mais, porque como a minha família é separada e eu fui morar sozinho quando eu ainda era muito novo, com 18 anos, acabei me distanciando um pouco da família e as pessoas acabam não me conhecendo em algumas fases da vida, então, intimamente me conheciam quando eu era mais novo... E é legal, ver algumas falas, meu irmão mais velho falando “nossa, você se expressa bem, se comunica bem”, e “nossa, falar em grupo, que legal”, em momentos como, uma brincadeira, uma roda, alguma situação que acontece (EDUARDO).

## **Interprete de Libras**

Eu gosto muito de estar brincando, de estar mexendo, construindo, mudando de lugar, de estar inventando coisas, histórias, estar indo para o lúdico... e a faixa etária da minha filha traz muito isso, do lúdico. Tentei fazer o curso de tradução e interprete de Libras e essa língua pede muito essa coisa da expressão facial, não é só o gesto, a sinalização através das mãos que é importante na comunicação, o rosto é muito importante, a expressão que o rosto faz, e o pessoal falava muito isso, que eu tinha facilidade em fazer as expressões, talvez pelo fato de brincar, pelo fato de estar sempre permeado por essa questão do lúdico, que pede um pouco, de você incorporar um personagem, de você mudar uma situação, mudar uma entonação em uma brincadeira

de voz, mudar... então eles, alguns colegas de sala falavam, “parece que você tem uma facilidade”, claro que eu não dominava a língua, talvez não fazia nada certo, mas eu não era travado e não tinha vergonha (EDUARDO).

Eduardo fala sobre como percebe que foram ocorrendo mudanças em sua personalidade por meio do brincar, como no caso de sua timidez. Brougère e Ulmann (2012) colaboram na discussão ao colocar que:

As aprendizagens da vida cotidiana, longe de serem sempre fáceis de fazer, obrigam a operar um deslocamento do olhar sobre as coisas para revela-las de outro modo a fazer emergir sentidos ocultos. Esse novo olhar sobre o comum transforma as representações do cotidiano e, desse modo, não nos deixa nem exteriores nem indenes, mas nos transforma igualmente (BROUGÈRE; ULMANN, 2012, p. 3).

Os aprendizados vindos do brincar se desvelam nas relações em família, no curso de libras, nos momentos em que as pessoas expressam, ao dizer que, Eduardo se comunica com facilidade em grupo, com as expressões de rosto, no caso do curso de libras. Destacamos esse processo de perceber-se, como aprendizagem, pois nele ocorre a identificação, a construção de si a partir das experiências do repertório de vida. De maneira singular, Eduardo identifica sentidos e significados em sua maneira de ser, ao falar de si.

### **Onde eu encontro o brincar na vida adulta**

Mas por outro lado tem algo que eu acho que é também brincar e é o que eu tenho pensado muito, por isso que eu te falei que eu me empolguei quando você me convidou para essa conversa, é que eu tenho pensado muito e tentado identificar em como é o brincar na vida adulta no sentido de... o brincar de adulto mesmo, de como a gente transpõe aquele estado de estar em brincadeira para a vida adulta, porque para mim o brincar do adulto não é simplesmente pegar uma brincadeira que era da infância e realizar ela de novo, então por exemplo, quando a gente fala em brincar, principalmente no sentido de formação de educadores, a gente fala de resgatar a memória lúdica, que a gente tem que lembrar o que a gente brincava quando era criança para poder valorizar o brincar da criança que a gente está hoje e é praticamente clichê falar disso, falam até meio que sem pensar no que isso significa e eu assim, não é que eu acho que isso não seja verdade, eu acho, com certeza isso é muito importante mas eu acho que, ainda mais importante do que resgatar a memória lúdica de como a gente brincava quando a gente era criança, é encontrar esse estado de ludicidade, de brincar na vida adulta. Então esse brincar que é estar em um estado de liberdade, estar em um estado de constante investigação, estar em um estado de abertura para o

mundo, o que isso é na sua vida adulta? Ou como você encontra isso nas suas atividades de adulto, não são atividades de criança na sua vida adulta, são atividades de adulto, e onde você encontra esse estado de brincar na vida adulta? E é algo que eu estou pensando e tentando encontrar, e aí eu volto de novo para a história da alimentação e da cozinha...pra mim, você ir para a cozinha, preparar o jantar sem saber o que vai fazer com aquela cenoura e com aquele brócolis por exemplo, é um estado de brincar, é um estado de se colocar diante de alguma coisa e falar, “o que eu vou fazer com isso? eu vou assar, eu vou grelhar, vou cozinhar, o que isso vai virar?” é uma investigação, é um estado de ludicidade, então eu acho que esse é um lugar da minha vida de adulta hoje que eu encontro esse estado de brincar, e outra coisa que eu acho que é muito isso... que é de ficar sentada olhando o céu, eu estou aqui e tem uma janela grande, e não tem nuvens porque a gente está em um dia muito seco, mas esse olhar... esse sentar para olhar e ficar olhando para as nuvens e imaginar que formato elas tem, e olhando para as árvores balançando e pensando que elas estão fazendo desenhos e que desenhos elas estão fazendo, e isso é uma coisa que a criança pode fazer também, de fato, não é uma atividade só de adulto, mas é um estado, é um estar em estado de brincar que eu gosto muito de fazer e que é onde eu encontro o brincar na vida adulta (LETICIA).

### **Novos mundos de relacionamentos**

Te falei que faço parte de vários grupos de consumo responsável, grupos de agricultura, e comecei a encontrar esses grupos por uma necessidade que eu sentia de encontrar novas formas de consumo, de não estar satisfeita de como o mundo estava estabelecido com relação as minhas preocupações com injustiça social e soberania alimentar, então buscar esses grupos foi um pouco por aí, de como eu posso consumir de maneira a apoiar um mundo que tem mais a ver com o mundo que eu quero ver. E quando você encontra esses grupos, você encontra pessoas que fazem parte desse mundo e aí você encontra novas maneiras.... Então eu encontrei novas maneiras de me relacionar com pessoas e de criar novos relacionamentos, criar novos grupos e de uma certa maneira de inventar mundos. E eu acho que isso é muito relevante se a gente pensa... não estou falando só de pandemia, porque mesmo sem a pandemia a gente estava em um mundo de distanciamento físico muito grande, eu acho... A gente já estava em um mundo digital muito forte, mesmo antes da pandemia, onde as relações digitais estavam muito estabelecidas então eu acho que esses grupos de consumo, esses coletivos que estão pensando em militância, no meu caso agroecológica, mas tantos outros grupos de militância, eles se iniciam pelo assunto em si, pela militância em si, mas se concretizam como novos relacionamentos, novos mundos de relacionamentos, e não sei se é viagem minha pensar que esse é um estado de brincar, que é um estado de investigar, de encontrar novas maneiras de estar no mundo, de estar aberto para o mundo, de se relacionar com o mundo e de nunca achar que tudo

está posto, de nunca achar que o que está disponível para mim comercialmente, eu tenho que consumir e seguir, mas que eu posso inventar novas maneiras de estar no mundo... eu acho que isso é um jeito (LETÍCIA).

Destaco na fala de Leticia, que é na cozinha, no momento de preparar uma refeição, onde ela encontra o que chama como ‘estado de brincar’. Conta que percebe esse momento como uma investigação, um estado de brincar, de ludicidade.

É justamente desse estado de ‘espírito de brincar’ que Brougère (2011) discute, quando fala da importância de interpretar e compreender quando uma atividade é considerada lúdica, pois ao identificar esse estado de brincar, colocado por Leticia, percebemos o lúdico. Revela ser uma busca, na intenção de encontrar maneiras de estar no mundo, de se relacionar a partir de uma postura de abertura, acreditando que pode ir além do que está posto e seguir criando outras maneiras de ser e de estar. Uma pesquisa de si com o mundo.

Comprendemos, a partir de Freire (2014) que estamos no mundo nos relacionando em constantes trocas, diálogos, reflexões e encontros com pessoas, com o contexto que vivermos e assim, nos educamos em comunhão “mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2014, p. 96).

### **De dentro para fora**

Eu vejo o quanto hoje para mim, esse lugar, se for falar especificamente dessa relação de um desenvolvimento corporal, e se isso me desafia...isso me desafia no corpo, mas de outra forma, hoje por exemplo o que me desafia é o nível da consciência corporal, de uma relação mais fina. Então, o brincar dentro de um olhar mais para o adulto, pra além de uma coisa só de um lugar, de um jogar, ou de uma relação mais...enfim, desse espaço lúdico que a gente conhece que vem da infância, mas ela se amplia e se amplia para vários canais, em um olhar que eu entendo, para mim hoje, em reconhecer no corpo uma consciência na prática e na vivência de estruturas que não faziam tão parte para mim, óssea, muscular, na relação com a dança, por exemplo, ela tá muito ligada à isso que eu disse, que era um desenvolvimento corporal, de você poder entender por outros canais como você mobiliza o seu corpo...isso pra mim é uma brincadeira, de poder dançar o meu próprio corpo de outras formas, nesse lugar muito de compreensão de dentro para fora desse corpo, acho que isso é muito vivo (RENATA).

### **Elo de ligação**

A minha vida é esse o tema, eu fico assim, “gente eu sou monotemática” (risos). Se você for ver desde essa qualidade de estar na infância brincando e isso ser tão

presente, nossa, tão ...e até hoje, todos meus estudos, toda minha relação, tudo que eu produzo, está vinculado a este tema, eu nunca abandonei ele na vida inteira, só que ele transita de diferentes formas, eu viver profissionalmente deste mesmo tema sem especificamente estar brincando o tempo inteiro, mas falando, estudando, produzindo diferentes produtos culturais sobre o tema. Acho que ele nunca saiu de mim... isso é uma coisa que eu sempre falo, eu inventei uma formula para mim mesma, não que eu inventei... Essas pesquisas estão aí, mas para mim, foi uma maneira de não me afastar de um lugar que para mim é muito caro. Hoje em dia eu tenho uma consciência de que para mim, estar olhando para o brincar é quase que uma cura, uma cura pessoal, por n relações na minha vida pessoal, de que há um alimento ali para o bem e para o mal, pela luz e pela sombra, porque talvez existiu vácuos e coisas... Mas, enfim, por mais que eu tenha falado de uma infância de muita intensidade profundidade... é esse lugar que você precisa se fixar com isso, então ele preenche relações humanas em mim, em um nível de cura mesmo, me tira isso para você ver, fero...sabe?! Acho que ele é o elo de ligação (RENATA).

Renata fala dos aprendizados que vem do corpo, desafio que ela sente que vieram da infância, dos desafios nas brincadeiras que brincou e que se amplia, se manifesta, também no presente, no sentido de entender que dispõe de um repertório de práticas que lhe possibilitam integrar e reconhecer por meio do corpo, com mais sensibilidade.

Renata expõe como percebe os aprendizados do brincar que transitam em meio pessoal e profissional. Aponta para como esse é o tema de sua vida, desde o que viveu na infância, na escolha profissional e nas relações humanas que a completam no momento atual. Aqui, assim como quando Vitor fala do brincar como um fio, Renata se refere como elo de ligação.

Nesse sentido, em diálogo com Brougère (2012), podemos perceber que os aprendizados vão acontecendo em todas as situações possíveis de se relacionar, formar sentidos, conhecer outros interesses, em espaços previstos para aprender ou não. Assim, esse sujeito que aprende carrega consigo os espaços sociais nos e pelo quais se formou.

### **Tenho vontade de brincar**

Eu sempre brinquei com os meus filhos, desde pequeninhos a gente sempre foi de estar levando para brincar, e eu estava junto, mesmo quando “vamos sentar lá e montar um lego” eu estava junto e, hoje mesmo, se alguém falar, “vamos fazer uma brincadeira, vamos jogar, vamos jogar uma bola, jogar um vôlei?” eu vou, eu sempre tenho vontade de brincar, de fazer alguma coisa, então... não sei se o jogo é um brincar, mas acho que também, e hoje eu pedalo. O meu brincar o que é hoje? É voltar a ser

criança na bicicleta, porque eu me sinto realizada quando eu estou pedalando, porque pra mim ah... é meu brinquedo (SUELI).

### **A natureza que me faz sentir realizada no pedal**

Eu sempre estive, eu sempre vivi... eu vim da natureza. Minha infância toda foi na natureza, com os animais... então eu vejo um pássaro, e eu me encanto com o pássaro. Um pé de Ipê que quando eu ando por aí, que agora é a floração de Ipê, e nossa, eu me sinto realizada, eu acho que é estar com a natureza que me faz sentir realizada no pedal. Além da atividade física, mas o que me realiza mais no pedal é isso. E são os amigos também, porque é bem importante, a gente forma uma família... e o mais, é a natureza mesmo. A natureza é que me encanta... cachoeira, aí... nem fala. E os pássaros, as vezes eu e o Edson saímos para caminhar e a gente fica contando quantos pássaros diferentes nós vimos pelo caminho, então eu acho que isso me dá prazer, eu me sinto bem, eu gosto, eu me sinto realizada (SUELI).

### **As coisas boas que a gente trás**

O brincar gerou boas lembranças e também assim... o caminho, quando você... não sei, não dá pra explicar direito, as coisas boas que a gente trás, das recordações, do brincar mesmo... tanto é que eu nunca esqueço da minha infância, tem gente que fala “Ah, eu não lembro” mas eu nunca me esqueço, porque realmente, marcou e hoje eu acho que eu sou muito ativa, mas não dá pra dizer só de hoje do que eu acho do brincar, porque eu... eu gosto, entende? “Ah, vamos brincar?” Eu digo: “Vaaaaamos” (SUELI).

Sueli conta que o brincar esteve presente quando os filhos eram pequenos e sobre como acontece no agora, na sua relação com a bicicleta. Sueli insere a bicicleta em sua rotina, como aponta Brougère (2012) “apropriar-se de um objeto é inseri-lo no cotidiano, conferir-lhe sentido, aprender com ele, sem, contudo, submeter-se a ele” (BROUGÈRE, 2012, p. 18). De maneira que, revela dentro de sua prática, momentos de realização. O objeto faz parte de sua ludicidade e comporta possibilidades de significações diferentes.

Sueli destaca o aprender a ter vontade e sobre a contemplação que ocorre ao se conectar com a natureza quando pedala. Enriquez (2013) ao abordar o tema das experiências na natureza coloca que “favorece o desenvolvimento da imaginação, suscita os processos de pensamento, nos faz cultivar a atenção e a memória, em suma, nos torna um ser à escuta do mundo [...]” que então, por essas características e pelo que desperta nos sentidos e sentimentos, compreendemos

a natureza enquanto parte do processo de aprendizados em meio ao pedal (ENRIQUEZ, 2013, p. 162).

Também coloca Sueli que, as memórias que traz consigo são as que foram marcantes. Destacando o brincar enquanto gerador de boas lembranças e que justificam sua disposição e abertura para brincar em sua trajetória e no cotidiano atual.

### **Momento de amolar o machado**

Os aspectos positivos, é que eu acho que hoje eu me tornei uma pessoa que consegue levar as coisas de forma muito mais leve, mesmo os compromissos e tal, eu acho que eu consigo levar de uma forma muito mais leve, do que a maioria das pessoas, eu tenho essa impressão, e eu vejo os meus amigos que estão mais ou menos como eu, também... eles enfrentam as dificuldades deles, tem as responsabilidades deles e conseguem superar, mas assim, mesmo sem superar eu penso “calma, a vida continua” vamos ter o momento de descontração e inclusive eu não sei se foi para você, uma vez eu fiz uma analogia sobre amolar o machado. Foi em uma aula de forró, que aliás o forró é uma coisa muito lúdica também, que eu estava esquecendo de falar dele, mas que acabou fazendo muito parte da minha vida, de uma forma muito significativa, eu falei disso sobre o forró, mas eu vou falar de uma forma geral... Eu entendo o brincar como você dispor um momento da sua vida para fazer algo que te provoca prazer, seja em grupo ou seja sozinho, brincar sozinho pode ser pintar um quadro, escrever uma poesia, você está brincando com as palavras. Esses momentos, embora eles possam parecer improdutivos, do ponto de vista desse molde capitalista, que a gente está acostumado, eu comparo esses momentos ao momento de amolar o machado. Então as vezes o cara está lá derrubando árvore, e ele não para de bater o machado o dia todo, e aí ele olha para o lado e vê um cara que parou de bater o machado na árvore e ele está amolando o machado dele. É comprovado inclusive cientificamente que, o tempo que você perde amolando o machado vai te trazer muito mais eficácias para derrubar a árvore do que se você ficar o dia inteiro batendo o machado cego na árvore, então esse tempo na verdade que você não está cortando árvore, você está amolando o machado, fazendo manutenção ali, ele parece improdutivo mas na verdade ele está visando uma produtividade muito maior. E eu comparo o brincar, porque é isso, quando você está se desestressando, quando está tendo um momento lúdico, como quando você deixa de estudar um pouquinho porque sua cabeça já está quase explodindo, pra ir ganhar uma hora no forró, ou fazer uma coisa que é do seu prazer, nesse momento, você está amolando o seu machado, quando você voltar, provavelmente você vai voltar com um bum de ideias, com muito mais energia para concluir aquilo, que talvez se você ficasse ali, martelando, martelando, você estaria só batendo um machado cego na árvore. Então desse ponto de vista eu

acho que o brincar influencia muito a minha vida até hoje. E eu recomendo para as pessoas (JOEL).

### **Um cara brincalhão**

Do ponto de vista negativo, que me influencia até hoje, por brincar muito eu sou um cara brincalhão, mas o brincalhão é nesse sentido de brincar com as pessoas, de fazer uma piada e tal e é lógico que em vários momentos, eu já errei a mão e brinquei ou em um momento que não devia, ou com alguém que não entendeu direito e isso acho que são aspectos negativos, então nesse sentido, eu perdi várias amizades, digo isso porque seguramente eu chateei pessoas, totalmente desnecessário. Certamente eu perdi oportunidades profissionais, por conta de brincadeira e muitas vezes oportunidades que talvez eu nem saiba porque eu perdi, ou se estavam realmente presentes na minha vida, então seguramente tem reflexos negativos, agora, fazendo um balanço geral, eu já me culpei muito por ser um cara brincalhão, e já tentei ser o cara sério, e essa tentativa durava uma parte do dia, e aí eu percebi que nem as pessoas que me toleravam sendo brincalhão, me toleravam sendo sério, porque se eu já não tinha a medida exata para ser brincalhão, que era uma coisa que eu estava fazendo constantemente, muito menos eu tinha essa medida para ser sério. Então eu já tentei ser sério, já tentei ser um cara menos brincalhão, mas realmente eu percebi que ser sério também iria trazer consequências ruins, negativas, e chegou uma hora que eu tive um insight, e eu disse, mas pera aí, se ser brincalhão tem consequência positivas e negativas, e ser sério tem consequência positivas e negativas, então eu posso escolher, e eu vou escolher o que me traz mais prazer, e é isso o resumo, colocando em uma balança os malefícios que brincar, ser brincalhão me trouxe e os pontos positivos... os pontos positivos pesam mais então eu escolho continuar brincando (JOEL).

### **Prestando atenção em mim**

O brincar para mim, agora, seja com pessoas, seja com minha moto, com o forró, ou com os carrinhos, é um momento... além de um momento de introspecção, porque quando eu estou ali prestando atenção no carrinho, todo mundo acha que eu estou ali prestando atenção só no carrinho, mas na verdade não, eu estou prestando atenção em mim, eu estou voltado para dentro, eu estou fazendo uma coisa muito minha, mesmo quando eu estou por exemplo em um forró, que eu estou dançando com outra pessoa, interagindo com outra pessoa, na maioria das vezes é uma experiência muito mais interior do que exterior, eu entendo também porque é uma postura minha em relação ao forró, que é de dançar para mim, tem pessoas que não dançam para si, dançam para os outros, então eu consigo transformar isso em uma experiência muito interior, não vou julgar se o certo é de um jeito ou de outro, então eu estou colocando que quando



você dança para si, é uma experiência muito interior, eu arrisco dizer até que em alguns momentos eu me esqueço da fisionomia da pessoa que está dançando comigo, enquanto eu estou dançando... Então, nossa, eu viajei demais dançando... eu praticamente sai do corpo. E hoje essa questão para mim do brincar, seja qualquer uma dessas formas que eu te falei, ela é uma poderosa ferramenta, para desestressar, para descontrair, em vários momentos para socializar, e as pessoas me agregaram muito através dessas experiências (JOEL).

Joel conta sobre como compreende o ‘amolar o machado’, explicou que é sobre a importância de ter momentos lúdico durante o dia, pois são esses momentos de prazer que irão colaborar para as ideias, para a disposição, inclusive contribuindo para os momentos de estudos e de trabalho. É dizer que, esses momentos influenciam e refletem nas outras atividades que estão em sua rotina.

Segundo Gros (2012) nesse tempo germinam novas possibilidades porque estamos disponíveis, os pensamentos estão livres e é nessa condição que aparecem ideias que não teriam vindo se ficassemos presos todo o tempo em tarefas sistemáticas e rigorosas.

Sobre ser brincalhão, Joel revela que se percebe como uma pessoa divertida, que gosta de piadas, de brincar com as pessoas. Essa percepção de si mostra como Joel se vê, se percebe, e como gosta da escolha por ser dessa maneira. Conta que já se colocou a teste, para ser de outra maneira e nesse sentido Larrosa (2017) aponta que experiências que colocam em prova a própria identidade, são formativas, à medida que, nesse enfrentamento com o mundo e consigo, podem configurar o encontro com a solução.

Joel ainda, nesse prestar atenção em si, fala sobre o forró sendo um momento de introspecção, de concentração em si. Na dança ele encontra um momento de viagem interior, de estar consigo mesmo, mais do que com a parceira com quem realiza os passos. Considera que para além de ser uma maneira de desestressar, também conhece pessoas que acrescentam muito em sua vida por meio dessas experiências partilhadas.

### **Queria ver como funciona isso**

Digamos que , nessa fase da primeira infância, adolescência... algumas coisas marcam muito, por exemplo, o futebol é paixão entre as crianças, e eu era um desastre jogando futebol... era um desastre jogando futebol, e tinha um grupo de crianças e íamos jogar bola e ok... “Vamos jogar bola, quem será o capitão da equipe? Eu, eu, eu ” e era fulano que escolhia, “você será o capitão, quem você escolhe?” e eu era o último a ser escolhido... se tivesse sorte de ser escolhido, eu era o último... era um desastre, nunca consegui jogar bem. Depois, conforme fui crescendo, aí está, foi

aparecendo a inclinação pelo mecânico, foi muito forte e isso começou com os carrinhos. Eu fazia reformas que nenhuma das crianças fazia, de colocar suspensão dianteira e trazeira no carrinho deles, não podia acreditar, me pediam que eu fizesse para eles... E então, a questão mecânica sempre me interessou, como funcionava as coisas, mexer com as coisas... Meu pai e eu gostávamos muito de pescar, a primeira vara com molinete ganhei do meu pai, e o molinete me intrigava, porque... e o molinete, por ser sofisticado... eu lembro a marca, aliás, eu tenho aqui na cristaleira que fica o altar familiar. Eu brincando, teria 12 anos, 13 anos, imagina, um menino que gosta da mecânica, um molinete de pesca, a carretilha tradicional e uma chave de fenda na mão... eu comecei a soltar parafusos, soltar, soltar e aquilo desmanchou, desmanchou e havia uma floresta de pedaços, e eu não fazia a mínima ideia de como se montava... quando chegou meu pai, ainda bem que eu tinha colocado em uma espécie de bandeja, meu pai me olha e eu digo “queria ver como funciona isso”, me deu vontade de desmontar, eu queria ver como era... e ficou por isso mesmo, ele juntou as peças, levou em uma oficina especializada e o montaram. Então, essas coisas mecânicas, me atraíam muito, por essa razão também, fui para a escola técnica e fiz mecânica, em 6 anos, me formei técnico mecânico... e aquilo foi alargando mais, em tudo isso, e aí começaram as bicicletas, o interesse pela mecânica das bicicletas, e nisso eu já estava no colegial (ALBERTO).

## **Pedal**

A atividade profissional foi me absorvendo muito, eu fui descuidando de outras práticas de exercícios físicos, eram muitas viagens, refeições fora do comum, e fui ganhando peso... quer acreditar, que aqui em São Carlos, eu cheguei a pesar 132 kilos?!... e estou em 94 kilos agora, quase 8 sacos de arroz. Mas quando eu comecei a pedalar aqui em São Carlos eu estava com quase os 8 sacos de arroz, e então devo muito a isso, que no início não conhecia ninguém, pegava o carro, deixava lá no varjão, e saía para andar pelo caminho todo plano, sozinho, não conhecia ninguém, então, acho que 2 anos depois conheci a Rose, aí comecei a pedalar em grupo, um sacrifício porque ela dizia que era para iniciante qualquer pedal, mas eu fui persistente, consegui, e te digo, não consumi nenhum medicamento específico, fiz um acompanhamento médico regular, só com um checkup periódico. E olha uma coisa, tudo que a maior parte das pessoas da minha idade precisam cuidar, eu não tenho, tudo isso eu não tenho, então eu não sei como vou terminar... atropelado, não sei... e evidentemente, muitos anos de natação, e bicicleta, o exercício ajuda muito, eu me sinto muito bem. Na minha vida eu sofri duas cirurgias, uma por doença, uma lesão no joelho e outra no pé, e só. Nunca quebrei um braço, uma canela, nada disso... e tive algumas dessas coisas de criança, sarampo, caxumba, a muitos anos atrás. Muitas coisas que fazem mal a maioria das pessoas, não me fazem, só que mesmo assim eu não consumo, sou disciplinado com alimentação. Então essa última brincadeira, a

bicicleta, me ajudou muito... pelo físico e pelo psíquico também, me fez muito bem para a cuca, pelo social, o âmbito, o ciclo de... pessoas amigas, pessoas amigáveis. Vi uma vez uma matéria muito interessante, que falava sobre os mountain bikers, que falava “olha, eles não se conhecem e ficam amigos de infância depois de um pedal” então esse clima está muito bem, o convívio com os jovens também, e com outros veteranos, sem dúvida... mas no convívio com os jovens eu me sinto bem... acho que entendo muitas coisas dos jovens que muitos veteranos tem resistência a entender, não significa que eu seja permissivo, acho que sou tolerante e consigo sentir e praticar a empatia. “Eu na tua idade”, uia, na tua idade isso foi a 50 anos atrás e o mundo era outro... como seria eu na sua idade hoje? O mundo mudou, não posso olhar com os olhos de quase 80 anos, então eu me divirto... acho que me rejuvenesceu muito essa prática do ciclismo, algumas pessoas ficaram muito muito amigas, e é natural, afinidade, independentemente de idade... é uma experiência de vida para mim feliz, interessante, continua sendo... e esse encontro contigo está sendo uma experiência lindíssima (ALBERTO).

### **Sempre há o outro, do outro lado**

Ainda hoje te digo, na família muitas vezes me fazem calar, porque eu tenho tiradas engraçadas e sempre tenho algo para comentar, para agregar... e se eu começo falar alguma coisa, vem uma das minhas filhas e diz “pai, você não quer um lanche? Comer algo?”, para que eu coma e pare de falar (risos). Mas os homens e mulheres que são meus filhos, frequentemente me consultam, ainda... tenho um filho mais velho, de 47 anos e uma filha mais nova de 35 ano, mas, as vezes pelas coisas mais simples, e as vezes por coisas mais feias, me consultam. Acontece que eu tenho um habito de que, em plena situação de problema, conflito, eu não parto com aquele famoso “porque você fez isso?”, eu deixo que me conte o que aconteceu, como, em que situação, porque alguém que te consulta não está procurando uma censura, está procurando melhorar, e se você acolhe dessa maneira é como se estivesse com um tijolo na mão, e nunca mais confia na gente. Muitas coisas, sem dúvida, o que diz respeito a natureza feminina, as quatro filhas, são muito ligadas com a mãe, mas fora isso, é comigo... é comigo, mas isso desde criança. Muitas vezes minha esposa ficava brava porque os filhos brigavam por querer ir comigo no carro, e eu adorava isso, mas minha esposa não gostava... era um pouco ciumenta, mas os anos passaram. E então, brincar, te repito, fazer as coisas mais sérias da maneira mais descontraída possível, ou seja, com autocontrole e empatia, porque sempre há o outro, do outro lado (ALBERTO).

Alberto fala sobre algumas lembranças de brincadeiras de infância e dentre elas aparece o carrinho, o interesse por descobrir como as coisas funcionavam e sua inclinação para

mecânica. Foi dentro de suas brincadeiras, das possibilidades de abrir carrinhos, de desmontar o molinete de pesca, que Alberto foi explorando e conhecendo o que lhe despertava curiosidade e que, continuaram em sua vida, dentro de sua escolha profissional.

Alberto também conta sobre o cuidado consigo ao buscar uma atividade física e que, ao mesmo tempo, encontrou no pedal diversas relações de amizade e reflexões nos encontros.

Ainda no sentido de se relacionar, Alberto fala sobre ser uma pessoa que tem falas engraçadas quando está em família. Destaca que sua postura na relação com os filhos sempre foi de escuta, por entender que é o melhor a fazer nesses momentos. Pensando sobre isso, trago a ideia de que “a relação com o saber é também uma relação consigo e com o outro” destacando que o aprendizado acontece por uma via de mão dupla (BROUGÈRE; ULMANN, 2012, p. 6).

No desfazer, no desmontar para entender o caminho de construir, Alberto aprende como as coisas funcionam e assim, passa a saber qual melhor ferramenta a ser usada para cada situação. Com os sistemas fechados como carrinhos e molinetes ocorre dessa forma, já nas relações humanas que são sistemas abertos e complexos, por sermos todos, universos de sensibilidades e pensamentos, nem sempre a mesma ferramenta resolve, mas a escuta e o diálogo certamente fazem diferença.

### **Que habéis hecho sábado por la tarde?**

Mi escuela era toda de niños, cerca había una escuela que era toda de niñas, entonces el encuentro sábado por la tarde en el centro de tiempo libre, a través del juego aprendíamos a relacionarnos chicos y chicas, entonces hay claramente descubrí eso, riendo y de manera natural... yo me comparaba con los otros compañeros de escuela que no iban al tiempo libre, entonces cuando llegábamos el lunes corrían a nos preguntar “que habéis hecho sábado por la tarde?” pues “Estábamos jugando eso eso y eso” Ostras no? Y nosotros enseñábamos juegos a los otros compañeros, los que aprendíamos en lo sábado en el centro de tiempo libre y en lunes enseñábamos los compañeros de clase. Entonces ahí, en estos momentos tenía conciencia de que, ostras, era un afortunado y estábamos teniendo mucha suerte, éramos un grupo que teníamos 12, 13 años y nos gustaba jugar mucho, nunca teníamos prisa para ir a casa, cuando ya teníamos 16, 17 años, nos gustaba mucho eso, de ir a casa de uno a jugar juegos de mesa, con 16, 17 años descubrimos los juegos de mesa y claro, pasábamos las tardes jugando a juegos de mesa y muy bien, no veamos las horas de dejar de jugar entonces bueno, así fue hasta que fue monitor de tiempo libre y ahí seguimos jugando, me hice profesor, seguimos jugando e bueno seguimos jugando (VÍCTOR).

Víctor fala do “Centro de tempo livre”, em que encontrava com meninas e meninos para aprender jogos novos e ao mesmo tempo, com a convivência, aprendia a se relacionar. Conta que percebia aquela experiência como muito boa quando comparado com os amigos que não participavam desse momento. Olhar para a experiência no momento que estamos vivendo e ter a sensação de que aquilo lhe faz bem, revela sua reflexão diante o vivido, dos significados que foram sendo construídos para ele. Construção que se mostra importante, pois revela depois que, o jogo continuou em sua vida, em suas escolhas profissionais e segue presente até o momento atual.

A reflexão feita por Víctor revela o ato de se conhecer frente as situações vividas. É nesse fazer humano, que está em um contexto específico, com sua subjetividade e sentimento, que também se faz humano, pelo ato de se colocar a conhecer por meio de sua experiência no mundo (MATURANA; VARELA, 2001).

### **Una transferencia**

Jugamos mucho a juegos de mesa, de estrategia, no soy un de los juegos de rol, no tanto, pero sí a juegos de mesa como...juego a juegos raritos (risos) hay uno que se llama “La batalla de ovejas” es un juego de tablero, son todos juegos rápidos, las partidas duran como 20 minutos, y cuando con mucho jugamos el “Catan” con un poco más de estrategia, o juegos rápidos, de los cubos, de lógica, de velocidad de reacción y cosas de este tipo. La verdad es que, es como todo un juego, yo me tomo la vida como un juego en la verdad, o sea, no me veo todavía tan serio como no poder abandonar cualquier cosa, no me acero, como el juego cuando se termina jugamos a otra cosa y yo soy un poco así con la vida, es decir, yo estoy aquí en la universidad pues el año que viene no se, sabes, se veo que la cosa ya no aporta más, o que ha acabado un ciclo que ni yo puedo aportarme y no me aporta, pues me dedico a otra cosa. El hecho de haber vivido mucho el juego, te da esa seguridad, aprende a asumir riesgos y luego a poder afrontarlos, o sea, haces una transferencia, es como que el juego te ayuda a entrenarte, te conoces bien y luego cuando tienes que afrontas cosas importantes de la vida, pues, lo transferes, es como un juego y juegas y se pierdes, pues, aprendes a perder también, creo que eso también es importante (VICENTE).

Vicente começa contando sobre os jogos que costuma jogar, quais são e que características possuem. Revela também que considera a vida como um jogo, com os ciclos de começo e fim, com possibilidades de riscos e enfrentamentos. Nessa dinâmica percebe que faz uma transferência dos aprendizados vindos do jogo e que permanecem na trajetória de vida.

Dessa forma, afirmamos que o aprendizado é um processo contínuo e concomitante ao conjunto de atividades que formam o sujeito em sua vida cotidiana (BROUGÈRE; ULMANN, 2012).

### **Con el juego aprendí a saber**

Yo veo a través del juego, y lo veo ahora, después de reflexionar sobre la importancia de sus contextos, veo que el juego fue como un carro, un vehículo, que me permitió entrar en contacto con mi entorno. Mi entorno personal, mi entorno material, mi entorno social, el mundo de yo, el mundo de los demás y el mundo del entorno físico. A través del juego yo observo que empecé a conocer mi entorno próximo, empecé a conocer y explorar las diferentes cuestiones, las diferentes características que estaban ahí presentes en el día-a-día, empecé a conocer que en diferentes momentos del año se puede jugar a diferentes cosas, cuando nevaba era diferente de cuando hacía mucho calor, y teníamos que nos resguardar de esa temperatura excesiva. Encontré la manera de conocer y identificar diferentes tipos de pájaros y de árboles y también de animales. En alguno momento iba buscar hojas de morera, una arbole especial para los gusanos de seda, donde veías todo el proceso de evolución y en otro momento iba construir arco o tirantinas para poder lanzar alguno objeto, o por ejemplo, en algún momento, personalizar alguno objeto de juego, como que podría ser una peonza. Cuando se trataba de jugar o en algún momento, conocer espacios característicos de este entorno. A la hora de jugar la pelota donde había unas paredes con unas irregularidades que queríamos nosotros también no darán cuenta para poner dificultad, al contrario, o sea, el juego me permitió ir conociendo ese entorno natural y físico sin darme cuenta. También permitió me conocerme, poco a poco, más y mejor, de que lo podía hacer y lo que no podía hacer, cuales eran mis potencialidades y también mis limitaciones. Con el juego aprendí a saber que era más rápido que otras personas, pero también no tan resistente en otros casos, que era capaz de saltar más que algunos, pero no tanto como otros, que era capaz de ser muy bueno en una actividad, pero no tan bueno en otras experiencias y eso me permitió a mi ser consciente de esas potencialidades de virtudes y aspectos a mejorar. El juego me permitió también comprender que es posible entrar en contacto con otras personas de otras edades y me permitió ahí conocer o que significa respetar a otras personas que las puedes ver como un modelo, porque son mayores, porque son personas que para ti son ídolos, incluso, y me permitió conocer a los iguales, a las personas de mi edad, con los que podríamos hablar a otro nivel, de tu a tu, y conocer lo que significaba poder formar parte de un colectivo. El juego me permitió yo tener esa imagen de identidad colectiva, porque esas experiencias, sobre todo, de naturaleza colectiva socio motriz, de relaciones con otros, poco a poco iban cultivando esa amistad y esa forma de vivir en sociedad (PERE).

### **Una actividad más que importante, necesaria**

Yo y mi percepción como adulto del juego es una percepción que significa dar le la importancia que tiene y los valores que tenía comentado antes y en que más que ser un pasatiempo o una actividad menor, es una actividad necesaria, más que importante, necesaria para la persona, para el desarrollo de su personalidad en unas condiciones óptimas y de sus diferentes tipos de inteligencias y sobre todo la inteligencia social, la inteligencia emocional, la inteligencia que te lleva a saber, a saber hacer y a saber estar en la vida, a desarrollar las competencias sociales para vivir. Para mí tiene mucha importancia, ahora que nos aproximamos de la época de navidad, donde todo parece estar traducido por digamos, un bien material, para mí tiene importancia reconocer ese bien inmaterial, donde lo importante no es el objeto que se emplea si no ese proceso intangible, invisible que nasce, crece y desaparece rápidamente, que nace de una manera muy fácil porque solo se hace falta las ganas de divertirse como cualquier persona, en la playa con los amigos, da igual la edad que tengan, o los familiares, pero también que desaparece de una manera muy frágil, porque ya no hemos cansado, porque ya llega la hora de hacer otra actividad o por otra circunstancia. Pero eso, veo que aunque no seamos conscientes ha dejado huella, en la parte más profunda de nosotros y nos acompaña como una experiencia vital, más esa es la percepción que yo hago cuando me acerco a este contexto de juego, que da igual con que personas, donde se haga o con qué edad o características tienen sus protagonistas (PERE).

### **Aprendizajes profundas**

Mi biografía personal, digamos que, es consecuencia en buena parte, de mi biografía lúdica y itinerario lúdico de experiencias de juegos vitales a hecho que hoy, yo, Pere Lavega sea como soy, en buena parte, porque me ha modelado, me ha orientado a tener una manera de entender, que significa estar con otras personas, el juego y lo que ha supuesto en estos contextos de relación interpersonal que son contextos de aprendizajes profundas, eso es lo que podría resumir (PERE).

Pere nos conta como considera que o jogo o conduziu para que conhecesse seu entorno pessoal, material e social, a ele mesmo e aos outros. De maneira cuidadosa e detalhada compartilha muitos aprendizados das experiências vividas.

Comprendemos que conhecer o mundo, as pessoas e a si mesmo é um processo, em que aprendemos a “conhecer como conhecemos”, e são nas buscas, nos encontros que vamos descobrindo sobre nós, sobre os outros com quem estamos e sobre o mundo (MATURANA; VARELA, 2001, p. 30). A partir disso, olhamos para as brincadeiras e jogos, como parte dessas experiências que aprendemos a conhecer, sobre quem somos, nossa personalidade, gostos,

desejos, sobre os outros, que estão conosco e carregam outra trajetória de vida e sobre o contexto que estamos no mundo, onde moramos, os espaços físicos, sociais e simbólicos.

Nesse sentido, Pere também coloca o jogo como sendo mais do que importante, sendo necessário para o desenvolvimento do ser humano de forma integral. E ainda destaca que para ele, foram todas essas experiências de jogos vitais que o construíram, que foi orientado a partir dele, tendo gerado relações interpessoais que são de aprendizados profundos.

### **Juego e aprendizaje**

Pues a partir del juego puedes favorecer el aprendizaje. No simplemente para recreación. En el ámbito formal, sí que es importante la recreación, pero lo más importante son los objetivos que establecen en este caso no currículo educativo. Esa es la percepción que como adulto, en los diferentes enfoques puede haber el juego en mi vida...en la vida familiar, el juego como elemento recreativo de mis hijos e transmisión de valores conjuntamente, dentro del ámbito profesional como el juego como una herramienta didáctica para favorecer la aprendizaje del alumnado y finalmente el enfoque del juego como una herramienta para ocupar mi tiempo libre con asociaciones potenciando lo que es el patrimonio lúdico y de recuperación, que es una filosofía que tenemos en nuestra asociación y una forma de entender el patrimonio, de preservar para el futuro lo que vivió nuestros antepasados (JOAN).

### **Juego tradicional?**

Hace 4 años estuve en Etiopía y pudimos ver en unas piedras en roca, para jugar el juego de máncala, a juego de “Oware”, que entonces había gente que jugaba este juego también con lo cual es un elemento que tiene un cierto reconociendo de escritura también, aunque cuando aparecen los deportes modernos así que muchos juegos tradicionales o muchos juegos practicados en cada cultura pues vayan perdiendo, dejando de practicar como consecuencia del proceso de asimilación cultural...cuando los niños miran fútbol, a fútbol, a fútbol, en los medios de comunicación y pasas a jugar a fútbol, pues dejan de lado otras formas más tradicionales, que eso es un poco que he pasado en el contexto español y bueno ay pasado fundamente en todos los contextos...en España hace 120 años y ninguno conocía el fútbol, actualmente se hablas con un niño y preguntas “que es un juego tradicional? es fútbol” porque tiene una percepción que es jugado desde siempre, o lo mismo con los ingleses, cuando fueran a sus colonias, pues transportaran sus juegos tradicionales, en este caso el “Criquet” por eso India, Bangladesí, Paquistán, todos estos países tienen en “Criquet” como algo muy agregado, no?! En cambio, tu habla, pregunta un juego de su cultura



y tienen dificultad para reconocer un juego que jugaban sus antepasados, porque ya había una asimilación cultural del “Criquet” como algo de su propia cultura (JOAN).

Joan nos fala do jogo em família enquanto momento de diversão e transmissão de valores. Partindo dessa colocação, consideramos que a família é um espaço de formação que muito é ensinado e aprendido, pois a educação está nesse fazer de relações humanas. Desde o nascimento de um bebê já existem momentos de diversão e de transmissão de saberes dentro dos cuidados e da socialização, vindo dos familiares. Queremos pontuar aqui que a família corresponde ao início e também a continuidade dos saberes e fazeres que respondem a construção e reconstrução de práticas sociais e culturais, sendo então, parte importante nessa transmissão para formação do ser humano.

Nesse sentido, conforme Brougère (2011) observamos o jogo sendo tempo e espaço de enriquecimento das construções culturais e sociais que contempla e nele emerge.

Em vez de ver no jogo o lugar de desenvolvimento da cultura, é necessário ver nele simplesmente o lugar de emergência e de enriquecimento dessa cultura lúdica, essa mesma que torna o jogo possível e permite enriquecer progressivamente a atividade lúdica (BROUGÈRE, 2011, p. 23).

Pela perspectiva profissional, as experiências de jogo e brincadeira aparecem também como ferramenta para favorecer o aprendizado. Em diversos contextos, escolares e não escolares, o jogo é utilizado para ensinar algo. Na essência dos jogos e das brincadeiras sabemos que neles existem aprendizados que poderão ser revelados de maneiras diferentes para cada indivíduo, com isso queremos dizer que, intrinsecamente o brincar e o jogar irão favorecer e conter aprendizados, seja pelo caminho do ‘jogar por jogar’ ou pelo jogo direcionado. A intencionalidade de quem propõe ou vivencia o jogo e a brincadeira que irá revelar se o jogo está sendo utilizado para ensinar algo, ou se por meio dele surgem os aprendizados, mas de toda forma, ele favorece esse processo.

Também coloca Joan, sobre a importância de preservar o patrimônio dos antepassados. Nesse sentido, conservar os jogos tradicionais, é uma missão para os dias atuais, em que vivemos um fluxo veloz de notícias, informações, distrações e práticas junto as tecnologias. Se não houver um movimento contínuo de resgate e preservação de jogos e brincadeiras tradicionais, corremos o risco de, pouco a pouco, não reconhecer jogos que são parte de nossa cultura, sendo assim uma perda em nossa formação, enquanto sociedade que desconhece suas raízes lúdicas.

## **Ganar la vida**

Mi relación con el juego es directa, pues es mi trabajo, mi forma de ganar la vida. Es eso, es lo que me ha promovido, ahí me gustaría terminar y de hecho, en el día que me jubile, tengo una cantidad de propuestas para hacer, claro, no son todas de carácter físico pero sí que hay mucho juego de carácter emocional y psicológico. Me gusta mucho experimentar y me ha ido muy bien para relacionarme con todos los tipos de personas y esa experimentación viene de eso, del mundo de la imaginación y del mundo del juego, o sea, en parejas, como amigos, amigas, como en el trabajo y como con los alumnos (VICENTE S.).

Vicente S. fala sobre o jogo enquanto seu trabalho, fala do gosto que tem por experimentar, que vem da imaginação. Ao colocar que é sua maneira de ganhar a vida e que é nesse mesmo lugar que gostaria de terminar sua jornada profissional, revela um trajeto profissional positivo diante sua relação com o jogo em seu trabalho. Junto a essa compreensão, dentro de seu trabalho existem os planos para depois dele, que são de continuar com o jogo em sua vida, em seu planejamento para o que deseja no futuro.

Mirando a relação que existe entre os diversos contextos, como família, trabalho, grupo de amigos, entre outros, percebemos a importância de uma atitude ativa, de interação com o brincar e jogar, de se colocar e permitir que em meio ao que se vive, os momentos lúdicos possam ser parte.

## **Aprendizados dos limites e da imaginação**

Yo creo que con el juego se aprende muchísimas cosas con relación a la sociedad, por ejemplo, cuando era un poquito más mayor, jugaba con mi abuelo a pelota, a pelota Valenciana, que se juega con la mano y entonces aprende un poco sobre el contexto social en que te desarrolléis... aprendes digamos, tradiciones culturales del contexto social, luego también se aprende un poco las dinámicas de la sociedad, o sea, los diferentes roles sociales, o de poder o de ayuda, no sé, el trabajo en equipo. Antes más que ahora, también sobre el respecto al rival. En el Judo por ejemplo, se vences a tu rival o gracias a tu rival aprende al mismo tiempo, si superas a tu rival, es tu rival que te haces grande, no es ti por ti mismo, estos valores sociales, no sé, luego también, depende de la época de desarrollo humano. El físico también ayuda, no solo el desenvolvimiento intelectual o social, si no también el físico, claro, por supuesto, si los juegos son muy activos, aprendes a conocer tu cuerpo, tus posibilidades, a veces cuando era pequeño, te imaginas que podéis saltar hasta la rama del árbol y lo ve que no, o crees que puede dejarte caer y no hacerte daño, cosas así y se aprende un poco también de tus límites. Ahora, en la actualidad, como digo, tenemos pocas ocasiones

de poder jugar, pero me sigue gustando y yo creo que cuando juego también me doy cuenta de cuales son mi limitaciones ahora, como, hasta donde puedo llegar, que puedo mejorar en mi físico, también me doy cuenta de unas carencias a nivel de comunicación, en el grupo...las ultimas veces que he jugado a futbol pues me dado cuenta de mis limitaciones y luego también, que bueno que, los roles dentro del campo. Pero, en la actualidad, lo que significa para mí el juego, pues yo diría que, es más una evasión...sobre todo una evasión, te evades, cuando puedes te evades en la imaginación, estas como en otra dimensión (JOSÉ).

José fala que aprende sobre onde está, a dinâmica de sociedade, por meio do jogo. Também reflète sobre o aprendizado com o judô, com o conhecer o corpo e suas limitações. O esporte se revela como um dos lugares que acolhe o jogo, durante o crescimento e enquanto adultos. Seja em caráter competitivo ou não, de rendimento ou como lazer, o esporte é uma prática que possui características de jogos e brincadeiras.

También resalta a possibilidade que vê no jogo em ser uma fuga para a imaginação, em ‘como se’ fosse para outra dimensão. A dimensão real continua a mesma, esse entendimento é exato nos adultos, usamos a imaginação e por meio dela criamos outras situações ou contextos temporários, para atender ao momento lúdico, mas todo o tempo, assim como as crianças, sabemos distinguir os contextos, as histórias imaginárias e as reais.

### **Jugar**

Para mi el juego, desde que era un niño, es una parte de mi vida, jugar es esencial, entonces lo vives y todo aprende cuando juegas, te relaciona con la gente, aprendes a ganar, aprendes a perder que es muy importante, respecta unas reglas, un comportamiento con otras personas en que todas tienen que jugar con las mismas circunstancias para que el juego funcione y ahí vas aprendiendo muchísimas cosas esto es incluso mi forma de trabajar. Estoy muy vinculado al juego, establecer reglas, cumplir las cosas que tienes que hacer, si no las cumple el juego no va funcionar y no sé, yo llevo la vida jugando (VITOR C.).

### **Formación**

Para mí, es super importante jugar, hay mucha gente que dice esa frase, de “un día sin jugar es un día perdido” un día que no juegues algo, con alguien o solo con otras personas, es una diversión que es super importante para la formación, yo por ejemplo juego mucho con mis niños, estamos todo el día jugando, hacemos juegos entre nosotros, bromas, es una parte muy dinámica de la vida y es super importante... “Cuál es mi relación con el juego?” Constantemente, o mirando juegos o ahora estoy aquí

porque Víctor me iba a empezar hablar para diseñar un juego, sobre tenis, y ahí estamos, y vas vendo cosas, lees, miras como puede relacionar o que es la vida real como trasladarla a un juego y para mí, es divertido (VITOR C.).

Vitor C. fala sobre a relação que tem com o jogo e com o trabalho. Revela que seu trabalho é diretamente com os jogos, seja criando, desenhando, ao se reunir com amigos para jogar ou mesmo para conversar, tudo participa e colabora em seu ofício. Revela que sua formação pessoal está mergulhada nas relações de trabalho e diversão que ocorrem simultaneamente.

### **Te vas cambiando**

Creo que en algún sentido ha cambiado las experiencias de juego ya que siempre fue una persona muy competitiva, hecho varios deportes, también he estado en Splays y en Casales y ahí hacia desde juegos de cooperación hasta juegos individuales y siempre he sido muy competitiva aun lo sigo siendo pero creo que a medida que pasa el tiempo te vas dando cuenta de los valores que tiene el juego y dejas de ser tan competitiva, aunque siempre lo sigue siendo, pero aprendes realmente el significado del juego (ELENA).

### **Lo que me gusta**

Creo que te cambia tu estilo de vida... a mi lo que me gusta el juego es que adquieres unos valores que en otras actividades no los adquieres, como la humildad, la cooperación con la otra persona que juega, el respecto, cuando se pierde no enfadar-te, si realmente quiere ser bueno pues practicar ese deporte, una rutina para seguir aprendiendo... y bueno, creo que cambia también su manera de vivir a través del juego (ELENA).

Elena fala sobre ser competitiva, e valoriza a possibilidade que o jogo proporciona de aprender sobre isso e outros valores. Em meio ao jogo ou brincadeira, as pessoas podem perceber características de suas personalidades, que aparecem em falas, gestos e sentimentos. Ela também aponta o momento do jogo enquanto possibilidade para abordar valores como a humanidade e cooperação.

Não sem motivo que desenvolvemos um posicionamento competitivo em nosso cotidiano. Grande parte da sociedade que vivemos ainda está imersa e dissemina um modelo de competição para a vitória, para vencer na vida, enquanto que poderíamos, inclusive

contemplando muito mais pessoas, unir as forças para alcançar conquistas juntos, em busca de uma “felicidade partilhada” (BRANDÃO, 2005, p. 90).

Pelo jogo ser um espaço em que a ação principal é realizada por pessoas, podemos analisar que nele são reproduzidos os valores sociais e culturais de onde vivem. Ainda, dentro dele, temas como o respeito, a humanidade, a competição e a cooperação estão presentes e seguem ancorados ao contexto que se vive.

Elena coloca que percebe a possibilidade de mudar a maneira de viver, através do jogo. Realmente, acreditamos nesse potencial que o jogar o e brincar carregam, pois, a presença de incertezas, de desafios e flexibilidade em pensamentos e ações podem colaborar para a formação de um ser humano que se adapta, que lida com e propõe mudanças, por ter vivido isso antes, em jogos e brincadeiras.

### **Las ganas**

Es verdad que conforme te vas haciendo mayor las ganas que tienes de jugar van siendo menos, también porque tienes más tiempo ocupado, tienes un trabajo y necesita descansar. Cuando eres niño eso no te pasa, cuando eres niño no tienes preocupaciones y todo, entonces se va a emplear ese tiempo de una forma lúdica. Pero si que es verdad que yo estoy bastante relacionado con lo que es el juego, y no me costa nada, aunque veo que hay tenido un cambio por la época o por la edad, sí que es verdad que hago cosas yo que mis amigos por ejemplo no hacen, lo que decimos, ellos llegan al parque dejan los niños que tienen 2,3 o 4 años para que jueguen y cuando yo voy alguna vez ahí en el parque, yo juego con ellos... se hay que jugar a escondite soy el primero que juega, se hay que jugar a 1, 2, 3 pareto, a cualquier juego soy el primero que juega, entonces mi relación con el juego realmente no es la misma de cuando era pequeño, pero yo sigo teniendo-la porque siempre me apetece jugar. Me llaman, me llaman para jugar, hay algunos que te llaman más que otros, unos con más competición que otros, depende con quien estas o con quien juegas y sí que es verdad que he cambiado un poco los juegos físicos por los juegos de mesa, que es una cosa menos activa, pues llega un momento que estas jugando con ellos y te cansas, tu dijés “ya no puedo más o vas a explotar al corazón” pero, sí que es verdad, que yo sigo lo practicando o cuando trabajo porque me dedico a ello o incluso cuando estoy con conocidos porque ellos además te lo piden, es decir, llaman que un adulto juegue con ellos y muchas veces reclaman a los padres y los padres no hacen caso. Pienso que es un fallo, un error, pero bueno, cada persona es un mundo (KIKO).

Kiko destaca que faz coisas que seus amigos não fazem, se referindo a suas experiências de jogar com crianças. Sua postura ao estar com as crianças é de brincar com elas, e percebe

que em outros adultos, mesmo os que tem filhos, isso não é presente. Por sua fala, parece que os pais deixam de brincar com os filhos e passam a supervisionar, organizar para que nada aconteça e que esse momento é exclusivo das crianças se divertirem, e que não é preciso fazer parte dele.

Fala também sobre os aprendizados na relação com o jogo, que com seu crescimento foi modificando sua maneira de jogar, por algo menos físico. O jogo continua presente, mas de uma maneira que se adequa as condições e interesses de cada pessoa, como nesse caso, em que acontece a mudança do jogo físico, para jogos de tabuleiros, de mesa. As pessoas mudam, as vontades e os jogos acompanham.

### **Que el otro no consiga**

La primera cosa que puedo decir es que, cuando saltábamos a la comba, todos intentábamos que al final, todos juntos, podíamos conseguir un objetivo común que era entrar todos en la misma comba y estar saltando toda la vez en una misma comba, que eso se llamaría “Juego de pelotón”, que es entrar todos en una misma comba y yo creo que conforme vamos creciendo el juego toma una dinámica más competitiva. Cuando nos hacemos mayores, queremos más ganar, que el otro no consiga lo que estamos conseguido y creo que eso pues cuando eres pequeño la inocencia de ser niño te hace como que quieras ayudar a los demás compañeros a conseguir lo mismo que tú estás haciendo y conforme creces, pues que la competitividad te va apareciendo más fuerte y al final quieres que los demás pierdan y haya un único ganador que en este caso pues, quieres ser tu (LAURA).

Ainda tratando de mudanças, Laura apresenta sua reflexão sobre como a competição passa a ser mais presente do que a cooperação, conforme as pessoas vão crescendo.

É sobre isso que Brandão (2005) discute quando fala do “lado mais vendável” dos seres humanos, que corresponde ao lado “mais vazio e até mesmo o mais antiético e agressivo” que existe por sermos incentivados, desde criança, a ‘vencer o outro’, e não, a ‘vencer com o outro’ (BRANDÃO, 2005, p. 90).

### **Un lugar seguro**

Bueno, cuando eres pequeño jugar es experimentar, aprender e imitar, por ejemplo yo, jugaba las cartas porque mi abuelo jugaba las cartas, porque mi padres jugaban y yo los imitaba. El tema de hacer muñequitas, mi madre había estudiado en la escuela Massana y pintaba, entonces yo desde pequeña estaba acostumbrada a hacer mis pinturas y también hacia muñequitos. Yo creo que cuando eres pequeño es eso, el

juego, es una parte esencial de la aprendizaje de los niños por base de la imitación y por base de prueba y error, o sea, lo que decía de correr y trepar, se trepas demasiado alto y te pegas un tortazo lo bueno es que no vuelves a trepar tan alto. Luego cuando vas creciendo, yo por ejemplo, me acuerdo que en la adolescencia jugaba muchísimo a rol y creo también que es la manera de continuar ese juego infantil, de roll, de imitación y tal, pero, desde un lugar seguro, porque tu desde ahí puede ser una amazona que me vas cortando cabezas o puede ser un vampiro que se enamora perdidamente del otro, o sea, puede ser lo que quieras, pero ya está, queda ahí, simplemente estas actuando y la adolescencia con todas las emociones que tiene es como se todo fuera real. Pero bueno, tú estás haciendo todo eso y te ayuda a experimentar y empatizar también, porque como estas jugando con otras personas comparte esos sentimientos, esas emociones desde un lugar seguro que no implica, que haya ningún daño emocional porque en real lo que estás haciendo es jugar. Y luego ya, cuando eres adulto yo creo que sirve para... e también cuando eres pequeño, creo que cuando eres adulto, tiene mucho que ver con los lazos, te permite hacer lazos con amigos, con familia, con los niños, te permite jugar, claro, no es el mismo nivel, pero te permite un poco estar a ese nivel que están aprendiendo y tú también aprende un montón de cosas. Hay gente que piensa que no, que cuando son adultos que no aprenden con los niños, ostras, yo al menos aprendo un montón con los juegos y aparte, yo por ejemplo soy disléxica, tengo afasias y a mí, el juego ayuda tener la mente muy activa, entonces, jugar a distintos tipos de juegos con distintas mecánicas, distintas formas de jugar, me permite, a mí personalmente, no sé al resto, me permite mantener la mente activa y reconocer ciertos padrones. Yo, por ejemplo, las frases y los números los veo de una forma distinta y tengo que entender como lo ven el resto de la gente, entonces, a mí, toda esa cosa me interesa mucho. También vi que, en caso de demencia, en caso de Alzheimer y tal que también es muy bueno, todo el tema del juego, precisamente para evitar ese deterioro, para mantener todo bien (ISABEL).

Isabel fala sobre a relação que percebe, de jogar porque seu avô jogava, como vindo de uma raiz de imitação, mas que com o passar do tempo, na juventude, percebe o jogo como lugar seguro, que acolhe emoções e incertezas. No jogo é possível se arriscar sem ter consequências tão graves, é um espaço de poder ousar, acolher e ensinar.

Fala também sobre os laços com amigos e família que são formados. Entendemos que durante o jogo, o conhecer vai para além de si próprio, conhecemos o outro, que é com quem compartilhamos ideias, estratégias, dúvidas, o perder ou o ganhar, preocupações, alegrias e tristezas, e assim, essa experiência possibilita a criação de vínculos.

Isabel revela que aprende bastante com o jogo, contribuindo inclusive em manter a mente ativa, gerando benefícios em cuidar desse lado biológico do corpo. Assim, é colocado a

importância do jogo tanto na parte social, de relações, mas também na parte física, biológica, à medida que consideramos os pensamentos e entendimentos como benefícios, contidos nessa prática.

### **Tener momentos**

Sobre todo, yo creo que, lo que genera en mi vida son momentos para compartir con gente, con amigos, con la familia, yo creo que es lo que nos proporciona, estos momentos que antes teníamos olvidado o que hacíamos otra cosa...yo soy muy jugador de play, de videojuegos y ahora sustituí un poco por eso, por jugar a juegos de mesa. Nos ha aportado eso, de tener momentos de encuentro con gente (CARLES).

Carles coloca em destaque a questão de ter momentos de encontro com pessoas. Os jogos e brincadeiras, pela sua natureza do ‘aqui e agora’ possibilita as pessoas a partilha da experiência presente, se entregam ao que fazem e isso contempla esse ponto sobre ter momentos.

### **Discussão do conjunto de mônadas - O brincar ao longo da vida: aprendizados que nos constroem**

Os aprendizados vindos do brincar e jogar acontecem em diferentes lugares, que podem ser escolares, contextos não formais e informais, pois a educação está presente em todos eles. Ao falar de contexto me refiro a rua, a casa da família, o quintal da vizinha, a casa dos avós, a praça do bairro, o clube de esportes, academias, projetos sociais, grupo de pedal, momentos de encontros, festas, a sala de aula, a quadra da escola, o pátio do recreio, enfim, espaços em que a pessoa esteja e o brincar também. O espaço faz parte do aprendizado, mas daremos ênfase a relação, a experiência que será vivida nele.

A questão principal é compreender que esses aprendizados irão ocorrer em lugares diversos. Considerando o que coloca Brougère (2011), a brincadeira é composta antecipadamente pela aprendizagem social, aprendemos ‘o como fazer’ antes de brincar. Nesse sentido, a base desse aprender está diretamente ligada ao meio social e cultural que cada pessoa faz parte.

Abordando gerações e suas lembranças, é no encontro com pessoas, na partilha de memórias, que aprendemos e reproduzimos práticas sociais e culturais, construímos novos olhares diante as experiências vividas e projetamos também, nosso presente, reconstruções e



outras maneiras de fazer. Como pontua Bosi (1994) “na maior parte das vezes lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

Colocamos em destaque quando brincamos de algo que costumávamos brincar na infância, como no caso do esconde esconde. Podemos lembrar e viver no presente uma experiência já vivida, mas nesse fazer reconstruímos o que e como era o esconde esconde vivido, pois não cabemos nos mesmos lugares que antes nos escondíamos, aprendemos que nosso corpo possui outro tamanho, outra disposição, e ao brincar retomamos aquela lembrança de infância, mas que se tornou outra. Aqui coloco esse exemplo para dizer que, nossas lembranças são reconstruídas pelas ideias de hoje, assim como quando tentamos vivê-las ou reproduzi-las, também refazemos o que foi vivido com o que temos e somos no presente, com pensamentos, desejos, intenções que correspondem a construção do ser humano que somos no momento presente. Podemos não brincar das mesmas coisas da infância quando somos adultos, mas temos os aprendizados que vem dessa referência de lembrança.

Importante dizer isso pois à medida que percebemos essas aprendizagens vindas de outro tempo vivido, podemos carregar e transportá-las para outras experiências. É a partir do momento que o indivíduo tem consciência do que as experiências geram em si, ele passa a refletir e perceber que aprendizados elas proporcionaram, como seguem proporcionando. É um conseguir olhar para o vivido e identificar o que fica, o que ficou, de cada experiência.

O brincar e o jogar carregam transferências das aprendizagens para a vida, é dizer que, levamos conosco o que a experiência de jogar e brincar nos gerou. Isso pode ser manifesto na agilidade do pensamento, na criatividade em receitas, na flexibilidade ao lidar com problemas, na paciência para se relacionar com pessoas, no equilíbrio para lidar com riscos ou mudanças, enfim, um repertório de aprendizados que fazem parte da nossa formação enquanto seres humanos.

Nessa transferência de vivo logo brinco, se revela a união intrínseca e permanente que existe com o passar da vida. Acreditamos que nessas aprendizagens permanentes, porque são contínuas, não finalizamos um aprendizado, não chegamos a um ponto de saber tudo sobre algo, e então, seguimos aprendendo. Entendemos que vivemos e jogamos por toda a vida, e essa relação com o lúdico (jogos e brincadeiras) não se remete ao repertório concreto vivido na infância, mas ao estado de brincar que continua presente em nosso ser, das brincadeiras vividas. Sobre o repertório concreto, enquanto adultos não tiramos um momento do dia para brincar de casinha, chamando essa de experiência concreta, mas em meio as atividades que realizamos no trabalho ou na conversa com um amigo, buscamos o lúdico, seja em uma piada, ou em imaginar

uma situação que divirta o momento. Dessa forma podemos perceber que fazemos essa transferência em diversos momentos do dia e talvez nem percebamos que brincamos com as pessoas ou situações. Assim como Brougère (2011) cita a transferência de habilidades entre jogos, o mesmo também acontece entre jogo e vida.

O brincar é muito abordado e lembrado no universo infantil, por conta de ser a atividade principal das crianças, por ser ele a via direta de relação com o mundo, em que a criança aprende sobre si e sobre o outro. Nesse sentido, o brincar para os adultos, continua proporcionando o relacionamento e aprendizagem consigo, com o outro e com o mundo. Segundo Di Rienzo (2015) “la formación, el aprendizaje, no se realizan en fases, en segmentos sucesivos (escuela, formación profesional, formación continua en el trabajo), sino en un proceso en que tales aspectos se entrecruzan e interaccionan en los diferentes momentos de la vida” (DI RIENZO, 2015, p. 127). Como adultos, no brincar, continuamos sentindo prazer, esquecemos dos dilemas, das horas, e parece que, por ser adulto, temos um repertório que nos orienta para onde ir, pelas preferências que construímos e conhecemos com o passar dos anos. Sem esquecer que a entrega, liberdade e prazer continuam sendo a base dessa experiência.

Se é no brincar que iniciamos nossa relação com o mundo, não condiz aloca-lo de maneira distante de quem somos, e incluso, do que continuamos brincando e jogando no cotidiano. Segundo Larrosa (2018), sobre o que nos atrai na relação com as coisas do mundo;

Aprende-se, digamos assim, no trato com o mundo, com os signos do mundo. É assim, nesse trato, onde se descobre que há coisas que não lhe dizem nada, que são mudas e opacas, insignificantes, que não emitem signos, e há coisas que, no entanto, estão como que querendo nos dizer algo, como que nos chamando de alguma maneira (LARROSA, 2018, p. 62).

Diante disso, observamos os interesses que as pessoas manifestam para alguns temas, algumas práticas. Consideramos que as pessoas, dentro das experiências vividas no cotidiano percebem e se aproximam de fazeres que despertam afinidade, curiosidade, e assim relacionamos com as inclinações profissionais, que podem se manifestar nas brincadeiras e posteriormente nas escolhas que são feitas para que sejam mantidas no cotidiano. São frequentes os casos de pessoas que escolheram como profissão algo que gostam muito ou que possuem prática, habilidade, para determinado trabalho. Nesse sentido, queremos destacar o fato de que algumas atividades podem permanecer na trajetória de vida, de maneira pessoal ou profissional.

Pensando nos estudos, trabalhos e atividades da rotina, conforme Larrosa (2018):

[...] a relação com o que se faz, com o que a pessoa se ocupa (o estudo, no caso dos adolescentes, mas também o ofício) não tem a ver apenas com o eu gosto/ não gosto, nem mesmo com uma questão de talentos ou capacidades (me dou bem com isso/ não me dou bem com isso) mas também com uma maneira de entender a vida e, talvez, de entender a responsabilidade com o mundo (LARROSA, 2018, p. 25).

De acordo com Freire (2013) ao falar de formação permanente é fundamental para esse processo a reflexão crítica sobre a prática, como movimento de pensar no hoje ou no ontem para melhorar a próxima prática. Quanto mais a pessoa percebe e assume como está sendo, mais ela se torna capaz de agir, de promover mudanças.

Trago então a pergunta que faz Rubem Alves (2015) no capítulo “Curiosidade é uma coceira nas ideias”, para refletirmos, “será possível aprender sem que os olhos estejam fascinados pelo objeto misterioso que nos desafia?” Ressaltamos que as mônadas partilhadas revelam adultos que são movidos pelo desejo de conhecer, de se emocionar e aprender em novas experiências.

Nesse sentido, sobre o que move nossas buscas e escolhas na vida cotidiana, Freire (2013) colabora na discussão ao dizer que:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 2013, p. 33).

Existem curiosidades, aspectos que nos desafiam desde a infância e que seguem nos colocando em movimento, em busca da adrenalina, do desconhecido, da completude que nunca chega. Nesse sentido, o ser humano ao refletir sobre si e se compreender inacabado pode se colocar em processos de construção e reconstrução em sua prática, em seus fazeres cotidianos, e se mostra assim, em busca por ser mais (FREIRE, 2011). Para Freire, ser mais é a vocação ontológica dos seres humanos, nascemos como humanos, mas também nos tornamos humanos ao longo da vida, dentro do meio social, cultural e histórico que estamos imersos. E de maneira atemporal, os jogos e brincadeiras também aproximam os seres humanos dessa vocação de ser mais, que já possuem.

Os aprendizados da relação com o brincar também ocorrem nos momentos de diversão, na transmissão de valores, nos momentos em família, em discussões com os filhos e com amigos que partilham a mesma prática de andar de bicicleta, nos desafios corporais no Judô, na viagem que entramos ao dançar forró, nos momentos de amolar o machado, no lúdico que

incorporamos a vida. Da mesma forma, criar e usar os conhecimentos no cotidiano são capacidades que tem o potencial para sustentar e contribuir com as aprendizagens permanentes que conforme Di Rienzo (2015) chama de competências, ao se referir a essas habilidades.

O jogo e o brincar, que transitam no viver se manifestam de maneiras diferentes e também movimentam desejos. É dizer que carregamos a vontade por novas experiências, ao lembrar de bons momentos vividos. Mas conforme Dewey (1979), também acontece o contrário, quando produzem o efeito de interromper e atrapalhar, que novas experiências sejam vividas, as vezes por meio de um comentário, algum gesto que marca de maneira negativa, a ponto de, por exemplo, colaborar para que um menino sinta vergonha ou medo diante a experiência de dançar.

A crença de que toda educação genuína se consuma através de experiência não quer dizer que todas experiências são genuínas e igualmente educativas. Experiência e educação não são termos que se equivalem. Algumas experiências são deseducativas. É deseducativa toda experiência que produza o efeito de parar ou destorcer o crescimento para novas experiências posteriores. Uma experiência pode ser tal que produza dureza, insensibilidade, incapacidade de responder aos apelos da vida, restringindo, portanto, a possibilidade de futuras experiências mais ricas (DEWEY, 1979, p. 14).

Nesse sentido acreditamos que um trauma gerado pode bloquear outras experiências, que poderiam vir a existir, e como consequência, interferir nas aprendizagens que seriam geradas. Diante disso, é preciso cuidado e atenção com as pessoas quem convivemos, de maneira pessoal ou profissional. É fundamental que as relações não sejam opressoras, preconceituosas, limitantes, para não comprometer, não tolher, experiências novas, ou ainda, de outras pessoas.

O brincar, ao longo dessa categoria foi se mostrando presente nas trajetórias de vida e com ele estão diversos significados que foram e vão sendo construídos. Aprendizados que decorrem a partir da experiência brincante e que podem reverberar em diversos processos educativos durante o viver. Sendo assim, enquanto uma prática social, o brincar desvela o repertório de desenvolvimento do ser humano, em meio a vida cotidiana. Também se mostra como o espaço tempo que acolhe e possibilita aprendizagens continuas, que se formam e se reformam.

Importante destacar, apoiados em Oliveira et al. (2014) que práticas sociais geram processos educativos imersos no viver;

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social, cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver; enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (OLIVEIRA et al., 2014, p. 33).

As memórias do brincar e as experiências lúdicas são potências que se mostram vivas dentro da formação do adulto. Afirmamos que os aprendizados vindos das experiências do brincar e jogar permanecem nos seres humanos e transitam pelos contextos sociais e culturais. É necessário pontuar que trazemos o conceito de educação permanente de maneira a revelar o brincar enquanto parte desse repertório humano e de formação, não como algo sistematizado ou compensatório, mas como dentro no vasto conjunto de práticas que nos constroem como seres humanos. O brincar, enquanto prática social atemporal, desvela o repertório de desenvolvimento do ser humano, em meio a vida cotidiana. Também é espaço tempo que acolhe e possibilita aprendizagens contínuas, que são formadas e reformadas pelos seres humanos.

### **4.3 Adultos refletindo e conceituando o brincar**

Essa categoria é composta por trechos em que os participantes da pesquisa fazem suas reflexões diante o tema do brincar e nesse movimento criam conceituações. Se revela como uma categoria em que os participantes fazem seus apontamentos de maneira bonita, poética e verdadeira.

Em seguida, o texto está estruturado em quatro partes de temas, que são I. Conceituando o brincar, II. Reflexões sobre se divertir, III. Brincadeiras e brinquedos: o que guardam? e IV. Encontros e vínculos. Cada tema seguirá a mesma dinâmica de análise e discussão, em que, o título do tema é apresentado, em seguida estão as mônadas, alguns comentários, e ao final, uma discussão das ideias com alguns autores.

#### **I. Conceituando o brincar**

##### **A gente não perde isso**

Então eu acho que não perde, a gente continua brincante, acho que a gente continua a brincar, brincar é uma linguagem, é a linguagem principal da criança, mas a gente não perde essa linguagem, ela continua na gente, não é porque a gente cresce, que a gente perde. Acho que a gente continua brincante, continua a brincar com as coisas, com as palavras, com o som, com o corpo, com o outro... acho que a gente não perde isso (VITOR).

##### **Estado de investigação com o mundo**

Tem maneiras e maneiras de entender o brincar, e eu não consigo, não trazer o meu lado profissional da área nesse momento. Tem muitas maneiras de entender o brincar, e eu acredito muito e penso, mas quando me falam do brincar, eu automaticamente vou para o brincar livre, não penso tanto no brincar dos jogos, não penso tanto no brincar dirigido. Por alguma razão eu entendo que a essência do brincar está nesse brincar livre, e um estado da criança, que é presente em todos os brincares, os dirigidos, os não dirigidos, os jogos, que seja, que é essa maneira com a qual a criança se relaciona com o mundo. Eu digo sempre que existe o brincar e a brincadeira e que elas não são a mesma coisa, a brincadeira é a atividade em si e o brincar é o constante estado da criança em relação ao mundo, que passa, mas não apenas pela brincadeira, passa por todas as atividades e pela relação que a criança estabelece com o que ela está fazendo a todo o tempo, no mundo. Então eu acho que eu estou pensando especificamente nesse brincar livre, nesse brincar que é uma relação com o mundo. E

é esse brincar que é um estado de investigação, que quando a criança está nesse estado de brincar livre, ela está nesse estado de investigação com o mundo, de descoberta de “espera, o que é isso tudo em volta de mim?” Como eu tateio essas coisas, esses objetos, essas atividades, essas pessoas em volta de mim, esse ir descobrindo a medida que vai fazendo, que vai se relacionando com o mundo. E que não é dizer que isso não está presente no brincar dirigido, que não está presente nos jogos por exemplo, está, mas não apenas ali, então fazendo essa introdução para de repente pensar que esse brincar que eu estou pensando, esse brincar é: estar em estado de investigação com o mundo e... como uma artista que eu gosto muito, que é com quem eu trabalhava, a Stella Barbieri fala que “a criança está sempre inventando novos mundos” eu acho isso muito bonito... eu acho que é esse o estado do brincar mais bonito, e eu penso nisso, para achar que o brincar está na minha vida hoje, nesse inventar novos modos de se relacionar com as pessoas (LETICIA).

### **Mesmo lugar**

Atualmente eu tenho, a gente criou, um material bastante vasto para uma relação brasileira, diferentes realidades do Brasil, e sobre isso agora eu estou com uma vontade de sair para o mundo, de ver o brincar em outras comunidades, outros lugares, outras línguas, outros jeitos de ser, outros corpos, outros gestos, como eles se dão....pegar temas bem simples como, escorregar de moro, e esses temas que são para além de um repertório, de cultura popular, brincadeira e tal, cavoucar o chão...como que isso acontece pelo mundo afora? Coisas bem genuínas assim, até certamente com um olhar de uma rede de...de um repertório mais cultural, desse patrimônio da humanidade, mas também olhar para gestos humanos que são absolutamente recorrentes, mas de tão simples a gente nem quer saber deles, sabe?! E esse lugar de olhar o simples é a força de tudo isso, com mais simples, o mais potente e forte que tem sabe?! Porque ela é mais humana ainda, porque cavocar o chão, pensa se alguém no mundo não passou por esse gesto, entendeu?! (risos) Ou seja, o que mora aí? Sei lá, enfim... São várias questões de poder olhar, sabe? Mas tudo isso, por exemplo, falar disso já é uma coisa de poder se pensar...é a mesma sensação que eu tinha quando eu subia na plataforma nos 10 metros e falava “nossa isso aqui tá me mobilizando a me atirar aqui” Então é esse mesmo lugar, “nossa eu quero ir atrás”, sei lá, de viajar o mundo, de me atirar em outros...que não deixa de ser uma brincadeira também. (risos)...então é isso (RENATA).

### **Uma brincadeira, de estar ali se divertindo**

Quando você falou de fazer essa entrevista, para sua pesquisa, me veio na memória... meu pai é falecido, ele faleceu... e ele faleceu logo após fazer um vídeo, ele foi convidado para contar um pouco sobre as atividades que ele fazia e meu pai

tinha um raciocínio de que... o meu pai se aposentou muito novo, acho que próximo dos 50 anos ele se aposentou, mas ele continuou trabalhando e ele gostava muito de ler, meu pai era professor de química, foi Engenheiro Químico e ele quando se aposentou, buscou fazer atividades que ele não estava habituado a fazer e o raciocínio era de que estimularia os neurônios, que a gente vai perdendo quando fica mais velho, então ele foi buscar fazer coisas mais relacionadas a arte, que era algo que ele não fazia muito, pra tentar estimular a permanência e a produção de neurônios e nessa entrevista que ele deu pra contar um pouco sobre as artes que ele fazia para uma empresa que estava filmando e mostrando pessoas que estavam com mais de 60 anos, que tinham hobbies, eram ativos e meu pai estava mais voltado para essa questão da arte, aí ele fala na entrevista, que ele acha bem legal fazer as esculturas, as pinturas dele, porque para ele não passa de uma brincadeira, como uma brincadeira de criança, mas que quando se é adulto, se torna uma coisa séria, e então as pessoas acham “que lindo que maravilhoso, você pensou aquilo?” e tal, e pra ele não passava de uma brincadeira, de estar ali se divertindo e brincando... então é um pouco do que eu acho, da minha rotina do dia-dia, desde o aquário até a composteira, até a organização da casa mesmo, pra mim é um passatempo, um hobby, que eu me divirto, que eu gosto bastante. Agora com a minha filhinha que está com 2 anos e meio, então eu fico aqui brincando com ela, e isso não faz só bem pra ela, faz bem para mim também... acho que é isso (EDUARDO).

### **Vamos fazer uma coisa que a gente não tem a menor ideia de onde vai dar**

Claro, que isso nasceu também de uma possibilidade de hoje estar muito próximo de crianças...porque existem canais, então, eu comigo, eu com crianças, eu com os meus filhos, eu com os meus amigos, então abrem-se portas diversas, eu com os meus filhos, por exemplo, é um lugar que eu me convindo muito mais há uma relação ousada de não saber nada, “vamos fazer uma coisa que a gente não tem a menor ideia de onde vai dar, o que é”...isso é brincar para mim, é o não planejado, é uma abertura plena do estar presente, a presença, essa relação muito do aqui agora, sabe...que eu não tenho uma ligação com nada que está para além desse momento, isso você trás mesmo desse lugar desde a infância, que nível de presença você tem naquela ação... e então por exemplo, com os meus filhos nesses momentos que você se dá, se joga, se entrega, não no nível de propor, mas no nível de estar junto, de dizer “E aí? Vamos tentar, vamos fazer?” ... nossa isso é um alimento para mim, e para muito além de ser algo que é importante para eles, é importante para mim e isso cria esse lugar desse vínculo que é retroalimentado, e com filho é diferente de por exemplo, um grupo de crianças, ou uma ação mais livre com crianças, porque vem junto um lugar de afeto, que tem uma outra energia, enfim, que você tenha isso talvez, não só com filho mas também com sobrinhos, familiares mais assim (RENATA).



## Una especie de Peter Pan

Yo recuerdo que cuando se perdía la motivación, cuando te aburrías, ya está, o lo cambiabas o jugábamos a otra cosa, eso o una riña, y ahí una discusión y aprendías a gestionar, a cómo gestionar los conflictos y asumir el riesgo que hoy en día está un poco perdido y también a veces me da la sensación de que los adultos también queremos...invadimos el espacio de los niños y queremos estar con ellos y parece que en el espacio de jugar yo solo puedo jugar se estoy con niños...ya no puedo jugar contigo, que vayamos a jugar el Padel, o vayamos a hacer runnig, o vayamos a jugar a, yo que se, o a Escape room no? Pero yo estoy convencido de que se ahora nos vamos a un parque tu y yo a tirarnos a un tobogán, yo creo que vendría incluso la policía a decir “bueno, ¿ustedes que hacen? Estos son para niños de 12 años, ¿qué les pasa? ¿Si están tomando la medicación?” o sea que, y se te ven con un niño no, y porque no? Porque no podemos seguir jugando, si resulta que me estás diciendo que la gamificación va hacer que yo renda más que sea más feliz y más contento, es necesario que tenga que ser en el ámbito laboral? La verdad es que yo no he parado nunca de jugar, entonces no tengo la sensación de como que de la infancia me hago adulto, pues la adolescencia la pase en la montaña, los fines de semana acampado en la montaña, con los Scouts, fue como pase la adolescencia, entonces no tuvo este cambio tan radical como tiene otra gente. Sigo atrapado ahí en una especie de Peter Pan (risos) (VICENTE).

## Não dá para dissociar quem eu sou do que eu brinquei

Eu diria que grande parte do que eu sou está relacionado com o brincar e gera coisas em muitos sentidos, acho que vários conhecimentos que eu tenho sobre mim mesmo, eles estão relacionados com eu brincar, com eu ter aprendido brincando, aprendido coisas sobre mim brincando, seja sobre minhas capacidades físicas, seja sobre os meus comportamentos, e eu acho que ele gera coisas para minha vida, na forma com que eu me relaciono com as pessoas, na forma com que eu encaro os problemas do mundo, eu acho que não dá para dissociar quem eu sou do que eu brinquei e do que eu aprendi. Porque o brincar me torna quem sou eu, se não tivesse o brincar seria outra pessoa que não é essa pessoa que você conhece. E o que reverbera na minha vida, é porque até hoje, tudo que eu brinquei e fiz, eu ainda uso isso como trabalho e eu ainda sou privilegiado de trabalhar em um lugar que eu não sou alienado, que eu não preciso seguir um formato, porque tudo que eu sou faz parte. Para mim o brincar é essencial para a vida. Não dá para não ter e que, faz a gente enfrentar muitas coisas que a gente nem sabe direito o que é, mas a gente acaba enfrentando e aprendendo brincando. Eu sinto que se os adultos brincassem o mundo iria ser um tanto quanto melhor, sabe? Acho que as pessoas iriam se entender mais e deixar de serem tão frias e distantes... acho que na cidade de São Paulo isso é bem louco, assim...

eu acho que o brincar desperta, de alguma forma a nossa essência, do que a gente é de verdade, lá do fundo, até as coisas ruins (risos)... até essas (FÓSFORO).

### **Para mí, jugar es...**

Para mí, jugar y participar de un juego es mostrar una actitud ante la vida, una actitud de curiosear, de estar fascinado por explorar, por experimentar, por descubrir, por dejarse sorprender. Para mí, jugar y participar de un juego es participar de una experiencia que contribuí de una manera, de una forma muy directa y profunda, y de bien estar emocional y de bien estar relacional, es una manera de reconocer que en cualquier momento esa actitud pode estar presente. Cuando hablas con alguien y haces una pequeña broma lúdica y estas jugando con las palabras, a veces, cuando estas con un familiar pequeño y le propones algo muy fácil, muy rápido, digamos espontaneo, donde no es necesario más que compartir una sonrisa. Para mí, jugar es lo más importante de mi profesión, saber que para mí, jugar es una herencia, una herencia de mi cultura, la herencia que los dados que he podido recorrer dicen que mi cultura, la catalana, la española, mediterránea, igual que otras culturas, es muy importante. Los juegos que están asociados a relaciones interpersonales, los juegos paliativos, y eso para mí es jugar y sus significados. Jugar para mí también es fruto de ese legado cultural, es competir as veces y enfrentarse a saber que puedes ganar o perder, pero también es compartir, donde no es necesario en muchas otras ocasiones comparar los resultados y saber que uno gana o pierde, a veces eso no ocurre, para mí, jugar es también eso. Para mí, jugar es una forma de aprender cualquier área en cualquier disciplina y en cualquier contexto...cuando participamos de una reunión que sea muy seria o de un coloquio como lo que tuvimos la suerte de compartir, ahí no dejamos as veces, de en diferentes momentos, mostrar esa actitud lúdica, cuando comemos, cuando conversamos, fuera de esos escenarios más formales. Jugar, por lo tanto, diría que hoy en día, a mí, me representa y representa la vida, la vida es un juego y aprender a vivir es aprender a jugar, porque aprender a jugar es todo que lo dicho antes, aprender a estar, aprender a ser, aprender a relacionarse, aprender a comunicar-se...la vida es aprender a interpretar los mensajes que nos da los nuestros contextos (PERE).

A seguir faço alguns breves comentários diante as mônadas reunidas.

Vitor na mônada **A gente não perde isso** fala do brincar, enquanto uma linguagem que não se perde ao longo da vida.

Leticia em **Estado de investigação com o mundo**, coloca que a essência do brincar está no brincar livre. Em um estado de presença, um constante estado da criança em relação ao

mundo. Revela que o brincar está em sua vida no inventar novos modos de se relacionar com as pessoas.

Renata na mônada **Mesmo lugar** aponta para o ato, a coisa simples como a força de tudo. Coloca o exemplo de cavar o chão para refletirmos sobre o que mora nesse ato. Também destaca sobre o que mobiliza o salto na piscina, a viagem, o atirar-se, que vê como brincadeira.

Eduardo em **Uma brincadeira, de estar ali se divertindo** conta sobre uma lembrança com seu pai e que percebe nela a tentativa das pessoas, de deixar séria a brincadeira do adulto, mesmo quando revelada como um momento de diversão.

Renata em **“Vamos fazer uma coisa que a gente não tem a menor ideia de onde vai dar”** fala sobre o brincar ser o não planejado, a abertura, o estar presente. Comenta também da importância que tem em sua vida, como um alimento, como um lugar de vínculo.

Vicente em **Una especie de Peter Pan** nos fala que nunca parou de jogar e que sente que passou direto da infância para o adulto.

Fósforo na mônada **Não dá para dissociar que eu sou do que eu brinquei** conta como percebe que o brincar o constrói enquanto ser humano, com os aprendizados nas experiências pessoais e profissionais.

Pere em **Para mi, jugar es...** compartilha sua reflexão diante o brincar, e em algumas palavras como participação, curiosidade, surpresa, experimentar, deixar, bem estar (emocional e relacional) nos mostra o que é o brincar pelo seu entendimento. E diz que, em qualquer momento essa atitude pode estar presente.

### **Discussão do conjunto de mônadas – Conceituando o brincar**

O que mora ali? Com uma pergunta que parece simples começamos essa discussão.

O brincar é um fenômeno de muito interesse por educadores, poetas, filósofos, psicólogos, então a proposta é de olharmos para ele partindo de como os sujeitos dessa pesquisa o colocaram e tentar compreender o que mora nele. A ideia não é defini-lo definitivamente, mas apontar elementos e características que componham compreensões sobre o conceito, incluindo perspectivas sobre ele na vida adulta.

Começamos destacando que o brincar nasce da vontade e cresce diante a curiosidade pelo mundo, nos seres humanos. Começa, cresce, desenvolve e termina. Parece inclusive com nossa dinâmica de vida no mundo, com a vida animal, com a vida das plantas, com uma dinâmica viva. A diferença é que ele pode terminar e começar muitas vezes, e de maneiras diversas de como brincar, o viver não.

O brincar se revela como linguagem, sendo a primeira maneira que a criança se apropria do mundo, das relações consigo mesma, com o outro. Uma linguagem construída por sentidos e significados múltiplos, que estão na fala, no toque, nas sensações físicas e subjetivas, que estão no contexto social, cultural, nas pessoas e nos espaços. O brincar, enquanto linguagem tem início quando somos muito pequenos e continua sendo depois, quando mais velhos nos tornamos. Continua sendo a maneira que os humanos encontraram para se se comunicar, ensinar e comandar como aponta Huizinga (2017).

Enquanto atitude, destacamos o brincar na ação concreta, de partir da vontade e se realizar em algum fazer, como quando acontece a brincadeira de casinha, ou no jogar bola, ao inventar uma história com as nuvens, enfim, no ato que é realizado pela pessoa.

Da maneira a ilustrar mais algumas características do brincar, criamos um texto em que os elementos acontecem concomitantemente e compõem o exemplo a seguir, de uma festa.

No brincar está contido o *não planejado*, aquilo que aparece de *surpresa*, como um convite para festa em uma segunda-feira à tarde. Falto do trabalho e estou *livre* para escolher. Me coloco em *abertura*, para aceitar o convite mesmo sem entender exatamente do que se trata a festa. A *curiosidade* por *querer descobrir* o que vai acontecer. A festa começa, a *participação e experimentação* acontecem juntas, participo da festa, passo por aquele momento. Ao permitir, deixo ser o que o inevitável trouxe para a festa. Conheço pessoas, converso, *crio vínculos*. Me divirto, *me entrego*, danço, canto, *sinto o prazer de estar* da festa. Percebo *durante e ao final* da festa que foi *encantadora* a experiência. Acaba a festa vou embora. Outro dia recebo um convite da amiga que conheci na festa... *me atiro* e vou para uma nova *experiência*.

Conforme aponta Dantas (2011) o brincar acontece inicialmente na liberdade e no individual, sendo a pessoa, de maneira livre que escolhe brincar. O que vêm disso são consequências que farão parte, como o prazer, os vínculos, mas inicialmente é necessária a condição de liberdade.

Alguns autores como Huizinga, Caillois, Buytendijk, falam do brincar como presente na sociedade, no ser humano, na natureza. Enquanto que autores como Kishimoto, Friedmann, Tonucci, colocam o conceito associado ao universo infantil. Isso para pontuar que encontramos o conceito do brincar muito presente e abordado com relação à criança e também ao que corresponde a sociedade, o ser humano. Mas, dentro dessa dinâmica, as produções e pesquisas que apontam para o brincar na vida adulta, parece ficar sem um terreno firme para debates, fazendo referência a um conceito que não condiz, em sua totalidade, com o que o brincar revela ser, se olhado enquanto atemporal. Parece que ou nos reportamos ao brincar da infância, ou o conceito não existe e é com foco nesse contraponto que essa pesquisa se compromete.

Segundo as mônadas, os adultos apresentam alguns elementos do brincar que são: atemporalidade, o não planejado, surpresa, abertura, curiosidade, o querer descobrir, a participação, experimentação, criação de vínculos, a entrega, a relação interpessoal, sentir prazer, o estado de brincar, o encantar, compartilhar, aprender, se atirar, a experiência. Todas as características vieram dos entendimentos de adultos, e cada palavra nos ajudou a refletir sobre como esse fenômeno continua a existir ao longo da vida. Assim como diz Huizinga (2017) em sua “significação primária” ou ainda, em sua “forma significante”, por adultos, em suas perspectivas pessoais, sociais, culturais, relacionais com espaços e pessoas.

Afirmamos que **a gente não perde isso**<sup>4</sup>, não paramos de brincar, só não brincamos mais como já o fizemos na infância. Talvez o equívoco esteja em esperar que ao falar de brincar, nos reportamos aquele repertório já vivido nas ações concretas, no brincar de fazer comidinha na terra, brincar de casinha com bonecas, brincar com carrinhos no tapete com os amigos, enfim, exatamente essas brincadeiras podem não despertar interesse ou corresponder aos desejos dos adultos e mesmo quando brincamos das mesmas coisas, como empinar pipa, jogar bolinha de gude, jogar vídeo game, brincar de esconde esconde, a fazemos por outras intencionalidades, seja pelos vínculos com amigos, por querer interagir com outras gerações como filhos ou sobrinhos, para aproveitar a tarde fazendo algo divertido, enfim, podemos também brincar do mesmo, mas a ação concreta ainda será diferente do que quando vivida na infância.

O brincar, enquanto adultos, corresponde ao interesse do momento que estamos. A intencionalidade para o brincar condiz com o momento que estamos, no sentido de que, enquanto adulta brinco com as palavras para conversar com meu chefe para indicar que gostaria de uma folga na semana, e uso de um comentário engraçado para expressar isso. Ou quando na cozinha me encontro em um estado de investigação com os alimentos até descobrir como farei o almoço. Ou ainda quando me reúno com amigos para jogar um jogo de tabuleiro e ter um bom momento em coletivo.

A questão é que, o brincar continua a existir no viver, mas se manifesta de outras maneiras, pois assim como mudamos, o brincar nos acompanha também se transformando, e continuamos brincantes. O brincar vem de gerações passadas, como coloca Pere, é uma herança que carrega história, características da cultura e que fazem parte de nossa formação. Brincadeiras e jogos tradicionais contemplam essa atemporalidade, pois continuamos brincando e ensinando sobre isso, nas relações com as pessoas de todas as idades.

---

<sup>4</sup> Os trechos em negrito fazem referência ao título das mônadas dessa categoria.

No **estado de investigação com o mundo** é como ficamos ao brincar. Nesse estado a curiosidade, a criatividade nos move para a experiência de brincar. Nesse sentido, segundo Huizinga (2017) coloca que “reconhecer o jogo é, forçosamente, reconhecer o espírito, pois o jogo seja qual for sua essência, não é material” (HUIZINGA, 2017, p. 6). Importante aqui o destaque para o estado de presença, de entrega no que se vive, que é quando a pessoa está de maneira integral em uma atividade. Isso acontece quando algo nos envolve por inteiro, e mesmo outras coisas acontecendo ao redor, o que importa é a atividade que a pessoa participa. Nisso está incluso a relação consigo, com o outro, com o contexto em que ocorre.

Nesse sentido tratamos de um **mesmo lugar** que existiu na infância e continua a existir no adulto. Ao falar desse estado de brincar, falamos de um fio que une nosso ser por inteiro, nos conecta a tudo que vivemos, é como o desejo de atirar-se na piscina na infância que continua a existir ao atirar-se em novos projetos de trabalho, em uma viagem, enfim, que nos move no presente assim como acontecia na infância. Conforme Huizinga (2017) ao falar sobre a origem de grandes forças da vida civilizada, coloca que “tem suas raízes no solo primitivo do jogo” e assim que miramos para as experiências citadas, que compõem a vida cotidiana (HUIZIGA, 2017, p. 7).

Continuamos buscando o prazer, **uma brincadeira de estar ali se divertindo**, em que para o adulto também é importante e necessária. Em sociedade, tentam deixar sério, ou dar uma roupagem de seriedade, quando é o brincar do adulto, como se não pudesse ser o brincar por nada e para nada, ou melhor, para o desfrute e apenas por ele. Sério, no sentido de que é algo produtivo, útil como no caso da pintura de quadro do pai de Eduardo, que, na verdade, era o brincar pela diversão, o motivo principal. Conforme Brougère, “a seriedade mata o jogo” pois justamente uma característica importante é o brincar e jogar enquanto um espaço sem consequências, “frívolo” que oferece um “espaço específico de experiência” sem preocupação. (BROUGÈRE, 2003, p. 209). Assim, um momento de estar para e pela diversão que ocorrer.

Nesse sentido, o brincar propõe; **vamos fazer uma coisa que a gente não tem a menor ideia de onde vai dar**, e assim, revela sua característica de incerteza, do que não é planejado. O brincar nos coloca nesse estado, de agir, lidar, inventar, nessa possibilidade, que pode ser alimento para alguns e desafio para outros, considerando o quão metódico ou planejado for o adulto.

Mas encontramos **uma espécie de Peter Pan**, ainda nos dias atuais, em que os adultos revelam realizar os desejos e ainda sonham. Está aceito que crescemos, isso é fato, a recusa é diante o parar de brincar. Se entendemos o potencial criativo, divertido, social, cultural que o

brincar continua contendo, é fundamental valorizar essa experiência como parte de uma relação contínua, atemporal no viver.

Concordamos que **não dá para dissociar quem sou do que eu brinquei**, pois o brincar é gerador de aprendizados, de relações, reflexões, sentimentos, emoções, de aquisições físicas, de lembranças. Se não tivéssemos brincado seríamos diferentes, pois ele marca e se reverbera em nossas construções enquanto seres humanos.

**Para mi, jugar es** aprender a viver, e vivendo, perceber que é preciso continuar jogando para continuar aprendendo.

O brincar na vida adulta carrega sua raiz vinda da infância, a essência é a mesma, mas o ato concreto não. O brincar passa por transformações ao longa da vida, assume maneiras de se manifestar diferentes, em formas, temas, gestos, falas variadas. No adulto existe o brincar genuíno, vindo de outras fases da vida, pois está intrínseco no viver do ser humano. O brincar está nas memórias, no gesto que ainda sabemos fazer de uma brincadeira, na expressão que ainda usamos na fala, na personalidade que construímos, está em nós e na vida cotidiana assim como a fala, que aprendermos como usar quando crianças e continua, de maneira mais articulada, contida ou não, enquanto adultos. Aprendemos a brincar e não esquecemos, não perdemos. Talvez, com o tempo perdemos o tempo, a capacidade física, elementos que faziam parte do brincar, mas o brincar em si, não perdemos.

Nos referimos ao brincar e o consideramos como sendo um estado de ser, de estar. Que vivemos na infância e continuamos a viver por toda a vida. Pois brincar é um desejo, uma intenção de algo que vale por si só, no fim em si mesmo, sem planejamento do que aquilo irá agregar. Durante o brincar ou mesmo depois podemos perceber aprendizados, ganhos, mas a intenção para brincar não se funda no que vem por meio dele. Ele ocorre de maneira livre, no momento que surgir, sem tempo de duração, só entrega, por parte de quem brinca.

Ao falar que o brincar pode acontecer em qualquer momento, isso quer dizer que, pode aparecer dentro de atividades em família, do trabalho, no estudo, no lazer, e também em qualquer idade. Ele está imerso no ser humano. Pode se manifestar em momentos e tarefas da vida cotidiana e de maneira atemporal, no viver.

Por meio dessa análise, percebemos que o brincar está presente na vida adulta, e que é preciso olhar por uma perspectiva diferente. Por meio das falas dos participantes é apresentado que o mesmo processo acontece, no desejo e busca, nos processos de aprendizado, nas relações com pessoas, na reflexão de si com o mundo. Se não validarmos que o brincar acontece, de outra maneira, corremos o risco de continuar considerando o brincar apenas no molde em que acontece unicamente na infância.

## II. Reflexões sobre diversão

### Porque que a gente precisa parar de brincar?

Para mim, parte desse distanciamento é porque as outras pessoas se distanciaram, porque eu vou te falar, se todo dia me chamassem para brincar na rua, eu iria feliz, sorridente, contente, tipo, melhor coisa que eu posso fazer. Mas é isso, pra mim o entendimento é que, as pessoas crescem, e aí as pessoas começam a se importar com outras coisas, em geral, na adolescência que rola o processo, então brincar não é mais tão divertido... eu acho que é um processo de amadurecimento, mas dói de pensar que... como assim? Porque é um prazer, é muito dahora e porque que a gente precisa parar de brincar? E aí, de alguma forma, parece que o permitido socialmente é o esporte... o esporte pode, videogame pode, inclusive para adultos, videogame pode e está tudo bem, mas assim, brincar brincar, não pode. E é super desafiador, eu fico pensando quantas brincadeiras insanas eu faria com adultos, se eu conseguisse estar com adultos. A minha última criação, foi o queimada com rouba bandeira e, eu brinquei três vezes com as crianças e é muito divertido, é muito difícil, porque você tem que defender a bandeira e desviar das bolas e não tem como você ficar de costas para o campo adversário, só vendo o cara que está com a bandeira, porque a bola pode vir e te queimar a vida, então... essas brincadeiras, cara, porque que a gente não pode fazer como adulto? Mas eu acho que é na adolescência e eu acho que está relacionado também com a cultura de álcool e o lance que as pessoas começam a se interessar pelo sexo oposto, e acho que é isso, em geral as pessoas não brincam... e para mim, foi muito tardio esse lugar, de se interessar por meninas e conseguir lidar com isso, porque para mim sempre foi uma questão também, de ser muito tímido e não saber como fazer as coisas, tipo, como conversar, enfim, totalmente perdido. E é isso, as pessoas foram parando de brincar e eu acho que a minha saída foi ir para os jogos virtuais, então, ao invés de eu ficar no condomínio, brincando e jogando insanamente, eu comecei a ficar na casa de um amigo meu, jogando vídeo game insanamente, que seria a substituição (FÓSFORO).

### Cuando habla el corazón?

Yo otro día hablaba con mi mujer de que yo tengo 45 años y siempre estoy haciendo cosas para termina-las para logo hacer lo que yo quiero y nunca llega ese momento de “ostia, quiero dedicarme a esto, quiero hacer eso y olvidarme” es como hoy, después de la entrevista, me voy a casa, al inglés, después llegas y haces no sé qué, pasear con el perro y al final del día “quería hacer algo”... sí que me doy cuenta que, no le damos la importancia que tiene, es como, voy dedicar tiempo al que me gusta mañana y te das cuenta que ha pasado 10 años y dices “llevo 10 años que no me



aburro” necesitas tiempo de estar... Pasa que se no haces nada, o se estas jugando, te sientes un poco culpable como, debería estar haciendo esto otro y la verdad es que este año que entra, uno de los propósitos era esto de decir, “ya está, ya está bien” es como, “ya hecho números, ya he vivido más do que me queda por vivir” digamos... la media está en 75 años, yo ya he vivido, ya hecho, voy vivir menos de lo que viví hasta ahora, entonces que, pues voy a empezar y debía ter hecho mucho antes, pero bueno, la escala de valores, lo mejor hay que revertir, porque después resulta que cuando te juntas con la gente y hablas todo mundo también añoramos eso. Es como que cuando habla el corazón, lo importante son estos momentos de juego, de disfrute, de hacer tal, pero cuando habla la cabeza no, cuando es la mente la que piensa es cuando en realidad se convierte, o sea, eso es como “que haces? (VICENTE).

### **O que eu quero fazer na próxima hora?**

Então esse momento meu, agora, é um momento que a história me permite mais tempo e mais espaço para essa brincadeira, aqui ou na minha casa, ou em uma colônia de férias. Onde vou posso brincar de jogar pedrinhas no lago, por exemplo, e isso está muito associado a questão da liberdade e da permissividade. Uma ponte importante na questão do brincar da criança e do adulto, adulto aposentado como no meu caso, é que a gente está para a sociedade no tempo da inutilidade. A criança não produz, a criança consome no caso, o aposentado não produz mais, então não é uma força ativa e nesse momento, esse ócio, digamos assim, pode ser canalizado para algumas coisas, como vícios. Como exemplo, talvez na criança, a internet, os tablets os vídeos games e no adulto talvez os jogos de azar, como, de ficar presos a coisas que agora mesmo livres se tornaram senhores do tempo deles, "ah eu não fico um dia sem jogar bocha, eu todo dia encontro os amigos para jogar buraco" e tudo bem, é um jogar, mas é um jogar aprisionado. Então acho que esse momento meu, agora, é perguntar para mim: “o que você quer brincar agora?” E essa questão da troca também, para mim é um brincar, o que eu estou fazendo com você, porque estamos trocando figurinhas a respeito de pesquisa, a respeito desse tema com o qual você gosta de brincar e eu também, então, esse momento de poder se permitir, poder ter escolhas, "o que eu quero fazer na próxima hora?" Porque enquanto vinculado a força de trabalho e tal a próxima hora eu tenho que dar aula, eu tenho que fazer algo, dentro dessa sociedade que quando pergunta para a criança o que você vai ser quando crescer, está falando do trabalho dela, no que que ela vai trabalhar (PAULO).

### **Mantener-me bien**

El juego en mi vida, el juego es practico, muy práctico, es decir no juego a los juegos de móvil, no juego a videoconsolas...tengo videoconsolas y alguna vez, alguna vez, pues, estoy en casa y no puedo salir o se meto a ver la tele, lo mejor juego, pues

realmente el juego en mi es muy práctico, si puedo jugar a juegos de mesa, juego, se puedo jugar a juegos de calle, juego, así que es muy práctico, eso por un lado, por otro el juego realmente, para también intentar mantener dentro de mis costumbres. Desde toda la vida he practicado el futbol, pero llega un momento que no puedes practicar como practicaba antes, en el nivel de competición alto, pues ahora sigo entrenando como una actividad más. Sigo jugando a beets con los amigos como un juego libre pero si que es verdad eso, el juego lo he modificado un poco como una actividad más, porque no me gusta el gimnasio, no me gusta el nadar por nadar, o el correr por correr, siempre me gusta el juego con relación a los, a otra gente entonces he intentado eso, correr el juego y utilizarlo como una actividad más también para mantener-me bien pero siempre con relación a otras personas y ahora pues hoy en día practico futbol y padel, o tenis, o deporte así un poco de competición porque al final eso acaba estimulando un poco (KIKO).

### **El placer de pasármelo bien**

Yo soy de estos que dicen “maestro de todo aprendiz de nada” o “quien mucho abraza poco aprieta” o cosas castellanas así, bueno yo juego muchas cosas pero no domino ninguna porque mi objetivo es pasármelo bien, conocer gente, conocer culturas a través del juego, entonces juego muchas cosas pero no domino ninguna, mi objetivo no he sido nunca destacar ningún juego, no juego a perder nunca siempre juego a ganar, no es que sea competitivo pero no entiendo que se juegue a no ganar, en un juego si lo objetivo es ganar, yo quiero ganar, pero siempre hay un punto en mí que por encima del placer de ganar esta el placer de pasármelo bien y si yo juego y veo que puedo ganar de mucho al otro, pues no me lo paso bien o se veo que el otro me va ganar de mucho pues tampoco lo paso bien y lo importante es, bueno ir ajustando el ritmo, a compartir, la conversación que hay en el juego sin renunciar a ganar...entonces yo sigo me relacionando mucho con el juego (VÍCTOR).

### **A vida se torna divertida**

E eu tento transformar as coisas mais sérias da minha vida, como por exemplo, eu sou motorista da USP, eu tento transformar, mesmo que de uma forma muito responsável, a minha atividade laboral em brincadeira, por exemplo, as vezes eu estou voltando de madrugada, de São Paulo, só eu ali, sozinho no carro, então eu começo a brincar com os números por exemplo, vou brincar de tentar adivinhar em quanto tempo, exatamente eu vou passar por determinado ponto, em quanto tempo eu vou chegar em São Carlos, então eu começo a brincar com os números matemáticos ali e fazer uma prospecção de que horas eu vou estar passando no pedágio de São Carlos, e a brincadeira é a seguinte, se eu acertar em uma margem de um minuto pra mais ou pra menos, eu posso chegar em casa e tomar uma dose de whisky, se eu não acertar,

eu não vou tomar nada, eu vou chegar e dormir, daí eu vejo que essa é uma forma de brincar, então é lógico, não dá para propor isso como um brinquedo, e outras pessoas veriam isso como, “nossa eu tenho que acertar essa conta e se eu não acertar é porque eu sou burro e tal” mas não, é um tipo de brinquedo interno, só meu e eu criei, e eu acho que de várias formas, por exemplo, eu vou cuidar do quintal, então eu tento tornar isso dentro de uma lógica lúdica, de forma que ela se torne uma... a gente sabe que é uma brincadeira interna e que vai trazer menos stress, vai trazer menos característica de compromisso, pra aquilo que é um compromisso mas com uma roupagem de diversão, como uma coisa de fazer aquilo para passar o tempo, e aí eu acho que boa parte das minhas atividades obrigatórias, acabam se tornando divertidas e aí a vida se torna divertida (JOEL).

### **Añoro**

Añoro más el juego físico y jugar para mí también tiene una componente física muy importante y no la encuentro, no encuentro la energía que tenía antes ni el tiempo entonces estoy digamos que volviendo otra vez a incrementar el juego mental y el juego de relación...la relación con las personas para mí, todo es un juego, cuando estoy conduciendo estoy de alguna forma jugando, jugando no meter la pata entre algunas cosas y en cuanto juego, pues ahora te tengo que decir como la cosa ha ido a menos en cuanto actividad física, por falta de tiempo y otras cuestiones se he incrementado mucho más el juego de mesa. Un grupo de amigos que quedamos y vamos hacer una partida de lo que sea, hacemos también la cena y comemos juntos, en familia. Y de hecho, ahora estoy en un grupo que soy el encargado de conseguir una serie de juego, que toda vida no ha salido y esperando que sea de nuestro gusto...que tiene que ver más con el mundo de la fantasía mas más en la narrativa, como un libro narrativo, que tú vas seguido diferentes caminos y con tus decisiones, pues también hay juegos de este estilo que están muy bien, y claro, como no tienes tiempo para mover-te tanto o no tienes tanta energía ni ganas para mover-te tanto...cuando te mueves lo disfruta mucho, pero cuando no, que hago? Pues tengo que leer, pero me falta algo más, si me estimula mucho la imaginación, pero es que sí, que tengo que tomar yo decisiones sobre como seguir el curso de la aventura en un tablero con mis colegas, como hacemos más cooperativo o más competitivo, pero, me gusta más los cooperativos (VICENTE S).

### **Brincadeiras de infância e nas de hoje**

Ai, a gente, nossa... a gente brincava de passar anel, nossa que delícia que era brincar de passar anel. A gente brincava de roda, de ciranda, nossa, como a gente gostava... como eu gostava da roda quando eu cantava ciranda, muito lindo, muito gostoso. A gente brincava de baralho, de rouba monte, ah de tudo que você imagina a

gente brincava, mas era tudo coisa que a gente resolvia na hora, inventava e brincava, não tinha nada eletrônico... hoje só tem eletrônico, praticamente né?! Ah, e eu sou uma pessoa realizada, nas minhas brincadeiras de infância e nas de hoje, eu continuo... queria fazer mais ainda, mas não dá, não dá tempo, porque hoje eu cuido da casa, fica difícil, mas eu ligo também, ligo as vezes a casa para estar me realizando. Nos pedais, nas cachoeiras, amanhã mesmo acho que nós vamos em uma cachoeira (SUELI).

A seguir faço alguns breves comentários diante as mônadas reunidas.

Fósforo em **Porque que a gente precisa parar de brincar?** aponta sobre a diversão permitida e não permitida socialmente, que entende o esporte o vídeo game como brincadeiras que são permitidas se comparadas com outras. Fala também sobre o brincar ser um prazer mas que a cultura do álcool, de relacionamentos, conforme o crescimento, passam a despertar outros interesses nas pessoas.

Vicente em **Cuando habla el corazón?** fala que deveríamos fazer mais coisas que nos fazem bem. O mais importante deveria ser os momentos de jogo e de desfrute.

Paulo em **O que eu quero fazer na próxima hora?** Aponta sobre liberdade, permissividade e inutilidade na relação da criança e do adulto aposentado. Fala sobre jogar e brincar de maneira que não aprisione, que não se torne um vício.

Kiko em **Mantener-me bien** fala que desfruta do jogo como uma atividade para se manter bem, como o futebol, uma corrida, a natação e como momento para se relacionar com pessoas, com amigos.

Víctor em **El placer de pasármelo bién** fala sobre o prazer de aproveitar o jogo sem que ninguém se sinta mal, mesmo sendo que apenas uma pessoa ganhará, que não tenha uma diferença muito grande de pontos. Ele conta que joga com a intenção de ganhar, mas gosta que isso esteja dentro da possibilidade de todos estarem jogando e se divertindo.

Joel em **A vida se torna divertida** conta que transforma momentos de sua rotina para que sejam legais, prazeroso e divertidos, por meio de sua atitude, na maneira que encara e vive diferentes situações da rotina.

Vicente S. em **Añoro** fala que antes se divertia com o jogo físico, mas tem incorporado o jogo mental, de relação e de imaginação. Conta que eles motivam e estimulam decisões, se mostram como sendo aventuras.

Sueli em **Brincadeiras de infância e nas de hoje** revela que gostava muito das brincadeiras da infância e que atualmente, tem momentos que deixa as tarefas de casa e sai para

pedalar, para se realizar. Lembra do seu divertimento da infância, percebe que o que viveu era muito bom e fala também sobre como continua se realizando, tendo diversão em seu cotidiano.

### **Discussão do conjunto de mônadas – Reflexões sobre diversão**

A palavra diversão, vem do latim, *divertere*, que é voltar-se em outra direção, como quando viramos para o lado que as preocupações não estão. Compreendemos que corresponde ao ato de desviar, mudar a direção para o que diverte, uma distração, que seja agradável, prazerosa, proveitosa. Não existe uma lei que diz com o que ou como podemos nos divertir ou não, mas existe o que socialmente e culturalmente é permitido, e que pesa em nossa formação.

A diversão existe em ações que as pessoas escolhem realizar, e será compreendida a partir do que cada pessoa considerar como tal. Como por exemplo, fazer compras no shopping para algumas pessoas é uma diversão, já para outras, uma atividade tediosa. Irá depender principalmente do que diverte cada pessoa.

Mas, **porque a gente precisa parar de brincar?** Essa pergunta surge quando diante o crescimento nos deparamos com as mudanças de interesse. Se antes havia um período ou o dia, inteiro para brincar, novas tarefas passam a ser incorporadas como aulas de violão, escolinha de vôlei, aulas de inglês, fazendo com que o tempo livre para brincadeira passe a ser dividido, e as vezes, transportado a outros afazeres. Mas além desse aumento de tarefas, percebemos que socialmente o brincar passa a ser menos aceito, na medida que o crescimento acontece.

O escape, as possibilidades ‘permitidas’, passam a ser atividades que remetam uma ideia de importância para algo, como, ao fazer aulas de futebol para melhorar o aspecto físico e de saúde, ou nas aulas de dança, para aprender a lidar melhor com expressões e sentimentos, ou aulas de canto visando uma possível profissão. Assim, as atividades valorizadas socialmente carregam uma perspectiva de utilidade, para que aquilo promova algo e não apenas pela experiência da vivência em si. Talvez seja por isso que o vídeo game e os esportes entram como momentos de diversão, mas socialmente bem vistos, pois existe um lado profissional, de ganhar algo, seja dinheiro, visibilidade, habilidades físicas, entre outras possíveis aquisições. Dessa forma, a diversão, que é parte das atividades lúdicas, acabam sendo submetidas a função utilitária, para gerar algo na lógica do capital.

O que nos mostra **quando habla el corazón?** É que, dentro da mesma sociedade, que vive imersa nesses valores sociais e culturais, ainda é possível mirar por outra perspectiva, que percebe e valoriza momentos de diversão, de jogos e de desfrute. Essa busca se mostra na tentativa de encaixar, dentro da rotina, a diversão, seja por meio de momentos de jogos, de

encontro com pessoas, em uma conversa, enfim, em meio a vida cotidiana. Pois, se a rotina nos engole a ponto de faltar tempo para um momento de diversão, a solução está em incorporá-lo nas possibilidades, relações, situações que estamos.

Também nesse sentido, a pergunta seria; **“o que eu quero fazer na próxima hora?”** mesmo que as crianças e os idosos sejam os que melhor conseguem responder a questão, por estarem em momentos da vida que ainda, ou já não, se espera por parte da sociedade que produzam algo (produção pela lógica capitalista), contendo uma permissividade maior para ambos. De maneira geral, parece que cada vez mais e com antecedência, chegam as tarefas e compromissos para as crianças e com os idosos, isso se estende na fase de produção e trabalho. Então, fazer essa pergunta e buscar respondê-la, é um desafio necessário nos dias atuais, para todas as pessoas.

Importantíssimo frisar que a diversão é uma ação de **“mantener-me bien”**, em que o principal é o bem estar. Algumas pessoas preferem atividades práticas, em que o corpo, a parte física é o foco, como na prática de algum esporte, em caminhadas na natureza, entre diversas possibilidades. Já outras pessoas encontram a diversão no jogo de lógica, de raciocínio rápido, em que o foco esteja na resolução de problemas por meio do pensamento e estratégias. Todas as buscas desaguam no mesmo rio, chamado prazer.

Huizinga (2017) aborda a questão da diversão e do prazer e coloca que “a intensidade do jogo e de seu poder de fascinação não podem ser explicados por análises biológicas” e que é dentro da “capacidade de excitar que reside a própria essência e a característica primordial do jogo”. De maneira que não considera apenas como uma descarga de energia útil, mecânica, mas que entra em um campo de expressão que estão “a tensão, a alegria e o divertimento do jogo” (HUIZINGA, 2017, p. 5).

E, de toda forma a busca é **“el placer de pasarmelo bien”**, nela pode estar contido os valores que cada pessoa carrega, como o cuidado com o meio ambiente, com o corpo, o respeito e o diálogo na construção de amizades, a intenção de que o jogo seja divertido para todos que participam. Como por exemplo, em um jogo de competição terá quem ganha e quem perde, mas que a diferença possa ser equilibrada, a ponto que quem ganhar esteja próximo do resultado de quem perdeu, para que haja essa possibilidade de conforto, de ambos terem aproveitado a experiências.

**Assim a vida se torna divertida**, sempre que conseguirmos colocar uma dose de divertimento nos dias, seja adotando uma postura mais descontraída do que séria, nas conversas, no trabalho, seja na possibilidade de dar risada no momento do café, no ambiente familiar, com os amigos, enfim, quando for possível, incluir elementos lúdicos. Lembrando que a diversão

pode ajudar nas tarefas e obrigações da vida cotidiana, pelo fato de gerar outros pensamentos, criações e inspirações que vem desses momentos despreocupados.

Conforme Huizinga (2017) é preciso destaque ao fato que “o divertimento do jogo, resiste a toda análise e interpretações lógicas” assim, o que vem a ser divertimento não pode ser exatamente submetido a explicações, pois é nesse mistério do sentir e viver que está contido a essência do jogo.

O que podemos **añoro (sentir falta)**, são as atividades e diversões que nos marcaram e que não conseguimos realizar da mesma forma, como o folego que falta para jogar o futebol, ou o joelho que dói para uma dança, e que acabam comprometendo uma vertente da diversão. Acaba que, essa falta abre caminho para descobrir outras atividades que também são prazerosas, como assistir um filme, ler um livro, jogar uma partida de xadrez, enfim, outras possibilidades se revelam como fontes de prazer e diversão. De forma que, as **brincadeiras da infância e de hoje** são lembradas e continuam sendo parte do que movimenta os desejos, as experiências que nos permitimos vivenciar. Com o tempo refletimos que é preciso voltar a atenção, sempre que possível, para o que nos faz bem, para o que sabemos que precisamos, que nos nutre, que nos deixa felizes e realizados. O trabalho, as tarefas, a casa para arrumar, sempre irão existir, mas aquela manhã de sol quente para ir pedalando para uma cachoeira, pode ser uma possibilidade única em meio aos dias de inverno.

A diversão está contida no brincar, é um desdobramento, uma sensação, um efeito de quem brinca. Retomando o saber da experiência exposto nas falas dos participantes desse estudo, fica revelado que a diversão é querida e bem vinda em meio ao viver. A diversão reverbera a alegria, o prazer, a sensação de ganhar tempo de vida, de tornar a vida mais leve nos problemas, nos trabalhos, faz com que o ser humano busque mais momentos divertidos onde e com quem estiver.

Compreendermos que a diversão não está contida apenas nas memórias e histórias vividas, mas que também continua a existir nas práticas do hoje. As lembranças, diretamente no ato de lembrar se traduzem em uma diversão, em um prazer, e que ao mesmo tempo se revela como geradora do querer mais, da busca por viver prazeres, diversões, realizações no cotidiano.

Conforme Caillois (2017) “o prazer é feito de excitação e de ilusão, de desorientação consentida, de quedas interrompidas, de choques amortecidos, de colisões inofensivas” (CAILLOIS, 2017, p. 212). Assim então, por meio e em meio a diversão que encontramos sentidos e significados nas experiências que vivemos, nos conhecemos e reconhecemos a medida que entendemos o que nos faz rir ou não, o que gera borboletas no estomago, o que nos arrepia e faz o coração acelerar. Seja na adrenalina, vertigem, excitação, mistério, enquanto

seres humanos, desfrutamos e reconhecemos, tanto a necessidade quanto sua importância, ao longo da vida.

### **III. Brincadeiras e brinquedos: o que guardam?**

#### **Brinco de andar de bicicleta**

O brincar hoje, para mim, é eu estar realizada fazendo o que eu gosto...e o que eu gosto de fazer hoje? É pedalar... é o que eu faço, eu acho que isso me realiza de uma forma que, eu estou tão feliz, quando eu faço isso, que é uma alegria, então eu acho que é um brincar... porque você sai, você cai, você levanta, aí fura um pneu, aí você encontra um amigo que a muito tempo não encontra, então são realizações, então hoje pra mim eu estou assim, uma pessoa realizada com a bicicleta, que pra mim, é um brincar a bicicleta, pra mim é. Eu me sinto realizada. Não sei se eu estou conseguindo ser clara, mas hoje o meu brincar é a bicicleta... já faz quantos anos que eu pedalo? Faz 8 anos... é, 8 anos ou mais, então, eu tenho meu brinquedo, pendurado lá fora, que é a minha bicicleta, esse é o meu brinquedo, eu brinco de andar de bicicleta (SUELI).

#### **Voltei a brincar**

Eu voltei a brincar com a bicicleta, agora a gente chama isso de ciclismo, de trilha, de Mountain bike, de qualquer um desses nomes, mas no fim, a gente sai para brincar com a bicicleta. Então, eu acho que mais velho, eu passei a valorizar a brincadeira, e foi a partir do tempo da Educação, no meu caso, é o que eu acho. Se eu não estivesse na Educação talvez também tivesse acontecido isso, mas eu não sei, então eu dou esse crédito pelo fato de estar na Educação (EDSON).

#### **Preparar uma pescaria...pedalar...**

Acredito que não há um distanciamento do brincar, mas sim um redirecionamento, porque teve uma fase muito forte de brincar pescando... as tralhas de pesca, molinete, carretilha, e é emocionante preparar uma pescaria, as vezes é mais emocionante que pegar um peixe, porque está com os amigos, vai em uma picape, em uma van, preparando, estando junto, e são fases de brincadeiras. A bicicleta virou minha última brincadeira, adquirida, assumida, praticada, e quando começou, ficou claro aquilo, de um redirecionamento da brincadeira, a faixa etária sem dúvida e acho que até o meio social, tem influência. A bicicleta eu pedalei quando adolescente, meu pai ficava bravo porque onde nós morávamos era como que a 12, 14 quilômetros da ribeira do Rio de la Plata, aquele grande rio que banha Buenos Aires, e pegava a bicicleta, as varas, e ia com os meus amigos pedalandando até lá, era quase 30 quilômetros para ir e



voltar, e depois ele disse “não, não quero que vá pedalando” eu disse “ok”, pegávamos o trem, 8 quarteirões de casa, íamos com as bicicletas, chegávamos no lugar que ficava a 2 quilômetros da ribeira, e seguíamos pedalando, pegávamos menos trânsito do que de carro (ALBERTO).

### **Oportunidade de você se revelar**

O meu brincar agora, eu adoro, são momentos que eu estou com os meus amigos, com a dança. A dança pra mim... eu tenho ido em festivais que são da comunidade, são diferentes, porque tem os festivais que são organizados nos lugares, nos hotéis que são mais Disneylandia, mais planejados. Mas eu tenho feito viagens em que a gente encontra pessoas de outros lugares, que eles dançam também, mas a dança não é o mais importante, o mais importante é a interação, a brincadeira. Eu acho que o grande significado da minha vida é realmente a aproximação com as pessoas, é saber mais das pessoas, conhecer mais elas, é quando a gente tem oportunidade de revelar histórias... hoje, nessa conversa eu contei coisas de passagens que as pessoas nem imaginam, as pessoas as vezes só criam uma imagem de você. Eu acho que o brincar é um pouco disso, essa oportunidade de você revelar mais quem você é, o que você fez e faz, os valores envolvidos nisso (YARA).

### **Forró**

E do que que eu brinco hoje, bom, eu brinco aqui com os meus carrinhos, na maioria deles Hot Wheels, e brinco com a minha moto, adoro brincar de moto, seja andar nela, desmontar ela e montar ela de novo, eu brinco de forró... forró pra mim é uma coisa que chegou para ficar, não me imagino sem o forró hoje, e o forró é uma brincadeira que ela... tanto você pode dançar ela, como você pode escutar ela... ontem eu acho que eu escutei forró das 7:30 da manhã até as 10 horas da noite, e eu falo forró mas a gente não precisa ser tão preso assim, eu gosto de música, as vezes eu estou escutando um rock, as vezes eu estou escutando um heavy metal pesado mesmo, que os vizinhos ficam até meio maluco de “esse cara estava escutando um Genival Lacerda, agora pouco e agora ele está escutando esse rhourhourhou (som referente a heavy metal), não sabe nem o que o cara está falando, cara deve ter um parafuso solto ali...” mas ouvir música também é uma brincadeira para mim. Eu vejo que, de uma forma lúdica, eu brinco também muito com as pessoas, eu escolho para chegar perto de mim, pessoas com quem eu possa brincar, seja brincar de jogar sinuca, seja brincar de tomar uma cerveja, ou brincar em palavras, em tirar sarro (fazendo graça) um do outro, acho que é isso (JOEL).

### **Me interessa o prazer**

O que me dá prazer de usar mesmo, é a moto, então eu acredito que minhas motos também foram brinquedos muito poderosos na vida, tanto que eu escolhia ela, mais pelo prazer, que elas iam me proporcionar, do que a critérios que outras pessoas costumam escolher seus veículos, por exemplo, o valor de revenda, manutenção, eu nunca pensei nisso, na minha cabeça é, “que prazer que essa moto vai trazer para mim?”. Agora eu tenho uma moto de trilha, que não é uma moto exclusivamente para trilha, mas é uma moto que eu escolhi para se tipo eu precisar passar no barro e me sujar todo, ela vai aguentar, “ah, mas é uma moto velha que já não se encontra tanto” não me interessa isso, me interessa o prazer que aquilo vai me trazer e eu vejo que essa é minha forma de brincar com a moto e de ela ser meu brinquedo (JOEL).

### **Me encanta**

He corrido mucho gusto a lo que es las distopias y todas esas las junto, y as veces digo, como seria si tuviera ocurrido esto o esto otro, y me encanta. En cuestiones de historia, más que de mi vida personal, pues, mi vida personal la aceito como es y me encanta como es, el presente me encantaría que fuera mejor algunas cosas, pero, son como son. A veces me planteo a ver como seria este, se en lugar de utilizar todo el dinero para ese tipo de cosas, lo utilizas para eso otro... me monto mi película, y empezó a pensar como podría ser, ¿y eso que ocurría? O, que ocurría se la mente dejase, ¿que los desarrollos técnicos y científicos que mucha gente intenta promover, no les dejaran promoverlos y no los dejaran seguir al mundo? ¿Lo que te lo ocurría? O, lo que hubiera ocurrido, si, por ejemplo, si en lugar de ganar el bando franquista tuviera ganado en bando republicano, hubiéramos tenido aquí un gobierno estalinista, hubiéramos tenido un régimen democrático republicano. Cosas así, eso me encanta, y logo muchas cuestiones en ciencia, muchísimas también. Te digo que mi cabeza no para, no para (VICENT).

### **A história que poderia ter sido**

Eu gosto muito do imaginário, eu gosto muito de pensar na história que poderia ter sido. Se eu não tivesse vindo para Piracicaba o que eu estaria fazendo hoje? Então, esse faz de conta eu acho que é uma coisa que me anima muito, até porque, nesse lugar de educador agora eu fico pensando que eu gostaria de contribuir para que as crianças trabalhassem, criassem um mundo diferente que o nós estamos deixando de herança para eles. Eu acho que a imaginação, a criatividade, tanto que a pré escola se chama “Bem te vi Recreação Infantil”, no sentido de recriar (PAULO).

### Echo de menos jugar

Para mí es una evasión, o sea, el hecho de jugar te evades...quizá tiene mucho que ver con lo que sientes cuando eres pequeño. Lo que pasa es que ahora tenemos pocas ocasiones. Normalmente juego cuando estamos entrenando, en el club de karate y hacemos juegos, pero no solemos jugar, no suele jugar, quero decir, en clase con mis alumnos, a veces creo que es importante estar viendo lo que sucede que implicarme y observar lo que sucede...y bueno, lo echo de menos, echo de menos jugar (JOSÉ).

A seguir faço alguns breves comentários diante as mônadas reunidas.

Sueli conta na mônada **Brinco de andar de bicicleta**, que sua brincadeira é o pedalar, que se sente realizada. Associa sua alegria ao brincar, aos diferentes momentos que vive, seja no ato de trocar o pneu, nas eventuais quedas, no encontro com amigos, características que vão se revelando em seu brincar. Sueli diz que seu brinquedo é a bicicleta.

Edson fala em **Voltei a brincar**, que sua brincadeira é andar de bicicleta, e que pode ser chamado de muitos nomes, mas que compreende como sendo seu brincar. Ele percebe que passou a valorizar a brincadeira pelas experiências que teve em seu trabalho, depois de ter mais anos de idade.

Alberto fala em **Preparar uma pescaria...pedalar...** do brincar ser a pescaria e da diversão que está presente desde a preparação até o momento de pegar o peixe, nos conta que são fases da brincadeira. Também fala sobre a bicicleta, que virou sua brincadeira, desde a adolescência até o momento atual, nos seus quase, 80 anos.

Yara fala na mônada **Oportunidade de você se revelar**, sobre o momento de reunir os amigos e de dançar como sendo sua brincadeira, e destaca que o importante é a interação. Revela o brincar enquanto oportunidade de se revelar e conhecer o outro. Aponta que esse é o significado de sua vida, de estar com pessoas, conhecer outras trajetórias e revelar suas histórias.

Joel conta na mônada **Forró**, que brinca com seus carrinhos, com sua moto e no forró. Nesse último, fala que acontece tanto na dança como também ao ouvir música, de forró ou de vários outros ritmos. Conta que percebe o lúdico nas amizades que constrói, ao jogar sinuca, ou brincando com as palavras.

Joel em **Me interessa o prazer**, diz que a escolha pelo brinquedo e pela brincadeira estão diretamente relacionadas com o prazer que provocam. O que lhe interessa é o prazer que trará para ele e não se é uma moto nova, ou cara, ou outras coisas do tipo.

Vicente S. em **Me encanta**, nos conta sobre sua maneira de brincar com o imaginário, com questões da história, em como teria sido se outros caminhos fossem tomados. Revela um brincar imaginário, da invenção e criação com as ideias e com as histórias.

No mesmo sentido que Vicente S., Paulo nos fala em **A história que poderia ter sido**, do mesmo gosto por imaginar, de pensar em outros desfechos das histórias. Enquanto educador revela que gostaria de deixar, como herança, a imaginação e a criatividade para a construção de mundos diferentes, conta também é com sentido de recriar que nasceu o nome da escola infantil que fundou.

José conta na mônada **Echo de menos jogar**, que considera o jogo uma evasão e que tem a ver com o que sente na infância. Revela que não joga por ter menos ocasiões, e que vê o treino no clube de Karatê como a possibilidade de jogar. Em suas aulas na escola, com as crianças vê a importância de estar fora do jogo para observar o que acontece, mas diz que sente falta de jogar.

### **Discussão do conjunto de mônadas – Brincadeiras e brinquedos: o que guardam?**

As brincadeiras e os brinquedos são lugares, fazeres e objetos, que começam a fazer parte da nossa vida quando ainda somos novos no mundo e continuam a compor, e registrar em nós experiências que ficam guardadas na memória e presentes em nossos cotidianos e trajetórias. Ao longo do texto apontaremos o que os participantes em suas mônadas foram revelando, o que e quais são os brinquedos e brincadeiras, em suas vidas.

O conceito de brinquedo colocado por Brougère (2004), corresponde a “um objeto que a criança manipula livremente, sem estar condicionado as regras ou a princípios de utilização de outra natureza” (BROUGÈRE, 2004, p. 13). Seguindo esse sentido, destacamos que os objetos lúdicos dos adultos deste estudo não são exclusivamente chamados de jogos, mas também de brinquedo, e eles se referem ao brincar e a brincadeira com tranquilidade, pois são atividade presente em suas vidas, em contraponto com o que coloca Brougère, ao falar do brinquedo sendo específico como “objeto infantil”, associado “sempre, um motivo de zombaria, de ligação com a infância” e somente o jogo como sendo o permitido para qualquer faixa etária (BROUGÈRE, 2004, p. 13).

O brinquedo continua sendo um objeto que carrega o simbólico, não fica preso a regras ou a princípios de utilização, conforme propõe Brougère (2004). A brincadeira conforme Klisy (2010) “é plenamente inspirada pela realidade” e os adultos transitam pelo imaginário, ancorados e estimulados pelo que vivem ou já viveram. Continuam criando histórias,

possibilidades, voltando as recordações e lidando com a vida cotidiana, seja na família, trabalhos e/ou amigos (KLISYS, 2010, p. 72).

Os brinquedos e as brincadeiras carregam elementos, características, que foram colocados em evidencia, por meio das mônadas. Começando pela alegria, presente na brincadeira, que é a atividade lúdica em destaque, que na verdade pode receber diferentes nomes, mas como principal, é o que se expressa no estado de brincar. É o momento em que a pessoa compreende que seu estado se diferencia dos outros momentos do dia, por exemplo, quando se realiza, quando sente prazer, como acontece ao andar de bicicleta ou na dança, que são chamados de brincadeira, sendo assim, a atividade e o estado de quem brinca.

A brincadeira pode começar nos preparativos para o brincar, como quando ao preparar uma pescaria a pessoa organiza os materiais, seleciona o que será levado, enfim, todo o processo antes também é considerando, revelando uma continuidade no brincar, na medida que ele se prolonga desde antes, durante e mesmo depois da ação, como ao contar para os amigos, ao mostrar as fotos, retomando a situação de quem brincou. Assim refletimos diante esse apontamento, diante o brincar que acontece no planejamento e também no pós brincadeira.

Dentro da brincadeira existe a possibilidade de se revelar, pois é um momento de encontro entre pessoas, que talvez não se conheçam ou que passam a se conhecer mais nesse encontro que também é consigo mesmo. Assim, por meio dessa interação se mostra um potente espaço para conhecer a si e aos outros. Conforme Klisys (2010), concordamos que; “a essência do jogo consiste em relacionar-se com o outro, testando as próprias competências, numa interação em que se aprende a lidar com as relações de competição e cooperação, e a incluir os diferentes pontos de vista referentes a uma mesma realidade” (KLISYS, 2010, p. 26).

No caso da dança há também o que coloca Caillois (2017) que “não são apenas dois desconhecidos que se abordam e que dançam. São dois seres que ostentam o signo do mistério e que já se encontram ligados por uma promessa tácita de segredo” (CAILLOIS, 2017, p. 205). Com isso refletimos diante a valiosidade dessa prática preservar segredos e mistérios, ao mesmo tempo protegendo e libertando quem dança.

Lembrando que a busca e escolha do brinquedo e/ou brincadeira está vinculada ao prazer que proporcionam. Somos impulsionados pelos desejos, necessidades que temos em desfrutar do que é gerado nas experiências. Como no caso de ter a moto enquanto brinquedo e as trilhas, a aventura do passeio, enquanto brincadeira, compreendemos que seguimos buscando e incorporando brinquedos e brincadeiras no cotidiano.

Os adultos também revelam que a brincadeira continua a existir na imaginação, na criação, ao inventar histórias, ao imaginar como poderia ter sido se alguns fatos tivessem

ocorrido de outra maneira. Klisys (2010) diz que “a metragem da imaginação é infinita, repleta de sutilezas” com isso, aponta que continua vivo esse espaço na vida adulta (KLISYS, 2010, p. 75). À medida que refletimos, percebemos cada vez mais a importância da imaginação e da criação enquanto presentes na vida cotidiana dos adultos, em meio as relações com pessoas e situações e tarefas.

Identificamos que, a prática de esportes e algumas profissões, contemplam possibilidades de envolver momentos de brincadeiras, pois ainda existe um sentimento de precisar, de sentir falta, de saudade. Sentimos falta das experiências que nos marcaram, que foram terrenos de trocas, aprendizados, descobertas, prazeres, emoções, amizades, relações tão significativas e individuais que continuamos buscando-as no viver das experiências.

Acreditamos que os brinquedos e as brincadeiras guardam um repertório que neles e com eles, foram construídos e fomos nos construindo. Não por acaso lembramos com alegria de um palhaço que se escondia em um cone, e nos encantava, falo desse brinquedo porque foi e continua sendo marcante em minha história, na delicadeza, surpresa, afeto que contém, que guarda e faz sentido em mim. E que assim então, pensando em um brinquedo que nos encanta, acessamos uma sensação de acolhimento quando com ele nos encontramos, ou ainda, quando com os primos, falamos das brincadeiras na casa da vó, ou quando pegamos a bicicleta e saímos para o meio do mato, pelo exercício físico, buscando melhorar a saúde e pelo contato com a natureza presente no caminho. Enfim, os objetos e brincadeiras nos marcam e são marcados por novos significados a cada nova geração, que chega e leva consigo tal repertório de significados, por toda a vida. Dentro disso entendemos porque tantas pessoas, de maneira atemporal, preservam seus brinquedos, encontram e se apropriam de novos brinquedos e brincadeiras, revelando que continuam construindo novas histórias brincantes em suas trajetórias. Continuam encontrando, reconstruindo sentidos e significados, memórias e novas histórias ao brincar.

Assim como ninguém se mantém o mesmo por toda a vida, a brincadeira também acompanha esse movimento e se transforma conosco. Conforme coloca Klisys (2010) sobre diferentes maneiras que o brincar se apresenta, “para uns, o aconchego da cabana passa a ser o da banheira quente, na qual se tem o tempo para divagar e usufruir da temperatura que embala, para outros, a poltrona que abriga as horas de leitura, e assim por diante” (KLISYS, 2010, p.75).

Assim, brinquedos e brincadeiras se revelam como permanentes no viver dos seres humanos, sem vergonha, sem julgamento ou limite na idade, continuamos sendo nos brinquedos e brincadeiras que vivemos. Os brinquedos e brincadeiras guardam nossas histórias, memórias e os desejos latentes que continuam a nos mover. Restringir essas experiências exclusivamente a infância é limitar e reprimir a formação do humano.

## IV. Encontros e vínculos

### De coração

Acho que eu tenho mais uma coisa para falar, que, é muito incrível quando você tá brincando e encontra pessoas que gostam tanto assim de brincar, quanto você e que entendem a importância do brincar, e que quando esse encontro acontece ele é um encontro muito legal, de coração, que eu acho que as pessoas conseguem manter o contato por muito tempo, mesmo não conversando, porque elas se acham pessoas muito especiais e se gostam muito, mesmo com pouco contato na vida, porque não é sempre que a gente encontra esse tipo de pessoa e que é sempre muito especial (FÓSFORO).

### Diversión y amistades

A mí me transmite y lo que ahora es juego, primero la diversión, hacer lo que más me gusta y también es como estar con tus amigos y con la gente que quieres, a ti te gusta mucho el juego, pero también por otra parte, gracias a eso le une las amistades y creo lo que ahora para mí es el juego (ELENA).

### Eu não consigo deixar de brincar

No momento atual, por exemplo, eu consegui desvelar a minha seriedade, hoje eu não consigo deixar de brincar, mas não é fácil não, por isso eu provoço os outros, eu provoço na fila da padaria, eu provoço na fila do supermercado, eu brinco com alguma coisa, qualquer coisa que me dê chance. Eu brinco com a pessoa sem nunca tê-la visto na vida, e tenho encontrado respostas muito favoráveis, de pessoas que aceitam as minhas brincadeiras, porque são sempre respeitosas, e leve, nada provocativo de ofensa, não, então eu acho que na vida atual eu conservo essa ludicidade mesmo com essa fisionomia de cara de sério, porque eu não consigo...faz parte da minha personalidade (LUIZ).

### Oye, porque a mí no me invitas a jugar?

En mi vida ha promovido nuevas amistades, por ejemplo, ahora tengo un grupo de padres con los que jugamos a “Mazmorreo” un juego de mazmorras, yo y esas personas no habría hecho lazos de amistad si no los hubiera pegado un grito un día y dicho “oye, porque a mí no me invitas a jugar?” entonces, claro, cuando empecé a jugar con ellos no teníamos relación, pero luego de jugar con ellos, de pasar las horas, de sacar todas horas uno para que no te maten continuamente... A final, creo que personalmente, los juegos de mesa crean estas conexiones con las personas que les

gustan los juegos de mesa, pero bueno, hay gente también que dice que no le gusta, pero yo creo que no, que eso no existe en realidad, pero bueno, pasa igual con los libros. Y me encanta participar en actividades que sea para intentar motivar a la gente a que juegue, a las familias que jueguen con los niños, a los niños a que prueben cosas nuevas. Tengo una sobrinita y lo primero que he regalado fue un libro y un juego, y tiene meses, pero da igual, ya jugaras y lo tire, entonces, yo creo que es eso lo que me ha promovido y sigue promoviendo a mí (ISABEL).

### **Do ridículo ao risível**

Eu tenho coleção de palhaço, onde eu passo e vejo palhaço... mas, das experiências, uma vez fui buscar minha esposa, ela fez um curso em Monte Verde, e lá...como que chamava uma cidadezinha? Era Sapucaia? Não... acho que era, e eu tinha acabado de fazer o curso de palhaço, eu estava todo palhaço, e eu fui com a minha roupa pra lá, eu fui de carro busca-la e era uma cidadezinha como Águas de São Pedro. Eu cheguei lá, não tinha nem rodoviária, tinha só um lugar que parava os ônibus, e tinha um posto de gasolina. Pensei, vou esperar ela aqui de palhaço, era um domingo, a cidade toda estava parada, eu cheguei para o guarda que estava lá e falei "opa, tem um banheiro aí?" ele respondeu "tem, pode ir lá" eu disse, "olha, eu vou entrar lá, mas é outra pessoa que vai sair, não se assuste" ele disse "como assim?" respondi "o senhor vai entender" depois eu saí de palhaço e ele disse "ah, agora entendi". Os ônibus parando do outro lado da rua e eu esperando ela chegar, de palhaço, na calçada do lado de cá. Lá estavam famílias esperando o ônibus, e eu do lado de cá fazia assim (gesto de acenar, com a mão), as crianças (fez o mesmo gesto de aceno respondendo) e os adultos (colocando a mão em frente a boca, ao riso). Porque uma coisa que a gente não falou, mas que para mim é um conceito muito desejável, é o conceito do ridículo. Aprendi isso lá com o Plínio, o palhaço é aquele que já perdeu todas as vergonhas, ele não tem vergonha de mais nada, porque a sociedade já nos envergonhou demais. O meu netinho tá começando a fazer isso agora (colocou o dedo no nariz), só que ele fazendo ou eu fazendo, quando se fazia isso o que que o adulto dizia? "tá limpando o salão? vai ter baile? tira o dedo do nariz! Para você provavelmente, se você sentasse com a perna mais aberta, alguém diria, "fecha a perna, está aparecendo a calcinha", então, o que a educação repressora fez com a gente? Fez isso (fazendo o gesto de guardar a mão, fechou a perna, fechou os braços na frente do corpo). E acho fundamental para esse vínculo, que você resgate o ridículo no sentido do risível, risível é aquilo do que se pode rir e do que se pode rir? De tudo, até da morte (PAULO).

A seguir faço alguns breves comentários diante as mônadas reunidas.



Fósforo em **De coração** fala sobre como se sente ao encontrar pessoas que gostam de brincar. Aponta como sendo um encontro de coração, em que as relações permanecem vivas independente do tempo e da distância, conta compreender esses encontros como muito especiais nas relações humanas.

Elena na mônada **Diversión y amistades**, fala que o brincar está em seus momentos de diversão com os amigos. Coloca que é o jogo que gera esse encontro.

Luiz em **Eu não consigo deixar de brincar**, conta que não parou de brincar, que percebe que no encontro com as pessoas, conhecidas ou não, propõe a brincadeira, sempre de maneira respeitosa e que as pessoas recebem bem. Fala que sua fisionomia é séria, mas que conserva a ludicidade em sua personalidade.

Isabel na mônada **Oye, porque a mí no me invitas a jugar?** conta que por meio do jogo criou laços de amizade. Fala que acredita no potencial que os jogos carregam, de criar conexões. Conta também que gosta de motivar as pessoas para que joguem.

Paulo em **Do ridículo ao risível**, fala de sua relação com o palhaço em algumas experiências. Conta que considera fundamental o vínculo da pessoa com o ridículo, no sentido do que se pode rir.

### **Discussão do conjunto de mônadas – Encontros e vínculos**

A palavra encontro tem o significado de união, refere-se à junção de pessoas ou coisas para o mesmo ponto, na confluência de dois ou mais. Entendemos que corresponde a um momento que pode ser de uma pessoa com outra, com um objeto ou entre objetos, animais, etc. A palavra vínculo, apresenta proximidade com o termo anterior, pois é sobre o que ata, liga, podendo corresponder a uma relação afetiva que conecta uma ou mais pessoas ou ainda, uma relação de trabalho. Entendemos que se refere a um laço, um estado de conexão, ato de relacionar-se.

Brandão (2005) colabora na reflexão do tema ao apontar que:

O outro, o meu outro do encontro vivido – não experimentado, mas experienciado, pois nunca se trata de um experimento, mas de uma mútua experiência partilhada – como um pleno *ser-em-si*. Como um alguém sobre quem não devo ousar sobrepor o menor desejo de qualquer proveito para mim, quando, então, ele se revela a mim na inteireza daquilo em que ele me desafia a ser para ele também: uma pessoa (BRANDÃO, 2005, p. 134).

Quando encontramos pessoas que gostam de brincar, tanto quanto nós, logo sabemos que esse é um momento especial, pois carregam algo em comum e isso facilita a aproximação. Entendemos que por meio do brincar e de jogos muitas relações são construídas, as pessoas se conhecem, se identificam, criam laços de amizade e em diversas práticas lúdicas, formam grupos, combinam uma frequência para encontros e assim mantem a relação entre pessoas e prática lúdica. Acreditamos chegar a um ponto que a atividade e a reunião de pessoas se entrelaçam e é difícil faltar a um encontro por ambos motivos, pela vontade de ver os amigos e ao mesmo tempo, pela prática que se tem prazer em realizar. Uma sinergia tamanha que quando alguém falta, é como se faltasse parte do jogo, por exemplo, quando acontece no grupo de pedal sabemos que sentimos a falta por uma sensação de incompleto.

Podem se passar muitos anos, ou ainda, existir uma grande distância geográfica, mas as experiências que foram vividas juntas, quando intensas, nos marcam de tal forma que esses vínculos continuam a existir. Não há distancia nem idade que rompa uma amizade, pois foram nas experiências, nos jogos e brincadeiras que partilhamos os ganhos e perdas, as alegrias, tristezas, aprendemos e descobrimos mais sobre o grande jogo que é viver, e assim, as pessoas que estavam ao nosso lado se tornam tão marcantes como as situações. Dessa forma não esquecemos os amigos da infância, os amigos da juventude e dos que continuam conosco, mesmo que distantes, pois foram e continuam sendo parceiros brincantes.

Nesse sentido, por meio das mônadas, compreendemos que o jogo é um lugar que acontece a criação e estabelecimento de vínculos, de relações e de partilha de histórias. Seja nos momentos de trabalho, em um congresso, na fila para comprar o pão, na espera quando se busca o filho na escola, no reunir o do grupo de pais para jogar, enfim, são assim, diversos os lugares e momentos em que o lúdico, a brincadeira e o jogo acontecem, e é por meio deles, que nascem laços de amizade, momentos de se relacionar, de conhecer os outros e mais de nós mesmos.

E de súbito, somos fisgados de maneira que não paramos ou deixamos de brincar. Ao descobrirmos algo que faz bem não deixamos isso de lado, preservamos, buscamos maneiras de continuar presente no cotidiano, porquê de certa forma já é presente na formação de nossa personalidade, dos nossos desejos e realizações, assim que, buscamos parceiros, lugares, possibilidades de externar e partilhar o que já é interno, em nosso ser. Então, buscamos pessoas, queremos mais amigos envolvidos e que também descubram, para que passe a ser comum a prática de encontrar grupos de adultos que joguem, que se encontrem, e que o círculo de amizades aumente junto com o das experiências brincantes.

O brincar afronta o que muitas vezes a sociedade, a cultura de determinado local, colocam como ridículo, e assim se revela enquanto prática desviante do capital, do consumo e ao mesmo tempo libertadora de amarras, de preconceitos, endurecimentos e isolamentos que o simples (na verdade, complicado) fato de crescer carrega. Nele é desvelado a importância do riso, do prazer, do vínculo consigo, com o outro e com o mundo. Os seres humanos brincantes se reencontram e se reconectam com sentidos e significados fundantes do que é ser humano na ação, sensação e estado de brincar.

#### 4.4 Do que brincam os adultos desse estudo?

Nessa categoria o leitor encontrará mônadas que os participantes revelam quais e como são suas brincadeiras enquanto adultos. Sabemos que muitas dessas e outras experiências já foram sendo reveladas nas categorias anteriores, mas com a intenção de valorizar o brincar que os participantes partilharam, entendemos como importante essa categoria final de análise.

Em seguida, o texto está estruturado em um grande grupo com 17 mônadas. Estão dispostas em: título, mônada, alguns apontamentos das histórias e ao final, uma discussão dos temas que emergiram delas.

##### **¿Y... a que juego? Prrruf, de todo**

Jugar para mi es pasar un buen rato, es disfrutar, es compartir tiempo con la gente y luego, lo que te comentaba de que, a mí me ayuda personalmente a ese tema de mantener la mente activa. ¿Y... a que juego? Prrruf, de todo (risos)... no se, es que juego muchísimo, juego a juegos de mesa, juegos de mesa para adultos, juegos de mesa para niños pequeños, juego al típico dominó, xadrez, mikado, después juego a juegos de rol, pero no con libro, si no que, juego juego de rol con mi hijo porque juego con ele... “Venga va, que quieres piratas o castillos?”, entonces empiezo a hacer una aventura y hago un mapa para que sigamos jugando y nos disfrazamos y eso, otras veces contagia otros niños que tengo por casa entonces que jugamos todos juntos. Eso también lo hacía yo con mis primos, los hacia juegos de rol así, al momento, ¿“se encontrase en medio de un bosque hay dos caminos adónde vas?” pues esas cosas también las hago, así que son los tipos de juegos que juego yo (ISABEL).

##### **Estado de brincadeira**

Então assim, é uma experiência muito rica, e que eu pretendo envelhecer, independente da idade que eu esteja mantendo esse espaço na minha vida, pra brincar, seja lá com o que for, amanhã ou depois pode ser que eu não goste mais de forró, não goste mais de carrinho, não goste mais de moto, mas eu tenho certeza que eu vou ter outras coisas e que quero ter, que eu esteja nesse estado de brincadeira. Tenho certeza também que me traz um prazer ser um influenciador nesse sentido, se eu puder aconselhar alguém “olha, tenha um hobby”, que na verdade hobby é um nome bonito para brinquedo de adulto, eu não vejo de outra forma... Então sempre que eu puder incentivar as pessoas a isso, vai ser muito valido (JOEL).

### **Subindo em árvore**

Essas coisas a gente não perde, esse brincar é uma brincadeira, é um jogo que a gente faz com o outro e as vezes quando está sozinho também, você brinca, tira um som, brinca com as palavras, quando você compõe uma música, ou uma frase, uma letra e ficar brincando com essas coisas, com as rimas, com os ecos, com isso... eu continuo subindo em árvore, continuo curtindo essas coisas... é que vai ganhando outras formas, uma coisa mais ginasta, de subir, de força, mesmo quando eu treino, vou malhar, eu prefiro muito mais esses movimentos ginásticos do que carregar peso (VITOR).

### **Uma linha de forró**

Um lugar que eu sinto que brinco é no forró, e brinco no lugar de ficar brisando e para mim é uma brincadeira meio sonora, porque como eu não sigo uma linha de forró que as pessoas dançam, mas é uma brisa, então essa brisa para mim é uma brincadeira, de brincar com o meu corpo em relação ao corpo da outra pessoa e a música. E o outro lugar que eu brinco é na escola, com as crianças, e as brincadeiras são diversas, a gente tem um espaço de livre brincar na escola, e a gente fica ali, de olho, perguntando e vendo as crianças brincando e as vezes elas te convidam para brincar e você vai, não é que... nesse momento não é o momento de propor brincadeira, é pra deixar eles viajando no que eles tem que viajar mesmo, e é muito legal ver o quão sábios eles são, o quanto eles aprendem e o quanto você consegue acessar a sua criança e brincar de brincadeiras que você já não conseguia brincar mais, pelo menos eu tenho muita dificuldade de brincar de coisas de faz de conta, mas com eles eu consigo (FÓSFORO).

### **A dança circular**

Uma outra coisa que também acho que é legal falar, na vida adulta, com relação à Educação Física, eu fui buscar conhecer um pouco dos jogos cooperativos e neles conheci a dança circular, que são danças em roda, e a dança circular é um momento que eu gosto muito, gosto muito de estar... Pelo fato de ser profissional, muitas vezes eu estou conduzindo a roda, mas eu nunca tive a oportunidade, o momento, de ser atuante enquanto participante e não enquanto focalizador, a pessoa que está ministrando, mas eu gostaria muito de enquanto adulto poder ter essa participação, fazer parte de um grupo de danças em roda, eu acho que é muito gostoso, acho que é uma brincadeira, um tipo de brincadeira, que na fase adulta, traz sensações, emoções, e que pra mim fez sentido em vários momentos da minha vida. Então a dança circular, na fase adulta também é um tipo de brincadeira que eu não conhecia (EDUARDO).

## **El juego de mi vida**

Hago castellers, que para mí es como el juego de mi vida, y creo que toda la vida le voy haciendo es un juego donde me he reído, llorado, me enfadado, me echo daño y bueno, he vivido muchas experiencias, he conocido muchísima gente, también me ha hecho viajar a la India, conocer otros sitios para enseñar, pues los castellers y luego los juegos populares...también me ha aportado varias cosas que también me ha gustado mucho (ELENA).

## **Uma forma de brincar**

Considero que uma forma de brincar é vendo fotos, a gente tem muita foto, muita, a gente sempre teve câmera, mesmo quando a câmera não era digital a gente tem, a gente digitalizou. Então a gente põe uma música e... a gente faz muito isso em Sorocaba, e a gente vai colocando fotos de viagens, e vai assistindo e vai se divertindo, lembrando coisas e a gente faz isso demais (YARA).

## **Cuidando das plantas**

Então o meu brincar em casa, eu gosto muito do jardim, não sei se isso é brincar para você mas para mim é plantar, eu gosto muito das minhas plantas então todo dia, todo fim de semana eu estou cuidando das minhas plantas, e a gente tem umas árvores frutíferas que a gente vai mexendo e então essa coisa com o quintal eu gosto bastante, e até mesmo com as plantas dentro de casa, eu fico horas nessa história das minhas plantinhas. As manhãs todas eu estou cuidando das plantas e as vezes eu gosto de ir em floricultura, adoro floricultura, então isso é o meu brincar hoje... será que é isso? Essa coisa, eu estou chamando de brincar todo esse lazer, eu acho que é o sentido da vida, a busca da beleza, pra mim é isso, que está além de uma obra de arte, eu gosto muito disso, mas hoje eu penso que a paisagem...eu preciso ver a paisagem (YARA).

## **Cozinhar**

A cozinha para mim é isso também, eu gosto muito de cozinhar, eu já fui cozinheira também... eu já fui cozinheira profissional, mas cozinheira eu sou até hoje. Então, eu assino uma cesta aqui de São Paulo, de uma fazenda que é... assino à 4 anos essa cesta, e eles são pioneiros em plantar legumes que caíram no esquecimento, entre aspas, e por exemplo, não sei se você sabe que as cenouras nem sempre foram laranjas, a cenoura laranja é uma padronização do mercado e que tem a ver com o rei da França e a bandeira dele que era laranja, uma história louca, e queria que plantassem cenouras laranjas e então as cenouras passaram a ser laranjas a partir daí, tem essa história e também a necessidade do mercado de padronizar tudo, mas existem cenouras roxas,

amarelas, roxas com miolo amarelo, existem beterrabas laranjas, existem rabanetes pretos, fora dessa padronização, que são essas espécies diversas e eu assino a cesta desse pessoal porque foi pioneiro em implantar isso, pelo menos aqui em São Paulo e já esta espalhado para outros produtores também. E eu acho isso muito maravilhoso, quando eu recebo aqueles rabanetes rosa, eu fico “o que eu vou fazer com esse rabanete rosa?” eu fico pensando que eu tenho que fazer alguma coisa muito legal com esse rabanete rosa, então eu acho que esse brincar está nisso, na minha vida hoje, nessas investigações... não sei se eu te respondi ou se faz sentido, porque as vezes eu saio viajando e nem lembro mais o que eu estou falando (LETICIA).

### **Mundo da fantasía o del rol**

Como mi imaginación es muy viva, me puse con juegos de rol, de poquito a poquito fue entrando y ya con los 37, 38 años, conseguí un grupito que sí que jugaba juegos de rol y lo conocían, no como yo, eran de 10 años más jóvenes que yo, ya conocían el juego de rol, y cuando yo era joven no existía en mi tierra, y empezamos a jugar a rol... a juegos de cartas o simplemente lecturas de libros de fantasía y luego, personajes que lleva a un tablero a unas situaciones y hemos un grupo de juego de rol y juegos de mesa, relacionados bastante con el mundo da fantasía o del rol (VICENTE S.).

### **La vida cotidiana**

Luego, la vida cotidiana es un juego para mí también, en la cocina es un juego, con mi hija otro juego, no solo con ella más es constante como la tengo que estar mareando, jugando con ella y con las personas adultas que me relaciono también juego bastante, siento que es un juego muchas cosas (VICENTE S.).

### **Minha filha e meus hobbies**

O que eu considero aqui em casa como brincadeira pra mim, são meus hobbies, meu aquário, meu minhocario. Essa coisa de ser pai, de educar uma criança, não é fácil, então eu acho que brincar com a minha filha também é muito presente... nós humanos não temos independência quando somos criança, então, isso ocupa uma boa parte do tempo dos pais, os pais tem um compromisso grande, então brincar com a minha filha atualmente é muito presente, muito, não tem como não falar. E brincar com ela é como eu falei, eu me divirto muito e me faz muito bem, eu gosto muito. A pandemia está em uma fase agora, recente, atual, onde tem esse distanciamento social e com certeza isso influencia, a falta de brincadeiras com os colegas e amigos, também em outros momentos, então não dá para dizer que tem a brincadeira hoje, acontecendo, por conta dessa busca pelo distanciamento social, mas se pensar em um ano atrás,

também, as reuniões, encontros entre amigos, o momento de brincar é presente o tempo todo, seja através de uma coisa mais direcionada, como “ah, vamos brincar disso”, “vamos brincar de descobrir não sei o que” ou mesmo uma simples conversa. O que eu tenho feito hoje e que para mim tem sido bom, pensando na pandemia, é andar de bicicleta, esse andar de bicicleta pra mim não sei se entraria como brincadeira, mas é o momento em que eu consigo me desligar, se a gente entender a brincadeira como um momento de prazer, e desligar, o tempo passa e vai vai vai... Então talvez, pedalar, e fazer minhas caminhadas e corridinhas, são as coisas que eu tenho buscado para minha saúde integral, física e mental, porque esse momento está pesado. Então são essas duas coisas mais diretas hoje, o pedalar e o caminhar/correr, que tem me ajudado. Acho que é isso, minha filha e meus hobbies (EDUARDO).

### **Netos**

Então, nesse momento estou com duas brincadeiras, uma profissional, levada a sério, mas brincando dentro do possível e o ciclismo. E eu gostaria de brincar com meus netos... tenho 6 netos, 3 moram em Ilha bela, um em Salvador e dois moram aqui, que por razões não vou entrar em detalhes, mas são dois adolescentes que não vejo a vários anos, problemas de casal deles então isso... mas eu gostaria de ter os netos para curtir, quando vem aqui, ou em Ilha Bela, normalmente, o mais velho, Matias que está com 16 anos, é muito próximo de mim, é aquele menino que você diz “vamos pescar, mas está chovendo” e ele diz “então vamos ao cinema”, ou “vamos comer um lanche”, ele sempre está de boa, pra qualquer coisa, não é daqueles emburrados que dizem “quero, quero, quero” não... muito inteligente, seguindo o pai na área de informática, no ano próximo terá que optar por uma faculdade, seguramente com algo relacionado com TI (técnico em informática)... então é isso... brincar de cozinheiro, também, as vezes cozinheiro, na verdade cozinheiro quase todos os dias porque moro sozinho, mas as vezes dá na telha e faço algo diferente (ALBERTO).

### **Sencillo, rápido y divertido**

Hoy, a ver... después de jugar a cartas, con los amigos jugamos mucho juego de estrategia, juego largo de pasar horas y horas, y ahora buscamos el juego sencillo, tranquilo y sobre todo divertido, juego que podemos pasarlo bien, el objetivo es pasar lo bien, no pensar demasiado entonces buscamos un juego sencillo, rápido y divertido (CARLES).

### **Além de divertir**

Basicamente eu brinco de andar de bicicleta, essa é a brincadeira que me diverte mais, e além de me divertir, ela me garante um exercício físico, uma reunião em grupo



de amigos, inclusive consegui trazer a minha esposa para essa brincadeira, a Sueli e hoje ela brinca mais do que eu, além de ela brincar mais ela brinca melhor. Então, aquele brinquedo que era antigo, que é a bicicleta e que depois virou trabalho, hoje ele é só brinquedo, um brinquedo de criança grande, que até a bicicleta de hoje, ela é melhor, é mais cara que a bicicleta que eu tinha, porque aquela primeira bicicleta que eu tive, não tinha freios, eu freava com a havaiana, e hoje a bicicleta tem um freio bom, então é a bicicleta que me trouxe o brincar (EDSON).

### **Vamos jugando**

Básicamente juego a muchos juegos de mesa, a juegos de rol con los amigos que llevamos toda la vida jugando, vamos jugando... "como jugamos ahora?", es verdad que es un juego más adulto, piensa más en las cosas, intenta sacar un beneficio más al juego, a las reglas, pero claro, tampoco quieres perder esa parte que es la diversión pues, se un juego no te divierte, pierde mucho la gracia, todo el, el juego o a deportes... también hago muchos deportes, estoy muy vinculado a un deporte como miembro federativo para ayudar y estás ahí... Son diferentes formas de enfocar-lo pero siempre intentando que la parte de la diversión siga presente si no no, no tiene sentido jugar (VITOR C.).

### **Enquanto estiver**

Esses dias eu estava brincando, cantando roupa nova no meu violão e dizendo, "tanta saudade eu já senti, morena, mas foi coisa tão bonita" oh a beleza da saudade, quem disse que saudade é ruim né?! Saudade a gente mata depois, então "tanta saudade eu já senti, morena, mas foi coisa tão bonita da vida, nunca vou me arrepender" então eu acho que essa coisa do "poxa brinquei, quebrou o brinquedo, mas eu vou me arrepender de ter brincado com ele", não, eu vou concertá-lo, vou fazer outro brinquedo, vou doar para alguém e vou partir para uma outra, sair dessa brincadeira e saber que a brincadeira, assim como a vida, tem começo meio e fim, tem momento para entrar e tem momento para sair, mas enquanto estiver nela, tem que estar sempre, legal (PAULO).

Coloco a seguir alguns destaques das mônadas reunidas.

Isabel na mônada **¿Y... a que juego? Prrruf, de todo**, fala que brinca, desde jogos de mesa a jogos de imaginação e criação, com amigos, com o filho e com sua família.

Joel em **Estado de brincadeira**, fala de seu brincar com carrinhos, com sua moto e no forró. Destaca que a importância está no estado de brincadeira, ao brincar de algo.

Vitor em **Subindo em árvore**, conta que brinca com as palavras, ao criar uma frase, uma música, ao subir em árvores, fazendo ginástica ou em um treino de exercícios físicos.

Fósforo na mônada **Uma linha de forró**, fala do forró como uma brincadeira sonora, de viagem, que brincar consigo, com o outro e também ao ouvir música.

Eduardo em **A dança circular**, fala sobre ela enquanto sendo parte dos jogos cooperativos. Também coloca que tem vontade de dançar como um participante e não apenas na função de pessoa que ministra, que conduz a roda.

Elena em **El juego de mi vida**, fala sobre a prática dos castelos humanos, conta que é o jogo de sua vida, por ser uma experiência que lhe trouxe aprendizados e encontros. Também cita os jogos populares.

Yara na mônada **Uma forma de brincar**, considera o momento de ver fotos com os filhos e marido, um brincar, em que vão lembrando das histórias e dos momentos que viveram.

Ainda Yara, em **Cuidando das plantas**, fala do momento de cuidar das plantas e das árvores do quintal, como seu brincar.

Leticia na mônada **Cozinhar**, fala que percebe o momento de cozinhar, como seu brincar, em que ela faz suas investigações e criações nessa prática.

Vicente S. em **Mundo da fantasia o del rol**, conta que joga RPG e que gosta dos jogos de cartas e de fantasia.

Ainda Vicente S. em **La vida cotidiana**, fala como acontece seu brincar, na cozinha, com sua filha e com adultos. Coloca que percebe o jogo em muitos momentos do cotidiano.

Eduardo em **Minha filha e meus hobbies**, conta do aquário, do minhocario, do brincar com a filha e da prática de pedalar.

Alberto na mônada **Netos**, fala do brincar estar no meio profissional, no pedal, na relação com os netos, na pescaria e na cozinha, ao inventar uma refeição para si.

Carles em **Sencillo, rápido y divertido**, revela que joga cartas, jogos de estratégia e também jogos simples, rápidos e divertidos.

Edson em **Além de divertir**, fala do andar de bicicleta ser sua brincadeira e que ao mesmo tempo que se diverte faz um exercício físico, reúne amigos e também, sua esposa.

Vitor C. na mônada **Vamos jugando**, conta que joga RPG, que faz esporte e coloca em destaque a importância da diversão.

Paulo em **Enquanto estiver**, fala de seu brincar no violão, ao refletir sobre a letra da música. Comenta também que enquanto estiver brincando, esse momento deve ser sempre legal.

### **Discussão do conjunto de mônadas – Do que brincam os adultos desse estudo?**

Os participantes desse estudo, apontam para fazeres que consideram brincadeira, seja pela evasão ou pelo prazer que acontece em meio a relação familiar, com os amigos, ou ainda, na imaginação. São brincadeiras de imaginação, competição, cooperação, brincadeiras que acontecem em meio ao trabalho, em alguma tarefa da rotina como cozinhar, cuidar das plantas ou em momentos reservados em meio a rotina para uma prática individual ou em grupo.

Destacamos a seguir três grupos que reúnem as brincadeiras reveladas pelos adultos.

Nesse primeiro bloco estão *brincadeiras conhecidas pela ação concreta*, em que as pessoas jogam, brincam de algo criado em sociedade e culturalmente, que são: jogos de mesa, de tabuleiro, jogos de imaginação e criação, RPG (jogo de rol), jogos tradicionais, jogos de cartas, jogos de estratégia e também jogos simples, rápidos e divertidos; o brincar com carrinhos, o subir em árvores, a pescaria e o pedalar; a dança circular, o forró, os passos de dança, escutar música e a construção dos castelos humanos (atividade praticada tradicionalmente na Espanha).

Os participantes também nos mostram perspectivas do *brincar e jogar que acontecem no cotidiano, em atividades e fazeres*, que consideram ser seus brincares. São eles: o momento de ver fotos, e lembrar das histórias de cada uma; o cuidar das plantas, das árvores, do aquário, do minhocario; o momento de cozinhar, de criação que acontece nessa prática; o passeio de bicicleta que diverte e ao mesmo tempo é um exercício físico, assim como fazer ginástica ou outro treino físico; e também o brincar com a moto, com as palavras, na criação de frases, de músicas.

Por fim, revelamos *o brincar que acontece no relacionar-se* com os filhos, com a família, com os amigos, netos, com os parceiros de trabalho. Ao brincar com pessoas os participantes percebem que o jogo está, em muitos momentos, no convívio, na experiência vivida juntos, seja com uma pessoa ou mais, em uma reunião de amigos, no trabalho ou ainda, quando não se conhecem. O brincar é a própria relação.

Assim, compreendemos que o brincar e jogar são experiências que estão presentes em contextos diversos ao longo da vida, e que de maneira autônoma, individual e coletiva, cada ser humano constrói e partilha sua cultura lúdica de maneira atemporal dentro dos vínculos de relacionamentos. É no encontro e na experiência com várias pessoas e culturas lúdicas que o sujeito se forma.

Destacamos então, a importância do estado de brincadeira nas relações humanas que construímos com pessoas, com os animais, com a natureza. Somos brincantes em perspectivas

diversas, pois o brincar não se apresenta apenas de uma forma, em um molde, ele existe e se manifesta de maneira múltipla, seja em ações concretas já chamadas e reconhecidas como jogos e brincadeiras, nos momentos do cotidiano pelo que cada pessoa considera ser seu brincar e em meio a relações e expressões que unem pessoas, contextos e mundo.

As brincadeiras e jogos dos adultos são experiências que constroem e reproduzem a cultura lúdica. Nela estão reunidas características que revelam gostos, interesses, aprendizados, histórias que falam do contexto que vivem e/ou transitaram. São elementos que formam o ser humano enquanto indivíduo social, cultural, emocional e também formam contextos e objetos de suas trajetórias.

Assim, ao abordar do que brincam os adultos dessa pesquisa, reunimos memórias, experiências vividas e práticas presentes, pulsantes no cotidiano.

## Contribuições e considerações

*Quando for grande, não quero ser médico, engenheiro ou professor.*

*Não quero trabalhar de manhã à noite, seja no que for.*

*Quero brincar de manhã à noite, seja no que for.*

*Quando for grande, quero ser um brincador.*

*Ficam, portanto, a saber: não vou para a escola aprender a ser um médico, um engenheiro  
ou um professor.*

*Tenho mais em que pensar e muito mais que fazer.*

*Tenho tanto que brincar, como brinca um brincador, muito mais o que sonhar, como sonha  
um sonhador, e também que imaginar, como imagina um imaginador... A mãe diz que não  
pode ser, que não é profissão de gente crescida.*

*E depois acrescenta, a suspirar: “é assim a vida”. Custa tanto a acreditar.*

*Pessoas que são capazes, que um dia também foram raparigas e rapazes, mas já não podem  
brincar. A vida é assim? Não para mim.*

*Quando for grande, quero ser brincador. Brincar e crescer, crescer e brincar, até a morte vir  
bater à minha porta.*

*Na minha sepultura, vão escrever: “Aqui jaz um brincador.*

*Era um homem simples e dedicado, muito dado, que se levantava cedo todas as manhãs para  
ir brincar com as palavras.*

*(O brincador – Álvaro Magalhães)*

Como parte final do estudo, propomos tecer algumas considerações, sabendo que ainda, muitas dúvidas continuam a existir e é importante que assim o seja, pois são elas que nos colocam sempre em movimento, impulsionados pela curiosidade diante o desconhecido. Retomaremos a seguir o caminho percorrido com a intenção de refletir se a questão inicial e os objetivos foram contemplados, e assim, partimos para o fechamento desse trabalho.

Ainda na parte introdutória, apontamos que a vida em sociedade nos ensina valores que muitas vezes estão associados à aquisição de coisas materiais, de produção e consumo e, pouco se valoriza os saberes, fazeres e práticas que constroem nossas humanidades. Nesse estudo, miramos, então, o brincar porque acreditamos que potencialmente ele carrega possibilidades de humanização que talvez se percam na dinâmica capitalista em que a sociedade vive atualmente, e também por identificarmos a falta de produções científicas que abordassem o tema por essa perspectiva, do brincar ao longo da vida.

Nossa busca foi por conhecer e compreender mais profundamente o significado que o brincar assume na vida dos adultos, tomando como base suas histórias e então, a partir delas, propor reflexões diante o que as memórias das experiências vividas revelariam. Podemos afirmar que: as trajetórias de vida narradas por cada participante colaboraram com pontos importantes para o entendimento da prática social em questão e ao mesmo tempo desvelou como o brincar se relaciona com as construções que cada ser humano vivenciou, em seus cotidianos de vida. Assim, a presente pesquisa teve como foco a questão: “qual o significado do brincar na vida de adultos e como isso reflete em sua experiência de vida e profissional?”.

Tratamos de investigar como os adultos significam o brincar em suas vidas, em suas trajetórias e como o tema aparece, de que maneira se relaciona com as experiências nos diferentes âmbitos, contextos, ao longo da vida. De modo que fosse possível compreender o fenômeno por meio das pessoas, respeitando cada sujeito em suas subjetividades e singularidades, ao mesmo tempo que, identificando e relacionando aquilo que os aproximam, mesmo que toda bagagem vivida culturalmente, socialmente tenha sido diferente. Ressaltando que mesmo os participantes sendo de países e contextos diferentes, a busca foi pelas convergências, em exaltar o trançado que formam o conjunto das histórias narradas.

A extensão e a riqueza das narrativas permitem que estas sejam olhadas com outros objetivos que, conseqüentemente, gerariam outras análises.

Com o objetivo de compreender como a experiência brincante é significada por adultos em suas trajetórias de vida, nos encontramos com adultos de diferentes idades, profissões, culturas, contextos, para escutar e conhecer a partir de suas narrativas, suas histórias. O registro feito por meio da entrevista semi-estruturada se mostrou um recurso que contemplou nossa coleta de dados, destacando que, mesmo tendo algumas perguntas que suscitaram o lembrar, todos os participantes foram muito generosos e nos regalaram longas e profundas narrativas, de maneira que surgiram questões, comentários pra além do que estava planejado por parte da pesquisadora, e narrativas extensas e detalhadas por parte dos participantes. De maneira que a base da coleta seguiu o que corresponde ao instrumento da entrevista semi-estruturada, mas que no encontro com os participantes, se alongou para narrativas aprofundadas, detalhadas e sensíveis.

Nas narrativas os participantes compartilharam momentos vividos em suas infâncias, acessaram lugares, experiências e sentimentos que ficaram marcados. Refletiram diante sua trajetória com o brincar e em como, no momento atual o compreendem em suas vidas. Mostrando que para além de responderem questões, percorreram suas trajetórias e diversas experiências relacionadas ao brincar e a outros temas que com ele se revelaram.

Junto a isso, concluímos que a quantidade de participantes do estudo foi significativa de modo que possibilitou valiosos encaminhamentos no tema estudado.

Organizamos as narrativas dos participantes no formato de mônadas e em seguida, após muitas leituras, identificamos temas apontados por elas e assim estruturamos a análise e discussão dos dados. A escolha por apresentarmos as narrativas no formato de mônadas se justifica na valorização dos detalhes que as narrativas comportam, de maneira que, ao apresentar um fragmento maior se torna possível olhar para a história contada de maneira ampliada, como se pudessemos entrar no contexto, passear próximo dos personagens e sentimentos existentes na memória relatada. Seguimos o modelo colocado por Walter Benjamin (2013) e consideramos que assim preservamos as histórias do brincar dos adultos, sendo elas a parte mais preciosa e marcante dessa pesquisa.

No capítulo III, por meio das mônadas os sujeitos da pesquisa foram apresentados em suas histórias, e isso possibilitou uma aproximação e entendimento maior, de onde partem suas falas. Logo em seguida, ao adentrarmos na análise dos dados, focamos em realizá-la de maneira que pelas mônadas pudessemos ir conhecendo os temas a serem analisados pelo que delas emergiam. Reunimos então os temas comuns vindos das mônadas, mas cada categoria de

análise seguiu por um caminho, uma forma de organizar e trabalhar com a discussão, seguindo a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977).

Na parte da análise, capítulo IV, sobre as **relações entre brincar, tempo, trabalho e família**, foi comum nas mônadas colocações incomodadas diante a falta de **tempo**, com marcada cisão no tempo quando o trabalho começa a fazer parte do cotidiano. Trazemos a discussão do tempo cronos e kairós, pela importância da reflexão diante diferentes formas de compreensão do tema. Com isso também o destaque diante a relação de ganhar e perder tempo, com o que gastamos quando trabalhamos. Gastamos, vendemos ou desfrutamos como mais um momento do dia? Lembrando que para nós, neste estudo, o tempo é considerado como nosso bem mais valioso.

Surgiram colocações diante como o brincar ocorre em meio ao ambiente de **trabalho**, desde como as escolhas profissionais carregam princípios, elementos que valorizamos e que se revelam presentes enquanto realizações, sendo momentos que fazem bem, que as pessoas encontram sentido no que fazem. Colocam ainda que em seus trabalhos não deixam de brincar, assim mostrando que somos seres integrados, somos inteiros e somos assim em todos os lugares e momentos. Os trabalhos que acolhem essa inteireza do ser se mostraram como extensões da vida, que permitem assim o transitar, do que acreditamos com o que nos faz sentido. Conforme a participante Renata coloca, “o brincar é o eixo” e por ele nos movimentamos, nos nutrimos, sendo assim algo muito profundo e significativo em nossa formação enquanto seres humanos.

Em alguns casos, os participantes apontaram buscar **elementos lúdicos** para permearem tarefas e relacionamentos em suas profissões. As pessoas criam, buscam possibilidades de transver e ressignificar suas práticas no trabalho por meio da ludicidade. Considerando a importância da presença do riso, das vontades e de permitir a entrada do lúdico no trabalho, que é um dos momentos de nosso cotidiano. Em acordo com Klisys (2010) acreditamos que “uma sociedade que sabe dosar momentos formais e informais de conhecimento está capacitada a pensar de forma inclusiva, aceitando jogo e trabalho como necessidades vitais do ser humano” (KLISYS, 2010, p. 28).

Os participantes ao abordarem o tema **brincar e família**, revelaram a presença de familiares como avós, pai, mãe, filhos, como parceiros no momento do brincar. Tanto na parte das recordações de como era antigamente, mas também no momento presente como importantes no processo de manter e transmitir jogos tradicionais, como também no estímulo e motivação para que continuem presentes no cotidiano das famílias, as unindo, como acontece nos grupos que se reúnem para jogar jogos de tabuleiro.



Os adultos de hoje questionam a **liberdade** concedida para as crianças no momento atual. Como é possível descobrir, aprender fora da curiosidade, do desejo e da possibilidade da experiência em liberdade? Destacam sua percepção de que hoje em dia essa questão se mostra diferente, interferindo assim nas experiências e no brincar das crianças, ao mesmo tempo, partilham memórias cheias de detalhes e significados de suas histórias vividas.

Observamos então um ponto de mudança em como a sociedade, seja pelo aumento da violência, do medo, dentre tantas possibilidades acabam privando crianças e adultos de suas experiências brincantes.

É por meio das narrativas que se comprova nossa tese de que o brincar segue presente na formação do humano, em diversos contextos, desde o ambiente familiar até o de trabalho, dentro das relações entre pessoas e mundo. Retomando nossos objetivos iniciais, foi possível nesse estudo compreender as relações entre o brincar e aspectos de vida pessoal e/ou profissional do adulto. Podemos afirmar que o brincar está no viver humano, perpassa e está imerso nas diversas práticas e contextos. E ainda que, revela processos educativos humanizadores que foram e são construídos, manifestados, nos momentos de experiências brincantes, em meio ao cotidiano.

Na parte **aprendizados permanentes no brincar** os participantes contam de seus aprendizados com o brincar. Por meio das narrativas entendemos que o brincar possibilita diferentes aprendizados ao longo da vida, os quais citaremos a seguir. Nessa parte o objetivo de identificar que processos educativos se desvelam nas experiências brincantes na trajetória de vida dos adultos foi contemplado.

O brincar se manifesta enquanto elo de ligação entre gerações, gera aprendizados vindos das tradições familiares que cada pessoa está inserida. Cada indivíduo que compõe gerações é parte desse processo de formação humana e pode colaborar ou ainda atrapalhar nos processos de aprendizados. Os dados revelam o brincar enquanto elo que une e aproxima pessoas de idades diferentes, mas também de culturas e histórias variadas, sendo então uma prática que ultrapassa barreiras de tempo e espaço, diferenças culturais ou sociais, se mostra liberto, despregue dessas questões e ao mesmo tempo presente em todas.

Há o destaque para os aprendizados de quando o brincar ocorre entre criança e adulto, em que a criança mostra e ensina para o adulto sobre a importância do presente, de se viver o agora e com elas compreender que o brincar é um momento de prazer e de partilha. Nesse

sentido, ao brincar com as crianças os adultos aprendem a olhar para o simples, para o que está próximo e muitas vezes não é percebido.

Outro destaque é para a adoção de uma relação brincante com a vida, que tem sua raiz no brincar da infância e que se mantém contínuo, como um fio que une nosso ser por inteiro, de maneira que tudo que brincamos ecoa ainda nas maneiras de lidar com o viver. O brincar nos coloca em contato com emoções, posturas, visões de mundo que nos permitem re-olhar, pausar a correria e dar espaço a sensibilidade do que o sentir revela, rompendo assim com a mecanização que tanto é automatizada no cotidiano pela dinâmica capitalista.

Entendemos pelas colocações que o brincar é um fenômeno que passa por mudanças ao longo da vida, que ele migra no que corresponde as ações, maneiras de acontecer, intencionalidades, desejos e nesses movimentos os adultos vão aprendendo outras possibilidades. Em contra partida há brincadeiras e brinquedos que continuam e nesses casos, mesmo que se mantenham, ocorrem segundo o adulto.

Os adultos revelaram que seguem aprendendo com o brincar, aprendem a identificar o que gostam, identificar características como a dificuldade em não saber perder, etc. Assim, destacam que esses aprendizados estão na formação de suas personalidades, e que no brincar acessam e refletem sobre si, sobre a maneira de ser mais tímida e/ou competitiva, apresentando que da experiência brincante são gerados diversos sentidos e significados para o ser humano.

Por meio das narrativas, percebemos que o brincar preserva no ser humano aprendizados que seguem se desenrolando, somando nos entendimentos e relações consigo, com o outro e com o mundo. Acreditamos que o brincar se revela como potente área de formação ao longo da vida, pois por meio das narrativas percebemos movimentos nos caminhos de vida que foram guiados pelo brincar e que continuam presentes, com sua importância, seja na coleção de carrinhos, na ação de cuidar do jardim, no montar e desmontar objetos, na criação de histórias imaginárias, no esporte, na dança, no jogo de tabuleiro, e mesmo nos brincares que nunca deixaram de existir, como a bicicleta, que esteve presente na infância e que continua na vida adulta e também velhice fazendo sentido e tendo significado para o adulto. E nesse sentido, tanto com os adultos que trabalham com o brincar na escola, assim como com os que não estão, mas possuem relação com o tema, destacaram aprendizados e valorizaram sua importância na vida cotidiana em suas narrativas.

No brincar aprendemos a ser, aprendemos a ver quem somos, do que gostamos, como são as pessoas e contextos que nos relacionamos. O brincar está nos espaços físicos, sociais, simbólicos e proporciona aprendizagens profundas. E mais, os aprendizados vindos das

experiências vividas na infância continuam integrando e sendo parte das buscas na vida cotidiana. É dizer que a formação do ser humano está entrelaçada a um brincar que é perene.

Na parte dos **adultos refletindo e conceituando o brincar**, os adultos conceituaram o brincar, colocaram como formaram tais entendimentos e contaram sobre os caminhos brincantes experimentados em suas vidas.

Em **conceituando o brincar**, compreendemos que continuamos a brincar porque continuamos curiosos, instigados por conhecer, um estado de investigar que é contínuo em nosso ser. Unindo a memória ao que continua sendo vivo nas escolhas, de maneira que somos as brincadeiras que brincamos. Não deixamos ou paramos de brincar, apenas transformamos, brincamos de outras maneiras enquanto adultos.

Nas **reflexões sobre diversão**, entendemos que não precisamos parar de brincar, precisamos parar de deixar de lado o que tanto nos faz bem. É preciso se permitir a diversão nas práticas imersas no cotidiano, o que realmente se quer fazer, e assim, respeitar todo o processo de formação humana que ocorre nas experiências, como nesse caso, no brincar.

Em **brincadeiras e brinquedos: o que guardam?**, fica em destaque que, seja com a bicicleta, jogos de tabuleiro, na pescaria, no forró, no brincar com os filhos, com os netos, no contar histórias e no imaginar, o brincar e os brinquedos seguem encantando, gerando prazer e memórias, seguem sendo parte do caminho que é viver. Guardam processos de formação e aprendizagens muito significativas enquanto humanos que somos.

E em **encontros e vínculos**, fica o destaque para o brincar que é tempo e espaço de encontros, de criação e revitalização de vínculos. Nos relacionamos com pessoas, amigos, familiares, e nos mostramos para o outro, nisso nos reconhecemos, nas expressões e partilhas dentro do brincar e jogar.

Ao final, em **do que brincam os adultos desse estudo?** Conhecemos quais são as brincadeiras dos adultos. Colocamos a seguir que são: jogos de mesa, jogos de criar histórias, o tocar um instrumento, fazer poesia, compor música, o treino físico, a prática de algum esporte, o subir em árvores, a dança circular, o forró, a prática de fazer castelos humanos (Castellers), jogos populares, o cuidado com as plantas do jardim, com o minhocario, com o aquário, no cozinhar algum prato, a leitura de livros e ao pedalar, passeio de bicicleta.

São jogos e brincadeiras em que a imaginação, a fantasia, criação estão muito presentes, assim como a ação física, gestos e fazeres em situações do dia-dia. Lembrando que acontecem

de maneira individual e também com outras pessoas, filhos, amigos, alunos, parceiros de trabalho.

Conforme os aspectos observados, a brincadeira e o jogo se revelam em meio a vida cotidiana, dentro do espaço familiar, profissional, pois a busca por prazer, por conhecer é contínua no ser humano. Assim que, diversos brinquedos continuam a fazer parte do contexto de brincadeira dos adultos, como a bicicleta, jogos de tabuleiro, de cartas, dominó e alguns esportes com objetos específicos.

O brincar, assim como a vida, tem começo e fim, mas é na duração, no processo, que está o mais importante, a entrega ao momento que se vive. O brincar só existe porque existimos, ele é construído por seres humanos que dizem o que é brincar e do outro lado, nós também só existimos, e partilhamos a busca de nos entender e entender o mundo, porque brincamos do início ao fim, sem parar.

Ressaltamos o brincar enquanto elemento tanto de memória e por isso formador, mas também presente de forma desfrutada, vivida, entregue, na vida de diferentes adultos. Podendo estar relacionado ao trabalho, ao ambiente familiar, ao encontro de si consigo mesmo, mas que de maneira geral está entrelaçada e perpassa esse todo. Assim, miramos para o trabalho e a não separação dos desejos, o brincar e a não separação dos tempos, os aprendizados e a não separação da rotina na vida cotidiana, de maneira que o todo se forma em um grande trançado.

Chegamos ao brincar e o assumimos enquanto conceito amplo, que não deve ser fragmentado ou visto como um momento específico para a infância, mas como uma prática que foi colocada em destaque em diferentes momentos do cotidiano ao longo da vida. Os apontamentos aparecem nas trajetórias vividas, que foram partilhadas por adultos de diferentes idades e contextos profissionais, e também culturais, comprovando que o brincar foi e ainda é vivido pelos adultos.

Mesmo que imersos em uma estrutura social capitalista, de produção e consumo desenfreado, a pesquisa revela que o jogo e a brincadeira com tudo que representam e carregam em si, seguem sendo o contraponto, presente no cotidiano das pessoas, em meio as atividades e obrigações. O jogo e o brincar por serem experiências de entrega, por contemplarem o fim em si mesmo e não gerar nenhum produto ou bem material, continuam não se encaixando no modelo que vivemos, mas é justamente nesse descompasso que percebemos sua força e importância em continuar desviante, potenciador de desejos, de buscas, nutrindo criatividade e possibilitando relações outras entre pessoas e mundo.

Por meio de tudo que foi exposto e dialogado nesse estudo podemos afirmar que o brincar está no ser humano. É por meio dele, do desejo que existe, da curiosidade, do sentimento, pensamento, da reflexão e ação, não necessariamente precisando conter todos esses elementos juntos, que o brincar existe e se manifesta. O brincar não está em um objeto, não está no trabalho, no parque, no tempo livre, o brincar está na atitude, na intencionalidade do ser humano e de maneira atemporal. O brincar existe em parceria ao ser humano. O brincar está no ser humano e se mostra como elemento fundante de aprendizagens permanentes.

Conforme Brougère (2012) “aprender é uma atividade da vida cotidiana, e não uma atividade que só poderia encontrar lugar rompendo com ela” (BROUGÈRE, 2012, p. 23). Nesse sentido, os adultos apresentaram o brincar como experiência presente nas aprendizagens ao longo da vida. A maneira com que os adultos definiram, conceituaram o brincar, revela também a maneira que o inserem no âmbito profissional e pessoal. Destacando que a formação inicial se liga aos caminhos e escolhas, sendo o brincar parte disso, guiando e interferindo no caminho pessoal e profissional.

Nossas memórias revelam conhecimentos que carregamos desde a infância, vindo do jogo e seguimos na busca de nossas experiências, sensações, seguimos buscando em diferentes práticas e processos nos compreender para conviver com o outro. Durante toda vida o jogo revela sobre como somos e quem somos.

Nossa proposta na perspectiva de contribuir para o entendimento do significado do brincar na vida de adultos e possibilitar maiores discussões acadêmicas se mostrou relevante por identificarmos que o adulto, seja qual for sua idade, tem muito a dizer, viver e refletir sobre o brincar ao longo da vida. Assim, miramos para o brincar como um fenômeno com muito ainda por ser pesquisado e compreendido em nossa condição humana, que possibilita encontros e construções referentes a formação humana do ser, consigo e em sociedade.

Compartilhamos nesse estudo que são diversos os significados do brincar acompanhando a variedade de seres humanos no mundo. Pudemos reunir aqui alguns destaques das mônadas que apresentaram o brincar, pela perspectiva do adulto, que é composta e construída ao longo do viver, contendo então uma organização não cronológica, mas de raiz dos significados e marcas das recordações.

O mundo material tem repercussão direta no mundo simbólico. Um se comunica com o outro. A materialidade do brincar é do campo das significâncias da alma. Perpassa o tato, o olfato, a audição e o paladar, alcançando tais impressões sensoriais para o dinamismo dos símbolos, acordando imagens e arcaísmos do ser, comungando a vida presente com a memória longínqua das gerações. Exige do educador um estudo cuidado e empático do alcance das impressões, uma audição musical para as estripulias do eco imaginal em cada alma, uma visão para além dos limites da retina (PIORSK, 2016, p. 85).

A partir dos resultados desse estudo chegamos à tese de que ainda é pequeno o conjunto de pesquisas e discussões que se colocam a entender o brincar ao longo da vida como um processo atemporal. Nesse sentido faltam materiais, estudos que apresentem o brincar por essa perspectiva e acreditamos que esta pesquisa se aloca nesse ponto de colaboração. Os dados nos permitem contribuir ao panorama em questão, pois apontam para como o brincar ocorre na vida adulta, por meio das memórias e experiências presentes ao longo da vida, revelando que o brincar não desaparece em determinada idade.

Dito isso, destaco que todos os objetivos deste estudo foram atendidos em meio as discussões geradas e trabalhadas, nas colocações e partilhas de cada adulto sobre o brincar que segue presente de maneira permanente no viver humano e que por essa pesquisa está registrado.

Finalizamos esse texto em defesa do brincar como parte fundamental na formação humana. Acreditamos que essa pesquisa revela, para além do registro, também a necessidade de valorização do brincar enquanto fenômeno vivido ao longo da vida e ainda, tem o intuito de legitimar devido reconhecimento frente ao seu potencial humanizador.

Para isso é fundamental que cada vez mais o brincar seja compreendido como parte experienciável no viver, sabendo que o lúdico nos acompanha em todo o percurso de maneira atemporal. Que o brincar possa ser desfrutado entre as pessoas, gerando assim vínculos, afetos, maneiras de solucionar problemas em coletivo, de retomar sentimentos esquecidos, de reflexões e entendimentos dos caminhos pessoais e profissionais trilhados, de viver e partilhar prazeres, medos, aventuras, como essa pesquisa mostrou.

Que todos esses processos de aprendizagens do brincar desaguem e sejam reconhecidos na formação de seres humanos cada vez mais entregues e presentes em suas próprias (e no coletivo) trajetórias vividas.

## Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, Maria H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFOel, Pelotas, n. 14. P. 79-95, set. 2003.

ABRAMS, Jeremiah. **O reencontro da criança interior**. 9 ed. São Paulo: Cultrix. 1999.

ACOSTA, Alberto. Aprender o caminho do inferno para dele se afastar. In: ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária. Elefante. 2016.

\_\_\_\_\_. O bem viver, uma proposta global. In: ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária. Elefante. 2016.

ALMEIDA, Berenice de. Os povos indígenas do Brasil. In: **A floresta canta!:** uma expedição sonora por terras indígenas do Brasil. 2 ed. São Paulo: Peirópolis, 2014.

ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer:** Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. **Conversas sobre educação**. 12 ed. Campinas, Versus Editora, 2015.

ALVES, Fernando D.; SOMMERHALDER, Aline; EMERIQUE, Paulo S. Jogo, logo existo: percepções de professores sobre o brincar a partir da vivência lúdica. **Lecturas Educación Física y Deportes** (Buenos Aires), v. 151, p. 1-7, 2010.

ANTUNES, Ricardo. Tempo de trabalho e tempo livre: por uma vida cheia de sentido dentro e fora do trabalho. In: ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

\_\_\_\_\_. **O privilégio da servidão:** o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro, Zahar. 2011.

BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. Infância em Berlim por volta de 1900. In: **Obras Escolhidas II**. Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa, Antropos, 1992.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas I** – Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. 7 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. Omelete de amoras. In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas II**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. **Rua de mão única - Infância berlinense: 1900**. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Entrevistas. In: BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, p.134-139, 1994.

BOSI, Ecléa. Sugestões para um jovem pesquisador. In: \_\_\_\_\_. **O tempo vivido da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo. Atêlie, p. 59-67, 2000.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3ª edição. – São Paulo. Companhia das letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos R. A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação. In: \_\_\_\_\_. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. Jogar para competir ou jogar para compartilhar? In: \_\_\_\_\_. **Aprender o amor: Sobre um afeto que se aprende a viver**. Campinas: Papirus, p. 87-116, 2005.

\_\_\_\_\_. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

\_\_\_\_\_. Prefácio: Perguntas, pesquisas. Para quem? Para quê? In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EDUFSCar, 2014.

BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

\_\_\_\_\_. **Brinquedo e cultura**. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T.M. (org.) **O brincar e suas Teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

\_\_\_\_\_. Vida cotidiana e aprendizagens. In: BROUGÈRE, Gilles; ULMANN, Anne-Lise. **Aprender pela vida cotidiana**. Campinas, SP: Autores associados, 2012.

BROUGÈRE, Gilles; ULMANN, Anne-Lise. Sair da sombra: as aprendizagens cotidianas. In: \_\_\_\_\_. **Aprender pela vida cotidiana**. Campinas, SP: Autores associados, 2012.

BUYTENDIJK, Frederik J. J. O jogo humano. In: GADAMER, H. G.; VOGLER, P. (org.) **Nova antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural**. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

CARRO, Luis. Prefácio. In: DI RIENZO, Paolo. **Dar la palabra a la experiencia: el reconocimiento de las competencias invisibles de los adultos en la formación**. Laertes S.A de ediciones, 2015.



CARRÉ, Philippe. As aprendizagens profissionais nas organizações. In: BROUGÈRE, Gilles; ULMANN, Anne-Lise. **Aprender pela vida cotidiana**. Campinas, SP: Autores associados, 2012.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

CICERO, Antonio. Poesia e preguiça. In: NOVAES, Adauto. (org.) **Mutações: elogio a preguiça**. São Paulo: Edições SESC SP, 2012.

CHAUÍ, Marilena S. Apresentação: Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3ª edição. – São Paulo. Companhia das letras, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. Editora Ática, São Paulo, 2000.

CONNELLY, F. Michael; CLANDININ, D. Jean. Relatos de experiência e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge (Org.) **Dejame que te cuente: Ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Editorial Laertes, pp. 11/59. 1995.

CONTI, Fábio D.; SOUZA, Audrey S. L. de. O momento de brincar no ato de contar histórias: uma modalidade diagnóstica. **Psicologia, ciência e profissão**. 98 – 113, 2010.

CRUZ, Denise F. C. Algumas notas sobre bonecas para mulheres "negras" em Maputo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, setembro/dezembro, 2016.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Play and intrinsic rewards. **Journal of Humanistic Psychology**. Tradução de Luciana de D. Vieira de Moraes, Revisão: Mauro Betti. Vol 15, n 3, p. 41-63, 1975.

\_\_\_\_\_. **A descoberta do fluxo: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana**. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

DANTAS, Heloysa. Brincar e trabalhar. In: KISHIMOTO, Tizuko M. (org.) **O brincar e suas Teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

DELALANDE, Julie. O pátio de recreio: lugar de socialização e de culturas infantis. In: BROUGÈRE, Gilles. & ULMANN, Anne-Lise. **Aprender pela vida cotidiana**. Campinas, SP: Autores associados, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em Educação. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. V.27, n.01, p. 333-346, abr. 2011.

\_\_\_\_\_. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. 3. ed. Tradução de Anísio Teixeira, São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1979.

DI RIENZO, Paolo. **Dar la palabra a la experiencia:** el reconocimiento de las competencias invisibles de los adultos en la formación. Laertes S.A de ediciones. 2015.

DINIS, Nilson. **Perto do coração criança:** imagens da infância em Clarice Lispector. Londrina: Eduel, 2006.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: **O método (auto)biográfico e a formação** (org.) NÓVOA, Antônio.; FINGER, Matthias. Trad, Maria Nóvoa. – 2. Ed. – Natal, RN: EDUFRN, 2014.

ENRIQUEZ, Eugène. A vida como tempo de uma experiência sempre inacabada. In: NOVAES, Adauto. (org.) **Mutações:** o futuro não é mais o que era. São Paulo, Edições SESC SP, 2013.

FERRIGNO, José C. **Co-educação entre gerações.** Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: SESC, 2003.

FRANÇA, Cyntia Simioni. **O Canto da Odisseia e as Narrativas Docentes:** dois mundos que dialogam na produção de conhecimento histórico educacional. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, SP, 2015.

FREIRE, Paulo. **Política e educação.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 45ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** 12ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança.** 34ªed rev. E atual. – São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 57ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREUD, Sigmund. El poeta y la fantasía. In: \_\_\_\_\_ **Obras completas.** Madrid: Editorial Biblioteca Nueva Madrid. v.2, p. 1057 - 106. 1968.

\_\_\_\_\_. Uma breve descrição da psicanálise. In: **Obras completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Obras completas, volume 16:** O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925) / São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços.** Tradução de Eric Nepomuceno. 2 ed. Porto Alegre, L&PM, 2015.

GALZERANI, Maria C. B. Memória, história e (re) invenção educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, memória, história.** Campinas: Mercado das Letras, 2004.

GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Tradução de Osmyr Faria Gabbi Júnior. – Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1989.

GOHN, Maria G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GREGÓRIO, Gregório de S.; AMPARO, Deise Matos do. O brincar e o espaço potencial no ambiente virtual. **Ágora** (Rio de Janeiro) v. XXI n.1 jan/abr, 71-82, 2018.

GROS, Frédéric. Preguiça e capitalismo. In: NOVAES, Adauto. (org.) **Mutações: elogio a preguiça**. São Paulo: Edições SESC SP, 2012.

HERRERO, Marina; FERNANDES, Ulysses. **Jogos e brincadeiras na cultura Kalapalo**. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 8 ed. 2017.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: **O método (auto)biográfico e a formação** (org.) NÓVOA, Antônio.; FINGER, Matthias. Trad, Maria Nóvoa. – 2. Ed. – Natal, RN: EDUFRRN, 2014.

JUNG, Carl G. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 4 ed. 1986.

\_\_\_\_\_. A psicologia do arquétipo da criança. In: JUNG. Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

KANT, Immanuel. **Textos selecionados / Immanuel Kant**. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. Traduções de Tania Maria Bernkopf, Paulo Quintela, Rubens Rodrigues Torres Filho. – São Paulo: Abril Cultural, 1980.

KISHIMOTO, Tizuko M. (org.) **O brincar e suas Teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

KLISYS, Adriana. **Quer jogar?** São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

LAFARGUE, Paul. **O direito a preguiça**. Tradução de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Hucitec, Unesp, 1999.

LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p.20-28. 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

\_\_\_\_\_. **Esperando não se sabe o quê:** sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza:** resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. São Paulo, Aquariana, 2016.

MACIEL, Maria Regina. O infantil ou o que não se desenvolve, entretanto cria. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 7, n.14, jul./dez. pp. 207-219, 2011.

MALDONATO, Mauro. **Passagens de tempo.** São Paulo: Edições SESC SP, 2012.

MARTINS, Joel. Não somos cronos somos kairós. **Doxa: Revista Paulista de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 1, n. 1, p. 7-24, 1991.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento:** as bases biológicas da compreensão. 8 ed. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MARIOTTI, Humberto. Prefácio. In: MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento:** as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo. Palas Athena, 2001.

MARINHO, Marco A. C. Trajetórias de vida: um conceito em construção. **Revista do Instituto de Ciências Humanas** – Vol. 13, Nº 17, 2017.

MAURÍCIO, Joise S. de S. **Papagaio de papel: lazer de adultos em Manaus.** 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

MEDEIROS, Francisco E. de. **As Dimensões Lúdicas da Experiência de Infância: Entre os registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes e a memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de “Além-Mar”.** 2011. 240 f. Tese (Doutorado) – UFSC, Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Florianópolis, 2011.

MÉLLO, Ricardo P. et al. Construcionismo, Práticas Discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**; 19 (3). p. 26-32, 2007.

MINAYO, Maria C. S. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria C. S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 21ª. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, p. 9-30, 1994.

MIRANDA, Danilo S. Um olhar sobre a brincadeira no Alto Xingu. In: HERRERO, Marina; FERNANDES, Ulysses. **Jogos e brincadeiras na cultura Kalapalo.** São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

MOREIRA, Andressa U. **“Brincante é um estado de graça”:** sentidos do brincar na cultura popular. 2015. 189 f. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. **Das coisas que aprendi**: ensaios sobre o bem-viver. 2 ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2019.

\_\_\_\_\_. Prefácio. IN: GUIMARÃES, Ruth. **Contos Índios**. São Paulo: Faro Editorial, 2020.

NASCIMENTO, Andréa Z. S. do. **A criança e o arquiteto**: quem aprende com quem? São Paulo, 262 f. Dissertação (Mestrado – Área de concentração: Paisagem e Ambiente) – FAUUSP, 2009.

NEDER, Marcia. **Déspotas mirins, o poder nas novas famílias**. 2 ed. atual.rev – Porto Alegre: Metamorfose, 2018.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V; TRIVINOS, A. N. S. (org.) **A pesquisa qualitativa na educação física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS/Sulina, 1999, p.61-93.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (org.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Trad. Maria Nóvoa. – 2. Ed. – Natal, RN: EDUFRN, 2014.

OGIEN, Ruwen. A ética da vergonha. In: NOVAES, Adauto. **Vida vício virtude**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, Edições SESC SP, 2009.

OLIVEIRA, Paulo S. **Brinquedos artesanais e expressividade cultural**. São Paulo: SESC, 1982.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida V. G.; JOLY, Ilza Z. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EDUFSCar, p. 29-46, 2014.

OSTETTO, Luciana E. **Educadores na roda da dança**: formação-transformação. Tese (Doutorado em Educação). Campinas, SP: Faculdade de Educação-Unicamp, 2006.

\_\_\_\_\_. Na jornada de formação: tocar o arquétipo do mestre-aprendiz. **Pro-Posições**, v. 18, 2007.

\_\_\_\_\_. Para encantar, é preciso encantar-se: danças circulares na formação de professores. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 80, p. 40-55, jan.-abr. 2010.

PASSEGGI, Maria C; SOUZA, Elizeu C; VICENTINI, Paula P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. V.27, n.01, p. 369-386, abr. 2011.

PASSEGGI, Maria; SOUZA, Elizeu C. Prefácio. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (org.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Trad. Maria Nóvoa. – 2. Ed. – Natal, RN: EDUFRN, 2014.

PEREIRA, Tadeu E. Brincar, brinquedo, brincadeira, jogo, lúdico. **Presença Pedagógica**. São Paulo, v. 7, n. 38, p. 88-92, mar./abr. 2001.

PINTOR, Eliana A. S. Sofrimento mental em vendedores na Grande São Paulo: a destituição do ser pela organização do trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, 35. 277- 288, 2010.

PIORSK, Gandhi. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

RILKE, Rainer M. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ROSA, Maria I. P; RAMOS, Tacita A.; CORRÊA, Bianca R.; JUNIOR, Admir S. A. Narrativas e mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n.1, pp. 198-217, Jan/jun. 2011.

SARTORI, Gabriela D. **No espaço-tempo da brincadeira no Programa Curumim/ SESC São Carlos: crianças e adultos, saberes em relação**. Dissertação (Mestrado em Educação). São Carlos, SP. UFSCar. 2016.

SIGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOMMERHALDER, Aline; ALVES, Fernando D. **Jogo e a educação da infância: muito prazer em aprender**. Curitiba, PR: CRV, 2011.

SOUZA, Elizeu C. de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: EDUNEB, 2006.

\_\_\_\_\_. (Auto) biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. **Revista Fórum Identidades**, Ano 2, v. 4, Nº 04, 37-50 – jul-dez. 2008.

SULLWOLD, Edith. Um experimento inédito: O arquétipo da criança interior. In: ABRAMS, Jeremiah. **O reencontro da criança interior**. 9 ed. São Paulo: Cultrix. 1999.

TONUCCI, Francesco. Quando as crianças dizem: agora chega! Porto Alegre: Artmed, 2005.

TURINO, Célio. Prefácio a edição brasileira. In: ACOSTA, A. **O Bem Viver, uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Editora Elefante e editora Autonomia literária, 2016.

VILLELA, Ana Lucia. Prefácio. In: LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. São Paulo, Aquariana, 2016.

WOLFF, Francis. Apologia grega a preguiça. In: NOVAES, Adauto. (org.) **Mutações: elogio a preguiça**. São Paulo: Edições SESC SP, 2012.

## Referências Audiovisuais

### Poesia:

MAGALHÃES, Álvaro. O brincador. ASA Editores. 2005. Poesia disponível em: <https://paulofaria.wordpress.com/2009/02/17/alvaro-magalhaes-o-brincador/>. Acesso em: 01 agosto 2021.

### Músicas:

ANITELLI, Fernando. Xanéu nº 5. O teatro mágico. 2009. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/o-teatro-magico/1281861/>. Acesso em: 01 agosto 2021.

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITTO, Sérgio. Comida. Titãs. 1987. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/titas/91453/>. Acesso em: 01 agosto 2021.

BATISTA, Renan de J.; EMICIDA. Aos Olhos de Uma Criança. Emicida. 2014. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/emicida/aos-olhos-de-uma-crianca.html>. Acesso em: 01 agosto 2021.

BELCHIOR, Antônio C. Como nossos pais. 1976. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/belchior/44451/>. Acesso em: 01 agosto 2021.

BRANDILEONE, Tó. Interior. 5 a seco. 2019. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/5-seco/interior/>. Acesso em: 01 agosto 2021.

CAMELO, Marcelo. O vencedor. Los Hermanos, 2003. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/los-hermanos/67545/>. Acesso em: 01 agosto 2021.

FIÓTI, Evandro. Gente Bonita. 2016. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/fiotti/gente-bonita.html>. Acesso em: 01 agosto 2021.

GALVÃO, Luiz; MOREIRA, Moraes. Mistério do Planeta. Os Novos baianos, 1972. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/os-novos-baianos/122202/>. Acesso em: 01 agosto 2021.

GIL, Gilberto. Oriente. 1972. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/376449/>. Acesso em: 01 agosto 2021.

SOUZA, Danilo; ANITELLI, Fernando. Camarada d'água. O teatro mágico. 2003. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/o-teatro-magico/361394/>. Acesso em: 01 agosto 2021.

VELOSO, Caetano. Oração ao tempo. 1979. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44760/>. Acesso em: 01 agosto 2021.

### Filmes e documentários:

HUMAN o filme. Direção: Yann Arthus-Bertrand. 2016. Documentário (2h 29min).

O MENINO e o mundo. Direção: Alê Abreu. 2014. Animação/drama (81 min).

O MENINO que não queria nascer. Direção: Estela Renner. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Y-nO5zyAQZQ&ab\\_channel=Alana](https://www.youtube.com/watch?v=Y-nO5zyAQZQ&ab_channel=Alana). Acesso em 10.01.2021.

O PREÇO do amanhã. Direção: Andrew Niccol. 2011. Ficção científica/ Suspense (1h 41min).

O RISO dos outros. Direção: Pedro Arantes. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=GowlcUgg85E&ab\\_channel=C%C3%A2maradosDeputados](https://www.youtube.com/watch?v=GowlcUgg85E&ab_channel=C%C3%A2maradosDeputados). 2012. Acesso em 10.01.2021.

TARJA Branca: a revolução que faltava. Direção: Cacau Rhoden. 2014. Documentário (80 min).

### **Imagens:**

ABREU, Alê. “O menino e o mundo”, recorte da cena do filme (feito pela autora). 2014.

BRUEGEL, Pieter. “Jogos Infantis”, pintura de 1560. Disponível em: <http://meusbrinquedosantigos.blogspot.com/2012/04/pieterbruegel-jogos-infantis.html>. Acesso em: 01 agosto 2021.

TONELLI, Aldo. Dónde és mi hogar? Donde mi mente y mi corazón están em paz. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/By3qKy0BEir/?epik=dj0yJnU9Y0FodEc0RII4VVVDWHQwQmFmWU9TVUM5ZHdPbC14NXYmcD0wJm49MI95dU4yTzB5Z0tTcXdXbDVYYm1SdyZ0PUFBQUFBR0VUWm5j>. Acesso em: 01 agosto 2021.



## APÊNDICE

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356

CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil

e-mail: [secppge@ufscar.br](mailto:secppge@ufscar.br)



### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você, \_\_\_\_\_, está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de doutorado intitulada provisoriamente como; “Histórias do brincar: um estudo com adultos e suas trajetórias”, da estudante Gabriela Dias Sartori, matriculada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. Você está sendo convidado(a) por ser adulta e por estudar temáticas envolvendo o brincar (direta e/ou indiretamente), sua participação não é obrigatória. Os objetivos deste estudo são: compreender como a experiência brincante é significada por adultos em suas trajetórias de vida. Registrar e analisar, por meio de memórias lúdicas como o brincar é entendido na vida dos adultos. Compreender a relação entre o brincar e aspectos de vida pessoal e/ou profissional do adulto. Conceituar o brincar na vida adulta. Sua participação nesta pesquisa consistirá em autorizar a pesquisadora realizar entrevistas e registros de imagem (fotografias) referentes ao brincar durante sua história de vida. Há o risco de que você se sinta incomodado(da) em expor suas opiniões, ficando desconfortáveis ou constrangidos(das). Para minimizar os riscos, a pesquisadora se compromete em respeitar cada adulto caso não queiram contar algo à pesquisadora num dado momento, assim como respeitar o seu tempo de fala. Garantimos que a qualquer momento você poderá revisitar a entrevista alterando-a tanto no sentido de acrescentar como de retirar opiniões ditas. Algumas imagens obtidas por meio de fotografias poderão ser divulgadas na pesquisa e artigos científicos baseados nessa pesquisa desde que autorizadas por você. Poderá haver benefícios no sentido de contribuir com os estudos na área da educação. A qualquer momento você pode desistir de participar desta pesquisa e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Salientamos que as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação; seu nome será alterado, garantindo sigilo das informações. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados documentais e o telefone da estudante, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa, agora ou a qualquer momento. Esse projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar – CEP/UFSCar.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora  
GABRIELA DIAS SARTORI

Endereço: Alameda das Hortênsias Nr:800 Ap:B21 Cidade Jardim, Cep: 13566-533.

(RG: 47.093.150-4 / CPF: 388.054.198-18/ Tel.: 19 9 9985-0953 / aluna do Curso de Pós-Graduação em Educação/UFSCar).

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na atividade e concordo em participar.

A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br)

São Carlos, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ .

\_\_\_\_\_  
Nome do Sujeito da Pesquisa

(RG: \_\_\_\_\_ / CPF: \_\_\_\_\_ / Tel.: \_\_\_\_\_ )

## ANEXO

## Aprovação do Comitê de Ética



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Histórias do brincar: um estudo com adultos e suas trajetórias

**Pesquisador:** Gabriela Dias Sartori

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 94309418.6.0000.5504

**Instituição Proponente:** CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

**Patrocinador Principal:** Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.887.624

**Apresentação do Projeto:**

Esta pesquisa busca compreender como a experiência brincante é significada por adultos em suas trajetórias de vida. Temos como objetivo, registrar e analisar, por meio de memórias lúdicas como o brincar é entendido na vida dos adultos. Compreender a relação entre o brincar e aspectos de vida pessoal e/ou profissional do adulto. Conceituar o brincar na vida adulta. A questão de pesquisa que movimenta esse trabalho é: Qual o significado do brincar na vida de adultos e como isso reflete em sua experiência de vida e profissional? A partir dela nossa base teórica vem sendo construída com referências principalmente sobre o brincar e questões que estão imersas no cotidiano da vida adulta. Esse estudo segue uma abordagem metodológica qualitativa. A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas com 6 adultos, profissionais da área de Educação e/ou da Educação Física que desenvolvem pesquisas/estudos na área do brincar diretamente ou na interface com as áreas do lazer, da educação escolar e da arte. Para viabilizar as entrevistas, optamos pelo recorte de profissionais que estão sediados no eixo Rio/São Paulo. E, por fim, a disponibilidade para participar das entrevistas. Essa pesquisa busca contribuir para a área de Educação com discussões sobre a importância do

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9683

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 2.887.624

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

TCLE reestruturado conforme solicitação.

Pesquisador respondeu pendências com relação ao método de recrutamento e retirou do método de pesquisa aspectos relacionados ao uso de imagens dos participantes.

Projeto Aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1161386.pdf	12/08/2018 11:18:17		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.docx	12/08/2018 11:17:33	Gabriela Dias Sartori	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Doutorado_Gabriela_Dias_Sartori.docx	12/08/2018 11:17:17	Gabriela Dias Sartori	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	22/06/2018 12:31:30	Gabriela Dias Sartori	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO CARLOS, 11 de Setembro de 2018

---

**Assinado por:  
Priscilla Hortense  
(Coordenador)**

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905  
 UF: SP Município: SAO CARLOS  
 Telefone: (16)3351-9683 E-mail: cephumanos@ufscar.br